



DEZEMBRO

1923

1923

Revista Feminina



ANNO X

NUMERO 115



S. PAULO
- E RIO -

NUMERO EXTRAORDINARIO

PREÇO 4\$000

A Saude da Mulher

representa, para a mulher, a inesgotavel fonte da formosura. Para ser formosa é indispensavel a saude. E a condição essencial para que uma senhora tenha saude é ser ella bem regular nos seus incommodos periodicos. A verdade disto é o que, na gravura, a moça, cheia de viço e de graça revela á amiga de ar doentio e abatido: — Aprende a ser bella e forte, como eu sou: basta que te trates dos teus incommodos com "A Saude da Mulher".

A SAUDE DA MULHER

cura doenças do Utero e dos Ovarios, taes como cólicas uterinas, flores brancas, suspensões, dores rheumaticas, hemorragias, incommodos da Edade Critica.



Revista Feminina

ANNO X — NUM. 115

Fundada por VIRGILINA DE SOUZA SALLES
Secretaria: AVELINA DE SOUZA SALLES

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcebispo afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

Assignatura annual para toda a Brazil 155000
Assignatura com registro 205000
Idem para o estrangeiro 305000

Redação:
R. Conselheiro Christiano, 1
Telephone N. 6659. Cidade

NATAL

—MATH—

Em tempo de festa profusa que esta povoação de Natal, a mais alegre e animada de nossa terra, a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

Entre as coisas novas que se vêem a cada ano, não há de menos a chegada da natureza, com a sua flora e fauna, e a sua vida, e a sua beleza, e a sua harmonia.

Em tempo de festa, a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

Seu poder é sempre mais misterioso, e os seus efeitos mais maravilhosos. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A cada ano, a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

Também a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

O NATAL, este dia feliz de honra e de alegria, é o dia em que a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

O dia em que a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

Mas é o dia em que a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

Porém, a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

Logo a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

O dia em que a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

o dia em que a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

O dia em que a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

Logo a natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume. A natureza se reveste de cores mais raras do que de costume.

ANDAR PRAT. f
19 N.º de ORD.

AVELINA SALLES.

A's embaixatrizes, assignantes e leitoras da "Revista Feminina"

UMA VICTORIA DA MULHER BRASILEIRA

Com o presente numero a "Revista Feminina" fecha o ciclo de seu primeiro decennio de vida.

Dez annos de existencia! Não é, evidentemente, a decrepitude mas já não é a infancia. Em nosso paiz, onde as publicações do genero tem geralmente a existencia das rosas (si nos é permitido este logar-commum), dez annos, significam, para uma revista, a maturidade.

E a maturidade é uma victoria. Victoria do esforço, victoria da constancia, victoria impugnavel dos principios com que fizemos o alicerce de nosso programma.

Ha dez annos a fundação de uma revista feminina em nosso paiz, representava uma utopia; uma linda utopia, sem duvida, mas como todas as utopias, condemnada ao mais completo fracasso.

Uma mulher, todavia, tentou a empreza. Alma aberta a todas as bellezas e illuminada ao clario da bondade, nossa querida fundadora, D. Virgílica de Souza Salles não ignorava, por certo, as difficuldades de toda ordem com que teria que arrostar na realização de seu sonho: a fundação de uma revista que conseguisse, desde o Amazonas ao Prata unir todas as mulheres brasileiras num mesmo amplexo espirital. Mas, para affrontar essas difficuldades contava ella com uma força sem par: a dinamica de sua grande fé. Era muito? Era pouco? Era o bastante.

E a fé ainda uma vez venceu.

Certo, a lucta foi tremenda e sem treguas. Praelio de todos os instantes, e contra todos os adversarios, só a podia sustentar galhardamente quem como nossa fundadora amparava a delicadeza de sua feminilidade nos esteios da religião, do patriotismo e da mais esclarecida humanidade. Na fundação de uma revista como a nossa, via ella uma necessidade nacional. De facto, tornava-se imprescindivel a criação de um órgão, cujas columnas constituissem outros tantos baluartes de defesa dos principios moraes e religiosos. O abaixamento de nivel dos costumes, acarretando, como era natural, prejuizos terriveis ao futuro da familia brasileira, era um facto social symptomatico. Urgia um dique. O combate a esse triste derrothismo moral, não era, apenas, um dever do cidadão, era-o, ainda, da mulher brasileira, da mãe, da esposa, da irmã. Simultaneamente, a educação da mulher, uma educação racional e harmonica, estava quasi que por fazer. Era ne-

cessario levar a todos os lares patricios, sob uma forma desprezeçiosa e agradável, a luz dos complexos conhecimentos modernos. Ao lar, base primordial da nacionalidade, primeira escola do cidadão, era imprescindivel proporcionar essa somma de conhecimentos geraes que faz o orgulho das nações de elevada cultura. Estas aspirações formaram a construcção central do nosso programma. Dadas as condições ambientes a lucta teria que ser renhida, como o foi. No entanto vencemos.

Ao cabo de dez annos de vida, a "Revista Feminina" pode ser considerada como modelar e unica em seu genero. Contando com assignantes em todo o Brasil e mesmo no estrangeiro, sua reputação completamente consolidada, affirmando dia a dia seu progresso, com a criação de novas secções de utilidade geral, etc., podemos hoje, com legitimo orgulho proclamal-a uma força activa e eficiente da grande imprensa nacional.

Estes resultados, porém, não são, somente devidos aquellas que labutam dia a dia nesta casa. Contribuiram para elles todas as nossas leitoras, assignantes, representantes e embaixatrizes, cujos esforços foram a força da nossa força, o estímullo da nossa constancia, o amparo da nossa coragem, nos momentos difficeis ou dolorosos de nossa lucta. Ao fecharmos, assim, o ciclo de nosso primeiro decennio de existencia, conjunctamente aos augurios de boas festas, que sinceramente lhes desejamos vá, com a expressão de nossa impereçivel gratidão a todas essas admiráveis e esforçadas amigas a homenagem de nossa admiração, e o preto justo, que lhe rendemos, de amizade fiel e inquebrantavel.

Bem os merecem pois que a victoria da "Revista Feminina" não significa uma victoria individual apenas; é alguma coisa de mais alto, de mais amplo, de mais soberanamente bello: é uma victoria da mulher brasileira. Mas é preciso não estacarmos sobre os louros colhidos. Faz-se mister, mesmo, que a "Revista Feminina" torne-se cada dia mais o expoente da cultura feminina em nossa patria, ampliando cada vez mais o seu campo de acção. Espelho do pensamento, da alma e dos sentimentos da mulher brasileira não pôde e não deve parar em sua marcha ascensional.

Na hora que atravessamos, hora grave para a nacionalidade, pois que, innegavelmente, o futuro de nossa patria dependerá em grande parte da orientação espirital que dermos á actual geração.

o nosso órgão, cujas columnas tem sido e continuarão a ser outros tantos baluartes de todos os princípios elevados e nobres deve forçosamente evitar toda e qualquer solução de continuidade.

Dentro de nosso programma jornalístico tal como neste primeiro decennio que terminou, serão debatidos, sem excessos de partidarismo mas firme e energicamente como é myster que o sejam, todos os problemas de ordem geral que affectem o nosso porvir e a grandesa futura da nossa terra.

A mulher brasileira está destinado um importantissimo papel na formação definitiva da nacionalidade. A primeira e melhor escola do cidadão é a familia. Como ha pouco o affirmou G. Gentili, um dos mais profundos pensadores italianos contemporaneos, a influencia da educação domestica não cessa com o inicio da educação escolar. Tanta e tão profunda é ella que acompanha o homem pela vida a fóra, para findar apenas com o ultimo alento.

Ora, a educação familiar é quasi que exclusiva attribuição da mãe. O homem, contribue não ha negar, para a formação educativa do espirito e do intellecto de seus filhos, quanto á sensibilidade, e á consciencia moral constituem a obra grandiosa e benefica das mães.

A "Revista Feminina" é o porta-vóz da mulher brasileira em qualquer de seus estados civis. Porta-vóz e guia, todos os assumptos que se relacionem com a vida da mulher, na exteriorisação de suas actividades sociaes, formam parte de seu programma. Mas, dilatando, como o tem feito, o campo de sua actividade jornalística, não se fecha nosso órgão no triangulo sempre limitado de uma especialisação. Pelo contrario, abrindo horizontes e alargando perspectivas ao pensamento, constituirá como até aqui, um instrumento de diffusão da cultura, da arte, de elevados princípios sociaes e religiosos.

A evolução da mulher está tão intimamente ligada ao progresso geral da nação que trabalhar por ella equivale a combater uma das mais bellas batalhas do patriotismo. E' este nosso mais alto ideal. Por elle nos temos batido extremamente e continuaremos a nos bater.

Nada nos fará vacillar no cumprimento deste dever. Nada conseguirá emmudecer nossa voz em defesa da verdade, do bem e da justiça.

Esta concepção do mister jornalístico, da missão nobilissima da mulher sobre a terra e do dever que nos cabe de pugnar pelas tradições mais bellas e elevadas da nossa raça, constitue a suprema herança que nossa saudosa fundadora nos legou.

Não só a nós, porem, está entregue o destino de nossa publicação.

Para o continuo progresso da revista é necessario que todas as nossas representantes, embaixatrizes e leitoras, collaborem connosco, cada qual no campo de sua actividade,

procurando por toda a forma intensificar cada vez mais a somma de seus esforços.

E assim que pedimos a todas essas nossas boas e esforçadas amigas que nos angariem o maior numero possivel de assignaturas, pois que essa é a nossa unica fonte de renda, não contando, como não contamos, com subsidio particular de especie alguma.

Ao mesmo tempo não se esqueçam de nos enviar seus trabalhos e labores, como rendas, bordados finos, brancos e a côres, roupas brancas, finas, para crianças e adultos ect., trabalhos estes que serão expostos em nossa "Exposição Permanente de Trabalhos Femininos" secção magnifica, annexa á nossa redacção, frequentada diariamente pelas mais distinctas familias desta capital, e que creamos, como estímulo á arte feminina brasileira.

Tambem recomendamos ás nossas gentis embaixatrizes que nos enviem seus retratos para figurarem em nosso grande "Album das Embaixatrizes".

Trata-se de um album de photographias, que, junto a notas informativas da actividade e cultura da mulher patricia, será enviado ás nossas embaixadas no estrangeiro, para que se saiba alli não só o desenvolvimento espirital e intellectual de nosso paiz como ainda o quanto a mulher brasileira vem contribuindo para esse desenvolvimento.

E', como se vê, uma obra de alcance patriótico a que nenhuma embaixatriz se deve furtar.

Recomendamos, ainda, e com o maior empenho, a todas as nossas distinctas amigas a maxima intensificação de nossa propaganda, entre suas relações de amizade, fazendo ver a todas as familias a extraordinaria conveniencia que tem em tomar uma assignatura de nossa revista, quer pela publicação em si, quer pelas innumerables vantagens que só e unicamente a "Revista Feminina" offerece ás suas assignantes. A este respeito, citamos entre outras as vantagens de nossa "Secção de Compras e Remessas".

Por accordo feito entre a revista e os principaes estabelecimentos desta capital, todas as compras feitas por nosso intermedio gozarão de uma bonificação de 5 a 10 por cento, percentagens estas que revertirão em beneficio das assignantes.

Enfim, ao iniciarmos o XI anno de vida jornalística, lembrando ás nossas presadas leitoras, a quem felicitamos pela entrada do novo anno, tudo o que significou de esforços e de luctas este primeiro decennio que ora encerramos, esperamos que continuem a nos honrar com sua amizade e sympathia assim como a trabalhar pelo progresso de um órgão que representa as mais altas aspirações de nosso sexo não apenas em seu beneficio proprio, mas em prol de nossa querida patria, que almejamos grande e respeitada no concerto das nações.

Uma communicação importante

A grande conveniência de assiglar a "Revista Feminina" antes de Março do proximo anno, dato em que serão elevados os preços das assignaturas

O assumpto de que tratamos nesta pagina é do maior interesse e oportunidade para todas as nossas queridas leitoras e assignantes. Trata-se do seguinte:

DE FINS DE MARÇO DO PROXIMO ANNO EM DIANTE, O PREÇO DAS ASSIGNATURAS DA "REVISTA FEMININA" SERÁ 20\$000 PARA AS SIMPLES E 25\$000 PARA AS REGISTRADAS

É assim, da maior conveniencia das assignantes e leitoras enviarem antes daquella data o seu pedido de nova assignatura ou de reforma da que acaso possua, possuindo não só a vantagem dos preços actuaes, como ainda a de serem incluídas nas primeiras series de premios, que serão sorteadas uma vez completadas, e que, como as leitoras sabem, compo-se de cinco mil novas assignantes, cada uma.

Portanto, até a epocha acima estabelecida, isto é, até fins de Março de 1922, preço de nossas assignaturas serão os actualmente em vigor, isto é, 18\$000 a assignatura simples, e 20\$000 a registrada.

No entanto, fazendo esta declaração, informamos de nosso dever explicar as nossas queridas amigas os serios motivos que nos impoem a esta elevação de preços, motivos estes que, por ponderosos e graves, não hesitamos por certo de ser tomados na devida consideração por todas as pessoas que nos honram com sua sympathia e amizade.

Em primeiro lugar temos o extraordinario desenvolvimento que vimos dando e continuaremos a dar a todas as nossas antigas secções; temos, depois os novos departamentos que creamos no exclusivo interesse das leitoras e assignantes, como a "Secção de Compras e Remessas" para a manutenção e perfeito funcionamento da qual somos obrigadas a extraordinarias despesas com pessoal tecnico, lojões, etc. Esta magnifica secção, cujos resultados, tem sido os mais brilhantes sera do proximo anno em diante extraordinariamente desenvolvida assim como a "Exposição de Trabalhos Femininos" certamente que funciona permanentemente annexo à nossa redacção e que constitue um esplendido factor de educação tecnico-feminina além de representar uma fonte de receita que nenhuma dona de casa deveria desdenhar.

Mas, abstrahindo de tudo o que acabamos de expor, levamos ainda a este aumento de preços da assignatura outras e mais poderosas razões.

Ninguém ignora, por certo, o encarecimento geral de todos os artigos que de utilissimas industriaes quer ainda de primeira necessidade. O que nem todos sabem, por certo, é a alta verdadeiramente fabulosa do papel e dos mais artigos typographicos. É um verdadeiro servidoro. Logo após a grande guerra o encarecimento do papel, tintas para impressão, clichés, etc., parceru, e foi, até certo ponto, um phenomeno economico de proporções tão extraordinarias que annexo repercutir na marcha de nossa educação pedagogica geral, sem o correspondente encarecimento do livro e do jornal. Pois bem, esse aumento que parecia assimilar, era nada verdadeiramente, em confronto à alta actual.

Principalmente em se tratando de uma publicação como a nossa, toda em papel place, pois com o numero de Novembro iniciamos, como as leitoras sabem e novo aspecto material da revista, sem uma unica pagina em papel jornal.

Certo, como a nenhuma pessoa passará desapercobido, seria de nosso proprio interesse a manutenção dos artigos preços. Tal no entanto, e contra nossa vontade, não pôde ser.

Mantivemos os preços primitivos emquanto isso nos tor possível embora essa attitude nos prejudicasse. Nunca buscamos auferir lucros monetarios com a publicação de nossa revista, somos, porém, absolutamente forçados, a augmentar o preço das assignaturas, de fins de Março em diante, para que possamos estabelecer um equilibrio entre a receita e a despeza.

De resto, com esse mesmo augmento ainda insistente, a "Revista Feminina" continuara a ser um dos "magazines nacionaes mais interessantes e menos caros.

Só as vantagens economicas que algumas de nossas secções proporcionam compensam altamente o custo de uma assignatura. São vejamos: a nossa "Secção de Compras e Remessas" é um verdadeiro factor de economia domestica. Toda a dona de casa ou chefe de familia, com o assiglar nossa revista pode economisar importantissimas quantias, durante o anno, pois por um accordo estabelecido entre a direcção da "Revista Feminina" e as principaes casas desta capital todas as compras feitas por intermedio nosso, gozará o desconto de cinco a dez por cento.

Seria perfeitamente ocioso insistirmos sobre a importancia verdadeiramente excepcional desta nossa instituição que citamos entre as varias que a revista mantém.

É assim que todas as nossas queridas leitoras e assignantes deverão aproveitar estes tres mezes para renovar suas assignaturas ou nos enviarem sua ordem.

Aproveitarão, de tal arte, as vantagens dos actuaes preços como ainda a grande conveniencia de serem incluídas nas primeiras series de premios em dinheiro que serão sorteadas.

Tambem aconselhamos a que tomem as assignaturas registradas, pois com um pequeno gasto a mais terão a certeza absoluta de receberem pontualmente todos os numeros da revista.

Julgamos, assim, ter explicado sufficientemente os motivos que nos levam a augmentar nossos preços. Não se trata de um desejo de auferir lucros, ou vantagens materiaes, que não estão absolutamente em nossa indole, como o proximo, mantendo até agora com enormes sacrificios embora, os preços antigos. São apenas e unicamente as circumstancias do mercado e as terriveis consequencias da lamentavel baixa de nosso cambio que nos obrigam, bem a contra gosto, aliás, a elevarmos, de fins de Março em diante os nossos preços.

Todavia, como prova da consideração que nos merecem todas as nossas queridas leitoras e assignantes, pedimos proporcionalmente estes tres mezes que tomem d'ora em diante, para que tenham tempo sufficiente de tomarem ou renovar suas assignaturas gozando as vantagens dos preços actuaes.

A expansão da "Revista Feminina"

A ABERTURA DE NOSSA SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

A expansão verdadeiramente extraordinaria que a "Revista Feminina" tem tido nestes ultimos tempos, obrigou-nos ao estabelecimento de uma succursal na capital da Republica.

Montada com o necessario conforto à Avenida Rio Branco n. 147 — 1.º andar — sala n. 2, será ella dirigida pela Exma. Sra. D. Manoelina Salles Lee com a collaboração de um grupo de distinctas e relacionadas senhoras do Rio de Janeiro.

Sob a competente direcção daquella culta senhora e contando com a dedicação de auxiliares de valor temos a plena certeza de que seus resultados serão os mais brilhantes possiveis.

Creando uma succursal na primeira cidade do pais temos em mira, antes de mais nada, proporcionar-nos as nossas gentis leitoras e assignantes tanto daquella capital como do norte do Brasil um mais directo e rapido contacto com este orgão.

De facto, na succursal que installamos no Rio de Janeiro funcionarão todas as secções actualmente annexas à nossa redacção em São Paulo, como a Exposição de Trabalhos Femininos, a nossa magnifica e utilissima Secção de Encomendas e Remessas, as bibliothecas da Revista, etc.

Além destas secções que acabamos de enumerar, todas as leitoras e assignantes da Capital Federal ou de passagem por alli, encontrarão em nossa succursal, não só um centro de toda e qualquer informação que desejem como ainda um optimo salão de ché onde poderão passar agradavelmente algumas horas.

A criação desta succursal da "Revista Feminina" no Rio de Janeiro representa uma nossa antiga aspiração. Tivhamos necessidade della por varios e ponderosos motivos, mas, como acima dissemos, principalmente para facilidade de relações mais directas entre nosso orgão e as gentis leitoras e assignantes daquella capital e do norte do pais. Nunca, no entanto, por motivos que não ceem agora explicar, pudemos realizar esse nosso desejo.

Actualmente, porém, tornou-se impraticavelmente necessaria a criação desta succursal. A expansão da "Revista Feminina" nos ultimos tempos, tomara tal culto que não mais podiamos adiar a realisação daquello nosso antigo desejo. Apresentando-se a oportunidade da Exma. Sra. D. Manoelina Salles Lee, com o auxilio de outras distinctas senhoras da melhor sociedade carioca, poderem assumir a direcção e os trabalhos da succursal não mais vacilamos em estabelecer-a como fizemos na certeza de que todas as nossas boas amigas e leitoras tanto do Rio como do norte saberão corresponder a este nosso gesto.

A acção da "Revista Feminina", actualmente, está longe de se limitar ao nosso Estado. Contamos, esparsas pelo territorio nacional com milhares de assignantes e leitoras. Principalmente nos Estados do Norte, o numero de nossas gentis leitoras, já extraordinario, augmenta dia a dia. Na capital da Republica contamos com innumerables assignantes. Ora, todas estas boas amigas, querendo, podem-se dirigir à nossa succursal no Rio, que funcionará com as mesmas secções annexas à redacção principal, estando, portanto, perfeitamente aparelhada para bem servir-las em tudo que desejarem. Não podiamos, absolutamente, adiar mais a installação de nossa succursal na Capital Federal, dado tudo o que vimos de expôr.

É mais um melhoramento que a "Revista Feminina", no exclusivo intuito de bem servir as suas gentis assignantes, não vacilla em realizar, embora isso represente despesas não desdenháveis. No desenvolvimento de nosso programma, porém, não medimos sacrificios de qualquer ordem. Tem sido esse o nosso modo de proceder desde a fundação da Revista, ha dez annos, e os resultados obtidos não podiam ser melhores, pois a diffusão de um orgão como o nosso desde o Amazonas de fronteiras platinas, constitue, em nosso pais, o mais bello e eloquente dos triumphos.

Com a installação de nossa succursal no Rio a nossa acção se intensificará ainda, redobrando isso em beneficio de todas as pessoas que nos honram com sua amizade e sympathia.

É com a maior satisfação, portanto, que scientificamos às nossas distinctas amigas e leitoras a installação dessa succursal, onde poderão se dirigir para todo e qualquer assumpto que se relacione com nossa Revista, tendo a directora, alli, D. Manoelina Salles Lee o maior prazer em attender a todas as pessoas que a procurarem para negocios, informações, assignaturas e tudo o mais a cargo daquella succursal.

O feminismo e o espirito christão

O "BUREAU" DA UNIÃO INTERNACIONAL DAS LIGAS CATHOLICAS FEMININAS, reunido em Bruxellas, de 23 a 25 de junho de 1923 protestou energicamente contra certas decisões tomadas em Roma, pelo congresso da "Alliança internacional pró sufrágio feminino" como estando em aberta contradicção com os principios catholicos, unicos que sustentam os direitos e a dignidade da mulher, pela indissolubilidade do matrimonio, unicos que estão em harmonia com os direitos dos conjuges sobre os filhos, mantendo o espirito sagrado dos deveres reciprocos e a pureza e elevação dos costumes, base da prosperidade das familias e da grandesa das nações.

Nada mais logico que este protesto da União das Ligas catholicas femininas.

Entre o espirito christão e o movimento universal hodierno em favor da elevação geral da mulher e do reconhecimento de seus direitos civis e politicos não existe a menor incompatibilidade. Pelo contrario, nada mais profundamente christão que a desejada egualdade dos sexos.

Simplemente, é mister distinguir entre *egualdade de direitos e deveres* entre o homem e a mulher, e *emancipação radical* da mulher, doutrina extremista e violenta que os verdadeiros e ferventes catholicos nunca poderão apoiar, por principios e por sentimentos.

O homem e a mulher são duas unidades de um todo, que se completam e finalizam, numa harmonia tal, que sem ella o rythmo da vida, quebrar-se-ia inevitavelmente.

Emancipação, comprehendida em seu sentido absoluto não pode existir na vida como não existe na natureza.

Nada, ninguém, dentre as formas tangíveis e prescrutáveis da vida é *completamente emancipado*. Todos e tudo, na marcha dinamica da existencia, sob qualquer de suas formas, não dependem *apenas* de si mesmo, mas sim do conjunto de vontades e forças que formam o circulo vivo, o ambiente fatal que os encerra, e cujo destino ultimo é da alta vontade Divina.

Ora, na vida humana, a separação *completa* entre os dois sexos é, assim, um dos tantos absurdos que mais espantam pela ingenuidade, do que preocupam pela possibilidade de serem realizados.

No entanto, pelo que vemos observando certas correntes doutrinarias feministas o conceito de elevação e melhoramento da situação social da mulher, é, em alguns paizes interpretado em sua significação radical, isto é, como uma forma de emancipação feminina completa.

A mulher catholica não pode, absolutamente, aceitar esta interpretação do feminismo, pois que isso significaria a abjuração de seus principios religiosos, como ainda a negação de todas as mais bellas tradições de seus antepassados.

O movimento feminista, pôde, assim, ser dividido em duas distinctas correntes: o nucleo das mulheres que não só aspiram á egualdade politica dos dois sexos, como tambem a uma especie de separação entre elles, fechando-se, assim, num isolamento egoistico e funesto, e o grupo das mulheres que trabalhando em pró de aspirações as mais alevantadas e justas, não pretendem nem desejam absolutamente subjugar o homem e muito menos, ainda, estabelecer entre os dois sexos essa especie de muralha chinesa de rivalidades e orgulhos mal entendidos.

Neste ultimo grupo estão as feministas catholicas.

Por varias é importantes razões o feminismo catholico não pôde aceitar *integralmente* o programma estabelecido por alguns congressos feministas.

A questão do divorcio, por exemplo, constitue um dos pontos mais sérios desta scisão espiritual e moral do mundo feminino.

Entre os dois pensamentos, um, conservador por sentimentos e tradições da moral catholica severa mas profunda, o outro, propugnador da quebra a todo o caracter sagrado da união conjugal dos sexos, existe um abismo intransponível: são seculos e seculos de severa educação religiosa, são antagonismos profundos de sensibilidade e pensamento, são, enfim, graves considerações de raça, de temperamento, de psychologia.

A mulher catholica pode ser feminista. Nunca poderá ser *separatista*, si tal expressão nos é permitida. Evoluída e culta, marchando ao lado do homem, auxiliando-o e completando-o, para a conquista dos mais nobres ideaes humanos, que são communs aos dois sexos, a feminista catholica não pretende a dissolução desses sagrados laços que unem o homem á mulher, dignificando ambos, antes quer que elles cada vez mais se estreitem e se consolidem. A vida só poderá ser a belleza que sonhamos, quando a harmonia reinar não só entre as nações mas ainda entre todas as creaturas humanas.

Sem a familia não é possível a civilização, cuja decadencia é marcada sempre pelo afrouxamento dos laços domesticos, resultante do abaixamento de nivel dos costumes e da negação dos principios religiosos. Isto não repre-

sentia uma opinião individual ou uma formula sectaria.

E' uma verdade que a historia dos povos registra, e tão clara e insophismavel que só poderão negal-a aquelles a quem as paixões cegam as faculdades de analyse e de raciocínio.

Ora, a unica garantia da estabilidade da familia consiste justamente no caracter sagrado do matrimonio.

O facto da união entre o homem e a mulher é um dos factos de mais profunda significação na vida.

Não obedece esta necessidade humana da união dos sexos, apenas aos imperativos do instincto como parecem propalar os que pugnam pelo estabelecimento legal do divorcio. O matrimonio é muito mais que uma questão physiologica. E' um facto do sentimento, é um phenomeno da ethica, é ainda, a grandesa de um symbolo.

O querer combatel-o como instituição legal, constitue um absurdo.

Basta pensarmos que tentar eliminar a desunião que se observa em muitos lares, e os males d'ahi derivados, por meio do divorcio é o mesmo que queremos tornar bom um mão vinho pela simples mudança do vaso que o contenha...

O mal não está na instituição, — matrimonio; está nas almas que precisamos melhorar, nos temperamentos que temos que educar, nos corações que necessitamos formar pela bondade e purificar pela creença. Não ha necessidade de eliminar o casamento; ha absoluta e urgente necessidade de melhorar a humanidade. Este, é em synthese, o pensamento do feminismo catholico. E isto mesmo, cremos, foi o pensamento de S. S. o Pontifice, quando por occasião do Congresso feminino de Roma, na audiencia concedida ás delegadas catholicas disse que applaudia o movimento de emancipação feminina, salvo em certos pontos, como neste do divorcio.

Do amor e do matrimonio

Quando se fala do amor, a idéa da atracção physica e espirital entre os dois sexos sobrepõe-se a todas as outras. A creança que chora por um brinquedo perdido, o artista que se commove profundamente diante de um rasgo genial, o soldado que morre pela patria com o sorriso nos labios, são outros tantos symbolos que exprimem o sentimento do amor; mas o amor humano tem alguma coisa mais que tudo isto, pois não parece ter outro objectivo além do proprio amor, embora até certo ponto se explique este phenomeno com o instincto da perpetuação da especie.

Tudo isto tem uma significação real no sentir daquelles para quem a vida é alguma coisa mais que uma série de sensações physicas ou de especulações intellectuaes; ha muitos outros, porém, para os quaes isto do sentido mystico da vida nada significa; e é provavel que muitos erros e preconceitos que subsistem nas controversias a respeito do amor, sejam devidos a que um destes grupos trata de impor suas idéas ao outro, sem comprehender que o amor é a questão onde menos se pôde comprehender o ponto de vista alheio. Assim, pessoas de caracter passional insistem em emprestar ao amor uma natureza passional, e qualificam aos que discordam de suas opiniões, de hypocritas e de degenerados; ao passo que

aquelles para quem o caracter espirital do amor predomina, consideram seus adversarios como seres inferiores, a este respeito.

No entanto, o que a experiencia mostra é que tanto um como outro desses bandos antagonicos pecca por excesso de deducções. E' uma questão de indole geral, que é levada para o terreno pessoal onde todo o debate torna-se, assim, falho e prejudicial.

A verdade, é que o amor deve ser a base moral do matrimonio; o sello enfim, que lhe empreste não só o caracter sagrado, como ainda a condição que garanta a perfeita estabilidade desse laço entre os dois sexos.

Sem o amor a matrimonio é sempre ou uma fallencia ou um sacrificio. Fallencia quando os conjuges não foram educados em principios moraes e religiosos bastante profundos para poderem transformal-a em abnegação. Sacrificio quando a união entre o homem e a mulher foi apenas inspirada em motivos de outra ordem que não a sympathia e o affecto reciprocos.

E' assim que muitos males humanos não estão no caracter indissolvel do matrimonio, estão simplesmente nos mãos matrimonios.

Tres poetisas argentinas

POR
LOLA MARTINEZ

MERCEDES DANTAS LACOMBE

Si através da pessoa podemos addiver o temperamento e a individualidade de alguém, nada demonstra melhor este phenomeno que a poetisa de que vamos tratar.

De facto, existe uma correspondência perfeita entre seu mundo interior e sua vida exterior. Quando-a é impossível não comprehendê-la que sua alma é um perenne manual de belleza, tão pura, tão harmoniosa fide ella de seus libros.

Com essa característica ingenuidade dos compassivos ella imagina a bondade em tudo e em todos que a rodeiam. De resto não soffren.

Sorrio-lhe sempre a vida. Talvez porisso, essa vida paz e esse optimismo que infundem confiança em todos que a ouvem quer dizendo versos, quer na deliciosa arte de sua conversação.

Eu a teria chamado, como chamam Amado Nervo a um de seus livros: "Serendade".

Mercedes Dantas Lacombe é a mulher em sua plena maturidade que conhece, que sabe, e que no entanto, ergue a fronte, alta e livre, intangível e inmanejada. É uma conversadora brilhante, feita para o encanto das conversas e para a inextinguível sympathia que a cercam, constantemente.

Infatigável e em um grande desejo de bem, clama pela piedade que quizesa derramar a plenas mãos sobre a terra. Pródiga de ternura e de bondade, derrama sua alma em versos como este, da "Caridad"

"Yo amo las caridades ignoradas,
la hermosa gentil de sueltos brazos,
sino la caridad de las miserias,
que nunca, nunca se dan sin vano."

Amo el imperio pobre, fiero y tano,
del que es a manos llenas y combales,
del que no tiene ni ludo del panico
y se entra en el tras vidas naufragadas."

Assim, como um paladino da Ilusão, através da sua philosophica bondade, que consiste em suggestir o bem começando por crer nelle, ella mesma, de-

põe uma flor onde outros cravam um espinho, enxuga uma lagrima que outros fazem verter.

Como esses ritos, privilegiados que podem tomar da vida o que ella tem de bom e de bello, parece que sua magica mão vai afastando de seu caminho todas as incertezas e todas as impurezas. E, emfim, daquelles corações que nos respondem, ou pediram, nos responde:

"Para vencer a bondade toda a terra é feunda!"

Talvez por esta razão tenhamos conhecido Mercedes ao magistério. É a mostra como teria sido mãe.

De resto, cultissima, seus grandes conhecimentos tornam-na uma das figuras mais representativas de seu sexo em sua patria. Grande conversadora é dos seus primeiros sentimentos que são a base da familia e da sociedade.

M. D. Lacombe

Lola de
Bouquet

LOLA S. O. DE BOUTRET

Diante de sua photographia admira-se logo a natureza de pensamento e de ideias aspiradas.

De facto, ella no libera, como patriota, como poeta, um ameco de amor e mal.

Em geral, a mulher artista é quasi sempre optimista e raposa, no que não faz mais que prolongar sua sympathia, não menos raro é que encarna uma mulher de agua.

No entanto, esta poetisa, reúne as qualidades de intellecto, outras não menos superiores de energia e actividade.

Quanto à sua poesia, é bem o fructo da dor e do sofrimento, como ella mesma o declara no prologo de um de seus livros:

"Nunca me permitto a fortuna tempo e vagar para dar forma a meu pensamento". No entanto seus versos são verdadeiras joias, embelezadas como o trabalho do melhor ourifeiro.

Veja-se por exemplo este trecho do poema intitulado "Das Mãos"

"Yo es admas, mano que sobre el marmol blanco
traza las simples curvas del voluptuoso fango
y el seno en que parece deslizando un momento
el correr de la sangre y el latir del aliento."

É o final do canto.

"Tejedoras de perlas, misteriosas orbebras
que sabei de la bondad, de las sagradas fiebras
en rithmos traducidas y en prodigiosas hablas
y en admirables curvas y en inmortales tablas,
arcangelicas manos que reconoció la Idea
para trocárlas en flores que fecundara y crea
y ante el altar del genio cuidais la eterna llama
que la vida humana y en el Ideal la inflama;
mapas transformadores que encontráis lo infinito
en la rosa de un himno, en un trazo, en un gri-
sois, tendulas al cielo, como etereas escalas
por onde sólo ascienden los cerebros con alas."

ALFONSINA STORNI

Sua primeira produção literária "La Inquietud del Rosal" em 1916, foi o despertar de um espírito fecundo transbordando em flores de paixão. "Amarga como o mar" diz da tristeza desta jovem poetisa, Juan Julian Lastra, no breve prólogo que precede o livro.

A UMA FOLHA

Folha caída, folha abandonada,
Folha que o vento leva e cae ao vento,
Aonde irás tu parar na rude estrada
Do teu destino — desse teu tormento?

Flores, de sofrimento em sofrimento,
Como uma alma, de creanças, apagada,
Sem a magna sombra de um lamento
Sab a angustia da dor martirizada.

Le vão as horas e se vão os dias
E tu, dentro das tuas Agonias,
Lá entre as poeiras densas do caminho

Faço — E' mister cumprir teu fado obscuro
Porque sendo amansa' lado da monturo
Talvez renasças numa flor de linho!

(Do "Folhas de meu Outono" — inédito)

MARIANO LEMOS

Membro do Instituto de Scié-
ncias e Letras de Pernambuco

Vinte e dois annos contava Alfonsina quando publicou seu primeiro volume de versos, versos de amargura e dor que são os dois irmãos gêmeos de sua alma.

Veja-se o acento doloroso destes versos, onde a nota passional parece tremer em lábios ardentes.

"Oh tu que me subyugas (Por que has deixado tarde,
Por que has vindo agora quando el alma no ade,
quando cecia no tempo para haberte con ellas
una alegre ventura's sagrada de estrellas?)

(Por que has deixado tarde? (Por que has vindo agora,
quando he tudo secado con juses de la aurora,
quando he sido quemosa por el fuego vivino
y voy blanco calvate, sobre negro canino?)

A cidade de Buenos Ayres, fez justiça ao privilegiado talento desta poetisa outorgando o premio municipal que é concedido à melhor obra poética do seu livro "Irremediavelmente".

A talentosa bellíssima Esposa de
Maria de Paula, no seu aniversário
natalicio

~ tu, gentil taizuda feminina —
~ a geração moderna desta terra,
~ imosa floração, onde se encerra
~ gloria de outro genio peregrino.

~ ebento primoroso, adamantino,
~ intelligencia clara que se aferra
~ os encantos sem-par da nossa terra
~ zizando-os num estylo terso e fino.

~ nico e flôr do lar, onde suocro
~ alpita o coração de nobre Esposo
~ quem muito admira e considera.

~ m parabem, recebe-o, neste dia
~ etada, neste acrostico modroso
~ saudação da lyra — a poesia.

Engenho da Lagoa, em Jaraguá (Gojar)

17 de Setembro de 1923

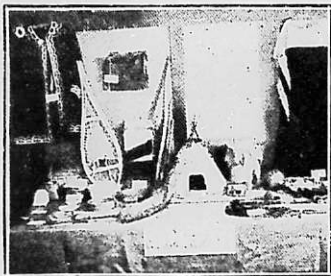
ALGUSTO RIOS

A pedagogia no estrangeiro

EDUCAÇÃO VISUAL

A idéa básica da educação visual nos museus é de ordem dinamica. Um museu não deve ser um cemitério de objectos, quer naturais quer devidos à industria humana. Si existe, por obvias razões,

Sem circumscrever-se ao que poderíamos chamar com propriedade a parte anedoctica da natureza, que por sua essencia será sempre a preferida pelo grande publico, o muscu norte ame-



Collecção ambulante de ethnographia indigena.



Collecção ambulante de historia natural.

a impossibilidade absoluta de manter vivos e em seu adequado ambiente as plantas e animaes expostos nos museus, é possível, no entanto, graças ao conhecimento adquirido do ciclo evolutivo das especies pôr-se em evidencia o sentido intimo da natureza viva, fazendo resaltar os invisiveis laços que existem entre todas as formas de vida.

Para este fim foi creada, no Museu de Historia Natural de New York uma especial secção de cultura visual que vem produzindo os melhores resultados.

ricano tratou especialmente de dar a suas exhibições um caracter pratico.

O util, o prejudicial, o bello, o apenas curioso tem allí suas etiquetas: e ás collecções de animaes, plantas ou mineraes dignas de ser conhecidas por todos foi annexado, mediante illustrações, gravuras, ou simples explicações, todo esse conglomerado de conhecimentos que se convencionou chamar de philosophia natural e que por sua difficuldade intrinseca e pouca vulgarisação estava até

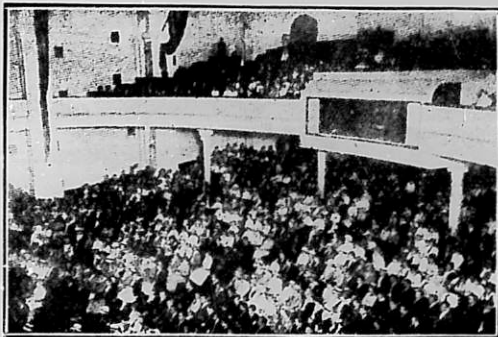


Uma menina cega, sob a direcção de uma professora, estudando geographia astronomica.



Como Dimorah, esta menina sonha com as aricas cabras montezes.

ha pouco fóra do alcance dos não especializados na materia. Mas, ainda não satisfeitos com isto, e partindo do principio de que um museu é apenas um nucleo de educação visual, organizaram os norte americanos perfeitas colleções dos mais representativos typos de séres, de *filas* cinematographicas, de gravuras sobre hygiene, alimentação, mostras ethnographicas, industriaes, etc.; em summa de tudo quanto



O salão de conferencias do Museu, durante uma preleção.

possa interessar um professor acerca dos numerosos temas da geographia, historia natural, astronomia, ou simples curiosidade com que possa illustrar suas lições. Estas colleções circulaes, iniciaram suas funcções em 1904 e o acolhimento que tiveram entre mestres e alumnos foi tão satisfactorio, seus resultados praticos tão excellentes, que actualmente é necessario uma verdadeira phalange de empregados para a execução dos serviços.

Acompanha estas mostras ambulantes uma relação ou memoria descrevendo os costumes mais curiosos dos animaes estudados, suas relações mutuas e para com o homem, suas peculiaridades de forma e estrutura, lugares que frequentam de preferéncia, parques onde podem ser observados vivos, e por ultimo, uma resenha das obras que tratam especialmente da materia.

Dentre todas essas novidades, nenhuma talvez mais interessante que as colleções sobre hygiene e regimen alimentar das creanças.

O problema da alimentação é universal; e a este respeito muito pratico e simples é o processo demonstrativo norte americano. Em vez de expor como exemplo

uma inexpressiva tabua de algarismos, mostra-se ao publico um modelo da quantidade e da qualidade dos alimentos preconizados.

Estas colleções obtiveram tal exito que as associações de chefes de familia reclamaram-nas não poucas vezes.

*
*
*

Segundo estatisticas, publicadas o anno passado, existem actualmente na grande republica do norte nada me-

nos de 900 dessas colleções ambulantes, em pleno funcionamento; serviram para preleções vistas, em 477 escolas, preleções a que assistiram 1.247.500 alumnos. O museu organisa constantemente em suas salas conferencias acompanhadas de projecções cinematographicas sobre os mais variados temas. Possui tambem esta utilissima instituição pedagogica, cicerones, de altos conhecimentos scientificos, á disposição das visitas collectivas, para a explicação das maravilhosas colleções. Tambem, movido por um espirito de caridade, os directores desta instituição organizaram uma secção especial para os ce-



O impressionante grupo de elephantes excita extraordinariamente a curiosidade dos visitantes, pe-
quenos... e grandes.

gos, mediante aparelhos de relevo, apropriados, dando assim a essas infelizes creaturas a possibilidade de entrarem em contacto com um mundo que perderam para sempre.

E é desta arte que nos patizes de verdadeiro espirito de progresso cogita-se da educação do povo.

Entre nós, já era tempo de tratarmos seriamente destes assumptos, dando a estes problemas pedagogicos a importancia que elles merecem.



As creanças diante de um curioso grupo de aves.

A MODA



Outro modelo de chapéu, muito usado em Paris, no último verão.



Outro chapéu muito gracioso.

Doce festa da humildade e da esperança, festa do lar e da família, suave e bendita festa da fraternidade humana, o Natal, vem despertar em todas as almas, velhas e amigas vozes adormecidas, vozes que felizmente repetem-se a cada anno, dando-nos com a saudade do que foi, luz para sempre e esperança de um porvir melhor, mais alto, mais radioso.

É o Natal, assim, como que um renascimento de vida, como que uma resurreição de energias que iam adormecidas, como que um despertar de sonhos que iam fechados as palmeiras.

Na velha Europa o Natal é sempre coroado de neves, pois que Dezembro é alli pleno inverno.

Entre nós, a doce festa christã coincide justamente

te com os mais bellos dias estivais. Ainda neste ponto o Criador de todas as bondades foi prodigo de sua graça para commoço.

Luminosa e quente, a noite de Natal, entre nós, tem a palmar, alto, sobre sua symbolica belleza a apothecose do Cruzeiro do Sul.

É assim um grande prazer, que juntamos a um acto de fé, o ouvir-se a missa do gallo, em qualquer região de nossa terra.

Congratulando-nos com as amadas leitoras desta secção pela data auspiciosa do Natal, apresentamos neste presente numero alguns rios, originaes e muito lindos modelos, quer de vestidos, quer de chapéos.



As sombrinhas complicam-se cada vez mais.

A moda esta coisa volúvel co



Uma bella toilette para o verão. É em crepe "vestido" e saia com volantes de bordado prateado.

mo "uma pluma ao vento" para usarmos a phrase que Verdi consagrou na aria famosa, não tem este verão uma linha caracteristicamente definida.

Por outras palavras, nota-se uma certa tendencia a individualizar-se, na medida do possível, todos os modelos, mais ou menos lindos, mais ou menos originaes que os grandes mestres estrangeiros nos remetem. Longe de condemnarmos este espirito de independencia de nossas elegancias achamos optima e de muito bom gosto essa demonstração, que é, em ultima analyse, a prova mais evidente de que já entre nós, o verdadeiro espirito da elegancia vai sendo mel-

hor: comprehendido e interpretado de forma superior.

De facto, o vocabulo elegancia não deve absolutamente ser confundido com a palavra Moda, como até ha bem pouco tempo o era, não só entre nós mas mesmo em paizes estrangeiros de grande cultura esthetica.

Basta um insignificante esforço mental para constataremos a differença enorme que existe entre os dois termos.

Moda, é qualquer coisa (e não só no terreno da indumentaria) que surge, é adoptada por uma maioria, tem por assim dizer o seu quarto de hora de celebridade, e torna a desaparecer, pela mesma forma por que surgiu, isto é, repentina-

mente. A moda desaparecida substitue outra, peor ou melhor, não importa, que tem igualmente o seu ephemero successo, findo o qual é por sua vez substituida por uma terceira.

E, enfim, o que com propriedade poderiamos chamar uma eterna consecutação de coisas ephemeras. O espirito da moda está, assim, simplesmente, na novidade, embora essa novidade seja representada por uma velharia abolida ha cem annos...

A elegancia, como é facil de comprehender, é coisa absolutamente diversa. Fructo de uma necessidade do temperamento, é ella, em rigorosa synthese, a expressao do bom gosto pessoal. Uma pessoa pode "andar" constantemente na moda, gastar rios de dinheiro com a moda, fazer da moda, enfim, o unico objectivo da existencia e ser, simultaneamente, a pessoa menos elegante... Por outro lado, pode-se adoptar qualquer moda, por mais extravagante que seja, sem o menor prejuizo para a nossa elegancia.

— Como? dirá a leitora.

— Da maneira mais simples: fazendo passar essa moda, pelo cadinho subtil de nosso bom gosto, isto é, transformando-minar-lhe tudo o a, de forma a eli-



Bella e elegante toilette para o inverno. Não desapparece de momento as nossas leitoras.



Um elegantíssimo "tailleur" em sarja "noisette"... Dada a inconstancia de nosso clima, não deve faltar no guarda-roupa de uma elegante...

que prejudica a harmonia sabia das linhas e equilibrio das cores, a pro-

priedade dos accessorios.

Geralmente, a maioria das modas vão justamente basear a nota de novidade na quebra a um destes principios fundamentaes de esthetica.

O papel da elegante consiste justamente nesta sabia e louvavel adaptacao da "novidade" a regras de esthetica fundamentaes. Aqui a elegancia atinge a altura de uma verdadeira arte; arte de tacto, de bom

gosto, de finesa espiritual. E' por estas razoes que acabamos de expor, que louvamos uma certa tendencia moderna no sentido da adaptacao pessoal das modas.

* * *

Como acima dissemos, apresentamos hoje ás nossas leitoras alguns modelos de vestidos e cha-

péos, que julgamos lindos e originaes: Temos, por exemplo, este bello vestido em crepe "satin". Muito simples, é uma "toilette" para visitas, que recommendamos quer por sua singelesa, quer por sua graciosa linha.

A saia é guarnecida com dois lindos volantes de bordado prateado. As mangas levam guarnições de renda.

"Amelina" é o nome deste elegante "tailleur" que um dos nossos clichés reproduz. E' em sarja "noisette". O bolso é bordado e com applicações de "soutache".

Outro gentil modelo é o desta "robe" para senhorinhas. E' especialmente confeccionado para festas nupciaes, etc.. Para a confecção, velludo azul; o "corsage" muito justo. A saia com volantes franzidos. Berthe, em renda pratada e fechoing para um laço em velludo coral. E' uma linda e original "toilette".

"Crepusculo", é como se chama essa elegantissima "toilette" que uma de nossas gravuras reproduz.

E' toda em velludo "Salomé" preto; a saia leva um volante de renda da mesma cor, inteiramente recoberto de strass branco. O cinto em fita de velludo "nattier".

Não menos elegante, tambem, é o vestido para a tarde, em "lamé" azul marinho e ouro. As guarnições deste lindo modelo são de "skungs". Os motivos em renda dourada.



Graciosa "robe" para senhorinhas. E' um modelo muito proprio para festas nupciaes.

E, para finalizar, este gracioso modelo que tão bem se presta aos dias estivais que estamos atravessando.

Muito lindos, todos os modelos que apresentamos nestas páginas, podem, no entanto, passar por algumas leves transformações que deixamos ao critério das leitoras.

*
* *

No capítulo chapéus e demais acessórios de elegancia, a variedade continua num crescendo cada vez maior.

No entanto, a tendencia accentua-se no sentido de uma harmonia de conjuncto, o que sinceramente louvamos.

Os acessórios, embora não pareça, contribuem poderosamente para o bello effeito das "toilettes", sendo assim muito interessante tudo o que a elles se refira.

Em nossa presente chronica damos ás leitoras o modelo de dois lindos chapéus, verdadeiramente originaes e graciosos, assim como o de duas sombrinhas lindas e elegantissimas.

recomendamos, assim como o de duas sombrinhas lindas e elegantissimas.

Creações dos mais famosos mestres francezes recomendamos ás nossas leitoras como esplendidos e originaes modelos em seu genero.

*
* *

Desejariamos dizer algo sobre a interessante questão da "maquillage", que, segundo um conceito moderno, faz parte integrante da elegancia. No entanto, achamos melhor desistir de tal intento. E, isto, porque, sinceramente, não recomen-

damos tal artificio ás nossas amaveis e gentis leitoras. Certo, para uma senhora ainda jovem e elegante nada mais triste, nesta ordem de idéas, que uma pelle defeituosa ou desprovida de encanto e frescura.

Todavia, a "maquillage" significa neste caso um simples paliativo. O verdadeiro remedio seria uma hygiene alimentar e um tratamento scientifico racional e acurado. Geralmente os defeitos da cutis não são mais que resultados de um desequilibrio organico. E' preciso, assim, eliminar a causa, para que o effeito cesse.

Não pensam assim, infelizmente, muitas senhoras, e isto é para se lamentar porque nos casos de que tratamos a "maquillage" vem a ser a emenda do soneto, isto é, peor; sempre prejudicial em seus effeitos, immediatos ou remotos.

Não aconselhamos a "maquillage" porque somos obrigadas a confessar que entre nossas patricias é ella perfeitamente dispensavel.

Basta dizer-se que nenhuma pintura, ainda a mais sabia e subtil emprestaria a graça, a frescura, o encanto que o Creator concedeu ás nossas patricias.

Flores, para encantarem bastalhes apenas a belleza propria, que é o reflexo de nossa natureza como deve ser o de nossa alma.

MARINETTE.



Ainda um esplendido modelo para a tarde. Um tanto exagerado nas mangas... que não existem, mas que podem existir por meio de uma ligeira transformação do modelo.



"Crepusculo", é como se chama esta elegantissima "toilette", muito graciosa e original.

Suave caminho

de Alvimar.

As linhas estacavam surpresas.

Tora, essência, o plenilunio. Paroico noite velha, meia noite e era quasi dia, mas o luar — o grande mago — transformava a terra, arrojando a dessa dolente poesia, desse morbido encanto que dá algum, por mais primaveril, poesia tumida.

E o luar naquella noite era unico, e o vasto céu profundo, azul-cinza, picado de estrellas de prata se encruvava illuminao sobre uma paisagem phantastica.

E entre céu e terra um silencio de encantamento, elevado silencio da terra que espera a despertar com longuissimos cantos de gallos e deves estremecimentos de froudas humidas.

Lentamente somos deixando logo para traz a rustica vivenda — brancas e azuis — entre esgarias arvores heraldicas, de longo porte e rendilhada copa.

A passos tardos, seduzidos pela noite incomparavel tormos andando a larca estrada pedregosa, caminho da cidade.

O luar — como um silente oceano de luz — crescera, crescera, e suas ondas luminosas subiam ate os céus. Era uma noite de lenda num palaz real e o sonhar por empolgava o coraçao.

Agora, do alto do pé de Santa Barbara, branca de neve no céu azul, a cidade apparecia cintilante, riscada de linhas luminosas nua excessivo arabesco. E muito certo de um lado, alvejando na sombra negra de velhas arvores, outra e toda a dos montes continuava a ser somno.

Inconscientemente — imperceptivelmente, se fazia mais que os nossos olhos deslumbrados e curiosos pudessem, no encanto, fixar o momento de transição. A luz se transmutava, mais forte, mais rosada; fulgia o céu, cada vez mais distante, cada vez mais claro, e a terra lentamente emergia da penumbra.

Um momento estacamos dentro da luz evocativa da noite invocada.

E aguilão, a quem Deus confiou a minha vida e minha felicidade, falou-me do seu ideal na terra — virago modesto, requintado, humilde — que era o meu tambem, mas que o Amor saberia tornar formoso e grande.

Ele falava ainda, quando a cidade num estremeoimento brusco pôse toda ás escuras e ocidulo na sombra, sinuosa mancha clara ao pé da negra barreira da Serra Dourada.

Era quasi dia. O luar empaldecia, vencido pela luz triumphal que desce dos altos céus, já sem uma estrella sequer.

No horizonte, longas faixas carmin e ouro cintavam o céu de um fulso torral. Amanhaca.

E elle — alma de artista, coraçao de poeta — lembrou Bilac:

"Voz na voz late tremor pelo horizonte afôva"

"Das nageas da terram abresso o arceano poe"

"E apanhase de todo ar fempadar do ceo"

Na verdade, todas as estrellas tinham-se diluido na curva saphira do ceo e as verdes terranias accentuavam-se sombrias e velludosas.

Renascia a vida da terra, azas freiam entre ramos arizados e a todo instante pivo alacres de aves desperatas feriam o silencio.

E longe, a cidade toda branca crescia na sombra. Desapparecera a noite maravilhosa e para sempre! No entanto Bilac vivia naquella noite real, porque outra não seria a ultima noite de Romeu e Julieta na quella divina evocação:

"Já sobre o cono azul das serenas nebulosas"

"Clarante a manha corada de rosas,

"Janta os beijos sat e jura a pluvioz."

"Nada se avia de luz, como quem que soar"

"Oh! não mais um momento, son rapido moment"

"E o dia sobre por todo o formamento!"

O dia! Estava desfeito o encanto! Fugira o silencio, a sombra, a lluvia, o sonho, o luar! Mas Bilac saudava!

Já na primeira rua da cidade vibrante de luz nos tocando para a misa, sob o nimbo glorioso do céu flamejante reatregador na vida de todos os dias, apressamos o passo.

Certo que a Vida pode ser, que a Vida e, quasi sempre, muito triste, muito trabalhosa, muito árdua, entre tanto certos dias, certas horas, certos momentos, como certos tempos, nimbos velludosos, choros de perfume e de cantos, penurados de alto-céu, nimbos, bonitos, azul luminoso, inatingíveis a todo mal, toda fidelidade, todo perigo...

E quando, cansado de viver, enfiado dos homeros, quebrado de dor ou de desleito, o coraçao sentir-se morrer, as azas possantes da saudade buscarão o refugio inviolado e o coraçao resistirá feliz, certos dias, certas horas, certos momentos, inquebrantáveis e eternos.

E dentro os dias, as horas, os momentos de felicidade que a Vida perpetua nos concede, certo que das mais bellas será a evocação do longo caminho entre de luz e silencio, que se percorri venturoso, numa noite de sonho, com o meu lar e a delgada companhia de jornada terrestre.

Eu sei que a Vida, nem sempre será boa, feliz, maravilhosa! Nem sempre!

Mas para quem não se atravessa soffrido e deprimido, o caminho da vida, por mais duro, espinhoso e alantillado que seja, tem, nas horas mais duras, o lenitivo da luz maravilhosa, nos limes mais penhosos, quando as forças parecem abandonar o corpo exaustivo, o soccorro de um braço carinhoso e firme! e mesmo a hora extrema e consolador sagite o complexo forte e amoroso de duas mãos leaes e ambas que nos retrem as pobres mãos fatigadas, que estriam, estriam para sempre...

Ah! E preciso ter fé, ter coragem, ter coraçao!

E preciso não ter medo da Vida, vivela amplamente, generosamente, saber gozalla nos instantes fugazes de suprema ventura, saber soffri-la valentemente, dignamente, nas longas horas de sombra dor.

Quasi tudo a Vida amantalla no esotamento, o bem e o mal, o prazer e a dor. Desretanto, alguma coisa perdura, alguma coisa de extremamente delicado, tocante, eu diria, um gesto leve, um rapido olhar, um fugido instante de doce ventura, um cruel fôrmo de angustia.

E no amago do coraçao, como na retina dos marimbutos se gravou o instante eterno.

E para não nunca e tempo apagar a vida inquebrável do fragoroso caminho que eu percorri ao desabar da mocidade e da transevera, pelo braço d'agilão, que Deus me deu para companhia na jornada da Vida.

E desde então, qua desejo que a nossa existência — accidentado caminho penumbroso, — ao influxo do Amor, se tornasse ameno caminho, cheio de luz e de esplendor. E assim, sereno e divino, certamente

"esperamos ao azul da jornada"

"colento nimbos, estandos estandos"

"como se a corça desta vida fosse"

"o meu nome de todos os caminhos."

Goyaz, 1923.

Márcia Fábria.



A MISSA DO NATAL NA ALDEIA

Na grande noite rutilante do Natal, através das velhas estradas, cobertas de neve ou de lama, ao appello festivo do sino que canta na serenidade da hora, num jubilo expansivo e simples, lá vão ellas as piedosas aldeãs rumo á pequena egreja, com o mesmo piedoso ardor com que ha dois mil annos atraz, os tres Reis magos dirigiam-se á gruta de Bethlém, guiados pela estrella maravilhosa.

A egreja é pequenina e pobre. Poucos ciríos illuminam-na. A pobre gente, no entanto, tem o clarão bendito da sua grande fé. E, ao tenue lume que clareia a nave, e ao grande resplendor que ella traz na alma, não é por certo menos sincera nem menos profunda a prece que os labios balbuciam...

Fóra, no entanto, a neve começa a tombar, lenta e escassa como flocos de espuma... E, ao canto metalico dos gallos, finda a bella missa de Natal, que infinito manto de pureza cobre os valles e as collinas, as arvores e os tectos, as sebes e as estradas! Oh! as noites de Natal na simplicidade das aldeias!

* * *

A gente simples está mais proxima a Deus. As suaves tradições da religião, são nessas almas de

pureza, como miragens maravilhosas de ingenuidade e candura. Naquelles corações que o peccado não tocou ainda com seu hálito funesto, a fé vive e sorri, luminosamente. Felizes, que todos os ventos da duvida e da descrença não tangeram ainda, que importa a pobreza da sua pequenina aldeia, que importa a humildade do altar ante o qual ajoelham? Que importa a pouca luz que alumia a nave? A Grandeza, a Belleza, o Clarão estão nelles mesmos, em seu coração sem fel, em sua alma credula e casta. Fóra, na noite clara do Natal, ergue-se a alvorada festiva dos gallos, sob a chuva rutilante da Via-Lactea.

Jesus nasceu! O jubilo ancestral destas palavras, canta em todos aquelles simples, como a harmonia mais ineffavel. Amanhã, será certamente a áspera fadiga dos campos, o rude labutar da lavoura, o pão negro da pobreza, a amargura de toda uma existencia amarrada á gleba escura e ferrea que é preciso revolver e regar com suor. Mas que importa! Jesus nasceu!... E enquanto as fronteiras se curvam na grande belleza da prece sincera, uma aura de divina esperanza passa por aquellas almas, como um vento manso, por entre flôres: beijando-as.

*Gloria a Deus nas alturas e paz na terra
aos homens de boa vontade*



Era a alvorada de uma esperança nova...

Dos melancolicos campos da Judéa, terra triste e severa como a alma dos patriarchas, terra de saudade e recolhimento como as suas *paysagens* a meia tinta e os seus lagos legendarios, subiu de repente, na angustia do mundo que agonisava sob a prepotencia dos pederrosos, e debaixo da manopla dos tyrannos, uma voz clamando e promettendo, encorajando e admoestando.

Era a bravia e inspirada voz do pastor inflexivel, puro como a alma da solidão, e verdadeiro como o espirito dos prophetas; era a tremenda e casta voz de Jokanam, que erguendo-o do fundo da sua humildade, ia reboar na alma de Herodes, e abalar o throno do incestuoso e fraticida rei da Judéa.

Era proximo o dia da grande Redempção! Proximo o advento da nova era! Proxima a chegada do Messias!

E os homens alegraram-se e entristeceram-se.

Alegraram-se os bons, os humildes, os de coração limpo e carnes a sangrar. Entristeceram-se os mãos, os dominadores, os de alma ferina adormecida ao lethargo de todos os peccados da terra.

Salomé, a terrivel filha de Herodias, dançou deante do Usurpador a satanica dança da lascivia e da morte, erguendo como um trophieu,

na mão peccadora, a cabeça cortada de João Baptista.

Mas o Messias veio!

Oh! a symbolica humildade dessa aurora messianica! Ao fundo de uma gruta cavada na montanha, entre pobres pastores e pacificos animaes, surgia a aurora da Redempção, nascia a belleza immortal do Deus humanisado.

A Promessa e a Esperança, o Arco Iris da Alliança nova entre o Omnipotente e os homens, Jesus!

O corpo virgem do Precursor, floria da terra nas rubras papoulas da legenda, mas a immaculada apertava ao seu sagrado seio, aquelle que abria na muralha petrea do destino humano, a divina porta da Esperança.

Jesus nascera! E, da desolada e severa patria dos prophetas subiu uma aura suave, uma frescura, uma claridade, que foi de terra a terra, de mar a mar, de porta a porta, num jubilo de alvorada festiva, entrando o coração triste dos homens, penetrando a alma triste da humanidade, como uma bella manhã de sol e de perfume, depois de uma longa noite de tempestade e medo.

— Paz aos homens, na terra, e gloria a Deus nas alturas!

— Paz aos homens, na terra! — Onde, quan-



Um Deus que amou os pobres e os humildes, os fracos, e os enfermos...

do já ouvira a humanidade a profunda suavidade dessas palavras?

Todas as grandes vozes do passado tinham cantado a gloria do mais forte, o hymno do mais poderoso, na apothese das batalhas e dos triumphos humanos.

A guerra, entre estranhos povos, ou entre irmãos, com todo o seu terrível cortejo de sofrimentos e lagrimas era como que o estado natural dos homens e das nações.

O mais alto ideal dos povos era a conquista, o dominio, o poderio material das riquezas da terra.

A grandeza do vencedor constituia o apañagio mais alto dos heroes.

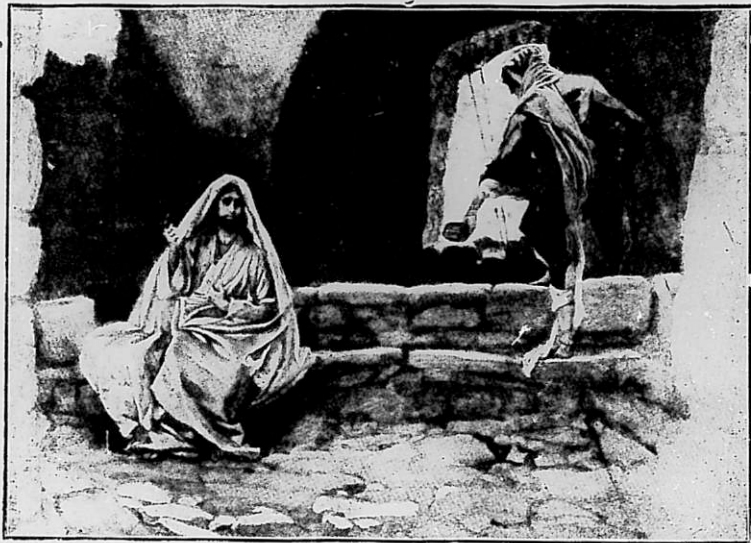
O brilho que resplandecia como uma au-

Apogeu da força e da violencia, o espirito subjazia, num lethargo de morte. Os mesmos prazeres da Vida, só eram comprehendidos em suas formas mais materiaes e grosseiras: a caça, arremedo da guerra, os pantagruelicos banquetes degenerando fatalmente na orgia bachica; a luxuria, transbordando em excessos espantosos, os espectaculos cruentos dos circos, revelando eloquentemente os instinctos sanguinarios das multidões.

Ora, contra este terrível mundo da materia, só se podia oppôr o espirito de um Deus.

E o Messias veio!

Então, os humilhados e os sacrificados, os pobres de todas as polbresas, os enfermos de todas as enfermidades, os humildes e os fracos,



Eu sou a fonte da agua viva...

reola em torno á frente dos idolos da multidão, era o rubro do sangue derramado e o clarão das cidades incendiadas.

A paz! Quem fallava em paz, numa epocha, em que pela extensão da terra só se ouvia o galopar dos corceis guerreiros e o estrondo dos carros de guerra?

Quem fallava em paz, num mundo em que a espada era o symbolo mais alto da grandeza?

Quem ousaria fallar em paz a homens que nasciam no sangue, viviam no sangue, morriam no sangue, brutos e ferozes como lobos esfaimados, obedecendo, apenas, ao instincto animal de rapina e conquista, e ao gesto dos seus terriveis chefes?

os mendigos e os escravos, a parte da humanidade, enfim, que a força e a tirannia atirava ás mais baixas formas da existencia, rejubilou, sentindo pela primeira vez cantar em si a alvorada da esperanza.

E os pequenos e os humildes e os fracos, comprehendem-no. E, ao exemplo do seu sublime sacrificio derramando na cruz o seu sangue innocente, fizeram da propria fraqueza e da propria humildade a força esplendida da sua fé, que derribou o imperio da força, para substituil-o pelo Reino da Graça.

E, pela extensão da terra redimida, estendeu-se o magnifico canto da Esperança:

— Gloria a Deus nas alturas, e paz na terra, aos homens de boa vontade.

Quasi dois mil annos são passados desde que do alto do Thabor desceu sobre a tristesza infinita da vida, a profunda belleza do Sermão da Montanha.

Nelle se continham as mais altas esperanças da humanidade, o clarão de um porvir mais alto e mais nobre, a orientação da mais clara e perfeita philosophia. Mudou o mundo, mudaram os homens: transformaram-se as consciencias, durante os vinte seculos que são passados sobre a terra, desde que o manso Nazareno selou com seu sacrificio a grandeza da sua doutrina?

Inegavelmente, que sim. Certo, não está a vida humana, não estão ainda os corações á altura da infinita piedade, da perfeição e da justiça que Christo souzou. A fraternidade humana é ainda uma das mais nobres aspirações terrenas, mas no terreno da inflexível realidade continua como uma miragem e nada mais.

De todas as organizações humanas, partem constantemente brados de aneio pelo advento da Grande Paz, da paz que dá, enfim, á triste familia humana a messe bendita da semente que Jesus lançou nos corações. Mas, até agora, forçoso é convir, si theoreticamente tem accedido as nações todos os conceitos christãos da fraternidade, ao embate dos interesses e das paixões todo esse bello mundo moral que faz a melhor grandeza dos homens, tem ruido por terra, lamentavelmente.

A grande guerra européa, veio mais uma vez demonstrar esta amarga verdade. No entanto, a par de todas as amarguras e soffrimentos que a ambição e a insania dos homens veem espalhando pela terra, de pé e cada vez mais alta, fica a verdade da Moral Christã.

Contra ella não valem insultos do tempo, cegueiras e maldades dos homens; não valem ca-

tastrophes de assombro, ou victorias de apothese; não valem conceitos e theorias, systemas e apogeticas novos.

Nada d'isto vale contra ella, porque ella substancia em sua clareza linear, fecha no angulo de suas possibilidades, o centro dinamico da Vida, no insophismavel da Verdade.

Não morre porque não póde morrer, como o sol, como o céo, como o infinito. Morre a mentira, por melhor forjada, morre o sophisma,



por mais bem armado, morrem todos os systemas philosophicos baseados na relatividade das coisas humanas.

Não morre a moral christã, porque nella palpita e brilha, vive e canta, triumphá e impera o Espirito Divino.

E, quando todas as creaturas, exaustas e amarguradas, cançadas e desilludidas, curvarem para o chão a fronte e a alma, a Palavra de fé do Deus, que, para a Redempção, desceu á terra e soffreu como soffrem os homens, será o facho de luz que afugentando a sombra e a incerteza, a duvida e a maldade, o egoismo e o peccado, illuminar-lhes-ha, a estrada da Esperança.

Nesse dia de gloria, que será o dia maior da Humanidade, redimida, enfim, mais que em todas as boccas, cantará em todos os corações apasiguados e crentes, o grande hynno de infinita piedade:

— *Gloria a Deus nas Alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!*

As mulheres do mar



"As Mulheres do Mar", quadro de Gustavo Maestu.

Aquellas quatro mulheres esperavam. Seu destino era esperar, esperar sempre. Não tinham ido ao amor, mas a dôr buscara-as. O habito de aguardar dera-lhes a quietude aos nervos, o gosto do silencio, e a penetração aos olhos, que viam para trás do ultimo horizonte.

O velho caes apodrecido, as pedras resvaladiças do ancoradouro, o ar frio do largo, na hora triste do crepusculo, até mesmo as gaiotas que agitavam suas azas brancas, longas e estranhas, sobre a onda, como braços de phantasmas, conheciam aquella espera de todos os dias, aquella muda interrogação ao grande monstro verde que tragava homens, insaciavelmente.

E as quatro esperavam, sempre juntas, pacientes, immovéis, como esculpidas em silencio, numa concentração de espirito suprema, de costas voltadas para o povoado ribeirinho, miserero e cinzento, como esbatido em brumas de inverno.

Eras, ellas, Selles, a mãe; Firmina, a viuva; Maria, a esposa; Carmem, a orphã. E nos olhos, distantes como os sonhos, ardia o desejo das aparições: silhuetas vagas, de vélas, ao fundo do mar tranquillo; braços tremulos de mastros a surgir da cerração... E sem querer, tomavam attitudes rythmicas, e seus rostos esquecidos do sorriso, pareciam tallados em pedra.

A MÃE

De um em um fora dando seus homens ao mar. E, o mar, durante annos, ia-os sempre devolvendo, até que um dia começou a retel-os, a prendel-os para sempre nos meandros profundos de seu mysterio, onde pululam os monstros glaucos, e cresce uma flora de maravilhoso assombro. Primeiro, foi o pae; depois os irmãos; por fim, o marido.

Tem, no entanto, vivos ainda, dois rapazes, destinados como os outros a uma sahida sem

regresso... Selles, chorou tanto, rezou tanto, imprecou tanto que seus olhos seccaram para sempre. Costumada aos dois silêncios que lhe enchiam a vida: o silencio da solidão, em casa,

e o silencio da anciedade, no cões, sua voz é dura, aspera e profunda.

Quando, ao longe, vislumbra os barcos, tem um grito gutural, como o de um animal familiar que percebe gente amiga...

Não tem mais que quarenta annos, mas branqueam-lhes os cabellos e tremem-lhe as mãos.

Nos negros braços, porém, retesam-se-lhe os nervos, e a cabeça supporta, erecta e firme, o pe-o do grande cesto cheio de peixe. Atráz della, lá seguem, curvos sobre a grande rede mollhada, e os remos pingando, ainda, os dois rapazes com seus amplos trajes de laeta aspera e o pontegado barrete dos marujos.

Finda a ceia, mudada a roupa, ambos os filhos saem. Vae um delles a seu casto noivado, enquanto o outro rumo ás tavernas do porto, á casa de amigos e de aguardente.

A velha, ao livido clarão da candeia, váe, pela noite a dentro, remembrande e cerziando, e, si a pesca foi rendosa, ensaiando, á flor dos labios sececos uma antiga canção de nostalgia.

Mas, subito, emudece, finda a momentanea alegria. E' um pensamento que lhe atravessa a mente; lembra-se de seu filho que o amor em breve lhe arrebatara, do outro que um punhal traçoero talvez roube á furia do mar.

Porque a luxuria e o odio são como o mar, insondaveis e terríveis.

A ESPOSA

Maria casou ha oito annos. Seu pae vive do mar, mas não é marujo. Tem uma tenda no porto. A

immobilidade e a humidade deram-lhe ás pernas a tumefacção doentia dos paralyticos e deramou-lhe pelo corpo, as dores agudas que espantam o somno. Desejara para a filha um marido de terra a dentro; ella, porém, quiz um marujo forte e queimado do sol, que exaltava o perigo do mar terrivel, e a belleza dos horizontes fluctuantes.

Maria trocou a tenda paterna, humida e negra, pelo lar matrimonial, proximo ao ancoradouro, donde se ouvia, dia e noite o resfolegar constante das ondas. Aos alvores da madrugada dizia adeus ao seu homem, da alta janella, meio escondida entre as cortinas de heri; e pelos pontes vermelhos, lá corria ao cões, a espectral-o.

E era então que pensava nos suaves dias socegados que teria si o esposo fosse um homem, de terra a dentro, um bom e pacato teideiro como seu pae.

Ao nascer o primeiro filho, teve a audacia da falar ao marido sobre esses seus pensamentos. O pescador começou riudo e acalhou se enfurecendo. "Si não queria que brigassem, não lhe falasse mais em semelhante coisa!... Teria tempo de abandonar seu barco e deixar-se embolorar a um canto, como um velho remo abandonado!..."

E Maria, não mais lhe falou naquillo. Sómente á noite emquanto no silencio do aposento a candeia da candeia vacillava, pensando no futuro de seu filho, as lagrimas corriam-lhe, lenta e silenciosamente.

A ORPHIA

Tivera uma infancia tragica e uma adolescencia desvalida. O pae, perecera á vista do porto, numa catastrophe que fora o pretexto para tom-



"A Mãe"



"A Esposa"



"A Viuva"

bolas e outras festas nacionaes. Quanto á mãe... desaparecera certo dia, e ninguem mais soube noticias della. . .

Carmen foi recolhida por umas visinhas; depois entrou de apprendiz em uma fabrica. Mas sua juventude não teve o sol do amor. Respondia, aos gracejos dos rapazes, com palavras asperas e insultuosas. Tinha a idiosicrancia da honra. Ganhava a vida vendendo peixe pelas ruas, durante as manhãs. De tarde ia ao cães, esperar como a mãe, como a esposa, como a viuva. A triste anciedade das virgens a commovia. Encerrava em seu peito um ninho de suspiros; seus braços que tinham a linha rythmica do collo dos cysnes, erguiam-se de quando em quando, para corrigir seu penteado. Ao fundo de seus olhos claros perpassavam rapidas chammas. E, quando, já proximas as sombras da noite, o porto era todo um bulicio, e um formigar de homens e mulheres, seus olhos, involuntariamente buscavam em meio á turba, a cabeça loura, violentamente loura de Antonio, o pescador, a quem quizera comprar peixe, uma unica vez. peixe que elle lhe offereceu como si fosse um ramo de flores. . .

A VIUVA

Firmina está louca. Veste de luto, e deita-se sobre os bancos de pedra como uma panthera. Cruza os braços e sobre elles repousa o queixo voluntarioso, e fica extatica, a olhar ao longe. . .

Num regresso feliz para todos, em que os barcos voltavam a transbordar, só faltára uma

unica embarcação: a de seu marido. Ninguem sabia como desaparecera. Ninguem mais tornou a vel-a, a branca vela do seu barco amado. . . Aproára a uma ilha chimerica, de fabula, o seu homem, que amava. E alli vivia entre cem esposas negras, com exercitos de canibaes, entre passaros phantasticos, que cantam dentre a ramaria mysteriosa rescendendo a almiscar e baulilha? . . . Ou jazia no fundo mar, consumindo-se lentamente, meio coberto já, de uma extranha vegetação que ninguem sabe? . . . Ou, acaso, a abandonara por outra mulher, que talvez á mesma hora o esperasse, sabe Deus em que porto distante e ignorado? Quem o pudera saber! Mas, todas as tardes, mettida em um traje de tristeza e morte, os olhos fulgurantes, dentro de seu eterno silencio, lá ia deitar-se ao comprido sobre os calhaos, esperando. . .

Chegavam os pescadores. Olhava-os um por um, tocava-lhes nos hombros, para reconhecer-os. Não! Não era nenhum delles! . . . Os homens paravam, submissos, sorrindo tristemente, e lá se iam depois, caminho de casa, abanando a cabeça. E, quando, o cães ficava de todo deserto, a dolorosa mulher ainda por longo espaço ficava a contemplar o terrivel monstro, que começava a rugir na sombra. . . E si o seu destino não fosse esperar, esperar sempre, certo alguma vez teria descido pelo ancoradouro e entrado pela onda a dentro, em procura do que não voltara mais.

JOSE' FRANCE'S.

O "flirt" e a emoção

Em certa sociedade são muito apreciados os cavalheiros que sabem "flirtar"; pessoas capazes de sustentar uma longa conversação sobre futilidades, que é justamente o que agrada a essa sociedade.



Corina e Zulmira Cesar: duas gentis amigas da "Revista Feminina".

Até certo ponto comprehende-se o exito dessas pessoas. Pelas coisas, embora superficiaes, que um homem diga, pode-

se avaliar a experiencia que tenha do mundo.

O que é indício, porém de leviandade moral, é que fóra de um desses salões, uma moça prefira taes pessoas a outras quaesquer.

As moças frivolas, amigas desses galanteios que se podem desculpar numa reunião mundana, mas que absolutamente se não devem tolerar fóra dali, não comprehenderão nunca o homem sincero, que sem rodeios, sem phrases de duplo sentido, sem "indirectas", se lhes aproxime e diga: — "amo-a" — revelando na voz a profundez do sentimento que o empolga.

E isto é um mal, é mesmo um dos grandes males, da sociedade, porque nessa emoção que tão ridicula lhes parece, talvez esteja a melhor promessa da felicidade.

Entre um "flirt" superficial e frivolo, e uma emoção sincera e verdadeira não deve haver vacillação alguma. Uma é o affecto que transborda, outro, é mais um preciosismo do espirito que uma expressão do sentimento.

UM PRESEPIO NA ITALIA MERIDIONAL



O Natal é em todos os países christãos um dia de grande alegria, onde os mais pobres, mesmo, se esforçam, por melhorar o menu domestico. No sul da Italia, o banquete familiar, obrigatorio, na noite de Natal, realisa-se no mesmo aposento onde se armou o presepio, reconstituição, mais ou menos fiel, mas muito respeitosa e revelando uma sincera fé, dessas "Adorações" creadas pelos artistas da Península. Enquanto uma formosa rapariga, trajando o original costume do paiz, dá a ultima

demão ao presepio; e uma jovem mãe, fazendo bailar o pequenino filho, ainda envolto em faixas, sente que se mistura, á sua alegria materna, um tango mysticismo; enquanto alguns musicos nomades, que desceram dos montes, pela noite clara, tocam as suas arias de adoravel simplicidade em honra ao Salvador do mundo, a dona da casa, a um canto do aposento, trata dos aprestos para o festim tradicional. Encantadores costumes onde está bem, em toda a sua pureza — a alma popular.

Lembras-te?...



A velhinha. — adoravel cabeça toda branca, pequeninos olhos garços que ainda conservam alguma coisa da antiga expressão risonha — sentada junto á janella que dá para o caminho do povoado, tece silenciosa, com seus magros dedos que os annos encarquilharam. E o seu velho companheiro de tantos momentos felizes e de tantas horas de tristeza, fuma, junto a ella, olhando, distrahiadamente, atravez da vidraça, a triste tarde chuvosa de outonno.

O vestuto relógio de parede, d'ixa ouvir, de repente, a monotonia de sua voz, que suggere um echo de eternidade, severo e remoto.

— Lembras-te? — diz o velho, de repente, numa tremula e cançada voz, sem deixar de fiar o cêo soturno. — Numa tarde como esta nos conhecemos...

A velhinha interrompe por um momento o seu labor, e fixa os olhitos mansos no velho esposo.

— Numa tarde como esta nos conhecemos — prosegue o ancião, como que fallando a uma sombra só visivel a seus olhos caçados.

— Tu vinhas pelo caminho a fó-a, tangendo tuas vaccas; eu chegava da minha aldeia, de cajado e alforge ao hombro. A tarde estava assim, como esta tarde, chuvo-a e triste...

— Sim, com effeito... responde a velhinha, suavemente — e acrescenta logo —

— Chega-te mais para perto de mim... tenho frio...

O velho marido obedece; vem se sentar mais proximo a sua querida companheira de tantos annos, e um pouco curvado, como numa confiança amiga:

— Tu vinhas tangendo o teu gado, quando de improviso, uma vacca asustou-se ao riltoubar de um trovão e lançou-se, numa carreira louca, pelo campo a fó-a.

Persegui-a, e ao cabo, depois de bom trabalho lá conseguí que se juntasse ás outras...

Tu me agradeceste...

— Nesse tempo tinha eu vinte annos e diziam que era honita...

— Por isso fiquei eu no povoado! — ajunta o velho sorrindo. E as encarquilhadas mãos buscam timidamente as mãos secas da velhinha suave.

— Tu tambem eras bom moço — responde a velhinha, num graciosos tregetio.

Ha um silencio longo, um silencio cheio de antigas vozes jubilosas, um silencio, que a alma do passado atravessa mysteriosa e commovidamente.

— Vem mais para perto de mim... tenho frio...

Fô-a a tarde outonnal chora a sua nostalgia tristeza. O cêo, tem a amargura das almas abandonadas... mas os dois velhinhos, as mãos nas mãos, os olhos nos olhos, a alma na alma, ficam immoveis, ah-sortos, na contemplação de uma outra ta de, de uma tarde egual a esta, de uma tarde que cada dia vem mais desaparecendo a distancia...

A Bayadera

(Conto oriental)

POR ELISSA RHAIS.



UMPTUOSAMENTE trajada, resplandescete como um mostruário de pedrarias, cheirando a musgos e a rosas, Fathma, a bayadere, descia a passos apressados, as alamedas da cidade das rosas. Oito horas acabavam de tocar. "Oito horas!" murmura ella: "estou atrazada esta noite!..."

O velho empresario do theatro em que trabalhava é de uma avaricia proverbial. Ultimamente tinha, mesmo, duplicado a multa aos retardatarios. "Vinte francos cada hora!" rosnara com a voz cavernosa dos velhos avarentos. E Fathma, a primeira dançarina, lembrando aquellas pal'avras, apressava, apressava cada vez mais o passo. Na sombra da noite, a cidade alta adormecera. De quando em quando apenas alguns ociosos, fumadores de kif, que a olhavam com seus olhos parados que o "haselich" obnubilava... As vendedoras de jasmims, com seus tableiros vazios e rescentes de baixo do braço, passavam ao longo das calçadas num passo ligeiro e silencioso.

Fathma descia para a cidade baixa. Já ao longe, dentre os laranjeas, que eram grandes manchas escuras na sombra da noite, vislumbrava ella as luzes de Bhdah, que surgiam de uma em uma, como pharós luzindo na planície sombria...

Mas eis que ella ouve, de repente, em sua carreira, uma voz... uma voz que sóbe dentre as casas brancas...

E, sem duvida, um "meddah"... A voz tem tal suavidade na placidez da hora que Fathma, insensivelmente, abrandava o passo... Pouco a pouco, um estranho encanto a envolve...

Não! nunca ouvira uma voz humana tão doce e suggestiva!... E essa voz cantava a gloria dos herós tombados no campo da batalha, cantava

sua bravura e seu desprezo pela morte, clamando sobre elles a piedade de Allah, ao qual pedia para gerações vindouras, a Victoria e o Poderio...

Uma extranha altivez ennobrecia esta voz divina...

Em breve Fathma chegou a uma grande porta ogival diante da qual um jovem arabe, a fronte apoiada a um batente, cantava a um palacio adornado.

* * *

Fathma conhecia os opulentos Sidis senhores daquelle palacio. Eram um casal de velhos que tinham ganho uma fortuna vendendo espigas verdes, no mercado, e que agora alli viviam, sózinhos, naquella habitação faustosa, sem filhos e sem parentes.

No mesmo instante em que Fathma passava, um servo, invisivel, gritou de dentro:

"E então! velho mendigo, acabas ou não com teus grunhidos? Os senhores estão deitados... Vê lá si os queres despertar, com teus guinchos!..."

O "meddah" calou-se. Era um formoso adulescente, de phisionomia nobre. Um longo manto subtil envolvia-o. De sob o "chechia" tunisino, longos cabellos cor de ebano tombavam-lhe pelos hombros, emoldurando um rosto pallido. Tinha os olhos fechados. Soltou um suspiro, ergueu a cabeça ao céu rutilante de astros, e cheio de uma doce resignação, apoiando-se a seu rude bastão preparou-se para deixar a casa inospitaleira.

Fathma sentio seu coração palpar apressado, num grande aneio de piedade humana. Este desventurado cego, de quem descobrira a alma vibrante atravez da voz encantadora, e que com tamanha resignação supportava o peso do seu destino, commoveu-a até ás lagrimas...

Tinha-se, já, afastado um pouco. Arrepiou ca-



minho. Chegando junto ao pobre mancebo poz-lhe uma mão sobre o hombro.

— Vem commigo, — disse-lhe — segue-me.

O desgraçado parou, surprehendido, fascinado por esta vóz feminina.

Obedeceu docilmente. E ambos, um atrás, outro adiante, lá seguiram pelas vielas silenciosas da cidade das rosas.

Chegaram em frente á habitação da dançarina.

— Entra, disse-lhe Fathma, tomando-lhe uma mão e ajudando-o a subir o degrão de sua porta.

Atravessaram um estreito corredor, de pavimento accidentado. Ao rumor de sua chegada, accorreu uma velha serva.

— Kaddoudja — disse Fathma, traz de comer a este pobre “meddah”.

* * *

Fathma sentou-se ao pé do cego.

— Come — disse-lhe docemente, e ajudou-o a sentar-se no tapete. O “meddah” murmurou um fraco “Bisme Allah” levando a mão ao peito, e poz-se, lenta e delicadamente, a partir com os proprios dedos um bocado de vitela assada. Quando terminou Fathma disse-lhe:

“O meu pobre irmão, que nome é o teu?”

— Ali-Ben-Konider.

— Pois bem, Ali, toma — e poz-lhe nas mãos um rolo de moedas de ouro, que tirou da cintura. Desentrolou-o, depois; e na mão do bello cantor, com um cascadeio sonoro e jovial tombaram cinco pequenas moedas luminosas.

O cego, surpreso com tamanha generosidade, não sabia como agradecer. Balbuciou alguns agradecimentos e bênçdições.

— Mas, continuou Fathma, — eu tenho que sahir... Preciso ir a meu trabalho... Tenho medo de perder meu lugar...

A estas palavras, repentinamente, o cego ergueu-se como ao impulso de uma mola. E com sua forte vóz, onde novamente tinia o bronze do seu orgulho.

“Quem és tu, que me dás hospitalidade tamanha e falas em trabalhar a estas horas da noite?”

“Eu sou... respondeu a bayadera, com vóz tremula, eu sou a Bella Fathma...”

O rosto do triste “meddah” corou de indignação.

“Mostra-me!... Mostra-me já a porta para que eu saia daqui!... Quando eu tinha meus olhos, talvez por ver-te, teria perdido a Djenna (o céo).

Allah tirou-mos e eu vejo, apenas, a tua vida, e minha alma está salva... Toma, — continuou elle, atirando ao chão as moedas de ouro, — guarda o teu dinheiro! Aquelle que arriscou a vida nos campos de batalha não pode aceitar a esmola de uma bayadera!

E o altivo cego retomou seu bastão para sahir. A velha serva reconduzio-o até a porta e elle lá seguiu, pela viela afóra, perdendo-se nas sombras da noite.

Nove horas tocavam num relógio da cidade.

Fathma preparou-se para sahir. Mas antes de atravessar o limiar da porta, suspirou profundamente e limpando uma lagrima de seus formosos olhos, murmurou consigo:

— Ninguém nos acredita; ninguém nos comprehende! Somos as ultimas creaturas da terra!...

* * *

Vinha nascendo o luar. O céo do Oriente parecia um manto bordado a ouro, por fadas maravilhosamente imaginosas.

Fathma sahi'o. As desertas vielas da cidade das rosas, povoavam-se, de longe em longe, de escuros vultos, que podiam ser mendigos ou podiam ser cães vagalundos. E, enquanto a bayadera corria apressada, certa de que chegaria tarde essa noite ao trabalho, seu pobre coração de mulher enternecia-se ao amargo destino que Deus lhe déra.

Despresada por todos, só tinha o prestigio da sua belleza, da sua graça e da sua arte.

Sobre o tablado applaudiam-na com delirio.

Na vida escarneciam-na e humilhavam-na!...

Não era uma creatura como as outras, e si de seus labios podia-se receber um sorriso, de sua mão, nem mesmo ao mais infimo mendigo era permitido receber uma esmola!...



E nessa noite, todos os espectadores notaram uma coisa singular: a tristeza profunda que velava o rosto da mais bella das bayaderas...



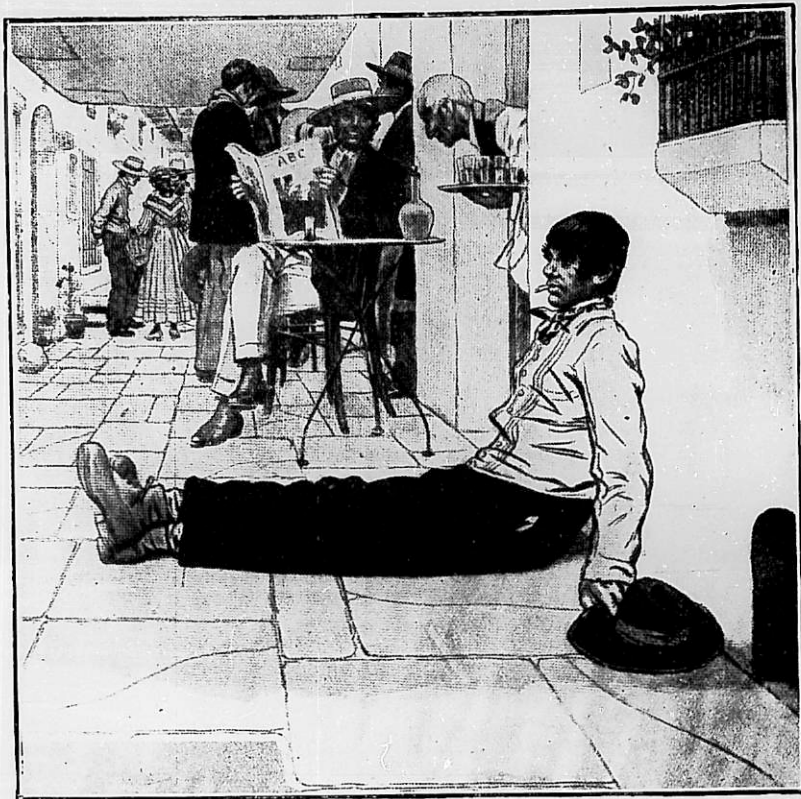
O Tradicional Assado do Natal num dos gran- des Clubs de Londres

É tradicional, no "Constitutional Club", um dos mais importantes de Londres, um assado de Natal, verdadeiramente colossal.

Outr'ora, no imenso fogão do Club, com o auxílio de robustas correntes e ganchos, era posto a assar um boi inteiro. Hoje, os socios do famoso club, contentam-se com um quarto de boi... o que apesar de pantagruelico, não é demais, dado

o grande numero de socios, que comparecem á ceia.

O mais curioso, como mostra a nossa gravura, é o hecterogeno da scena. Ao lado dos cozinhos e ajudantes, de avental e barrete brancos, o impeccavel do traje de rigor dá uma nota de excentricidade, que, si não fôr absolutamente esthetica, é, innegavelmente... ingleza.



O thesouro escondido (CONTO)

Por VICENTE MANZANARES.

Quasi nos confins da Andaluzia, como quem vem para Castella, nun terreno montanhoso da antiga fronteira, acha-se a povoação onde se passa a nossa historia.

Não é isto uma novella de pastoras novas e formosas, mas sim a de um latagão, robusto e com cara de quem vende saúde, grande amigo de mandriar estendido ao bom sol da nossa terra, e philosophicamente cynico.

Martinho — tal é o nome de nosso heroe — era um vagabundo de raça. Vagabundo e mendigo; não destes vulgares pedintes que estendem a mão porque precisam estendel-a; mas destes mendigos classicos, que trazem na massa do sangue, isto de viver á custa alheia...

Está claro que não possuía bens de fortuna. Mas bracos e mãos capazes de empunhar um bom cabo de enxada, lá isso os tinha, louvado Deus. Assim, seu vagabundear e pedir não eram necessidade, eram profissão.

Em verdade, na povoação, toda a gente era mais ou menos aquillo...

Os abastados viviam de rendas, repartindo o tempo em caçadas, pescarias e frescatas; a classe med.a, exigua e impotente, discutia no conselho, e fallava da vida alheia; quanto ao pobo miudo contentava-se com pão negro

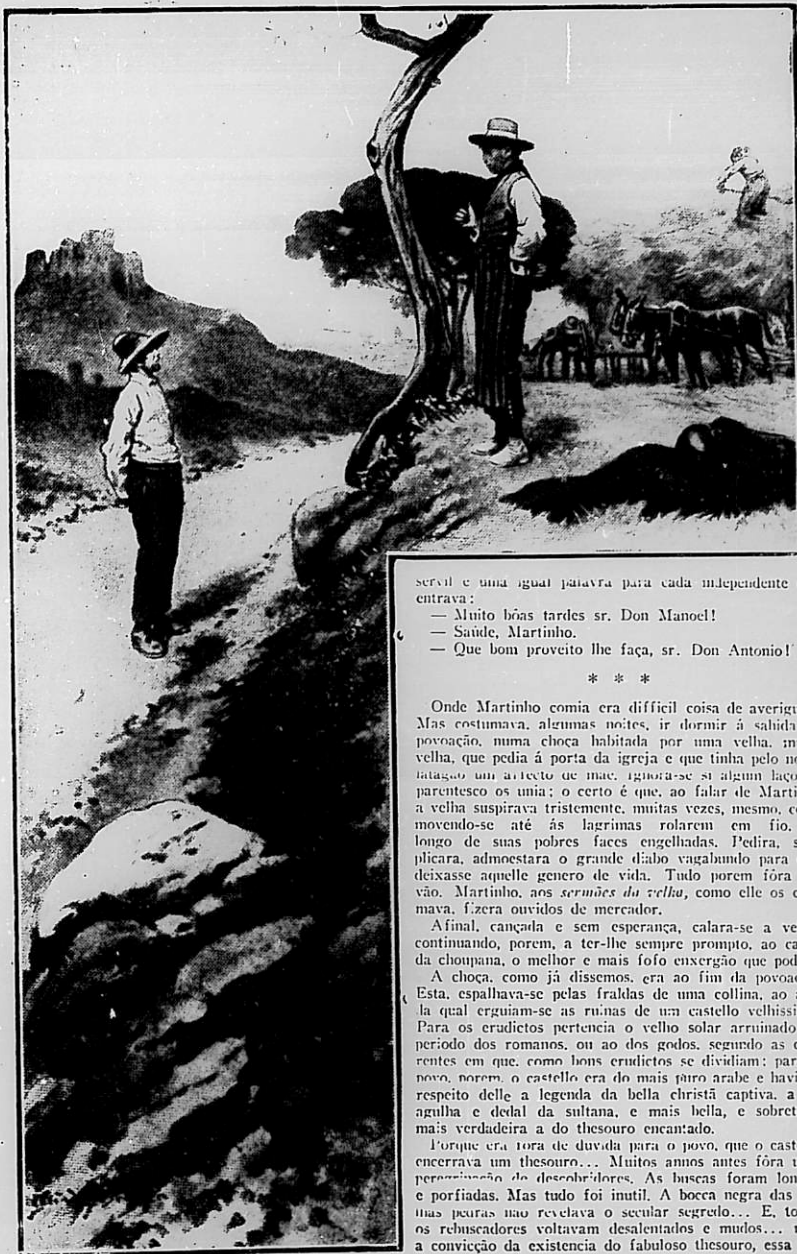
e milho cosido, contanto que vivesse de cara ao sol, deliciosamente estendido sobre a gleba quente dos senhores...

Martinho passava todo o tempo na rua Real. — Tres tendas de vinho e petisqueiras — onde se reuniam, separados mais pelas próprias opiniões que pelas paredes, os liberaes, os conservadores e os independentes. — Não é tenção nossa, o descrever a vida que na rua Real, deslisava lentamente; basta que se saia que tal rua representava o solio supremo do "não fazer nada" em uma povoação onde todos eram calaceiros...

A' porta da tenda dos independentes, Martinho, como um philosopho antigo, deixava correr as horas. Si fosse artista, teria certamente trauteado a meia voz aquella pequena canção dos Athenienses ociosos:

*Onde está a minha rosa?
Minha violeta onde está?*

Mas Martinho nem sequer era artista. De olhos negros, pelle queimada e cor de bronze, gadelha selvagem e espessa, Martinho, á porta da tenda, tinha um sorriso



servil e uma igual palavra para cada independente que entrava:

- Muito boas tardes sr. Don Manoel!
- Saúde, Martinho.
- Que bom proveito lhe faça, sr. Don Antonio!

* * *

Onde Martinho comia era difficil coisa de averiguar. Mas costumava, algumas noites, ir dormir á sabida da povoação, numa choça habitada por uma velha, muito velha, que pedia á porta da igreja e que tinha pelo nosso latão um affecto de mãe. Ignora-se si algum laço de parentesco os unia: o certo é que, ao falar de Martinho a velha suspirava tristemente, muitas vezes, mesmo, comovendo-se até ás lagrimas rolarem em fio, ao longo de suas pobres faces engelhadas. Pedira, supplicara, admoestara o grande diabo vagabundo para que deixasse aquelle genero de vida. Tudo porem fóra em vão. Martinho, aos *sermões da velha*, como elle se chamava, fizera ouvidos de mercador.

Afinal, cansada e sem esperanza, calara-se a velha, continuando, porem, a ter-lhe sempre prompto, ao canto da choupana, o melhor e mais fofo enxergão que podia...

A choça, como já dissemos, era ao fim da povoação. Esta, espalhava-se pelas fraldas de uma collina, ao alto da qual erguiam-se as ruínas de um castello velhissimo. Para os erudictos pertencia o velho solar arruinado ao periodo dos romanos, ou ao dos godos, segundo as correntes em que, como bons erudictos se dividiam: para o novo, porem, o castello era do mais puro arabe e havia a respeito delle a legenda da bella christã captiva, a da agulha e dedal da sultana, e mais bella, e sobretudo mais verdadeira a do thesouro encantado.

Porque era tora de duvida para o povo, que o castello encerrava um thesouro... Muitos annos antes fóra uma peregrinação de descobridores. As buscas foram longas e porfiadas. Mas tudo foi inutil. A bocca negra das veias pedras nao revelava o secular segredo... E, todos os rebuscadores voltavam desalentados e mudos... mas a convicção da existencia do fabuloso thesouro, essa era

sempre a mesma; até mesmo à medida que os insucessos cresciam, crescia ella...

Mas após alguns annos, cessou de todo. O povo conceueu-se, afinal, da impossibilidade de descobrir o thesouro, pelo menos por seu proprio esforço... E, assim ficou elle como um impossivel, como um cumulo de impossivel, mesmo, só realisavel por meio de artes de algum mago ou feiticeiro poderoso. Mas do que se não duvidava, nem de leve, era de sua real existencia. E a todo o estrangeiro que chegasse ao lugarejo era nota obrigatoria a legenda daquelle rei mouro que tendo sido vencido por seus adversarios, antes de abandonar o seu ultimo reducto em terras de Hespanha, escondera ciosamente os seus thesouros, na esperanca de mais tarde, com a volta da fortuna, rebavel-os de novo.

E, assim, muitas vezes, Martinho meditara sobre quanto seria absolutamente feliz, si a sorte, esta deusa cega e surda, lhe reservasse a ventura de ser o descobridor das portentosas riquezas escondidas.

E, mal sabia elle que proximo disso estava, porque certa noite recolhendo tarde ao cubiculo da boa velhinha que o agasalhava, foi encontral-a, a morrer, estendida nas pobres palhas que lhe serviam de leito. Agonisava, a pobre, mas agonisava docemente, sem nada de contracções violentas, de tregeitos macabros. Morria como tinha que morrer: de velhice. Morria com a mesma serenidade mansa com que morre um passaro. E, quasi ao termo da agonia, agitou devagar a mão muito encarquilhada num gesto amigo a Martinho. O vagabundo approximou-se.

— Ouve, Martinho — disse-lhe então a moribunda numa voz distante — eu sei... sei onde está o thesouro... do castello...

Martinho, como cynico era incredulo; mas pensando que naquelle transe a velha não estaria para brincadeiras e mesmo sem saber porque, sentindo o coração aos pulos, chegou suffregamente o ouvido aos labios frios da velha:

— Ouve Martinho... eu vou... vou para o mundo de lá... porem quero-te como... como si fosses meu filho e... vou contar-te o segredo...

— Pois acabe, a tia de contar, com os... não ponde deixar de exclamar Martinho, impacientado.

— Vou... vou dizer-te onde está o thesouro...

— Pois diga!

— Sim... Quero que tu sejas feliz... e por isso, ouve: o thesouro está no fundo do tanque do castello...

— Heim?

— Sim... no tanque que fica no torção grande... debaixo d'agua... tens que procural-o antes do nascer do sol... Has de dizer, tres vezes: "O cipreste não chega ao céu"... e mais dia menos dia, é certo que o encontrarás... o thesouro escondido...

E, tranquillamente, como tinha vivido, a velha entregou seu espirito ao creador. Foi enterrada por caridade e Martinho acompanhou-a á ultima morada.

* * *

Certo dia, antes que a aurora tingisse de rubro o cumme das altas montanhas, Martinho, depois de trabalhosa ascensão chegou ao castello, rodeou o torção grande e parou á borda do tanque. Durante algum tempo contemplou as aguas tranquillias e ao fim, um tanto a tremmer, pronunciou as palavras sacramentaes que lhe ensinara a velha: "O cipreste não chega ao céu".

Mas, nem o mais leve arrepiou turbou a placidez do tanque. Apenas, na serenidade fresca do amanhecer, cantou a clara voz de um melro, dentre a ramaria proxima. Martinho então agarrou de um enorme calhão e atirou-o á agua... e oh! milagre! um rumor, um rumor

metalico, de prata cantando, e em seguida outro, um som aureo, aristocratico, ineffavel chegou-lhe aos ouvidos deslumbrados... Não havia duvida, no fundo do tanque jazia o famoso thesouro do rei mouro...

Porém todos esses magicos sons desapareceram, e a superficie das aguas voltou á sua tranquillidade habitual e Martinho, nervoso e rapido, desprio-se e mergulhou no tanque, que era, de certo, pouco profundo.

Varias e repetidas vezes mergulhou o latagão, tacteando a vaza do leito, as paredes, etc., até que cansado da inutil busca, vestio novamente os seus trapos, e emquanto ao longe o radioso disco solar vinha subindo da linha do horizonte, tomou o caminho de volta á povoação, onde aproveitou as primeiras horas para fazer uma boa colheita de moedas...

Na manhã seguinte voltou ao castello, mas todas as tentativas para a descoberta do thesouro foram como na vespera, perfeitamente infructiferas. Voltando ao povoado, bem cedo ainda, notou que todos o fitavam com insistencia... Que seria aquillo? O Martinho tão madrugador! Era para pôr a pulga atraz da orelha a toda a gente!...

E, ao outro dia, não se querendo dar por vencido, tentou outra vez a grande descoberta.

Nada tendo encontrado não quiz descer tão cedo ao povoado e para matar as horas lá seguiu estrada a fóra. Um vento fresco e ressendendo a boa herva do campo acariaciava-lhe o rosto. E emquanto seguia, caminho adiante, pela primeira vez prestava attenção á belleza dos campos e dos vergues que a luz matutina envolvia num largo beijo amigavel. E, andando, andando chegou a uma herdade, onde se começava a dura mas bemdita faina dos campos. Um homem rude e queimado pelo sol offereceu-lhe trabalho, e Martinho, quasi sem dar por isso, vio-se á frente de dois grandes bois, que calma e pacientemente iam deixando atraz de si o negro mas divino sulco onde o trigo cresce e a fartura dos homens cresce com elle...

E depois desse dia, todos os dias de Martinho teem sido equaes... Não deixa no emtanto de subir todas as madrugadas ao velho castello em ruinas onde um rei mouro, ha muitos seculos atraz escondeu todos os seus deslumbrantes thesouros...

Martinho não o encontrou ainda. Mas, para nós, o que não resta duvida, é que ainda um dia ha de encontral-o, pois que está em bom caminho para isso: — o caminho do trabalho, que é o segredo dos mais preciosos thesouros da terra.

* * *

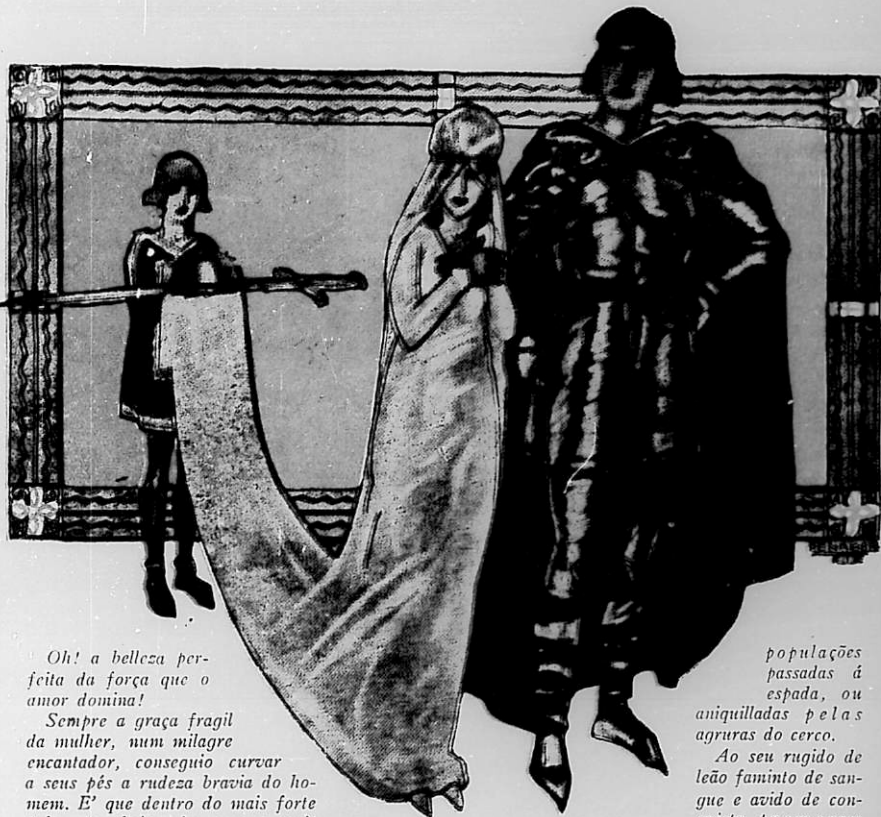
E a velhinha tinha razão. O thesouro do rei mouro, escondido ha tantos seculos atraz, foi encontrado afinal por Martinho. Não eram saccos de ouro ou de prata ou de pedras preciosas... Não eram tambem moedas ou bellas armas antigas de aço póldo ou ainda formosos vasos ou estatuas de bronze ou de alabastro.

Não. Nada disto era o famoso thesouro que Martinho encontrou. O primeiro thesouro, mais precioso que todos os thesouros da terra, consistia na sabedoria profunda das palavras da velha mendiga. Era esse grande e admiravel conselho que, na hora da morte ella soubera dar ao vagabundo.

Nestas profundas palavras havia o ouro da verdade, e o diamante do bom senso, que o mendigo e vagabundo, afinal, como que inspirado, comprehendera perfeitamente.

E, com alguns annos de aturado trabalho, ajudando-se a si mesmo, como Deus quer que se faça, ponde elle erger o seu lar e formar a sua familia, o melhor, o mais alto, o mais valioso thesouro que se pode descobrir na Vida.

AS NUPCIAS DO GUERREIRO



Oh! a belleza perfeita da força que o amor domina!

Sempre a graça fragil da mulher, num milagre encantador, conseguiu curvar a seus pés a rudeza bravida do homem. E' que dentro do mais forte peito, por baixo da couraça mais rija, quando a mocidade prestigia e illumina tudo, palpita um coração amoroso, um pequeno, um fragil coração humano.

O fero e terrivel guerreiro, nos prelios da fé, talvez, talvez nas brutas e ferozes contendas dos barões feudaes tenha visto, mil e mil vezes, a mascara tragica da morte, o rictus medonho do soffrimento, o tregeito macabro do espanto. E, ao longo dos annos, batalhando e se embrutecendo, cheio de sangue e cheio de ira tenha vindo, talvez, superpondo a seu sonoro nome, uma terrivel legenda de crueldades e ferezas. Seu apellido, talvez, nas azas da fama tenha corrido o mundo desde as planicies da Eslavonia fria aos areaes da Africa ardente, levando consigo o pavoroso e rubro cortejo dos seus assombrosos feitos de armas: exercitos vencidos, fortalezas e cidades tomadas,

populações passadas á espada, ou aniquilladas pelas agruras do cerco.

Ao seu rugido de leão faminto de sangue e avido de conquista, trem e ram talvez, os povos, como as arvores do bosque aos primeiros uivos do furacão... E a pobre gente do valle e da montanha, fechando desvaivada e às pressas a porta das granjas e dos colleiros, talvez tenha, em massa, ido esconder-se á tocaia escura e perdida ao fundo dos despenhadeiros, pedindo aos céos que breve passe a tormenta... que um raio de compaixão illumine o coração dos vencedores, que a aza da graça, toque-lhe de leve a superficie da alma... Mas passaram-se os annos, e o guerreiro voltou... E os silenciosos corredores do castello feudal, são um alacre bulício, um festivo tropel, um rumoroso tumulto... Porque? Oh! simplesmente por mais um amavel milagre do pequenino Amor; por mais uma victoria da graça; por mais um poema do coração: — As nupcias do guerreiro.

A mão e a luva

O encanto das mãos! As mãos, como os olhos, tem alguma coisa de profundamente espiritual, alguma coisa de tão delicado e subtil, que dir-se-ia, melhor pertencerem á alma que ao corpo. Não houve poeta que as não cantasse, pintor que não as sonhasse na gloria do colorido, estatuário que não as talhasse, embelezando-as, na alvura divina do marmore, ou na divina transparencia do alabastro.

Como o olhar, expressivas, e como o olhar espirituas, ellas podem dizer do amor e da ternura, da angustia e do soifrimento, do terror e da paixão, como a palavra mais apaixonada e o gesto mais ardente.

Sabem o segredo subtil da caricia, e são petalas velludosas; vibram num aneio de desespero, e são gritos mudos e profundos como as coisas mysteriosas; erguem-se em prece ao céo, ou em supplica aos homens, e são toda a humanidade fraca e dolorosa a vibrar em dez petalas tremulas...

A belleza divina das mãos! O que ellas não dizem, por exemplo, no silencio de uma cela, brancas e maceradas como nenuphars maravilhosos, postas em adoração diante de um crucifixo antigo! Com que reconcentrada amargura não tremem ellas no ar, á hora do poente, num derradeiro aceno ao viajante que se perde no fundo do mar adormecido!

Com que infinita piedade entre os prantos dos que ficam e a angustia sem par dos que partem não fecham ellas os olhos que se cançaram na ultima fadiga! Misericordiosas e puras, sabem o gesto que allivia, que perdoa, que implora, que encoraja, que adormece, que encanta! Podem lembrar azas, e podem evocar petalas macias. Conseguem o milagre de se conservarem puras ainda na paixão mais céga, porque o beijo que sobre ellas pousa, é como um beijo que se dá numa alma: perde toda a impureza das coisas terrenas para ficar aneio que procura o céo.

Mas ao lado das boas mãos, das mãos bellas e beneficicas, das mãos que só sabem a caricia pura e a piedade divina, que infinidade de outras mãos!... Mãos negras e brutas, angulosas e pesadas, recurvas como garras, e implacaveis como odios ancestraes!... Mãos enganadoras e perfidas, envoltas na suavidade da hypocrisia, e habeis teceadeiras de engano e morte...

Mãos pequenas como uma flôr fechada ou largas como uma mancha que se alastra, mas ambas de rapina e dólo, ambas fechando o mundo de um desastre, ou o universo de uma catastrophe!...

Pequenas mãos gentis, que assassinam, inocentemente, ou grandes manoplas rudes e feias que estrangulam com ferocidade!...

E todas ellas no entanto, podem-se occultar, boas ou más, criminosas ou puras, feitas para o affecto, creadas para o odio, todas, todas, com suas varias physiognomias e seus diversos traços estygmaticos nessa coisa fidalga e delicada que o galanteio e a ele-

gancia inventaram: a luva. E occultas, nesse delicioso e fino estojo que percorre todas as gammas do colorido e todas as escalas setineas, mãos de vida, ou mãos de morte, mãos de alabastro ou de ferro, todas ellas são eguaes, eguaes como irmãs gemeas, eguaes como folhas de um immenso livro em branco, eguaes como laminas embaalhadas.

A luva é, assim, a hypocrisia das mãos. Mas, tambem, convenhamos, que hypocrisia deliciosa!



O silencio falla!...



Certo, nem todos podem *ouvir* o silencio. Mas *almas* existem que o ouvem e o comprehendem. Porque tambem é certo que a *vóz* do silencio não vem ecoar em nossos ouvidos, mas sim, em nossa alma. Ouvem o silencio, os poetas e os enamorados. Por tardes calmas e por noites rutilantes de astros, quem, aos vinte annos, ou aos cincoenta, recordando ou sonhando, não ouviu essa extranha e profunda *vóz*, que parece vir de longe, do fundo de todas as coisas grandes da terra, da longura dos tempos e das memorias, da terrivel profundeza dos espaços insondaveis? Pois essa maravilhosa *vóz*, que desperta em nosso sér tantos pensamentos que nunca pensamos, tantos desejos que nunca sentimos, tantas saudades que não sabemos definir, é a *vóz* do silencio.

Vóz que só falla e resoa, quando a vida adormece na imagem da morte, é preciso amar, é preciso soffrer para termos o deslumbramento divino de ouvil-a.

A *vóz* do silencio, que pudemos surprender num parque adormecido, como na paz dos camposantos, é a harmonia imponderavel da vida universal, que anda diffusa nos luares e nos perfumes, nas brumas e nas auras fugitivas.

Nem a todas as *almas* é possivel ouvil-a, mas nem porisso ella existe menos.

Só as *almas* infelizes ou tristes a ouvem... Mas que tristeza e que desventura a das *almas* felizes que em toda a vida não ouviriam jamais a *vóz* do silencio!

eram numerosas, e os movimentos naturalmente variados, assim como as posições da massa geral de executantes. Foram assim, o elo natural de transição para a dramatica. Os



selvagens da Australia, imitam, nestas danças, as vozes de varios animaes e aves, como o canario, a rã, o cangurú, etc. Os habitantes autochthonas do lago Victoria, diz Egge,

executam tão bem a dança do kangurú,

que provocariam estrondosos applausos em qualquer theatre europeu. A interpretação dada por Hirt, desta dança, é a de uma finalidade de magia sobre o animal que se trata de caçar, o que se consegue com relativa facilidade imitando á perfeição todos os seus movimentos.



Nos selvagens americanos,



do Norte, cada especie de caçada tem sua respectiva dança, consistindo tambem, como nos bailes Australianos na imitação dos movimentos particulares a cada animal. O amor e a guerra, são tambem motivos frequentes das danças mimicas selvagens.

De resto existem tambem nestes povos primitivos e em muito maior numero que os outros, as danças de character religioso.

* * *

Nos monumentos egypcios veem-se representados os dançarinos, geralmente, em grupos de duas figuras, em graciosos movimentos symetricos de pés e mãos.



Havia alli, collegios sagrados de musicos e bailarinas. Crê-se que os bailes sagrados destes povos tivessem essencialmente um carecter astronomico. Representavam, segundo parece, o curso dos astros e a harmonia de seus movimentos. No entanto havia, tambem, os bailes guerreiros dançados sempre antes das batalhas ou encontros com os inimigos. Os coreanos bailavam em torno da deusa Astarti.

Entre os



hebreus, estava a dança muito arraigada; existem pelo menos oito nomes hebreus para a designação da dança.

Na viagem atravez do deserto, o povo hebreu bailava em torno ao bezerro de ouro. (Exodo XXXII). De ordinario o corpo de bailarinas era apenas constituido por mulheres; mas em certas circumstancias dançavam homens, tambem.

Havia bailes religiosos ou associados a alguma festa religiosa, como os bailes das filhas de Silo que no dia da "festa de Jahvé" dançavam em torno aos



vinhedos. (Juizes, XXI); os que ao som de cantos e tambores eram celebrados no Templo, depois de restaurado. — (Psalmo 149), e os dos sacerdotes de Baal em torno á imagem deste Deus, no tempo de Elias.

Na Grecia e em Roma já a dança se nos apresenta numa perfeita organização technica e symbolica. Os gregos, mesmo nas mais altas classes tiveram a dança em muita estima e consideração. Socrates praticou-a, e Homero, na *Iliada*, ao descrever os funeraes de Patroclo e de Heitor, e o es-



cudo de Achilles, enumera a série de danças sagradas praticadas naquella época entre os gregos e os troyanos. Herodoto e Clerias, falam da dança entre os povos primitivos da Grecia, assim como não são menos interessantes as noticias que os dramaturgos gregos nos dão a respeito.

Os romanos, durante muito tempo tiveram a dança em pouca estima. Scipião Emiliano, no século II antes de Christo protestava contra a introdução da dança profana nas escolas de gymnastica.

Segundo parece, não eram muito communs os bailados em que tomavam parte individuos dos dois sexos, o que já não succede, em se tratando das danças liricas, consagradas a Apolo, á Marte o a Jupiter e executadas ao som da lyra ou da cythara. Dividiam-se estas danças em "pyrricas", do nome de Pyrrho, filho de Achilles, e eram, em principio, violentas e guerreiras; em "gymnopedicas", em que tomavam parte numerosas figuras numa nudez quasi completa, e eram consagradas a Diana, Bacho, Apolo e Latona e "hyporquemias", muito praticadas pelos cretenses, e que tinham por acompanhamento cantos sagrados.

Depois do triumpho do christianismo, seja como manifestação de fé, expressa de tal arte, seja como reminiscencias do paganismo, o certo é que os fieis costumavam cantar cantos piedosos em frente ás igrejas, acompanhando-os com certos passos de dança, o que praticavam tambem, durante os acompanhamentos funebres.

Os papas Gregorio III e Zacharias supprimiram-nos devido aos abusos a que davam lugar, o que motivou tambem a condemnação dessas danças por parte de varios bispos e concilios.

Nos seculos XI e XII com a evolução e riqueza do canto coral, ganha a musica de baile.

Sob o influxo da antiga melodia e mais tarde da musica mais complicada, em todo o caso ao lado da evolução da poesia, a dança foi recebendo um mais profundo caracter nacional, principalmente entre o povo.

A renascença das letras e das artes trouxe consigo o florescimento da dança, nesse cavalheiresco e amavel aspecto sob que ella se apresenta nos seculo XVI nos bailes de sociedade e nos theatros, ao lado de suas outras modalidades de caracter puramen-



te popular, cujos elementos, de resto, entraram em grande parte na estrutura daquelles.

As danças de sociedade, vieram-se simplificando, até nossos dias, sem contudo perder de todo seu caracter de sensualidade.

As puramente theatraes, entre os esplendores da decoração e da indumentaria chegaram ás mais altas formas da sumptuosidade, e á



exibição de um realismo que não justificará jamais nenhum grão de civilização.

As danças puramente espirituaes, taes como a lindissima "valsa", a "polka. o "schttisch", a "mazurka", o "boston", o "cotillon" etc., vieram tombando de declinio em declinio, até o ponto em que os vemos hoje, isto é, quasi absolutamente esquecidas.



Em verdade, marcaram ellas o período romantico e o espirito sonhador e fino de uma epoca, cujos ultimos alentos vieram morrer no tumultuario e febril da vida moderna.

Não fallando de danças puramente regionaes, que a tradição dos varios povos conservam, como os bailados populares da Hespanha, da Italia, de Portugal, da Russia, etc., a dança hoje universalmente conhecida e praticada e que ficará, até certo ponto como uma manifestação de psychologia tumultuaria e aberrante de nossa cultura e civilização, é o famoso "fox-trot", e o cortejo de suas similares.

Nada ha nelle de espiritual ou symbolico, pelo menos na acepção alta destes termos. Rasteiro e brutal, nunca chegará á belleza do rythmo, como nunca poderá ser senão movimento desordenado, agitação e mais nada.

Dança, onde se advinha a melopea boçal das raças primitivas, alliada ao sensualismo grosseiro dos cabarets, está longe de significar o desejo alado do coração ou a aspiração eterna da alma para ignotas regiões.

Todo o sentimento nobre foi eliminado nella. Ficou o contacto dos corpos que se estreitam, na lascivia dos ambientes vulgares.

Dança de "apaches" e de "gigoletes", prima irmã da cocaina e do ether, não póde ella significar absolutamente o grão espiritual de uma epoca como a nossa onde toda a humanidade aneia e se agita num desejo de justiça de belleza e de bondade.

Como todas as manifestações do espirito humano, verdadeiramente superiores e bellas, algumas das antigas danças, como a valsa, resurgirão do esquecimento em que foram lançadas. Não morreram de todo. Passaram, mas certamente voltarão. Si não em sua forma integral, em seus principaes elementos.

De algumas das modernas danças, já não poderemos dizer o mesmo. Uma vez atiradas ao inevitavel canto do esquecimento, não mais d'alli sahirão, pois que não contem em sua estrutura elementos vitaes sufficientes para renascerem de suas proprias cinzas.

A este processo fatal da selecção não escapará com certeza o celebre e immoralissimo "fox-trot" hoje dançado, (infelizmente) não só em meios perfeitamente inferiores, mas ainda em muitos salões que se presam.



No entanto, nada mais prejudicial aos costumes e á moral que a accepção, relativa embora, que essas dan-



ças tem tido na sociedade. Por mais benevolente que seja o critico, do ponto de vista coreographico não encontrará em "nenhuma" das modernas danças



e a es valores de belleza ou de esthetica. Todas ellas. são feitas, apenas, para o estimo das mais baixas e animalescas paixões. Não são danças onde o espirito se eleva e o coração palpita; são apenas, "pretextos", para a satisfação de sortidos appetites e de attitudes mais que licenciosas.

Todos os seus movimentos, faltos de graça e de gentileza, respondem unicamente, á mimica da luxuria, e ao rythmo, si assim nos podemos exprimir, da sensualidade.

O pernicioso effeito moral dessas danças, que passaram do ambiente equivooco dos "cabarets" ao alto meio social, tem sido terrivel nas novas gerações.

O romantismo da valsa, levado ao excesso por gerações passadas foi, inegavelmente, prejudicial á formação de caracteres, emprestando á alma dos moços uma morbida languidez, uma, como poderíamos chamar, "anemia de nova especie". Mas antes esse



romanticismo, que a moderna brutalidade... porque queira-se ou não, a verdade é que os costumes decaem extraordinariamente dia a dia, apesar de todos os movimentos de defesa que certas camadas sociaes intensificam no desejo louvavel de ser opposto um dique ao dissolvimento dos costumes.

A dança, como dissemos a principio, tem sido cultivada por todos os povos e em todas as épocas.

Em muitas civilizações, marcou, mesmo, a arte maravilhosa da dança, o gráo de cultura adquirido por um povo; durante a longa historia humana, esteve ligada á evolução da esthetica, da mithica, do espirito guerreiro das raças; com certos povos, attingio altos gráos de perfeição rythmica ou symbolica; com outros, cahiu deploravelmente; mas, sinceramente, nunca desceu tanto como nos ultimos tempos...

Sem brilho, sem alma, sem belleza, só a podemos comparar a seu irmão gemo, o barbaro e estrepitoso "Jazz-band".

Os clichés que damos nestas paginas dão bem a idéa da evolução da dança através dos paizes, desde a India e o Egypto, á Grecia, ao Japão e á Europa.

Por elles podemos ver a enorme differença que existe entre a esthetica de algumas das antigas danças, e o materialismo grosseiro das danças de hoje, vulgares, rasteiras e immoralissimas.

O valentão

(Conto)

Até a chegada de *Caiphás*, a cidade vivera em perfeita tranquillidade. Pedro, o negociante de tecidos; Francisco, o magarefe; e o sapateiro Antonio e o resto dos mestres do lugar apenas se dedicavam a seus misteres e a suas famílias. As ruas da pequena cidade se enchiam com as canções dos moços aprendizes e com o alegre pregão dos vendedores ambulantes. O clamor de todos os officios cantava seu hymno triumphal de alegria e fartura na transparencia das manhãs cheias de luz, misturando-se á voz de bronze dos campanarios.

Os senhórios, nas festas publicas ou nas noites do Casino, fraternisavam com os trabalhadores. Nunca no velho casarão, todo em granito escuro, do Casino, tumultuara a voz terrível dos rancores politicos, ou das discordias de jogadores infelizes. A cidade não tinha guarnição militar nem Universidade. Para cumulo de felicidade não havia prestamistas e casas de penhores...

Com seu prospero commercio, sua lavoura em progresso, um clima admiravel, era a pequena cidade como que um oasis, em meio as outras febris cidades do paiz. Não tinha, mesmo, mendigos nem latifundios. E, com a graça de Deus, a paz reinava, completa, fecunda, abençoada... Porque, alli, todos os homens possuíam um admiravel caracter como todas as mulheres orgulhavam-se mais da sua honestidade que da propria belleza. Ora, a esta cidade maravilhosa, aportou um dia *Caiphás*, e com elle o espirito da discordia. A chegada desse terrível personagem foi uma coisa verdadeiramente inaudita, um acontecimento tão fóra dos habitos pacatos da cidade que constituiu a pagina mais tremenda de toda a sua historia. Que prepotencia insupportavel, que grosseira inaudita, a desse indesejavel visitante!

Uma tarde, achavam-se no terraço do Casino, em dois dedos de boa palestra, mestre Pedro, o negociante; Procopio, o escrivão publico e o rico proprietario Anacleto. Preparava-se este ultimo para deitar uns torrões de assucar em sua chave-

na de café, quando *alguem* arrebatou-lhos das mãos. Todos fitaram o desconhecido que pouco se importando com ser objecto dessa curiosidade, comeu o assucar numa tranquillidade irritante.

— De quem será este cão tão mal educado? — perguntou Anacleto.

Um sujeito alto e espadaudo, de ademanes e gestos canalhas, deixando tombar com fracasso sobre o marmore da mesa a enorme bengala, respondeu:

— Esse cão pertence a um meu creado, Francisco Ignacio, o *Trovão*; e o que faz *Caiphás*, seu amo o sustenta em qualquer terreno... Ha aqui *alguem*, que affirme o contrario?...

Os mansos burguezes desfizeram-se em desculpas. O cão era realmente muito bem ensinado e até gracioso como poucos!...

Era um cão qualquer, de uma cor equivoaca, de vermelhos olhos ferozes. Pedro, esboçou uma caricia, para adular o dono, porem *Caiphás* cortou recisamente a meio aquella tentativa, rosnando uma ameaça rouca...

— E' um cão muito independente — disse o amo, rindo e mostrando uma dentadura amarella como o teclado de um velho piano.

— E... ficarão os senhores muito tempo aqui?

— E' boa! Si vamos residir para sempre na cidade!... De resto si a *alguem* não cahir no gosto, isso me é absolutamente indifferente... Fico aqui, porque assim me dá gana, e máo grado quem quer que seja...

— Homem! — interrompeu mestre Pedro — bem podia o senhor ser menos violento em suas expressões...

— Fallo como quero!... Como homem... O que parece haver poucos, por aqui!...

Todos empallideceram. Quem seria aquelle energumeno, e a que teria vindo? Comprehendiam que era de seu dever esbofetear, aiii mesmo, tão malcriado personagem, porem sua doce e sedentaria existencia havia-lhes amolecido os brios varonis. Não estavam acostumados a rinhãs nem a desassocegos, e ficaram, para alli, mudos, corridos, como quatro homens de pedra...

Mas o peor foi quando se soube na cidade que o *Trovão* viera instalar no Casino, sob a pro-



tecção de poderosos personagens uma banca de roleta.

*
*
*

Onde haviam de ir passar as tardes os habitantes da pacífica cidade sinão no seu velho Casino? E, como a tentação estava alli, a dois passos delles, muitos soffreram o encanto da Sereia. Uma febre de vicio accelerou o pulso da cidade tranquilla.

O *Trovão* levava uma vida regalada enquanto seus sequazes faziam funcionar o aparelho do jogo. Embriagava-se constantemente e então, insultava os homens e dizia obscenidades às mulheres. Mas toleravam-lhe tudo, cheios do pavor terrível que incutia.

Uma tarde, durante uma procissão, *Caiphás* teve a idéa de querer formar na comitiva. Collocou-se ao lado do cura, dando uns grunhidos surdos ao ouvir o psalmodiar dos fieis, com essa mysteriosa antipathia dos cães pela musica. Alguem, menos paciente e vexado, applicou-lhe um certoiro pontapé. Então o *Trovão* dissolveu a procissão á bengalada. Foi um verdadeiro panico, a que não fugiram os mais audazes.

Nessa noite, no Casino, respondendo a umas timidas observações, o *Trovão* exclamou:

— Aqui pode-se fazer tudo, porque não ha um homem!... São todos um rebanho de carnei-

ros. Mais de vinte pessoas ouviram-no. Ninguem teve um arranque cavalheiresco. Só o escrivão publico teve um gesto mais atrevido.

— No entanto, em toda uma cidade...

— Disse que aqui não ha um unico *homem* e sustento o que disse!

— Você, o que é, é um foragido... um foragido! — gritou o escrivão, de repente, erguendo-se, o dedo espetado, na direcção do *valente*.

Um oh! admirativo saudou esta heroica attitude do escrivão. Mas o *Trovão* ergueu a grande bengala e surrou, regaladamente, durante um quarto de hora o temerario, na presença de todos os vizinhos, petrificados de medo.

*
*
*

Para festejar a façanha, o terrível aventureiro tomou uma hebedeira famosa. No apogeu da excitação alcoolica, encontrando-se com uma moça da cidade fez-lhe uma atrevida caricia, no rosto.

A surra no escrivão e aquella ultima manifestação de canallismo soez puzeram fogo ao rastilho da indignação popular.

*
*
*

Quando o *Trovão*, ainda sob os effeitos do alcool, regressava á casa vio-se de repente cercado por mais de cem pessoas, que de um só impulso lançaram-se a elle. Traziam cordas. Amarraram-no, como quem amarra uma rez.

— O melhor é atiral-o ao rio.

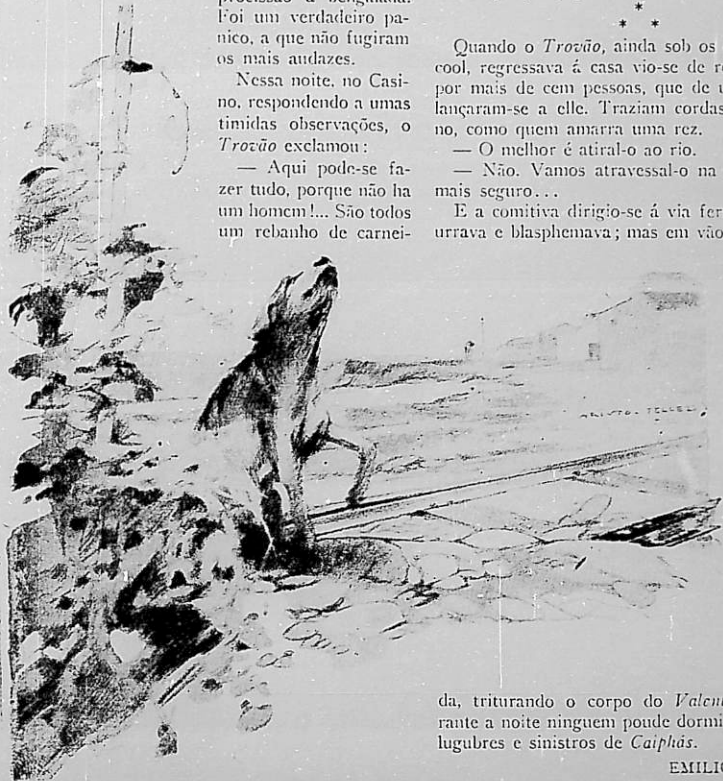
— Não. Vamos atravessal-o na via ferrea. E' mais seguro...

E a comitiva dirigio-se á via ferrea. O *Trovão* urrava e blasphemava; mas em vão. Toda aquella gente transformada pelo odio e pelo medo num unico monstro não tinha ouvidos nem coração.

Collocaram-no sobre os trilhos. D'ali a pouco ouviu-se um silvo agudo. Era o trem que se approximava, e que passados instantes, atravessava por alli numa carreira doi-

da, triturando o corpo do *Valentão*. Mas, durante a noite ninguem podeu dormir com os uivos lugubres e sinistros de *Caiphás*.

EMILIO CARRERE.



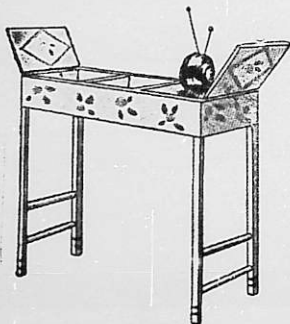
Como devemos montar um gabinete de trabalho



Não poucas vezes temos visto nossas amiguinhas em um momento de desânimo exclamarem: Como hei de mandar fazer a minha mesa de trabalho?

A primeira vista parece um problema assaz complicado dada a variada utilidade que se requer de um movel dessa ordem, porém se attentarmos bem, vemos que não apresenta dificuldade alguma, e que com um pouco de boa vontade e paciência podemos ainda confeccionar pequenos objectos e moveis mesmo, de uma indispensavel utilidade junto ás mesas de trabalho de uma senhora e senhorita: simples, discretos, elegantes e até luxuosos, com um dispendio minimo.

Attentemos bem para a gravura onde duas graciosas senhoritas se empenham em confeccionar



Modelo de mesa de trabalho, com tres compartimentos.

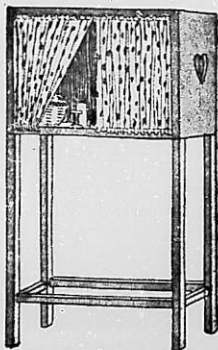
um cesto para costuras: quatro sarrafos de pinho, torneados ou lisos presos no centro dois a dois como folhas de tesouras; tres sarrafos menores prendem as bases e o centro da tesoura e um panno forte e resistente preso nas superiores ex-

tendido por um cadaço. Eis ahi como foi feita essa artistica peça.

Na verdade, dirão, é bem simples e resta sómente que a leitora applique o seu gosto artistico na escolha do panno, na cor do verniz a se passar na madeira, sendo que em nossa opinião devia ser negro azeviche, que é a cor mais em voga e que offerece um bello contraste com o linho branco do mobiliario que impera hoje mais que nunca no lar.

Aconselhamos a escolha do pinho por uma razão muito simples: mais leve, mais facil de ser manejado, é o que melhor se presta para o verniz negro, dando ao movel uma feição distincta. Não

julgamos de bom alvitre o costume de se pintar a oleo a fazenda que forma o sacco, disposto na parte superior do movel, pois se assim fizermos nos veremos na contingencia de ter sempre esse traste aberto, e se assim não fizermos elle corre o risco de se estragar logo porque o oleo endurecido começa por formar dobras que mais tarde acabarão rasgando a fazenda.



Pequena etagere, com cortina de cretone escuro.

inutilizando-a totalmente. Seria bem mais preferível em vez do óleo, fazer a pintura a aquarella, ou então um bordado qualquer, desde que não encontre uma fazenda estampada, um lenço grande, muito usado pelas camponesas, por exemplo, seria de um bello effeito.

Deante do exposto temos a plena certeza que a leitora intelligente está já architectando o modelo, a côr e a qualidade da fazenda para confeccionar uma peça dessa ordem. E'

como se vê, indispensavel junto a uma mesinha de trabalhos nos gabinetes.

Innumeras são as formas de mesas de trabalho para senhoras. Temos visto expostas em muitas casas de moveis, porém poucas, ou melhor,

quasi nenhuma se presta verdadeiramente aos fins a que é destinada. Julgamos que o melhor meio é ainda mandar fazer especialmente uma ou duas peças e para isso offerecemos os modelos que illustram estas paginas, sendo que algumas dellas poderiam até constituir uma diversão para

os nossos irmãos e esposos que nas horas de lazer de martello e serrote em punho prestariam um bello serviço, economizando algumas dezenas ou mesmo centenas de milréis.

Novamente aconselhamos o pinho ou uma madeira branca qualquer, porem que apresente as mesmas vantagens citadas. O modelo da mesa de trabalho, com tres compartimentos, montada sobre quatro pés, não é uma originalidade, pois de ha muito que a conhecemos, porem é bastante pratica dada sua utilidade. Toda ella, como se vê, é feita em madeira lisa, com quinas salientes, não devendo ter mais de um metro e dez de altura por setenta centimetros de comprimento e trinta de largura; isto no caso de não ter a leitora uma banquette propria para costuras, pois então a altura dessa peça seria consideravelmente diminuida.

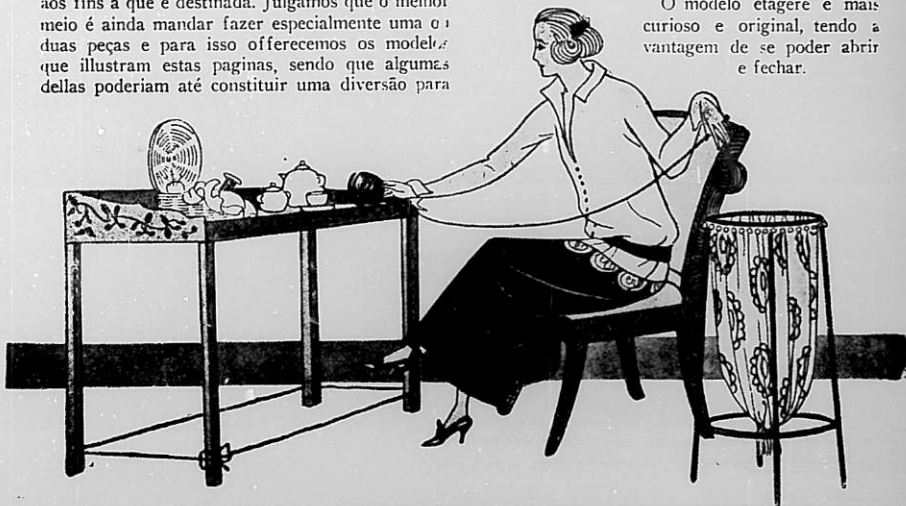
O modelo etagere é mais curioso e original, tendo a vantagem de se poder abrir e fechar.



Um velho chapéo de palha, pôde muito bem servir de cesto para se guardar o trabalho.



Conjunto de tres pranchos rectangulares entre as quizes se colliga uma grande bolsa em tela de Jozé



A ARTE DELICIOSA DE VATEL

Os pratos frios para os dias quentes



O verão é a quadra que todos preferem... menos a cosinheira. Além do calor terrível do fogão, ha para ella o fastio antecipado dos convivas, exclamando, mal se sentam á mesa:

— Que calor insupportavel! Quem tem appetite com uma temperatura destas?! E, as jovens donas de casa, não bem experientes ainda, não sabem a que santo se agarrar. E' para essas jovens e inexperientes "menageres" que escrevemos estas paginas culinarias. São magníficas receitas de pratos frios, de saborosos pratos, que forçosamente excitarão o appetite tarde dos comensaes.

O estio é a estação dos pratos á base de vinagre e dos "hors d'oeuvre" de que, no entanto, não se deve abusar. Infinitamente melhores os pratos á base de geleias, tão saborosos como aquelles e muito menos indigestos.

Comecemos, no entanto, pelos "hors d'oeuvre". Eis aqui um dos mais agradaveis sem ser comtudo dos mais dispendiosos: sardinhas de escabeche. Para fazel-o, põe-se algumas sardinhas num molho composto de azeite superior, aquecido, e varios cheiros como alho, cebolas, louro, salsa, e mesmo um leve galho de rosmarinho; deixa-se frigrir bem as sardinhas, feito o que põe-se numa terrina de forma e côr agradaveis. — que possa ir á mesa. Torna-se a levar ao fogo o molho, depois de se lhe juntar um pouco mais de azeite. Quando estiver quasi em ponto de ferver derrama-se-lhe um leve fio de vinagre e o caldo de um limão, derramando-se tudo sobre as sardinhas, que devem ser servidas no dia seguinte.

Esta mesma receita pode ser usada para outras especies de peixe miudo. E', de resto em-

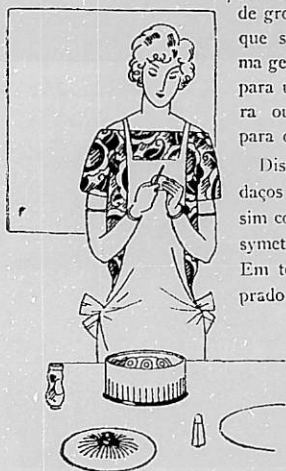
pregada tambem na preparação da enguia que, muito gelatinosa por natureza, apresenta no dia seguinte um bello aspecto. Este ultimo prato deve ser guarnecido com rodelas de ovos duros e salsa.

Caponata. — E' um prato siciliano que pôde ser servido quer como "hors d'oeuvre", quer como legume. Toma-se algumas berigelas bem duras que se corta em grossas fatias e salga-se. Frita-se em azeite doce, superior. Toma-se uma cebola, grande, que se corta bem fino e leva-se ao azeite quente; ajunta-se a isto 50 grammas de assucar e 2 decilitros de massa de tomate; deixa-se reduzir ao fogo; ajunta-se ainda um copo de vinagre superior, ou succo de limão, bem forte, sal, pimenta, 100 grammas de azeitonas, quatro anchovas bem lavadas, tudo cortado como para a sopa Juliana. No ultimo instante, derrama-se esta mistura sobre as berigelas que se amontoa umas sobre outras num prato proprio. Enfeita-se em toda a volta com ovos duros, atum no azeite e pedaços de lagosta. Serve-se no dia seguinte.

Os ovos constituem, nos mezes de verão, um optimo recurso. Ha varios modos de preparal-os. Um dos mais simples consiste em cozinhal-os em agua ligeiramente envinagrada, e collocal-os depois em pequenâs conchas de porcelana, em cujo fundo tenha-se previamente deitado um pouco do que os francezes chamam "crème double". Sobre os ovos assim dispostos põe-se alguns cheiros, como salsa, etc.

Um interessante capitulo nesta questão de pratos frios é certamente o do peixe. Um prato elegante e saboroso é a lagosta á "bellevue". E' um prato esplendido e que bem confeccionado, sobre ser muito vistoso é ainda relativamente economico. Toma-se uma lagosta que se deixa cozinhar

a meia fervura. Deixa-se esfriar nessa mesma água após o que tira-se-lhe a casca. Corta-se em



pedaços de um dedo de grossura, pedaços que se molham numa geleá, in color para uns, escura para outros, e loura para outros ainda.

Dispõe-se os pedaços de lagosta, assim cobertos, numa, symetria agradável. Em toda a volta do prado guarnece-se com pequenos "bouquets" de pentas de aspargos, trufas, cogumelos, ervilhas, couve-

flor, etc., todos estes legumes cozidos á parte, em água e sal apenas. Cobre-se ligeiramente os legumes com uma geleá bem clara e por ultimo guarnece-se toda a borda do prato com "mayonaisse" bem espessa, na qual já se ajuntou, em pequeninos pedaços a carne das patas da lagosta.

Para as donas de casa que passam o verão no campo, eis aqui um prato muito proprio: a truta noruega. Toma-se uma truta de tamanho regular, que se limpa bem e tira-se a pelle. Envolve-se em uma composição de carne de pescada, 50 grammas de manteiga, sal, pimenta, noz moscada, pimenta de Cayene, um ovo, um pouco de leite e algumas trufas picadas. Restabelece-se a truta em seu primitivo aspecto, envolve-se num guardanapo e leva-se ao fogo em leite salgado. Deixa-se esfriar, tira-se o guardanapo e deixa-se congelar na geleá. Guarnece-se com ovos duros, cortados ao comprido, e cheios de salada russa, de carás, etc. Em torno uma "mayonnaise" pouco espessa, misturada a massa de tomate.

Um magnifico e delicioso prato tambem é o faisão á Sourvaroff. Abre-se e limpa-se o faisão, de que se extráe os ossos do peito com muito cuidado para não deformal-o. Misturam-se a alguns figados de pato e trufas cozidas, uma meia garrafa de vinho do Porto. Torna-se a fechar a

ave e põe-se em salmora durante tres dias, depois do que reduz-se a salmora, ajunta-se geleá de caça, com um pouco de manteiga. Fecha-se numa vasilha, hermeticamente, e leva-se ao forno durante uma hora. Serve-se frio, na mesma terrina em que foi ao forno.

Por ultimo e para terminar estas paginas damos uma magnifica receita para a preparação de tomates recheiados com legumes. Eil-a:

Toma-se uns tomates grandes que sejam redondos e lisos; depois parte-se de maneira que, uma das partes a que deve ser recheiada fique maior que a outra que vae servir de tampa; tira-se todas as sementes e um pouco de polpa. Para se fazer o recheio pica-se os seguintes legumes já cozidos: umas batatas, um pouco de vagens, cenouras, ervilhas, etc.. Deita-se ao fogo uma cassarola com uma colher de manteiga fresca e uma colherinha de farinha de trigo, deixa-se cosinhar juntando-se depois uma chicara de leite, rodas de cebollas e um ramo de cheiros, deixa-se ferver um pouco e tira-se os cheiros; em seguida deita-se os legumes, mexendo-se com uma colher de pão, mas,

com cuidado para não esmigalhar-os. Tira-se a cassarola um pouco do fogo e acrescentam-se duas gemas de ovos já desfeitas, voltando depois novamente ao fogo, mas sem se deixar ferver e acedendo a cassarola para que o recheio fique amarello por igual. Com elle enche-se os tomates e cobre-se com a parte da tampa.



E eis como com um pouco de boa vontade e um gasto não excessivo pode-se ter durante os dias quentes de verão a delicia de alguns pratos frios.

UM CALVARIO

Naquella grande casa de seu pae, Maria, era, com seu passo lento de automata, como uma sombra silenciosa, como uma alma do outro mundo.

Tinha doze annos, apenas, mas, pequenina e enfermiça, com uns grandes cinzentos olhos melancolicos, sempre tímida e acanhada, parecia uma velhinha.

Andava pela casa toda, na faina dos mistéres caseiros; entrava nos aposentos sumptuosos da madrastra, sempre impregnados de um intenso e extranho perfume; no bello quarto de banho, no gabinete de seu pae, luxuoso, de um luxo severo de ministro, com centenas de livros, alinhados nas estantes como soldados enfileirados...

Tambem descia ao jardim, e ao quintal onde as galinhas, ao vel-a tinham cordealidades de velhas comadres bonachonas; e onde as pombas, como si adivinhassem o abandono em que vivia, vinham pousar-lhe nos hombros, acariaciadoras e mansas.

Só nunca entrava na sala de visitas. Alli, quasi sempre estava sua madrastra, em companhia de senhores e senhores, elegantes e cerimoniaes — e tambem suas duas irmãs, filhas da mulher de seu pae, muito formosas e cheias de si, em quem Maria, não tivera companheiras de seus folguedos infantis, mas apenas extranhas, e senhoras.

Vestia, a orpham, quasi sempre, um pobre vestido, humilde como uma estamenha.

Certa vez, estando enferma, cortaram-lhe o cabelo, muito louro e abundante. Durante essa doença, promettera á virgem, si ficasse boa, vestir aquelle habito de penitente.

Desde então, de cabelleira curta, magra e mettida naquella veste, parecia um pequeno frade medieval. Assim, como se teria apresentado a essas fidalgas pessoas que iam á tarde tomar chá com sua madrastra?

Maria era filha de Francisco de Almeida, homem de uns 50 annos, fechado em si, todo egoismo, todo entregue aos seus grandes negocios, que casara pela primeira vez com uma senhora do interior, por conveniencia. Aos dois annos de matrimonio viera ao mundo a pequena. Mas desde esse momento a mãe de Maria foi definhando, numa debilidadade crescente e inquietante, até que em certa tarde de Maio fechou os olhos na morte, numa grande serenidade de santa.

A orpham ficou ao cuidado de d. Anna, uma velha amiga da defunta; enquanto Francisco de Almeida continuava a sua vida de todos os dias, na anciedade de augmentar cada vez mais a sua grande fortuna.

Mas, dois annos depois casava-se o capitalista, pela segunda vez. Desta vez, porém, casava-se por amor. Prendera-o os encantos de uma viuva, senhora, de grandes maneiras aristocraticas, amiga de confortos e de luxos.

II

Assim, foi que, certa vez, o capitalista, chamou Maria e disse-lhe:

— Minha filha, dentro de poucos dias, teu papae, casa-se... Vaes ter assim, uma nova mamã, que será



...Tinhm cordealidades de velhas comadres...

muito tuã amiga e a quem estimarás e obedecerás...

D. Anna ficará para te ajudar, porque virão tapeccios e marceiros... Tua futura mãe chama-se Amelia, e é muito bondosa... has de chama-la sempre de mamã... Terás tambem, duas irmanzinhas, uma mais nova do tu, chamada Rita, a outra, Eliza, já mocinha...

Has de estimal-as como si fosses tuas verdadeiras irmãs, porque ambas são muito boas e educadas...

D. Anna, ao saber da nova, indignou-se e disse ao capitalista algumas duras verdades, pois era destas velhas que o que tem no coração teem-no na bocca.

Francisco de Almeida, furioso, pol-a na rua, e assim ficou a pobre orpham, sózinha, com suas lembranças e melancholias

Vieram os novos moveis e as ricas tapeçarias. Mudou-se o aspecto grave da casa completamente. Apenas o quarto de Maria, continuou o mesmo. Nelle, a pequena reuniu alguns moveis mais intimos, algumas recordações de sua mãe, formando, de tal arte, um conjunto de objectos que dava ao aposento um certo ar de museu de familia.

Sobre tudo, o que com maior empenho guardou foi: um grande boneco de molas, e um retrato da morta, com um traço de severa tristeza, como ha em alguns dos quadros do Greco.

Muitas vezes a pequena sentia-se perturbada ante aquelle retrato, donde parecia desprender-se como que um resplendor milagroso, alguma coisa assim como a emanação de uma vida sobrenatural.

Durante as longas noites de inverno, em sua solidão, tão triste, Maria abismava-se na contemplação desse retrato, tendo mesmo chegado a passar muitas noites em claro. Beijava, então, a morta, num beijo de despedida, e julgava ver errar um sorriso bom naquelles tristissimos labios maternos.

Naquella atmosphera de recolhimento e de saudade do seu pequeno quarto, ia a orpham beber a força para viver a triste vida do seu abandono.

Assim, guardara sempre a pobre pequena, uma doce, amavel lembrança daquella mãe morta na flor dos annos. E essa lembrança era o unico raio de luz na sua vida de pequena solitaria.

Finalmente, uma tarde veio d. Amelia e suas duas filhas. A madrastra beijou-a fria e cortezmente, e as duas meninas fitaram-na com soberbia. Uma dellas ao ver o seu traje de humidade, a sua pobre cabelleira curta, aquelle ar de serva submissa, não se pôde ter que não risse. E, mostrando Maria a sua mãe disse, com a crueldade terrivel das creanças:

— Que feia! parece um fradinho!

Maria ouviu, e teve que se esforçar para conter o pranto.

Nisto, a menor das filhas de d. Amelia deu de vista no grande boneco de molas, pediu que lho dessem, e como não foi attendida rompeu num grande choro de amúo.

— Dá-lhe o boneco, ordenou o pae á Maria. E a pequena teve que entregar o seu rico boneco á ca-

prichosa, que immediatamente tratou de escondel-o. E, o fim dessa tarde, passou-o Maria, a chorar, diante do retrato de sua pobre mãe.

III

D. Amelia aborrecia entranhadamente a orpham, recordação constante da "defunta", nota triste daquelle lar.

O capitalista, todo entregue ás delicias da lua de mel, quasi que a esquecera.

— E' muito grosseira! — dizia a senhora.

— E tola, — ajuntava a mais velha, das meninas.

E, a menor, pedia que lhe dessem o grande honneco... que ella mesma escondera.



Nas cartas que me escreveste está toda tua alma.

Enfurecia-se o capitalista, julgando que a filha, era mesmo tudo aquillo que diziam della.

De quando em quando a pobre pequena tinha umas horas de tranquillidade. Era nos domingos, ao entardecer, quando todos de casa sahiam a passeio, e ella ficava sózinha.

Então a boa da d. Anna, entrava ás occultas pela porta de serviço, e vinha beijal-a.

Choravam juntas, então, toda a sua tristeza. A velha e a menina.

— Tua mãe, — dizia d. Anna, era uma santa, mas teu pae, minha pobre filha, é um homem sem vontade. E's aqui, menos que uma creada.

E, depois de beijar a creança, partia, para voltar no domingo seguinte.

Passaram-se varios annos. A mais velha das filhas de d. Amelia era já uma moça perfeita. Maria tinha dezesseis annos: a idade em que o amor apparece, em sua nuvem de encanto.

Intelligente e espiritual, era a orpham quem escrevia as cartas da outra ao noivo, um rapaz culto e bondoso que lhe respondia em longas missivas apaixonadas e sentidas.

E, assim, entre aquelles dois espiritos, — o da orpham e do Eduardo, estabeleceu-se como que um mysterioso laço de idéas e sentimentos analogos.

E succedeu que Maria, entregue por completo a este estado de alma, chegou a vér no noivo da outra, alguma coisa de proprio, de seu, de cosubstanciado com o mais intimo do seu sér.

A' noite, ao deitar-se, despellido-se do retrato da doce mãe, a imagem de Eduardo atravessava-lhe o pensamento.

E, involuntariamente confundia as duas imagens caras, na aureola da mesma ternura.

Certa noite, (Eduardo já então frequentava a casa, em caracter de noivo), Maria, casualmente, ouviu o rapaz dizer á namorada:

— Nunca poderia amar outra mulher, como te amo a ti. Nas cartas que me escreveste está toda a tua alma... e penso que não ha na terra uma alma igual á tua.

Maria agarrouse a um movel para não cahir. Suffocou a sua grande dôr e disfarçou... mas, á noite, teve uma febre intensa, e a tosse de que ha muito soffria não lhe deu uma hora de tregua.

IV

Tempos depois realizou-se o casamento dos jovens. Maria estava de cama e não poude assistir aos festejos nupcias...

Encontraram-na morta no dia seguinte.

D. Amelia, chorou muito, mesmo, choraram as duas moças. Mas a velha d. Anna, ao vel-a morta, a sua pobre martyr, não chorou...

Olhou-a apenas. Olhou-a longa e silenciosamente, e o seu olhar enxuto e o seu silencio, fizeram seccar as lagrimas idiotas da hypocrisia...

Quanto ao capitalista, não se suprehendeu muito com a morte da filha. — Andava doente, ha muito tempo — disse — e voltou aos seus negocios.

E assim findou, no silencio e no abandono, uma vida que foi um cruciante calvario.

ECONOMIA DOMESTICA

COMO E' TOMADO EM CONSIDERAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS O IMPORTANTE PROBLEMA DA ECONOMIA DOMESTICA

Em todos os países de cultura pedagógica verdadeiramente superior, o ensino de economia doméstica é matéria obrigatória nos programas universitários.

Entre esses países de evolução científica moderna, destaca-se a América do Norte, em cujo ensino público, quer elementar quer secundário, existem cursos especiais, da matéria, installados de forma a preencherem cabalmente os fins a que se destinam.

No artigo que segue demonstra-se as vantagens de toda a ordem que a adopção desses métodos pedagógicos, baseados principalmente sobre o ensino expositivo e experimental nos trariam caso os adoptássemos.

Com o extraordinário desenvolvimento industrial dos últimos annos, a maior parte das pequenas indústrias caseiras que estavam a cargo da mulher, foram transferidas do lar para a fabrica. A dona de casa a cargo de quem estava a maior parte de trabalhos domésticos, como a confecção de tecidos, a preparação das conservas, etc., aciou-se, de tal arte, como que deslocada de seu meio, onde ha seculos e seculos vinha exercendo a sua actividade fabril.

Mas, si a sua função transformou-se, e de productora, passou a mulher a ser a distribuidora dos bens da



Fazendo um manequim.

familia, nem por isso a economia doméstica, esta sciencia que foi o titulo de gloria das matronas romanas, e que deve ser o melhor orgulho de toda a esposa e mãe, perdeu sua importancia capital, como factor de bem estar, de riqueza e mesmo até de civilização na vida das sociedades.

Diz um velho dictado que a "economia é a base da prosperidade". Nada mais certo, quer se refira a um individuo, a uma nação ou a uma familia. De facto, de se estabelecer a economia de um chefe de familia em prol do bem estar de seu lar, si a esposa não collaborar com elle, como previdente distribuidora da riqueza domestica. Tanto esta necessidade foi sentida pelos povos de moderna cultura e progresso, que na maioria dos países evolucionados, foram estabelecidos cursos especiais, elementares e secundarios para o ensino da materia.

Nos Estados Unidos, por exemplo, em mais de 8.000 escolas secundarias publicas ensina-se economia domestica.

Ha varios cursos. Alguns duram apenas um anno, outros proseguem pelo espaço de quatro annos, e em certas circumstancias, tem mesmo maior duração. O curso de quatro annos, include ensinamentos sobre cozinha, preparação de refeições, montagem e mobiliario de casas, administração caseira.

Em certos estabelecimentos de ensino existia, contas e orçamentos domesticos, tem tambem cursos profissionais para a confecção de chapéus, vestidos e outros ar-



Uma reunião num club de moças, nos Estados Unidos.



Interior de uma cozinha experimental na repartição de Economia Domestica. (Ministerio da Agricultura dos E. Unidos).

tigos de indumentaria. Mas os cursos que se destinam ao preparo de uma perfeita dona de casa, são os que mais tem sido incrementados pelo governo, por meio de concursos, subsídios monetarios, etc.

Para as mulheres e moças operarias, tendo as horas do dia tomadas, estabeleceram-se cursos especiais, nocturnos, onde se ensina, de preferencia, administração domestica, hygiene do lar e da creança, noções de enfermaria, de arte culinaria, etc.

Em 1921 já havia nos Estados Unidos, 73 instituições que preparavam professores em economia domestica, dentre as quaes 13 eram exclusivamente reservadas á preparação de professores destinados ás escolas de gente de cor. Em 30 Estados da republica ha um ou mais inspectores escolares da materia mantidos pela verba municipal ou estadual.

Mas, pondo de parte estes cursos secundarios profissionais, em dois terços das escolas americanas ensina-se elementos de economia domestica ás creanças que vão, de tal forma, desde os primeiros annos, familiarizando-se com estes uteis e necessarios conhecimentos. Assim, proporciona-se aos alumnos e alumnas a possibilidade de preparar por suas proprias mãos, em qualquer emergencia um pequeno "lunch", composto de frios ou mesmo de alimentos que se aquecem na occasião de serem servidos, como se pode ver por uma das gravuras que reproduzimos.

Além disto ensina-se noções practicas sobre dieta, hygiene, vestuario, mobiliario e arrumação de casas, com prás, administração do lar, etc.

Ultimamente tem-se prestado grande attenção a tudo que se refere á hygiene pessoal, á alimentação das creanças na primeira edade, ás merendas escolares, á passagem e á dieta infantis; e a uma infinidade de outros assumptos que embora á primeira vista pareçam pueris ou miteis são no entanto de grande importancia no futuro desenvolvimento dos cursos de economia domestica.

Compreende-se facilmente a importancia deste ensino pratico quando se pensa que, em grande parte, as moças que se casam, si entre as suas proximas pessoas levam uma cultura literaria e artistica relativamente superior, já se não dá o mesmo em relação aos conhecimentos, humildes, sem duvida nenhuma, mas utilissimos, imprescindiveis mesmo, em muitos casos, de administração caseira, de hygiene do lar e de pratica de trabalhos domesticos.

E' um erro o pensar-se que os prosaicos misteres de uma dona de casa, se não coadunam com uma fina educação e com uma alta sensibilidade espiritual. Uma coisa nada tem que ver com a outra. Pode-se muito bem ser uma perfeita administradora de casa, capaz de, num momento de apuro presidir á preparação de um menu, de um remedio, etc., sendo-se ao mesmo tempo uma cultora da arte, e um espirito superior.

Por este motivo, ha nos Estados Unidos, sociedades de moças onde se ensina tudo o que se relacione com trabalhos culinarios, de costura, de educação physica infantil, de preparação de conservas, quer de fructas, quer de carnes e verduras.

São sociedades de tal immediato interesse que o governo, no desejo louvavel de fomentar estes ensinamentos, creou agentes especiais, exercendo as funções de inspectores escolares, junto a ellas.

Entre nós, infelizmente, muito pouco se tem feito nesta ordem de cultura.

Temos, ainda, a respeito do assumpto, certas ideias e



Preparando uma merenda quente, na escola.

preconceitos que já não estão á altura das necessidades e do progresso do nosso tempo.

A moça, em nosso paiz, é muito ainda uma flor de estufa, o producto de uma educação que emperrou nos caminhos evolutivos da pedagogia racional.

Certo, possui a nossa moça todas as faculdades de coração e intelligencia para bem desempenhar a sua missão de mãe e de esposa, no dia em que fór chamada ao grande dever de estabelecer o seu lar. Mas o que se não pode negar é que em se tratando de educação feminina a moça em nosso paiz não dispõe, ainda, desse grande acervo de conhecimentos que forma o cabedal indispensavel a uma moça solteira nos paizes de verdadeiro progresso como os Estados Unidos e que é até certo ponto uma das mais apreciaveis partes de seu dote.

Tudo o que temos feito neste sentido não passa de tentativas pueris, sem um caracter de estabilidade solida, destinado, portanto, a um insuccesso certo.

Todos estes conhecimentos, diante das hodiernas accessidades de uma vida vertiginosa, febril, intensa, são parte integrante de uma perfeita educação feminina. A mulher completa, apta para o bom desempenho de seu papel na familia e na sociedade não pôde prescindir delles.

E' preciso, porém, que se ponha de parte, como a principio affirmamos, muita velha e carunchosa ideia, muito preconceito, absurdo, já agora, neste constante e rapido evoluir do progresso.

Orientando-nos pelo que de realmente bom se pratica em paizes evoluídos, poderemos, sem grandes difficuldades, implantar entre nós os methodos de ensino que tantos resultados tem produzido, transformando uma moça muitas vezes incapaz do mais leve esforço physico desconhecendo a mais simples formula de hygiene infantil, tão necessaria a uma mãe, ignorando, emfim, completamente tudo o que se relacione com a vida e as necessi-



Interior de uma cozinha da com munitade, em funcionamento.

Naturalmente, não preconizamos a implantação immediata, completa, integral do systema americano de ensino de economia domestica. Mas, pondo de parte certos exageros, perfectamente superfluos, ha nesse methodo muita coisa aproveitavel. Temos, assim, por exemplo, o systema das lições practicas, expositivas, experimentaes. Os resultados obtidos por esse racional processo de cultura são os melhores.

A theoria neste genero de pedagogia deve ser reduzida ao minimo possivel. — excluindo, naturalmente, a parte do estudo que trata da administração e orçamentos caseiros. Quanto ao resto, preparação de menus e de conservas; educação physica e hygiene infantil; noções geraes sobre a propriedade das substancias alimenticias; preços e qualidades dos generos; conhecimentos sobre illuminação domestica; mobiliarios e decorações de um interior; deveres e direitos da dona de casa, em suas relações para com creados e fornecedores, emfim todo esse pequeno mundo de attribuições femininas, deve ser aprendido através de demonstrações practicas, em escolas perfectamente aparelhadas para isso.

dades do lar, numa optima dona de casa, collaboradora efficaz do esposo na obra do bem estar domestico, da harmonia, que é a condição basica da felicidade na familia e na perfeita educação physica e moral dos filhos, que serão os cidadãos de amanhã.

O futuro da patria, depende até certo ponto da estabilidade do nucleo familiar.

O lar é a cellula primordial da nação; e muitas e muitas vezes, por falta de aptidões practicas, de conhecimentos simples como estes de economia domestica, a mulher não contribue como devera, para o seu perfeito equilibrio e florescimento.

E, o que em todo o caso ninguem poderá negar, é que muito mais util e producente será gastar-se o tempo que acaso tenhamos de sobra em adquirir estes conhecimentos, que na leitura de máns livros, ou na exhibição tola de mundanismo que só servem para estimular a vaidade, perverter os costumes, e tornar assim, a mulher, cada vez mais frivola, e portanto cada vez mais fraca.

CASTELLOS NA AREIA



Quem os não construiu, quem os não ergueu, no chão inconstante da vida, esses castellos de sonho e de esperança, tão deliciosamente frágeis, tão frágeis, mesmo, que o menor sopro do destino os abate e aniquilla? Todos nós temos no passado, como no presente, como ainda no futuro os teremos esses ingenuos castellos, tão semelhantes, tão simbolicamente parecidos áquelles que as creanças e as moças românticas costumam erguer nas olvas praias. Erguidos, pelas frescas manhãs que o vento do mar perfuma e vivifica, ao cair da tarde já desappareceram, já delles não resta o menor vestigio, pois que a onda, verde e cruel, veio subindo, subindo, em seu afan de dominar a terra e cobrir o mundo, e derrubou-os, varreu-os, enguliu-os a todos, ao primeiro impeto da maré enchente...

Quanta analogia entre os castellos que erguemos na vida e os que edificamos na areia!... Todos elles ephemeros e falazes, e todos elles eternos na perpetuidade de sua renovação!...

Os que se fazem na areia, a onda leva e dispersa, o que não olsta a que no dia seguinte lá não estejam elles, nozamente erguidos, na alvura da praia illuminada...

Os que edificamos na vida, ao menor embate da realidade tombam e desapparecem, o que não quer dizer, que os não tornamos pacientemente a erguer sobre este bemdito chão da nossa esperança...

Castellos na areia! Castellos na areia! o que seria a vida sem a mentira amavel da vossa fragilidade eterna?

As civilizações desaparecidas



Reconstrução de funerais egípcios, na época do rei Tut-Ankh-Amen, pelo grande desenhista inglês Matania. Ante o esquife do monarca as carpadeiras erguem seu alarido fúnebre, enquanto os sacerdotes entoam as preces do ritual.

Nenhum paiz do mundo se pode ufanar de uma civilização mais antiga e brilhante que o Egypto.

Quando Babylonia e Ninive estavam ainda nos primordios de sua civilização e de seu poderio; quando na Europa o homem jazia ainda immerso na barbarie, a patria dos pharaós já escrevera as mais fulgurantes paginas de sua evolução e ás margens do legendario Nilo, erguia-se soberba e faustosa a maior e mais alta das civilizações antigas.

Longo e fastidioso seria enumerar aqui as conquistas do espirito humano, na terra egypcia, em todos os ramos da actividade. As sciencias, as letras, as artes, attingiram alli estados de tal perfeição, que, aos modernos estudiosos dessas epocas, enchem de assombro e admiração.

Todas as dynmstias pharaonicas brilharam pelo fausto, pela grandeza, pelo impulso que deram ás artes, ás sciencias, etc., fazendo da velha patria das pyramides o centro da cultura universal e a fonte dos conhecimentos de toda ordem, que se espalharam depois pela terra, sendo assi-

milados, embora parcialmente, pelas civilizações subseqüentes, em seus elementos primordiaes.

Vieram depois o declínio, a decadencia, a morte. Outros povos e raças empunharam o facho da civilização e da sabedoria. Ergueram-se outros poderios e outras formas evolutivas dominaram. no mundo; a terrivel theoria dos seculos foi passando sobre a historia e sobre as gerações, e o velho Egypto legendario, sob a poeira do esquecimento, dormio o seu grande somno, somno milenario de que o foi despertar o espirito soffregos dos archeologos modernos.

*
* *

Depois de uma incessante lucha de dezeseis annos, através de obstaculos de toda ordem, as investigações de Lord Carnavan e de Horward Caster, tiveram, enfim, o mais brilhante resultado.

Das ruinas do "Valle dos Reis", centro das investigações daquelles pacientes e tenazes rebuscadores, veio enfim, á luz, o mais precioso dos achados archeologicos. O tumulo do pharaó Tut-Ankh-Amen.

E' verdadeiramente incalculavel o valor dessa descoberta, abstrahindo, mesmo, do seu valor intrinseco, pelo amplissimo campo que vem abrir ao estudo de uma grande civilisação desaparecida, civilisação riquissima, imensa, deslumbrante.

Ha, nesse maravilhoso achado, a propria alma do antigo Egypto, em toda a maravilha do seu deslumbramento.

O thesouro do rei, encontrado, é inteiramente de ouro; as figuras simbolicas, as incrustações de pedras preciosas espalhadas aos milhares, as urnas preciosissimas, tambem, em que os feics depositavam os alimentos destinados ao defunto monarcha, o que julgavam indispensavel, foram descobertos paulatinamente, através de um processo de buscas paciente e methodico.

Finalmente foi a revelação extraordinaria da crypta, onde ha 4.000 annos, pouco mais ou menos foi depositada a mumia de Tut-Ankh-Amen.

Por occasião da descoberta, calculava-se que para o inventario e avaliação completos dos achados, seriam necessarios, ainda, dois annos de trabalho, no minimo.

Só isto, pôde gar a idéa da importancia que têm os thesouros encontrados no famoso "Valle dos Reis".

*
* *

Lord Carnavon, o grande rebuscador, que á sua tenacia e persistencia, verdadeiramente excep-

naes, uniu as luzes do seu profundo saber em materia de archeologia, é um exemplo do que pôde a força de vontade humana servida por uma lucidez de mente e por uma nobilissima paixão. Não diminuindo o valor da contribuição de seus collaboradores, é de justiça reconhecer que sem a força de sua extraordinaria fé, sem seus esclarecidos conselhos, sem o seu proprio sacrificio, longos e longos seculos ainda estes restos preciosos de uma das mais brilhantes civilisações desaparecidas teriam dormido o somno que vi-nham dormindo ha quarenta seculos.

Nestas paginas, embora tardiamente, reproduzimos alguns aspectos e momentos dessa descoberta que revolucionou o mundo da archeologia.

As nossas leitoras poderão, pelos clichés que reproduzimos, fazer uma idéa, embora pallida, da importancia que tem a grande descoberta de Lord Carnavon, como ainda, do perfeito estado em que foram encontrados todos os antiquissimos e preciosos objectos.

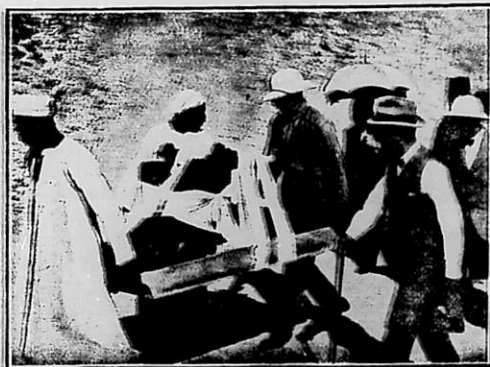
Parece incrivel, por exemplo, que pelo espaço de 4.000 annos se tenham podido conservar madeiras, metaes lavrados, etc., ao ponto de parecerem ter sido sepultados ha poucos annos!

Isto, é mesmo

uma das mais tangiveis e eloquentes provas do alto gráo a que tinham attingido, na epocha



Amphora de alabastro encontrada no tumulo de Tut-Ankh-Amen, no Egypto, e que é considerada pelos archeologos como o mais perfeito exemplar de seu genero no mundo antigo.



O throno de Tut-Ankh-Amen, uma das maiores riquezas archeologicas encontradas nas excavações de Luxor.

pharaónica, os processos technicos da sciencia, principalmente em materia funeraria.

*
* *

E' curioso observar a grande importancia dada por esses antigos povos, principalmente pelos que habitavam as sagradas margens do Nilo, a tudo que se relacionasse com a morte, justamente numa epoca em que a vida humana era tida em tão pouca valia.

Para tumulo de seus monarchas construíram os egypcios, dando-lhes o scenario extraordinario dos desertos, como que desejando isolal-os para melhor e mais amplamente avultarem, essas maravilhosas e unicas pyramides. Assombra o pensar-se a somma de esforços dispendidos com a construcção desses assombrosos monumentos. Quem poderá, por exemplo, calcular o numero de escravos empregados não só na construcção propriamente dicta, mas ainda no transporte, atravez de vastissimas zolas aridas e deshabitadas, de todo o material necessario a essa colossal obra?

Morada funeraria de reis são as pyramides, evidentemente, o fructo do sacrificio de milhares e milhares de creaturas, durante varias gerações. Milhões de pobres escravos terão suado e soffrido sob o terrivel latego dos prepostos, na construcção dessas maravilhas de pedra em que os antigos egypcios quizeram immortalisar a memoria de seus monarchas.

Mas nem só as famosas pyramides provam o quanto a morte era magno assumpto, entre os homens da maior civilisação antiga.

O processo do embalsamamento e mumificação dos cadaveres é outro aspecto da questão. A mumificação, praticada pelos egypcios, era o producto de conhecimentos technicos de sciencia, verdadeiramente superiores.

Mas era, tambem, uma expressão ritual de sua mythica. Producto de um conceito philosophico,

representava o desejo da perpetuação de formas materiaes, que de outra maneira o phenomeno destruidor da morte teria feito desaparecer. A mumificação, é assim, como que a idéa complementar da pyramide. Raça conservadora, por excellencia, o culto sagrado dos mortos era para os egypcios uma das mais importantes preoccupações. Os extinctos, principalmente si figuras notaveis na politica mereciam-lhes assim minuciosos e especies cuidados, ao ponto de, juntamente ás mumias encontrarem-se hoje restos de alimentos destinados aos mortos. Certo, não passavam estes costumes de outros tantos ritos symbolicos, pois absolutamente não

podemos crer que tendo attingido um tão superior gráo de civilisação, desconhecem a utilidade dessas medidas preventivas...

Seja como fór, o que todas as descobertas archeologicas e entre ellas, principalmente, esta importantissima de lord Carnavon tem demonstrado é que, ha mais de quatro mil annos floria na lendaria terra dos pharaós uma das mais brilhantes civilisações, não só em suas expressões materiaes mas ainda na profundeza de seus sistemas philosophicos.

Depois desse magnifico periodo de grandeza o Egýpto adormeceu num

pesado lethargo de decadencia. Outras raças acamparam ás margens do lendario Nilo, e enquanto o mundo se transformava ao correr dos seculos, no silencio tumbal dos seus sarcophagos os poderosos pharaós dormiam esquecidos. Com a moderna sede de saber, porem, despertou nos homens o desejo de conhecerem mais intimamente a alma das velhas civilisações desaparecidas. Desses mundos perdidos, muito talvez poderia aproveitar o novo mundo... E começaram as buscas e as excavações. Longo seria enumerar aqui todos os resultados obtidos, grande e importantes, sem duvida, mas nenhum maior que as descobertas de lord Carnavon e de Harvard Caster.



Photographia tomada no momento em que se extrahia do tumulo de Tut-Ankh-Amen uma caixa de ebano contendo as vestes de cerimonia do celebre pharaó.

REVISTA FEMININA

ELEMENTOS
DECORATIVOS
DA ARTE
MEXICANA
ANTIGA



Relevo em pedra, representando
uma offerenda.



Terra-cotta repre-
sentando duas ca-
beças de tigre.



AS FAMOSAS PYRAMIDES DE TEOTHIOACAN.



Terra-cotta do periodo
azteca representando um
guerreiro.

A historia das bellas artes do periodo colonial americano é assumpto até hoje bem pouco estudado.

Tratou-se, apenas, mas não com a profundeza com que merecia ser tratada, da parte architectural. O conhecimento de qualquer das materias que esta historia abrange não pode ser improvisado, sem que se caia em erros palmares; dahi



Terra-cotta decorativa,
do periodo misto.



No alto: Decoração de um vaso em terra cotta.
 Em baixo: Decoração de castiças provenientes
 de Oaxaca.



Bordados com antigos themes decorativos
 "aztecas".

essa prudente inibição dos estudiosos... Mas, si houvesse um verdadeiro empenho, não seria impossível á critica, completar, pelo methodo da selecção, os estudos hispano e anglo-americanos sobre a arte na America no periodo colonial.

Existem elementos para a differenciação e filiação dessa arte, como para o estudo comparativo da sua evolução e tradição.

Não está no caracter desta revista as profundas dissertações sobre estes assumptos: no entanto o que aqui dissermos será como que um complemento á informação grafica.

Assim, reproduzimos nestas gravuras alguns dos elementos decorativos da arte mexicana antiga, valiosos, em sua maioria, por entrarem, mais ou menos modificados na parte ornamental da arte colonial, quer em edificios civis, quer em religiosos, quer em objectos de uso domestico, quer em objectos do culto.

Si, a partir da época da conquista a orientação

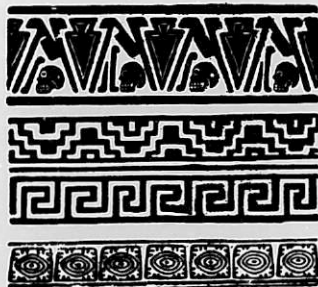
de toda a manifestação artistica importante na America foi hespanhola ou crioulo-hespanhola, a mão de obra continuou a ser autochtana em sua maioria.

Da importancia, variedade e perfeição da cultura artistica pré-hispanica no Mexico, dão claro testemunho as gravuras que illustram estas paginas.

Revelam sua importancia e perfeição, pelo gráo de cultura que implica a estylisação com que foram executadas.

Não são, porém, todas ellas, da mesma procedencia; umas são oriundas do Valle do Mexico; outras do Estado de Oaxaca e das excavações de Cholula; outras ainda das ruínas de Incatán.

São, assim, representativas das culturas azteca, tarasca, mixteca, maya, etc.. Ind'cam, tambem, sua propria divulgação, porque não se trata de exemplares unicos, de autoria de artistas conhecidos, mas puramente de uma arte popular,



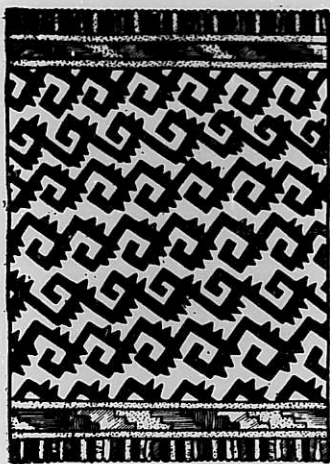
Sellos decorativos applicados sobre papel e tecido.



Relievs em terra cotta, do sul do Mexico.

não por isso incipiente e rudimentar, antes seleccionada por seculos de existencia.

Applicaram-se estas decorações quer em obje-



Reconstrução do desenho de um manto "timati".

ctos de luxo e adorno, quer em outros de uso domestico: vasilhame, brazeiros, fusos, etc.

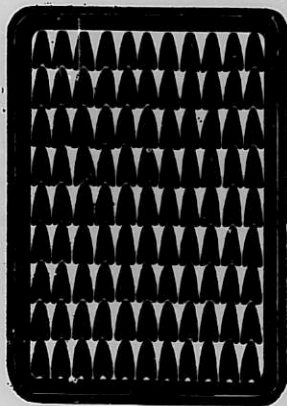
A's vezes surprehe de a semelhança desses motivos ornamentaes com os da arte oriental e occidental antiga e moderna, que nenhuma relação ou contacto puderam ter com aquellas civilizações primitivas.

Bastará um simples olhar para ficar evidente a semelhança entre as estylisações mexicanas e as suas similares assirias, phenicias, gregas e romanas. Ha outros elementos desta ordem, no entanto absolutamente originaes. E' preciso, dizer, aqui, que a etnologia, a cronologia, e a linguistica daquellas raças, durante toda a aproximação entre essas civilizações e as civilizações que acima citamos. Detalhes de processo de feitura, material usado, modelos como aves, flores, peixes e feras explicam essas coincidencias que, á primeira vista, tão extranhas nos parecem.

Sobre as antiguidades pré-hispanicas do Mexico muito se tem escripto — muita coisa boa, alguma perfeita — mas sempre do ponto de vis-

ta da historia e da archeologia; o estudo puramente artistico, está ainda em seus albores.

Um cultissimo artista mexicano, a quem os estudos e a permanencia longa no estrangeiro fizeram mais e melhor amar as coisas da sua patria,



Reconstrução de um manto "timati".

José Enciso, prepara a obra que certamente virá pôr em claro muitas omissões a respeito dessa antiquíssima e original cultura de um povo que em muitas partes da Europa foi tido como selvagem, habitando em miserias choupanas e praticando o canibalismo.

..

Mas esse grave estudo da historia das artes americanas, antigas, ainda levava muitos e longos annos a ser levado a cabo, minuciosa e amplamente como merece.

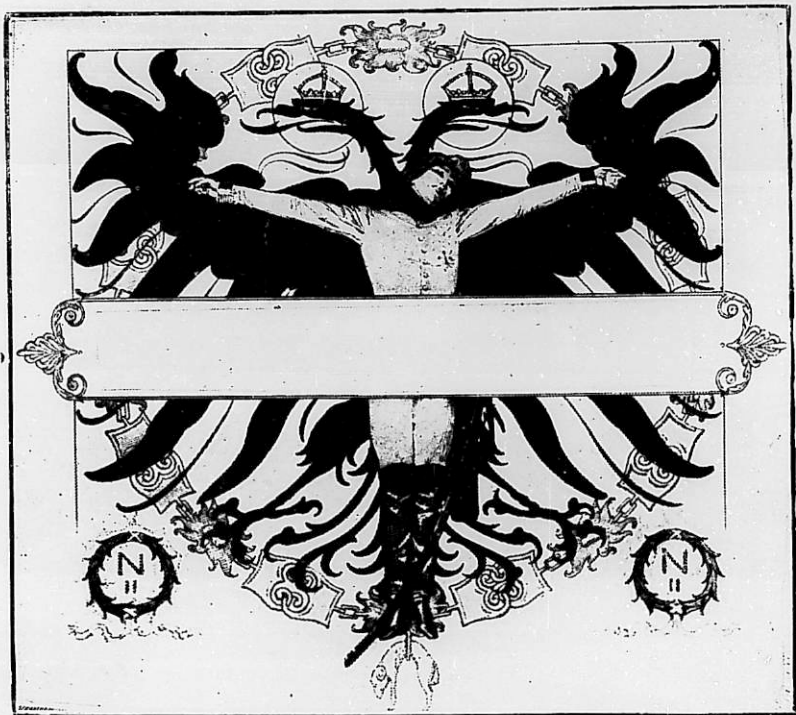
A não ser que os governos tomem na devida consideração esse importante problema tão profundamente transcendental,

pois que por sua natureza, acham-se ligados a elle a maioria dos estudos de caracter ethnico e historico.

No entanto, como por estas paginas se vê, as iniciativas nesse sentido não faltam, o que autorisa a crer uma maior intensificação desses estudos.



Relievo em pedra do periodo "azteca" representando uma aguiá.



L'Aiglon e Cyrano

*Grand Dieu! ce n'est pas une cause
Que j'attaque ou que je défend...
Et ceci n'est pas autre chose
Que l'histoire d'un pauvre enfant.*

Henrique Heine, por ocasião da morte do pobre príncipe Napoleão, disse, numa synthese bem digna de seu espirito:

“Não se pode imaginar a impressão produzida pela morte do jovem príncipe Napoleão... Vi chorar, mesmo, alguns republicanos...”

E foi sobre essa breve e triste historia de uma pobre creança, morta na flor dos annos, que o príncipe dos poetas dramaticos francezes, Edmond Rostand, creou essa admiravel obra prima: “*L'Aiglon*”.

Representada pela primeira vez no Theatro Sarah-Bernhardt em 15 de Março

de 1900, foi essa representação, que ficou nas paginas brilhantissimas do theatro francez como uma data inesquecivel e gloriosa, um dos mais legitimos e maiores triumphos de dois grandes, extraordinarios artistas de nossa epoca: Edmond Rostand, o poeta admiravel, e Sarah, a tragica genial, que era em seu espirito e na potencialidade de seu talento excepcional, a synthese mais alta das qualidades brilhantes de sua raça. Mas, mais que o triumpho completo de dois artistas, “*L'Aiglon*” foi a victoria da Poesia.

A este respeito, disse por essa ocasião, no *L'Echo de Paris*, o eminente critico Lucien Muhlfeld:

“*L'Aiglon* é infinitamente mais bello, maior, mais alto que *Cyrano*, e seu triunu-

pho implica maior gloria... O genio dramático de seu auctor tornou-o um poema extraordinario. *L'Aiglon* é, incontestavelmente, a obra prima de M. Edmond Rostand... *L'Aiglon* que foi um triumpho, foi ainda, e acima de tudo, um grande successo poetico..."

Por sua vez Emile Faguet, escreveu em "Les Debats":

"*L'Aiglon* teve um extraordinario successo... Um verso encantador, metaphoras novas e originalissimas, imaginação sempre um tanto preciosa, mas facil e sorridente. E' uma obra destinada a seguro exito..."

"Applausos, acclamações, enfim, todo um bello delirio festivo!... Que aurora resplandescente e encantadora para o seculo que nasce, esta nascente gloria de Edmond Rostand! Oh! a inesquecivel "soirée", noite que marca na historia da arte franceza uma pagina sem igual, noite em que nós vimos triumphar do mesmo triumpho, um pelo outro, a maior das comediantes e o primeiro dos nossos poetas dramaticos!..."

Assim, em *Le Journal*, exprimia sua admiração o bem gaulez Catulle Mendés.



Marie Louise. — *Thérèse de Lorget, je vous trouve charmante.*

No emtanto, o successo popular desta admiravel obra não pode ser equiparado ao de *Cyrano de Bergerac*. Embora a boa fonte

lectual, menos communicativo, si assim nos podemos exprimir, e portanto mais difficil de ser comprehendido pelo povo, que é, afinal, o definitivo consagrador das verdadeiras grandes obras de arte.

L'Aiglon, que é até certo ponto a mais alta das epopéas napoleônicas, apesar de entre seus personagens não figurar o vulto do grande corso, possui mais qualidades de poema, e menos efeitos de theatricalidade. A prova é que sem a excepcional organização artística de uma Sarah Bernhardt, rareiam as representações da magnífica peça, mesmo em terras de França.

Cyrano, pelo contrario, figura sempre nos repertórios das grandes companhias francezas, em *tourneés* pelo estrangeiro, e enche sempre os theatros, e faz vibrar

cação do espirito heroico de uma epoca. Não é, por certo, a historia epopeica de toda uma raça, como *Cyrano*.

Cyrano, é bem francez, é mesmo a encarnação de uma França que pode mudar nos aspectos exteriores da vida, mas fica sempre a mesma, nos substractos profundos do espirito: ardente e cavalheiresca, personificação do heroismo simples sob a fidalguia do gesto cavalheiresco; bravura sonora e alardeante, mas verdadeira, mas innata, capaz do sacrificio, ainda silencioso e ignorado.

E si *L'Aiglon* é o doloroso das azas



Cyrano. — Qu'elles aillent prier puisque leur cloche sonne!

as platéas de todo o mundo, na perpetuidade de sua belleza clara e simples, como o espirito da raça que glorifica.

O que em *L'Aiglon* é verdadeiramente sublime é o largo sopro poetico que desde o primeiro ao ultimo verso anima a obra.

Ha versos que são vôos de imaginação, e gritos de sentimento verdadeiramente extraordinarios.

Não tem, porem, o symbolismo de *Cyrano*. Pode ser, e certamente o é, a glorifi-

quebradas, o grillão sardonico do destino pesando sobre a alma de uma creança sobre a qual se estende a sombra monumental de um imperio e a amargura dos ultimos dias do maior soldado da França, *Cyrano*, por sua vez, é a belleza immortal do sacrificio, o amor humano em sua mais alta forma de pureza; e finalmente a victoria final

do Espirito e da mente sobre as contingencias da vida e sobre as cegueiras da sorte.

Ambas, formam o duo magnifico que canta a sublimidade da alma e os milagres do sentimento, como poucas vezes se fez entre os homens.

E, ambas, na significação visivel e occulta de sua grandeza, são bem, a alma latina ardente e apaixonada, voando sobre o ephemero das existencias, dos homens e das coisas, no largo vôo imperial das aguias.

A ultima de nossas gravuras, obra de um grande mestre, representa a morte de Cyrano.

Poucas scenas conhecemos de verdadeira grandeza e potencialidade dramatica que se possam equiparar a esta grande scena final da mais alta comedia heroica de Rostand. E' a epica lucta do sonhador contra todas as obscuras forças da vida.

O heróe, sózinho, e a arvore, a que se apoiará no extremo lance, e que symbolisa a eterna piedade da natureza. Elle e a arvore. Mais ninguem! Nem o amor; nem a amizade: O homem, só, transfigurado pela chamma que o animou na vida, a espada em punho, bello e sobranceiro, batendo-se, batendo-se sempre, batendo-se ainda, apezar da inutilidade do sacrificio e da certeza da derrota.

E, diante do heróe, a seu lado, apertando-o no circulo de sua perversidade, tentando prendel-o nas malhas subtitis da mentira, os phantasmas que o perseguiram em sua clara e harmoniosa vida: A Inveja, a Colardia, o Egoismo, os Preconceitos.

Cyrano de Bergerac, a quem, segundo o testemunho de seu mais fiel e humilde amigo, o grande Moliere subtraira um pouco de genio, como o amado de Roxane muita felicidade, morre como viveu: luctando. Mas a grandeza symbolica desta morte não consiste na theatralidade visivel da grande scena, está bem mais, pelo contrario, no estado de alma do heroico gascão. Elle

morre como viveu: batalhando, mas sabendo que tudo será inutil, dolorosa, infinitamente inutil. E' o triumpho sobre o egoismo natural da creatura humana. E' o sacrificio completo. Mas esse triumpho que



Cyrano. — *Ticus, ticus! — Hal! hal! les Compromis, Les Préjugés, les Lâchetés!*...

lhe custou a felicidade, esse sacrificio que fez sorrindo, não serão perdidos. Elle é um exemplo. O exemplo glorioso do que pode a vontade e o caracter, do que pode a nobreza da alma e a grandeza de animo.



Historia simples de um homem que lutou e venceu

(CONTO)

Tinha morrido de tédio a ultima das fadas e o ultimo dos magos.

De resto, para que haviam elles de viver, já agora, num tempo em que encantadores e fadas eram perfeitas inutilidades?

Todas as grandes antigas maravilhas eram hoje tão facéis, tão simples, tão corriqueiras!

Para se ouvir o echo de uma voz amada e desaparecida; para se trocar á distancia de cem leguas, duas palavras de ternura, ou dez phrases de despeito, já se não necessitava nenhuma magica varinha, nenhum grande velho de barbas cabalísticas, ao fundo de uma caverna escura... O telegrapho substituirá-os.

E assim tinham feito muito bem, a ultima das fadas e o ultimo dos encantadores deixando-se morrer de aborrecimento.

* * *

A' margem de um caminho, um viajante clamava, a grandes brados de amargura:

— As fadas já não existem!... São como lobos esfaimados os homens, a lutar pela vida!... Vencido é o debil, e todo o vencido é morto!... Oh! dias extinctos! Divinos dias para sempre sepultados, em que um piedoso encanto transformava em venturas grandes os grandes infortunios! Vós não mais tornareis! Jamais podereis voltar, pois que é morta a ultima fada, pois que o ultimo mago é morto.

Assim, á margem de um caminho, clamava a grandes brados de amargura, um viajante.

Mas o echo da sua voz, longe morria, sem resposta, pois que o hospitaleiro bosque, outr'ora todo povoado de genios e legendarias, bemfazejas creaturas, era hoje hostil e silencioso.

Mortas as fadas, a alma do bosque desaparecera...

E o peregrino sentou-se á margem da estrada, meditando.

— Passou por elle uma mulher, e vendo-o tão cheio de desalento disse:

— Triste figura tens, meu rapaz!...

E o pobre respondeu:

— A ninguém amo, e por ninguém sou amado.

Passou, da-

hi a instantes um velho e disse-lhe, admoestando-o: — Como, sendo tão jovem e valido te atreves a mendigar?!

— Nada peço e nada necessito.

Por ultimo passou um alegre aventureiro que exclamou, ao vel-o:

— Levanta-te e anda, rapaz! Não sabes que a sorte muda a cada dia que passa?

E o triste respondeu:

— Nada no mundo espero!...

Depois, foi novamente o silencio em torno, e, no silencio, tornou a clamar o desventurado:

— Morreram as fadas! os magos já não existem! Que foram feitos dos doces dias da esperança?!

Mas, desta vez uma extranha voz ergueu-se de repente e disse:

— Anda!

E o solitario ergueu-se e seguiu em frente.

Que mysteriosa mão o impulsionava? que ignota vontade o impellia?

Movia-o a razão, ou arrastava-o a loucura? Quem sabe!

Mas o desventurado caminhou em frente.

Longos dias e noites seguiu pelo caminho aspero e cheio de fraguas, e ao sahir o grande bosque, no fundo do coração fechava o impeto da luta e o desejo de vencer.

* * *

Na immensa cidade a sua fome a a sua nudez moveram os compassivos, que lhe offereceram pão e velhas roupas.

Mas elle disse consigo:

— Si comer deste pão e cobrir-me com estes trapos, mendigo hoje, talvez o seja para o resto da vida.



Morrera de tédio a ultima das fadas

E fez-se forte contra o frio e contra a fome, suplicando:

— Dae-me antes trabalho.

Por louco o tomaram uns, outros por soberbo, mas houve muitos, também, que se encheram de assombro...

E alguém disse:

— A neve desta noite certamente o matará.

E ajuntou outro:

— Si elle deseja a morte porque a não busca nas aguas do rio?... E' mais rapida e menos dolorosa.

E o solitario continuava:

— Dae-me trabalho!...

Quero viver!...

E durante dois dias e duas noites alli esteve assombrando os homens que passavam e offereciam-lhe esmolas.

Mas o triste que a fome e o frio arrazavam, recusava-se, ouvindo de quando em quando aquella extranha voz que dizia:

— Para diante! Para diante!

Ora este curioso caso chegou aos ouvidos de um homem opulento.

Este homem, não encontrara nunca um servo fiel e pensou consigo que aquella paria, capaz de se deixar morrer á fome e ao frio, recusando uma esmola, talvez fosse um demente, ladrão é que o não seria, por certo. E foi buscal-o, e conduziu-o ao seu esplendido palacio. Ahi perguntou-lhe:

— Queres comer?

Inflexivel, respondeu o faminto.

— Dae-me trabalho!

Então o homem rico disse:

— Trabalha, pois!... Eis aqui, um sacco cheio de moedas. Distribue-as entre os mendigos que passarem pela minha porta.

O obstinado repartiu as moedas, que eram quinhetas, entre quinhetos mendigos que passaram em frente ao palacio. Nenhum delles recusou a esmola, e todos comeram e beberam numa taberna que havia alli perto.

Ao cair da noite, finda a tarefa, o solitario disse:

— Conclui o meu trabalho; — ao que respondeu o opulento:

— Agora come e dorme...

Em teu aposento espera-te um bom fogo, e uma boa ceia. De amanhã em diante, tomarás conta de meus bens; não tenho herdeiros e si persistires como até aqui... talvez que um dia venhas a possui-los...

Esta foi a primeira victoria do peregrino, que assim, venceu a indiferença, — o primeiro inimigo que o homem encontra na luta pela vida.

• • •

Durante longos annos aquelle que chegara á cidade faminto e meio nu' foi para o homem rico que o acolhera, um servo intelligente e leal.

E a fortuna do nababo, já enorme, assumio proporções assombrosas.

Todo o mundo dizia:

— De que meios se valerá este homem para conseguir semelhantes prodigios? E como a resposta a isto não era tão facil como á primeira vista parecia, ajuntavam:

— E' questão de sorte. Lá onde outros teriam fracassado, elle triumphava... Questão de sorte e nada mais!

Mas não era questão de sorte, era simplesmente intelligencia; elle triumphava porque passava os dias e grande parte das noites curvo sobre a mesa de trabalho.

Todas as especulações que realisava, longe de ser uma aventura, de mais ou menos audacia eram o

fructo de longos e pacientes calculos, eram o resultado de um enorme trabalho realisado em silencio.

Mas um dia, um problema de mais difficil solução que o acrescimo das riquezas terrenas, sugiu diante do Solitario.

Era o Amor.

Pela primeira vez na vida, o homem forte amava, amava verdadeiramente, amava com paixão.

E' junto á mulher que assim o prendera, sentia-se fraco, indeciso, outro completamente.

As vezes, a urgencia de um trabalho qualquer, uma ordem a dar, um negocio a tratar chamavam-no. Mas a pequena e meiga creatura dizia:

— Não partas já!... ainda é cedo!... Será que os negocios tenham para ti maiores encantos que as minhas palavras de ternura?

E elle voltava á doce tyrannia daquelle grande amor que o transformava...

Durou este amor um anno inteiro. Ao fim desse tempo o homem forte viu que a fortuna de seu amo não augmentara como não diminuiria.

Tinha sido, pois, um anno perdido, e o obstinado, comprehendendo que se afastava do caminho que traçara, renunciou ao amor.

• • •

Morreu o homem rico, e como não tinha herdeiros deixou todos os bens que possuia ao servo intelligente e leal.

Mas os invejosos murmuravam delle; diziam, que seu esforço e honradez não tinham sido desinteressados... que seu protector instituiria-o, ha muito seu herdeiro, sem o que teria elle sido, com certeza, desleal como todos os outros...

Estas murmuraciones chegaram aos ouvidos do obstinado que para desmentil-as prodigalou grande parte da fortuna herdada, com fundar e manter asylos, hospitaes, escolas e outras casas de beneficencia.

De tal arte, viu-se a calumnia obrigada a silenciar.

Assim triumphou o homem forte da inveja, o segundo inimigo que o homem encontra na luta pela vida.

• • •

Ora, já muito velho e sentindo proxima a morte o homem poderoso teve o desejo de rever aquelle grande bosque silencioso da sua mocidade, onde, pela primeira vez ouvira a voz mysteriosa ordenando que seguisse sempre para diante.



Longos dias e noites lá seguiu pelo caminho aspero...

Sentado, pois, a margem do caminho, como outrora, meditou longamente sobre a sua forte e aventurosa vida... Mas... vivera elle, acaso?... Tinha luctando... luctado e vencido... e nessa luta e nesse triumpho consistira toda a gloria da sua aventureza e forte vida. Então, o homem clamou como nesse dia remoto da sua miseria:

— As fadas morreram!... Os magos já não existem! Onde estão os doces dias da esperança?!

E, no silencio do anoitecer, respondeu uma voz extranha:

— Amigo, a ultima das fadas, vive ainda. — Sou eu. — A Vontade! ... Chamaste-me um dia e quiz fazer realisar todos os teus sonhos de ambição... Dei-te a riqueza e a gloria.

Que mais desejas?

O misero soluçou então:

— A felicidade! A felicidade!

— A felicidade. — disse a fada — era patrimonio exclusivo de minhas irmãs, a Chimera e a Illuzão, hoje defuntas... victimas dos homens orgulhosos, egoistas e pequenos. Resto eu, meu amigo, eu que sou triste porque sou forte, inexoravel, e gelada...

Fez-se d: novo o silencio. O velho sentindo-se morrer evocou a sua forte vida, seus esforços, seus magnificos triumphos.

Mas dentre todas as horas da sua existencia perdida, claras, luminosas, perfectas, só viu apenas as horas em que a fraqueza de seu coração fazia-o curvar-se ás palavras de ternura da mulher amada: — Não partas ainda!

E' tão cedo!... Será que os negocios tenham para ti maiores encantos que as minhas palavras de affecto?

E o homem inflexivel, sentindo a visinhança terrivel da grande sombra final, arrependeu-se de ter sido o que fóra* de não ter trocado todo a gloria pela humana fraqueza de amar e de ser amado.

* * *

Ao seu gesto auctoritario uma legião de servos accorria presurosa: o seu palacio todo em marmore e alabastro, com magnificos jardins de sonho, povoados de estatuas e fontes sussurantes, fazia a inveja de todos os que o contemplavam: a sua mesa, onde em pratos de ouro e prata e em copas do mais fino crystal, serviam-se iguarias exoticas e vinhos rarissimos, teria feito a gloria dos mais famosos sybaritas. E, reclinado em suas poltronas de velludo e seda, ou pisando seus fastuosos tapetes da Persia, cada um dos quaes valia uma fortuna, o **homem que lactura e vencerá** sentia-se triste e cheio de tedio! Oh! quando se lembrara de sua passada existencia de miseria e humildade, de sua terrivel vida, depois, onde cada dia era um combate travado e uma victoria obtida, quando rememorava esse passado obscuro, como lhe pesava n'alma a opulencia e o fausto do presente! Então, uma gotta de agua bebida no concavo das mãos na clareira de um bosque como lhe sabia, como o reconfortava!

Um pedaço de pão, duro e de vespera, como se lhe afigurava um presente divino!

O monte de feno fresco e cheiroso, como lhe parecia melhor e mais suave que todos os leitões fós, de rico ebano en crustado!

Sim, já velho e sentindo proxima a grande sombra do ultimo dia, o homem forte, o ho-

mem que subjugara o proprio destino reconhecia com profunda amargura, o vazio, o inutil, o vão das ambições humanas.

Quanto melhor não fóra ter-se contentado com o pouco da sua humildade antiga!

Porque aquella ancia, sempre renovada, de poderio e riquezas, aquella febre, aquella sede, aquella martyrio?

De que lhe valia todo esse mundo esplendoroso si todo o esplendor desse mundo não podia dar-lhe um minuto de verdadeira felicidade?

E, tudo isso porque?

Apenas porque na egueira de sua soberba o seu coração de homem ficára fechado como uma torre de pedra: porque seus ouvidos que amaram o canto terrivel do ouro tombando em cascatas, não tinham querido ouvir uma pequena e commovida voz: a voz da mulher que o amara!

Sim! Era esse o segredo da sua dolorosa derrota: o amor despresado.

E, o **homem forte que lactou e venceu**, fraco e vencido se sentindo, curvou a fronte na melancholia profunda do seu tristissimo ocase, e, pela primeira vez em sua vida, deixou correr as lagrimas, pelas rugas que os annos, o desejo da grandesa e a febre terrivel da ambição tinham cavado.

* * *

De volta a seu magnifico palacio, o homem que fizera de sua vida uma grande licção de força e de vontade, sentio-se ainda mais triste e desconsolado. O tedio, este inimigo que se occulta na sombra que fechamos em nosso coração, enchia a amplitude das salas, os corredores e os jardins de seu paacio.

A solidão de seus ultimos dias era-lhe amarga, de um amargo travor de ironia.

Sim!... Porque, uma vez fechados seus olhos no grande descanso, que destino teria toda aquella opulencia, todo aquelle fausto, todo aquelle ouro, accumulados á custa de tantos sacrificios, durante os longos annos de sua batalha?

Não deixava sobre a terra, um ente que o amasse, uma creatura que o pudesse recordar com affecto, um ser, em cuja saulade continuasse a viver a eterna vida dos desaparecidos... Morria, só, em meio a extranhos, a servos mercenarios. E' então, já sentindo proximos seus ultimos instantes, teve o deslumbramento de uma visão adoravel. Recostado em um amplo e alvo leito, as grandes barbas cor de neve derramadas pelo peito, esperava, sereno e quasi sorridente, o grande instante... Mas a angustia da morte não o opprimia. Pelo contrario, era uma especie de suave entorpecimento, uma especie de doce lethargo o somno que o invadia... Morria, como uma candea que se apaga... Morria feliz, porque a seu redor, sentia os seus netos, que innocentes e puros, relevam-lhe a agonia...

No dia seguinte, o homem forte foi encontrado morto em seu leito. E, coisa extranha, um divino sorriso de felicidade errava em seus labios...



O JUGO DO NOME FIDALGO

(POR ARGUS)

Não te revelarei esse nome... Para que?

Nelle consiste toda a fortuna dessas fidalgas... Resta-lhes esse orgulhoso nome, unica herança, vestigio ultimo de um esplendoroso passado. Por elle, teriam, certamente, essas mulheres de antiga tempera, sacrificado a propria honra si a honra nada tivesse que ver com a nobreza do nome. Mortas, levarão, talvez, na mão fechada, um pedaço desse pergaminho que foi toda a razão da sua vida. Amor, justiça, belleza; a flor melhor da existencia, tudo foi por ellas sacrificado a esse grande jugo do nome fidalgo.

Esse nome, pela harmonia e pelo brilho de seu som seria digno de figurar, cantando, entre a eloquencia sonora de um Castellar.

Um grande e formoso nome, em verdade!

O extranho é que, apesar da segurança que

tenham da propria belleza, — talvez depois de uma grande lucta intima — ellas contam

multissimo mais sobre os effeitos do seu grande nome, que sobre a seducção de uma belleza maravilhosa. Porque em verdade são bellas e

possuem melodiosas vozes.

Certa vez, durante um baile á phantasia em El Tigre Club, Eulalia, um dellas, não poude resistir á tentação de declarar-me o seu nome, de tal arte inutilizando o mysterio subtil da mascara que lhe escondia o rosto. Seus labios rubros, de um morbido veludoso de rosas, lembravam, ao pronunciarem o nome altivo da familia, certas pinçeladas geniaes do Ticiano.

Retiraram-se as tres jovens do baile em companhia de uma mascara que não quiz mostrar seu rosto. Era a mãe dellas. Ouvi-lhe, apenas, a vós; mas, pelas mãos e rugas do pescoço que o traje á phantasia deixava um pouco a descoberto, pude constatar que já devia ser

bem edosa. Quando fallava, a sua vóz, involuntariamente, tinha inflexões aspras e dissonan-



tes. Era como si fosse a voz do Carnaval decrepito.

Em outro lugar e época do anno, ter-me-ia feito sorrir...

Dias depois desse baile fui visital-as. Esperavam-me, as tres irmãs, nessa grande casa da avenida C. de onde raras vezes saham. Encontrei-as na grande estufa. Não saham a passeio. Não tinham carruagem e não "podiam" andar a pé... De resto, Eulalia, poucas vezes frequentava festas ou fazia visitas.

A velha senhora pedira-lhe que se não casasse enquanto suas duas irmãs continuassem solteiras.

— Tem noivos?

— Não. São mesmo insuportáveis, com a grande enfase do seu aristocratico nome... Essa mania de nobreza intransigente, é assim como uma especie de doença, qualquer coisa de morbido que trazem na medula dos ossos, uma especie de mal hereditario, que põe entre ellas e o resto da humanidade uma barreira intransponível... De resto, Eulalia, não abandona um momento a velha fidalga. Diversas vezes, durante as visitas que lhes fiz, não a pude ver.

Sahira em companhia da mãe, dessa bella dama que eu não tornara a ver desde a noite do baile.

Onde iam? As duas irmãs deram-me a entender que voltariam tarde, que tinham ido visitar umas parentas.

Pouco a pouco fui rareando as minhas visitas á illustre casa.

Era-me intoleravel a grande soberba daquella familia.

Eulalia, enigmatica e extranha, sepultara toda a esperanza de felicidade vivendo entre as sombras gigantescas de um mundo extincto.

O passado era o seu grande culto. Toda a sua sensibilidade errava nelle. Quanto ás outras duas irmãs animavam-se, apenas, ao calor do seu profundo desdem por uma sociedade de "parvenus", de immigrantes enriquecidos que desprezavam, com todo o orgulho da sua raça...

Numa sociedade que se transformava, uma cidade de plebeus opulentos, o brazão do seu nome, seis vezes patricios tinha a estridencia de um contraste.

Netas de libertadores da America, unicamente viviam de parca pensão que lhes concedera

o congresso. Era pouco. E eu não lhes conhecia outras fontes de renda. A's vezes, pensando nisto, imaginava as difficuldades com que luctariam essas orgulhosas fidalgas mantendo a propria casa no luxo em que mantinham...

Pouco a pouco, fui perdendo-as de vista...

De vista e de lembrança...

Ora, hontem á noite, como te dizia, encontrei-as de novo. Passara, ahi pelas onze horas da noite, mais ou menos, pela rua Rivadavia, quando notei numa esquina, a silhueta esguia e curvada de uma mulher. Notei que uns transeuntes que passavam, pararam por um instante diante della, perseguindo depois o seu caminho.

Ao aproximar-me vi que a mulher procurava esconder-se por traz de uns andaimos que havia alli. Ouvindo, porém, os meus passos que echoaram no silencio da rua deserta, sahio de seu esconderijo. Era uma velhinha. Trazia um pequeno chapéu guarnecido com glicínias roxas. Um véo muito espesso cobria-lhe o rosto.

Vestia um traje de seda e-cosseza, com quadradinhos azues e verdes, como se usava ha trinta annos atrás. Deparando commigo, disse numa voz um pouco tremula e metalica:

— Uma esmolinha, meu senhor, para esta pobre velha que não tem ninguém...

A voz descobriu-a.

Não lhe podia vêr o rosto, coberto como estava pelo véo muito espesso, mas reconhecia immediatamente. Era ella, a velha fidalga, a mãe de Eulalia...

Senti uma infinita, indizível piedade. Esterdi-lhe uma nota e affastei-me. A mão tremula da mendiga agarrou-a, com soffreguidão... A rua estava completamente deserta. Não passava um unico transeunte. Longe, numa torre, um sino gemia dolorosas pancadas...

Mas, na esquina de Rivadavia e Cerrito, um carro de aluguel estacionava. Ao passar, por curiosidade, olhei para dentro do carro.

Deparei com uma figura de mulher, meia escondida ao fundo... E, á luz difusa das grandes lampadas electricas, conseguí, assombrado, reconhecer nessa mysteriosa mulher aquella mesma soberba fidalga que pela vaidade de pavonear a sua nobreza reeclarame, no baile de El Tigre Club, o seu aristocratico nome seis vezes patricio.

Era Eulalia que esperava sua mãe.

MAGESTADES DESTHRONADAS

MAXIMILIANO E CARLOTA

Por mais de quarenta annos, Carlota, a imperatriz viuua do infeliz Maximiliano surpreendeu o mundo pela sua belleza, pelo seu estoicismo, pela sua resignação e martyrio. Velha, completamente louca, terminou os seus dias em um pitoresco castello nas costas do Adriatico, justamente onde passara, talvez, os melhores dias de sua vida, quando de volta da viagem de nupcias.

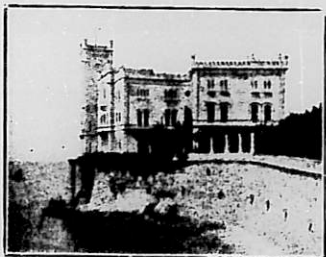
Nasceu Carlota a 7 de Junho de 1840. Seu pae Leopoldo de Saxe-Coburgo, foi o primeiro rei dos belgas; sua mãe falleceu quando a princeza dos belgas que mais tarde seria a imperatriz Carlota, tinha apenas dez annos.

Aos dezeseite annos contrahiu matrimonio com o archiduque Maximiliano da Austria, irmão do imperador Francisco José. Seu esposo tinha vinte e cinco annos e o casamento foi celebrado no meio de festas ruidosas, em Bruxellas a 17 de Junho de 1857, festas essas a que se associaram todas as classes populares da cidade, tal era o grão de amizade o povo consagrava á jovem princeza. Realizou-se nessa occasião uma bellissima festa veneziana no Canal de Willeboeck, onde todos os barcos traziam entrelaçados os nomes de *Max* e de *Charlotte*. Durante a noite que se seguiu ao casamento houve bailes publicos e todo o povo dançou e divertiu-se fartamente.

A lua de mel foram os novos passar no Castello do Miramar, nas margens do Adriatico, em frente a Veneza, a cidade dos amores e dos sonhos. Viajaram pelo Mediterraneo até as costas da Grecia; pelo Atlantico visitando as illhas Canárias e Madeira. Tempos depois foi Maximiliano encarregado do governo



Maximiliano, quando imperador do México.



O castello do Miramar, nas costas do Adriatico.



Retrato da imperatriz Carlota, na época do seu casamento.

da Lombardia-Veneta, naquella occasião sob o dominio da Austria, passou então aquelle gentil casal a residir em Milão até que estalou a guerra na Italia em 1859.

De novo voltam ao Miramar. Alli de novo começou a deslisar-se a tranquillidade existencia.

Longe, em outra parte do mundo, no Mexico, ardeu uma tremenda guerra civil. A pedido do partido reaccionario mexicano, os governos francez e hespanhol resolveram enviar áquelle paiz a famosa expedição militar para restabelecer a paz no seio da familia mexicana.

Depois de sanguinolentas batalhas as tropas alliadas conseguiram se apoderar da capital do paiz. Apoiada nos canhões estrangeiros e na força que dominava o paiz, uma assembléa de notaveis proclamou a monarchia e acclamou como imperador a Maximiliano da Austria.

Uma commissão de mexicanos foi á Europa offerecer a corôa ao novo imperador. Essa commissão foi recebida no dia 3 de Outubro de 1863 no palacio do Miramar. Maximiliano, prudente, vacilava, porém Carlota avida de cingir uma corôa, instigou seu esposo a se metter nessa aventura. Nesta decisão Carlota foi a que menos culpa teve, emquanto que Francisco José, que odiava o seu irmão, o impelliu para que desse esse passo. Todavia a maior culpa coube a Napoleão III dos francezes que prometteu a Maximiliano todas as vantagens e no fim foi quem primeiro o abandonou e o deixou exposto a todos os azares e talvez contribuindo directamente para o fracasso total que resultou a morte do infortunado imperador. Dias depois os novos imperadores a bordo da fragata austriaca "No-

vara" seguiam rumo da nova terra da promessa, que tão funesta havia de ser mais tarde.

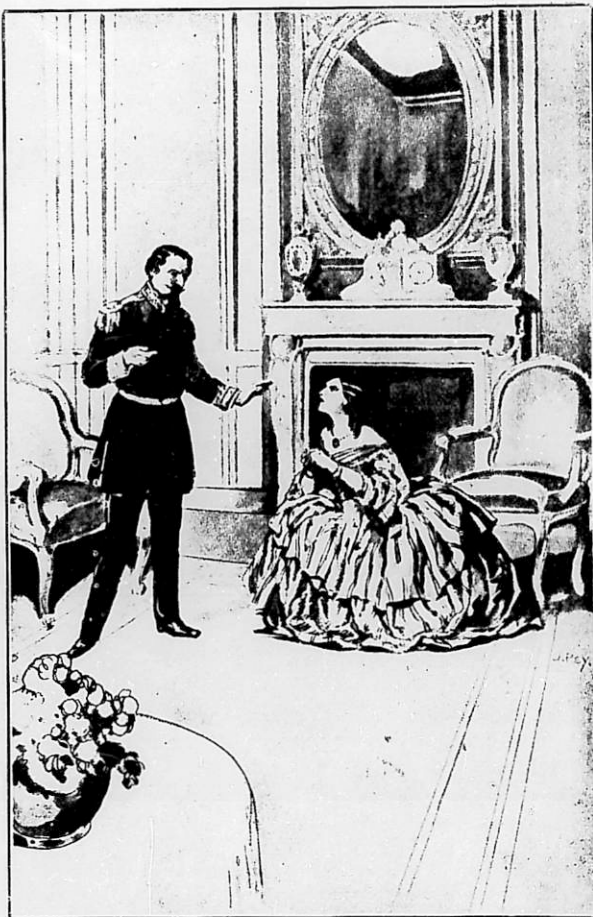
A chegada no Mexico já foi uma desillusão para o jovem par. A 28 de Maio de 1864 desembarcaram ambos sob um indifferentismo bem significativo. Entretanto Maximiliano estava animado da melhor boa vontade em fazer um governo honesto e progressista e trabalhar para o bem estar dos seus subditos. Em 26 de Junho passou a regencia do imperio a Carlota e foi percorrer as provincias. Por toda a parte só viu misérias e amarguras lamentações.

O estado normal do Mexico n'aquelle tempo, como até ha pouco, era o da revolução. Juarez recrutara hostes aguerriadas de patriotas que luctavam incessantemente contra o imperador.

Appelloi-se para Napoleão, fazendo-o ver a situação da casa reinante, porém este permanecia mudo e impassível. Por conselho de Bazaine, Maximiliano mandou passar pelas armas todos os insurrectos de Juarez, que estavam aprisionados. Esse acto insensato fez augmentar o poder dos revolucionarios. Matamoros e Tenapico cah'ram em poder dos republicanos e assim outras cidades. Tinha chegado o momento supremo. Mesmo diante dessa situação

a França não trepidou: mandou retirar as tropas que alli estavam abandonando a sua sorte os imperadores. Napoleão III não teve a minima commiseração pela sorte daquelle infeliz casal.

Maximiliano estava prompto para abdicar, porém Carlota impediu e se promptifico para ir á



Carlota, de joelhos, implora o auxilio de Napoleão para o seu esposo.

Europa pedir o auxilio da França e do Papa.

Estava nessa occasião a corte em Saint-Cloud e para lá se dirigiu a imperatriz solicitando uma audiência de Napoleão III. Recebida pelo imperador dos francezes ella expoz a situação. Calmo, impassível e sombrio Napoleão promettera da: uma resposta no dia seguinte. Nesse dia elle foi franco, dizendo nada poder fazer. De joelhos supplicou Carlota, porém Napoleão respondeu seccamente:

— E' inútil insistir, senhora. Nem um homem e nem um centimo.

Justamente indignada, de olhos lacrimajantes, de frente exclamou:

— Ah! jamais me engareei! Fu vos conheço ver-digo da minha familia!... Sim, vingá-se da netá de Luiz Philippe que os arrancou da miséria e do cadafalso!

A "Martingale"

POR
MAURICIO LEVEL

— "Senhor, — disse o visitante, sem mais preâmbulos, eu venho trazer-vos a paz ou a guerra."

O senhor Rochelet fitou o seu interlocutor, por sobre o vidro de seu "lorgnet" ao mesmo tempo em que estendia a mão para a cam, ai, ha.

O visitante teve um gesto cortez.

"Senhor, não sou um louco nem um jogador desesperado. O nome que lesteis em meu cartão de visita não é um nome de empréstimo, como também o não é, o título que o segue. Sou bem M. Merval, antigo alumno da Escola Polytechnica; podeis, pois, estar plenamente tranquillo quanto à minha moralidade. Permitti, agora, que em poucas palavras eu vos esclareça sobre os fins da minha visita; ella tem para vós, posso dizel-o, um interesse capital. Podeis, portanto dar por bem empregados os minutos de attenção que vos peço.

Descobri, senhor, uma "martingale" ou para ser mais exacto, uma combinação, pela qual poderei vos arrumar num breve lapso de tempo, fazendo simultaneamente a minha fortuna.

— Bellissima descoberta, senhor! — disse o director. E, faço votos para que a appliqueis sem perda de tempo.

— Vejo, — suspirou o visitante, — que minhas palavras, longe de vos convencer, mais vos fortificam na idea de que eu seja apenas um desses tantos visionarios que, d'ariamente, nas cidades em que se joga, gabam-se de poder fazer saltar a banca, para afinal de contas não fazerem saltar mais que os proprios miolos. Enganae-vos redondamente: eu sou um sabio muito equilibrado. Emquanto a maioria de meus camaradas de escola dedicou suas faculdades à solução de problemas physicos, chemicos ou mathematicos, eu appliquei as minhas á descoberta das "permanentes" na roleta. Gastei nisto quinze annos de minha vida e toda a minha fortuna.

E, como sempre a-onteece, foi justamente no momento em que ia abandonar minhas buscas, que a solução appareceu-me.

— Não vejo, em que isso me interesse, — interrompeu o director, — a não ser que me venha propor a compra, como é costume, do vosso methodo...

— E' precisamente o que vos ia offerecer.

E, como penso, que não vos move um puro desejo philanthropico, exigireis, sem duvida, pela vossa descoberta uma bella somma...

— Insignificante, pelo contrario, em confronto das vantagens que eu poderia obter com milhaõ.

— Esplendida cifra; tambem deveis comprehender que antes de me comprancter, preciso com o ver essa admiravel "martingale" — retorquiu M. Rochelet,



extraordinariamente divertido com o rumo que o dialogo tomava.

— Compreendereis, tambem, que eu seria um idiota, si vos revelasse o meu segredo, sem uma optima garantia.

— Nestas condições, — desculpeme... não trato este genero de negocios...

— A vossa desconfiança não me

surprehede.

Resta-me, apenas, portanto, tendo-vos lealmente prevenido, metter-me ao trabalho.

Certo, não sentireis os effeitos immediatamente, dado que os meios de que disponho não me permittem começar em grande escala.

Mas, d'aqui ha pouco tempo, com a somma inicial necessaria...

— Veremos, então, disse o director levantando-se.

— Talvez, então, seja tarde... suspirou o visitante sahindo.

— Demente logico — d'agnosticou á parte M. Rochelet mal o homem sahio.

— Pobres d'abos, todos a mesma mania!...

Depois esqueceu esta visita.

Uma manhã, tomando fresco no terrasso, encontrou o visitante.

— E então, como vão os negocios?

— Muito bem, respondeu o outro.

E, sem affectação, começou a falar do tempo.

Esta liberdade de espirito surprehendeu o director.

Nos loucos, geralmente, a nervosidade alterna com a calma: a particularidade do caso aguçou-lhe a curiosidade.

A tarde entrou nos salões de jogo: Merval alli estava sem contudo tomar parte nas partidas. Pouco depois, vio-o tirar do bolso uma moeda que colloou sobre o 8, e retomar sua attitude indifferente. A bola rodou, rodou, depois parou. Foi annunciado um numero: M. Rochelet, em meio ao ruído ouviu-o mal. Aproximou-se.

— E então? — perguntou ao jogador.

— Então... ganhei — respondeu Merval embolsando o dinheiro.

Passaram-se dois dias sem que M. Rochelet encontrasse o seu homem.

No terceiro, d'parou o justamente na occasião em que annunciavam o 32. Merval ganhara. Viu-o ainda ganhar mais uma vez, em outra me-a. Então indagou de um inspector.

"Conheceis esse senhor? que faz elle?"

— Parece-me que tem ganho bastante."

Durante uma semana M. Rochelet absteve-se de entrar nos salões do casino. A impossibilidade de



Merval acabava por perturbar-o, e às vezes, à noite, sozinho, não podia deixar de pensar que talvez... — quem sabe? — si este homem tivesse resolvido o problema...

Quando se decidiu a voltar aos salões a primeira pessoa que encontrou foi Merval.



Pareceu-lhe mais sério que de costume, quasi mais grave, por assim dizer, e o seu "bom dia" cortez mas laconico, deixei-o pensativo.

Seguiu-o, disfarçadamente; Merval consultou um "carnet", escreveu um calculo rapido, aproximou-se da mesa e disse em voz alta:

"O 4!"

Deu o 4; na vez seguinte,

"O 16!"; sahiu o 16. Sem manifestar jubilo ou surpresa, indicou o monte de bilhetes do banco exclamando:

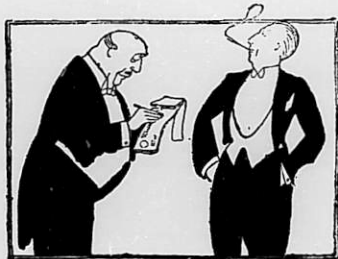
"No 21!". E, a bola parou no 21.

Os visinhos, olharam-no, numa admiração. Elle pareceu não prestar attenção e chamou um dos empregados. M. Rochelet aproveitou para abordeal-o. Estava nervoso, comprimia as luvas numa impaciencia extranha... Merval, tinha nos labios o sorriso habitual; então teve como um deslumbramento e chamou-o à parte.

— Senhor, queris acompanhar-me um instante ao meu gabinete?

E, quando se acharam sozinhos, numa voz oppressa:

"Tempo é dinheiro. Eu sou claro em negocios: a



vossa descoberta, e vos assigno um cheque de 500.000 francos. Em troca, comprometter-vos-eis a não mais pôr os pés nos salões de jogo e a não confiar a vossa descoberta a ninguém, servem estas condições?"

Merval esboçou uma negativa. Tinha reflectido... No fundo o negocio não apresentava grandes vantagens...

Sem grandes riscos, sem ficar a dever favores a ninguém, podia perfectamente, graças à sua descoberta, ganhar dez, cem vezes mais...

M. Rochelet elevou a cifra até 750.000 francos. O outro abanou a cabeça, negativamente.

"Então... o milhão?", pronunciou em voz baixa o director, como que assombrado, elle mesmo, pela importancia da quantia.

Merval hesitava... Por fim disse:

— Seja. Vós sois uma optima pessoa e minhas ambições são modestas. Pague e o "methodo" é vosso; pela minha honra.

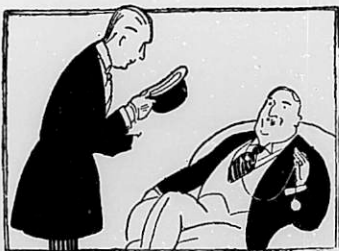
M. Rochelet encheu um cheque que assignou e entregou a Merval.

O "mathematico" leu o precioso documento, dobrou-o cuidadosamente, mette-o no bolso, e, installando-se commodamente numa poltrona começou:

— Como todas as grandes descobertas, a minha, é a mais simples possível. Bazeia-se ella sobre uma certeza: o Acaso. Cálculo sobre a probabilidade, equações etc. não passam de infantilidades. Nada é verdade, nada existe, nada é mathematicamente certo, a não ser o Acaso.

Por elle perdi minha fortuna: isto é um facto, e a não ser que entremos nas hypotheses de uma certa philosophia, um facto jamais é falso.

Partindo deste principio, fui levado a perguntar a mim mesmo, si não seria o Acaso o instrumento



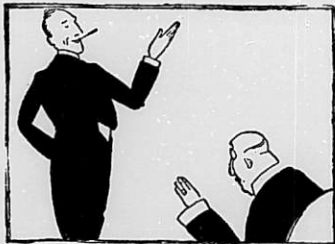
com que eu gannasse aquillo que elle mesmo me fizera perder. Porque razão, de facto, certo numero são mais vezes que outro numero visinho?

Acaso! Eu digo, por exemplo, successivamente: 3—11—14, e saem: 7—9—23. Perdi.

Mas nada se opunha a que sahisses os numeros que eu dissera e eu teria ganho! Em summa, lembraes, acaso, quantas vezes ganhei em vossa presença?

Seis vezes, apenas. O Acaso, portanto, servio-me bem, seis vezes, depois de me ter sido hostil mais de cem. Tivesse eu perdido, uma vez; e vos terieis naturalmente pensado que a minha descoberta valia o que valem as outras.

Mas o Acaso, favoreceu-me de principio a fim.



Arrisquei trinta luizes na prova. Gannei um milhão. Creio tel-o ganho honestamente. Passe muito bem.



Na penumbra da convalescência

Tudo dorme, na grande casa soarenga. Um silêncio suave como uns dedos de seda, fecha os olhos das coisas, esses olhos amigos das coisas familiares...

E, na penumbra subtil de sua casta a'cora, a adolescente, que vela, que não pode dormir, como uma fragil criança que tem medo, lembra alguém que erra á distancia, alguém que o prestigio da saudade recorta em nimbo de sonho... E os versos do namorado, lyricos e ingenuos como todos os primeiros versos que se fazem á primeira namorada que se tem, vão passando, passando, na longa theoria das folhas soltas, que lembram a fragilidade das petalas, tanto mais frageis quanto mais estensas...

A penumbra da convalescência! E' como uma tenue bruma de miragem por entre a qual vislumbamos o que a nossa saudade vivifica... Bruma emocional, ha dentro della todo o mundo dos affectos que ultráz deixamos, lagrimas e sorrisos, olhos e semblantes que mal vivem ainda no espelho da nossa memoria; gestos que ficaram em nossa alma, como esculpidos em ternura; doces figuras amovaveis que fechamos em nós, como se fecham os perfumes: em frascos preciosos...

A bruma da convalescência! Não é uma semi-escureidão crepuscular, não é a sombra morta de um anoitecer. E' a sombra luminosa, que sobe e vem de nós mesmos, ao calor da vida que regressa, ao fulgor da esperanza que desabrocha de novo.

O ultimo senhor feudal

(CONTO)

O aspecto féro, fechado e carrancudo, sentado na grande cadeira de couro, estava o senhor feudal. Um velho lebreu, estendido aos pés de seu nobre dono, sonhava montarias e cavalgadas ao clarão do luar... a joven condessinha, unica filha do velho fidalgo, junto ao peitoril da janella, bordava, silenciosamente, um manto de ouro e seda, para a Virgem.

De quando em quando seus lindos olhos, timidos e azues, se erguiam, e fitavam o rosto severo do conde, enquanto de seus labios fugiam fracos suspiros.

Morria a tarde. Atravez os vidros multicores da janella, os ultimos raios do sol penetravam na sala, como coados por uma nevoa pallida e subtil.

A joven lembrava o seu sonho de amor infornado.

O velho fidalgo sonhava reviver os gloriosos feitos de seus antepassados.

Dom Lopes de Lara pertencia a es a raça de fidalgos de boa cépa castelhana, sonhadores e aventureiros.

Por fim falou:

— Se me pedisses o céo, de melhor grado t'o daria, que o consentimento para essa união, min' a filha... Julgás, acaso, que as formosas e nobres condessas foram creadas para "divertimento" e alegria de vilões?... Estariamos bem arranjados si uma donzella de tua estirpe descesse de sua fidalguia para dar a mão de

esposa a um plebeu!... Bem sei, que vos não faltam razões em abono de que me pedis: que embora esse rapaz não seja gentilhomem e soldado, é contudo homem de letras e de leis como os que mais o sejam.

Mas eu vos respondo: não é de homens de engenho ou de lavradores que necessita a patria, mas sim de esforçados paladinos, que levem sua bandeira, a sangue e a fogo, ás mais remotas e longinquas paragens: "Assim" tereis que renunciar a esse vosso extranho e descabido capricho e esperar que eu volte desta campanha, que o rei prepara para breve e em que nos cobriremos de gloria, para que com mais vagar possa pensar em vosso destino.

Dito isto, o velho conde fez uma reverencia e sahio.

Seus passos se perderam, pesados e terriveis ao fundo das corredores do castello, enquanto duas lagrimas de

amargura deslisavam pelas faces da donzella, que via o seu bello sonho de amor desaparecer sem esperança...

* *
* *

Cinco longos annos de guerra, e o velho conde não regressava a seu solar!... A principio ainda recebiam noticias dos guerreiros.

De longe em longe chegava ao castello um emissario: quasi sempre um velho soldado.



Depois, com o andar dos tempos não mais se teve notícias da mesnada. Boatos alarmantes corriam, mesmo, a respeito da expedição. "Dizem, — murmurava uma velha comadre, — que morreram todos em uma emboscada" — e um antigo escudeiro que não pudera partir com os mais devido à idade e aos achaques desmentia-a, furioso:

— Calla-te, velha bruxa resmungona!... agoreira de infortúnios!... internaram-se em terras do inimigo, e irão, se preciso for, até o fim do mundo! —

Mas os annos passaram e nem um unico dos guerreiros regressou à patria. Pouco a pouco, o esquecimento foi lançando sobre a aventura a piedade de seu véo... e o velho burgo, iniciou uma vida de trabalho e paz. Uniram-se as mãos da fidalga e do plebeu, e não tardaram os fructos desse amor feliz: dois robustos rapazes que pelas tardes de verão, corriam, brincando por entre as ruínas do antigo solar dos Laras.

Ora, depois de muitos e longos annos, por uma bella tarde estival, estava o velho Martins, sogro da condessa, e um um dos mais velhos lavradores do lugar descanzando à sombra de um castanheiro, no alto de uma colina, quando qual não foi seu assombro, ao ver na estrada, em baixo, em carne e osso, cavalgando um magro roncinante, o velho conde Dom Lope de Lara. Já não era porem, aquelle altivo e feroz barão que partira para a conquista e para a gloria ha annos; aquelle bravo e indomito guerreiro, em cujo escudo claro como um sol re-plandecia o soberbo lema:

— Batalhar é o meu descanço!... Magro e velho tornava agora a seu lar, o soberbo senhor, e bem melhor inspirava piedade que temor.

Roto e coberto de cicatrizes, cheio da poeira e lama dos caminhos, era apenas, a amarga sombra do que fora.

E o velho camponez sentio entrar-lhe o coração uma infinita piedade. No entanto vieram-lhe à lembrança todo esse passado de guerras e desassocegos, os campos talados e faltos de braços; a miseria dos lavradores a suar inutilmente sobre a ingrata gleba, de sol a sol, para encher as tulhas dos grandes e poderosos.

Tudo isso lhe veio à lembrança num rapido lampejo, porem a compaixão foi maior e descendo, a correr, bradou a grandes vozes:

— Dom Lope!... Dom Lope!...

O fidalgo parou, e fitando-o, inquiriu, surpreso e dolente:

— Quem es tu... bom homem, que ainda te lembras de mim? —

— Martim, meu senhor, o vosso servo Martim...

— Ah!... sim... bem me lembro!...

— Vinde, senhor. Descanzeis um pouco, pois deveis estar cansado... e um cangirão de bom vinho, talvez bem vos saiba...

Chegaram ao alto da colina. O velho fidalgo sentou-se, bebeu vinho e estendendo olhos pela extensão das terras em torno, todas cultivadas e bem tratadas:

— A quem pertence aquelle moynho, além, ao pé do arroio?

— E' meu, senhor, e vosso tambem. — respondeu com certo orgulho o velho lavrador.

— E aquelles

lindos trigaeis, da outra banda do caminho?

— Deste vosso servo...

— E a granja, que mal se divisa, desta banda do monte, tambem será tua?...

— E, igualmente vosssa, meu senhor...

— Estás dono do povoado! e como conseguiste tanta riqueza?

— A' força de regar com o suor do meu rosto



esta bemdita terra. Desde a vossa partida trabalhamos a valer e fomos sobrios e economicos. Emprehendemos o caminho do trabalho e da virtude.

Eu, dos fortes, fiz bons lavradores, simples e honrados; meu filho, dos fracos, fez homens, de estudo e de saber, e vossa filha, meu senhor, das mulheres todas, fez boas reindeiras, simples de desejos e puras de coração...

— Minha filha!... Pobre!... que foi feito della?...

— Já vos deu, meu senhor, dois sadios e robustos herdeiros, que perpetuarão o vosso nome...

— Casou-se com algum fidalgo d'aqui?

Martim se descobrio, com uma altivez que extranhava num rude filho da gleba e disse, gravemente:

— Deu-nos a honra de tomar estado, casando com meu filho, senhor.

O velho fidalgo sentiu uma onda de sangue subir-lhe ás faces. Sua filla, o ultimo rebento de uma nobre estirpe, unida a um labrego!

Era a ultima das humilhações que recebia, o derradeiro golpe que o cruel destino lhe vibrava.

No entanto, conseguiu dominar a grande commoção, e tocado de uma profunda resignação, erguendo os caçados olhos ao céu exclamou:

— Senhor, seja tudo pelo vosso amor. O que fizeste, bem feito está!...

E montando novamente a cavallo, seguido do velho lavrador dirigiu-se ao castello, ao seu antigo e derrocado solar, onde, de ora em diante, em meio a seus netos, lembrando, pelos poentes de melancholia, toda a velha gloria de sua soberba gente, seria bem, no seu declínio, triste e apagado, a figura do ultimo senhor feudal.

AMOR DE PAE

(Incédito)

(Por OLGA B. PRAGUER).

Em uma aldeia, a algumas leguas da cidade de X..., morava um venturoso casal com uma filha — linda menina de cinco annos de idade, loirinha, de olhos vivos e scintillantes quasi duas turquezas esplendidas.

Viviam os tres na mais perfeita harmonia, na mais encantadora paz; nunca haviam soffrido privações e a casa que habitavam era modesta mas confortavel.

Roberto — assim se chamava o pae — era um honrado negociante; Maria, sua esposa, possuia todas as qualidades de uma boa dona de casa: mantinha o lar com esmero e prodigalisava á filha, a mãe, seus cuidados maternos, ensinando-lhe os regras do "bono viver" e incutindo-lhe os mais puros sentimentos de amor á virtude.

Todos os dias, ao voltar de seu trabalho, Roberto encontrava sempre, a porta de casa, a esposa a esperar e a filha sentada a seus pés, brincando ou a folhear as paginas d'algum livro illustrado. A sua chegada levantavam-se as duas e o abraçavam e beijavam carinhosamente.

Viviam assim essas tres creaturas quando, levado por mãos companheiras, entregou-se Roberto ao jogo. De tal modo fuzcou-o a "roleta" que pouco tempo depois já gastara todo seu dinheiro, restando-lhe apenas a casa!

Vendo-se nessa precaria situação, deu uma pequena tréqua ao vicio; não resistiu, porém (apesar dos conselhos de sua esposa) á terrivel tentação de procurar riqueza, uma noite, tudo o que perdura. Correu, porisso, pressuroso, a hypothecar a casa e com o dinheiro obtido foi "tentar a sorte". Avido de ganhar, fez grandes apostas e dentro de uma hora perdura toda a somma que levava.

Desesperado voltou á casa e, lembrando-se de que a mulher possuia algumas economias, exigiu-lhe que lhas entregasse, ameaçando-a de morte si não obedecesse. Maria, vendo que o marido estava sob a acção do alcool e que portanto seriam inúteis os seus conselhos, disse-lhe apenas: — "Com que direito reclusas tu aquillo que te não pertence?" "Dar-t'ò-a de bom grado si não sou-

besse o fim a que o destinás". Roberto, então, enfurecido, gritou: "Tu tens que me obedecer ou ponho em acção minha ameaça"...

Agarrada ás saias maternas, Ione cheia de susto e tremula de medo, embora não comprehendesse bem aquella scena, olhava para os paes com um ar tão ingenuo que causava dó...

— "Já te disse o que devia" — foi a resposta dada por Maria, com voz tremula mas em tom inabalavel. Presente, porém, as desgracas que poderiam sobrevir em consequencia daquelle momento, exclamou supplicante: "Roberto, peço-te que recobres a razão e rejas a loucura que queres praticar; prometto dar-te todo meu dinheiro si me jurares que nunca mais tornarás a jogar nem a beber; promettes?"

— "Não prometto nada, o que exijo é a entrega de tuas economias, e já que não m'as queres dar vou arrombar immediatamente aquelle armario, que é onde ellas estão guardadas; previno-te desde já que a primeira pessoa que se approximar de mim leva um tiro"... E assim falando puxou um revolver do bolso.

Maria, apavorada, rompeu em soluços enquanto Ione, ao ver "aquillo" approxinou-se lentamente do pae que, immovel e como que petrificado, hesitava em cumprir a terrivel ameaça.

A pequena, approximando-se mais, indagou curiosa: "Papai para que está apontando "isso" para mim, porque fiz a Mamã chorar?"... "Mas, deixa-me espianar o que é que ha ali dentro desse cano preto, sim?" — pediu a pobrezinha, inconsciente do perigo que corria, e de modo tão meigo e ingenuamente supplicante que acabou por enternecer o pae cujo estado de excitação (devido ao desespero e ao alcool, a um só tempo) o tinha tornado insensivel aos rogos da esposa e ao cumprimento do dever mas não conseguira embolar em seu coração esse sentimento puro e immortal que é o "amor de Pae".

Recuperando a razão, Roberto atirou o revolver ao sólo e, abraçado á filha, pôz-se a beijal-a tão commoçido que acabou perdendo os sentidos sob o peso de tantas e tão profundas emoções...

Voltando a si, momentos depois, encontrou-se deitado em seu leito, á cuja cabeceira estava a esposa, sorrindo bondosamente e a seu lado a filha que já havia adormecido.

OS ANJOS DO LAR

Por CAROLUS BRIO.

Um esplêndido "appartement", avenida Presidente Wilson, em Paris. Actualidade.

JULIA — Não, não me agrada, absolutamente, a perspectiva. Prefiro procurar outro lugar... O que me não falta, de resto.

O SENHOR — trinta annos.

MME. — Digamos... vinte e cinco annos.

JULIA, cozinheira, — côr de lagosta, symbolisando o ardor do fogão.

CLOTILDE, creada;

CASIMIRO, chauffeur.

ERNESTO, creado.

Todas estas respectivas pessoas formam circulo em torno ao jovem casal.

O SENHOR, em voz baixa, a MME. — Explica-lhes, tu...

MME. — Não. Fala tu.

O SENHOR — Depois, o culpado sou eu... está visto!

MME. — Avia-te.

O SENHOR, accendendo o cigarro para se dar um ar de importancia — Meus... meus caros amigos... Em vesperas de tomar uma decisão... que vos interessa tanto como a nós mesmos...

MME., rectificando. — Ao menos até certo ponto.

O SENHOR — Julgamos que deviamos consultal-os...

MME. — Saber o que pensas a respeito...

O SENHOR — Trata-se do emprego do proximo verão. Nós temos o bom ou máo costume de veranear dois mezes pelo menos a cada anno.

(Signaes de desapprovação).

MME., insinuante — Ha casas que veraneam quatro e mesmo até seis mezes.

O SENHOR — Trata-se da saude da senhora, e mesmo da minha...

MME. — Meu marido tem absoluta necessidade de repouso...

O SENHOR — A's vezes vamos ao mar, ás vezes ao campo, outras vezes passamos estes dois mezes de ferias em nosso castello do Poitou. (Movimentos divo-sos). Assim, vimos francamente vos perguntar o que preferis...

MME. — Ou, ao menos...

O SENHOR — E sabermos si podemos contar convosco...

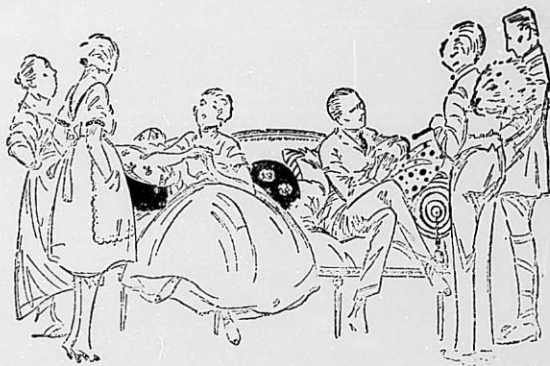
MME. — Vejamos, Julia, você que é a mais edosa... ou pelo menos a menos joven.

JULIA — Não sou contraria ao desejo de Mme... apenas, para o mar, não contem commigo, faz muito vento; como tambem para as montanhas. E' muito alto. Pelo que re'peita ao campo... é confor-me. Mme. terá muitas visitas?

MME. — Confesso que tenho esse projecto...

JULIA — Oh! Então!... Prefiro não ir ao campo...

MME. — Far-vos-hei ajudar.



go o mesmo que Clotilde. Ainda si fosse para o mar, talvez seria possivel. Ha distrações... Mas para o campo!

O SENHOR, amigavelmente — Aposto que Casimiro é mais razoavel

CASIMIRO — Razoavel, razoavel... Vejamos, acha o senhor que seja razoavel metter-se a gente num paiz de selvagens, quando temos o Bosque a dois passos da porta?

O SENHOR — Perdão, o Bosque, como factor de saude... a mudança de ar...

CASIMIRO — Eu não preciso de mudança de ar...

MME. — Pois faz mal. Todos os hygienistas estão de accordo...

TODOS — Oh! quem é que se importa com hygienistas!...

MME. — Está bem. Nós providenciaremos

(O côr dos creados se retira).

O SENHOR — Estamos bem arranjados!

MME. — Tambem!... Com a tua falta de tacto...

O SENHOR — Que foi que eu disse. Que a culpa ser' minha?!

(Oito dias depois; casa vazia)

O SENHOR, abrindo um envelope — O certificado.

MME. — Está em regra?

O SENHOR, lendo — "Nós, abaixo assignados, certificamos que M. e Mm. A., estiveram empregados por nós, como patrões, durante um periodo de seis mezes, e que nos achamos satisfeitos delles do ponto de vista da conducta e da probidade. São sobrios, economicos, mesmo um pouco em demasia. Quanto á limpeza nada deixam a desejar. Em fé do que, passamos este certificado... etc... (N. B.) Quanto á limpeza, a nossa contribuição foi tambem valiosa."

Está em perfeita regra!

MME. — E o coice?

O SENHOR — A respeito da economia?... Mas, minha cara,

não se pode pretender tudo...

MME. — E dizer que outrora eram os patrões que passavam certificados aos credos de servir!...

Um "Bouquet" de "Peignoirs"

CONFECCIONANDO-SE EM CASA ESTES LINDOS MODELOS DE "PEIGNOIR", E ESTES SIMPLES E GRACIOSOS COSTUMES DE BANHO, REALISA-SE UMA ECONOMIA IMPORTANTÍSSIMA

Costume de banho em "jersey" de lã, "vert-amande". Com 1 metro e setenta tem-se o gracioso costume. O cinto é em tal-feta preto. Dois metros de fita são suficientes. É um dos mais lindos modelos no genero.



"Peignoir" de banho em forma de capa. É em "éponge" listado, muito original. Ampla gola "roulé" em "éponge" branco. Com dois metros e 30 de tecido confecciona-se este bello "peignoir". Para a gola, 50 centímetros de fazenda bastam.

Eis uma elegante capa, em "éponge" estampado, com gola de "satin" branco, lavavel. Faz-se mister para confeccional-a, dois metros e trinta de "éponge", mais 30 centímetros de "satin" para a gola.

Nada mais pratico, mais leve e mais quente que uma capa como esta que o nosso cliché produz. É, em lã branca. A ampla gola formando "pelerine" completa-a de maneira muito feliz. Para a confecção, 2 metros e cincoenta de tecido são suficientes.

Casaco em sarja preta com bordas brancas. A saia em flanela branca, para o que é necessario 50 centímetros de tecido. Com pouco gasto tem-se assim uma magnifica toilette para praias.



Bonnet em "satinette" formando um lenço amarrado a um dos lados da cabeça por meio de um anel branco, quasi sempre de osso. E' um muito gracioso modelo.



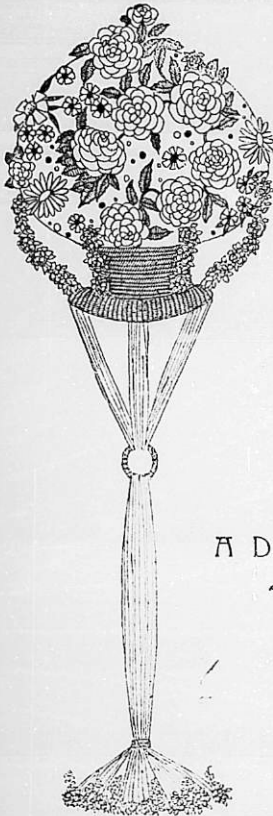
Outro modelo de "bonnet", em "satinette" branca, impermeavel, preso à frente por um "cabocho".

Um simples mas nem por isso menos encantador modelo de costume para banho. E' confeccionado em tafeta "ibis", botões pretos, e pequena gola em "satin" branco, fechada por uma fita preta.

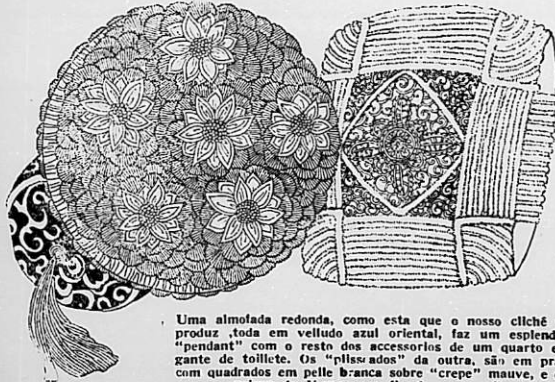
Traje de banho, lindo "corselet" em gabardine vermelho, com bordados em seda. Calção e touca em gabardine. Para a confecção desta linda toilette requer-se apenas 60 centímetros de farda.

Tunica em sarja preta com bordados brancos. Usa-se sobre um maillot qualquer. E' um esplendido e elegantissimo modelo. 90 centímetros de sarja, bastam para confecciona-la.

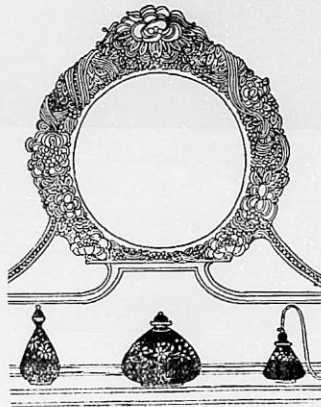




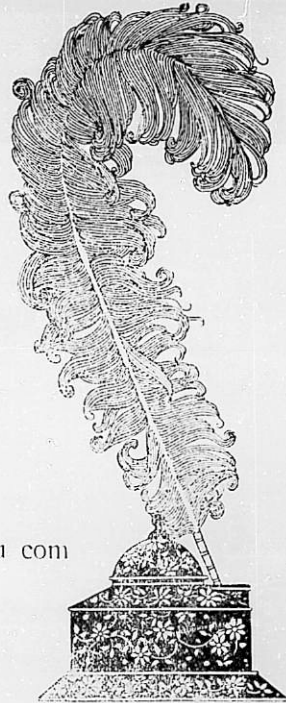
Eis uma linda lampada coberta com tafetá de um verde pallida, sobre o qual se pinta e incrusta uma série de petalas formando coprichosos bouquets. O remate deste bellissimo accessorio de "boudoir" é executado com tenues cordões de ouro, assim como o anel donde partem as largas fitas de "liberty" em varios tons rosa, fitas estas que descendendo do tecto sustentem a fidalga e original lampada.



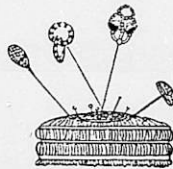
Uma almofada redonda, como esta que o nosso clichê reproduz, toda em velludo azul oriental, faz um esplendido "pendant" com o resto dos accessorios de um quarto elegante de toilette. Os "plissados" da outra, são em prata com quadrados em pelle branca sobre "crepe" mauve, e encaixes de Veneza em fio de ouro velho.



Sobre o lucido marmore do tocador, destacam-se artisticamente, num magnifico effeito de contraste, os crystaes em floreados brancos sobre fundo negro.



Atravez do transparente lavor das pequenas flores lapidadas no crystal deste tinteiro advinha-se o violeta da tinta num bello contraste com o intenso alaranjado da grande penna de avestruz



A pequena lampada da "secretaire" em crystal transparente, deixa tombar sobre o módo de flores naturaes o clarão coado atravez de um "abat-jour" coberto de seda rosa e "mauve" com ornatos em tonalidades pallidas.

A Decoração do "Boudoir" falla com eloquencia do bom gosto de sua dona

OS BELLOS INTERIORES

O lar, é presentemente o ponto para onde convergem todas as atenções, principalmente nesta época que atravessamos, época de crise, não somente financeira, mas, também quasi que podemos dizer... moral.

O lar, esse "home", que no sentir inglez tem tanta preponderancia, é, ou deveria ser, não somente um lugar de repouso, como também de illimitada inspiração e de espirital delcete.

Nos paizes civilizados, elle representa, naquelles que a bestialidade não calçou o sentimento, a mulher "inspiradora", e não simplesmente a "ordenadora".

Postos á margem os preconceitos tolos e ridiculos da masculinidade e esclarecidos os principios utilitarios, no lar, a mulher é o symbolo da

inspiração intellectual, forte, sadia e pujante, concorrendo com a sua antiga e unica feição de ordenadora, isto é, de uma mordoma.

A's vezes essa tendencia toma vulto e pretende impôr caprichosamente conceitos erroneos ou falsos com graves prejuizos, porém a mulher, geralmente tem o coração bem formado e a religião é o seu esteio, o seu ponto de apoio e facil lhe

será arrearar esses pontos de vista que, perigosamente têm sido prégados em alguns paizes. Entre nós essa inclinação jámais tomará pé, dada a indole da patria que vê na sua "casa", um ninho de felicidades para si e para todos os que lhe são caros. Assim é que no modesto lar do operario ou no sumptuoso palacio do millionario se respira aquella paz perenne, inspirada pelo seu anjo tutelar: a esposa, a mãe.

Felizmente, o engenho humano não cessa de trabalhar para que esta orientação de energias femininas possa

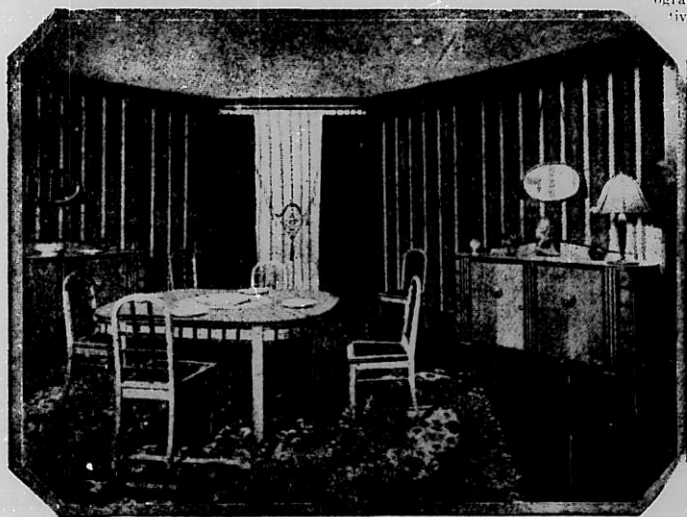
lograr o maximo do seu objetivo, o conforto, sem necessidade de grandes despesas materiaes, afim de que o embellezamento do lar não seja um privilegio, mas também uma realidade ao alcance de todas as fortunas, sem outro dispndio que o representado pela acção pessoal de quem se encarrega de organisal-o.

O primeiro cuidado que deve ter em conta a mulher que se dispõe a formar, um "ninho", é o fundo sobre o qual hão de se destacar os moveis e adornos.

Algumas pessoas apreciam as habitações que mantêm uma harmonia de cores; outras ao contrario amam os contrastes. Não é um máu systema a combinação de ambas as cousas, principalmente tratando-se de uma casa pequena, pintada p o

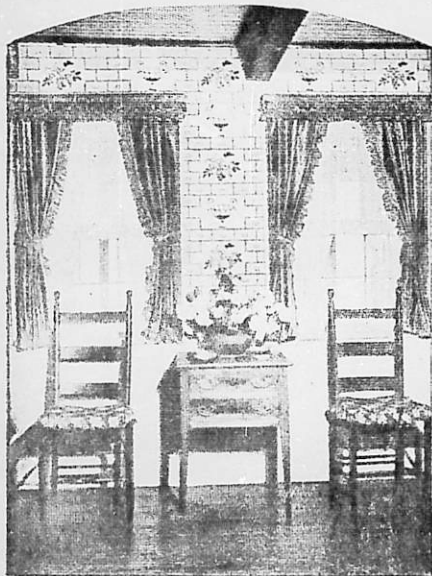


Aspecto de um angulo da sala de visitas em uma casa moderna. Moveis, bibelots, lampadas, etc., tudo concorre para uma impressão agradável e convidativa.



Elegante sala de jantar. Não obstante a severidade dos moveis, este aspecto reúne as condições de conforto, alegria e bom gosto indispensaveis.

exemplo as paredes do vestibulo de um tom amarello, e, os moveis do mesmo de castanho bem escuro, entoando com as outras peças e paredes da sala de jantar, visitas



Um aspecto da sala de jantar de antiga casa solariega, restaurada segundo as modernas orientações.

inconvenientes conhecidos, ainda mais o facto de ser uma cidade relativamente humida, humidade provocada em grande parte pela garóia fina e persistente, originada das constantes nuvens de fumaça desprendidas das fabricas e officinas. E o papel então começa a perder



Um canto de modernissima alcova, mui elegante.

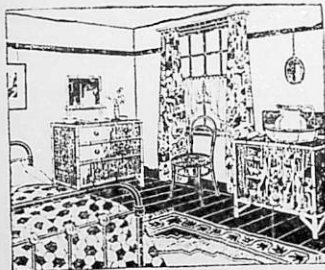
e dormitorios que poderão ser castanho-azul, azul claro e ro-a-claro respectivamente. Deste modo podemos variar as cortinas e reposteiros de um aposento para o outro sem receio que o conjunto harmonico venha a ser quebrado bruscamente.

O papel hoje quasi que não se usa mais, para as paredes. Nas casas americanas do norte e brasileiras está por assim dizer quasi que totalmente abolido. E, innegavelmente, é uma excellente medida de hygiene principalmente entre nós, que habitamos uma pequena parte da zona torrida e o restante na zona temperada. Em São Paulo, o papel offerece além dos inumeros

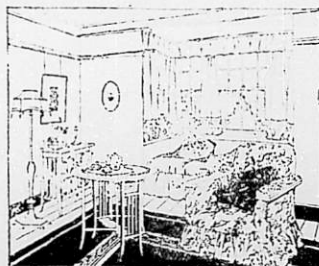
a sua côr, a embolorar e dentro de pouco tempo se transforma em um fóco de mocríbios.

Caso não queira a leitora deixar a parede simplesmente pintada, pôde nos tempos de inverno, o que aconselhamos bastante, enfeitá-las com "papiers", como se faz na Europa. Enfeitá-las extraordinariamente o aposento, principalmente em se tratando de uma sala de visitas.

Os nossos clichés dão alguns modelos de aposentos. Elles dispensam quaesquer comentarios, são bem nítidos e claros. Por elles podemos organizar o nosso lar.



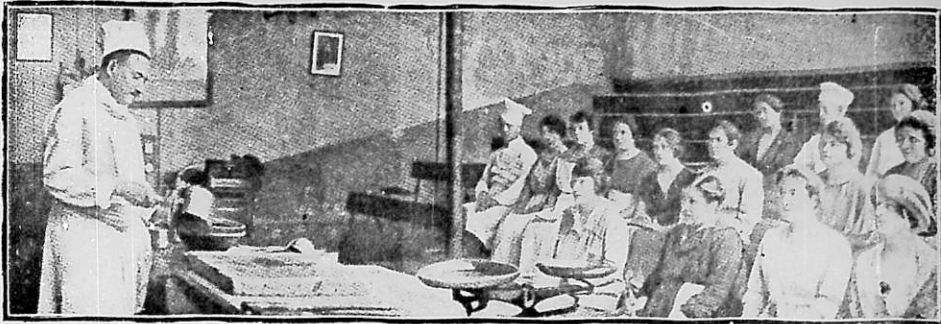
Gracioso dormitorio de creança, em estilo japonês. Moveis de bambú e objectos de laca. O jogo do tocador é de porcellina amarella brilhante. O lavatório, habilmente confectado, não se presta para porta calçados. Commoda lacedada e cortinas estampadas.



A confortavel saleta íntima da senhorita. Um smples divan, uma poltrona, duas mesinhas, um alast-jour e mais umas pequeninas couzas, eis tudo. As sort nas devem ser claras, acompanhando o tom das mesinhas, podendo ser o divan e a poltrona em estylo inglés.

O que uma boa dona de casa não deve ignorar

PRINCIPIOS DE ARTE CULINARIA



Uma demonstração pratica de arte culinaria.

Quando uma jovem noiva penetra pela primeira vez em sua casa, sente ao lado de outras emoções um sentimento inexpugnável de alegria e prazer aliado a uma inquietude e um receio quanto à sua posição de dona de casa. Presentemente, com essa crise de empregados domesticos esse receio que sente a nova dona de casa naturalmente assume proporções de pavor, principalmente se ella desconhece os deveres e obrigações que requer uma casa. Não é somente enfeitur uma sala, dispor os seus moveis com gosto e arte e receber visitas que se resume a obrigação de uma senhora. Uma das partes mais importantes da vida familiar e geralmente a mais 'escudada', é a que se refere à arte culinaria. Sim, das mais importantes porque toda a estabilidade do lar está por assim dizer na cozinha, porque dependem desta a saude e a economia domestica. A má qualidade dos alimentos ou o seu inextricavel preparo as causas dessas innumerables molestias do estomago e intestino, na maioria das vezes fataes. A falta de tacto, por parte da dona de casa, nas compras ou a sua inexperiencia em entregar tudo nas mãos de empregadas, pode ser tambem a ruina da familia, pois uma despesa bem administrada representa uma grande economia e quando não é o maior sorvedouro de um lar; não ha dinheiro que chegue e geralmente nessas occasiões a mesa á falha de bons pratos.

Conhecemos senhoras ainda bem jovens que se deixam levar exclusivamente pelos livros de arte culinaria que compraram. É um mal e um grande mal porque no fim de certo tempo são incapazes de fazer qualquer coisa que não esteja bem explicado no seu livro de receitas. Fazem tudo mechanicamente, sem conhecer os principios fundamentais e portanto jamais conseguirão applical-os nas occasiões propicias.

Na Franca e nos Estados Unidos principalmente existem boas escolas para cozinheiros ou cursos de preparatorios para as futuras donas de casa. É curioso passarmos para estas paginas algumas observações feitas pelos professores desses cursos.

Antes de mais nada, dizem elles, e com muita razão, todos os operarios devem ter bons, quando não excellentes apparatus. Deve-se evitar as caçarolas de ferro branco ou de cobre, aquellas pelo preço exhorbitante e estas

porque são perigosas; o aluminio espesso é o metal preferivel. Uma pequena bateria de aluminio composta de duas cuçarolas grandes, duas medias, duas pequenas; uma frigidera grande, duas medias e duas pequenas; um caldeiro grande, dois medios e tres pequenos; um cozueiro, uma estraladeira, uma grelha, duas conchas, uma grande e uma pequena, duas espumadeiras, tres colheres, grande, media e pequena; tres garfos e tres facas, e duas cha-



Exame dos diversos pratos executados pelos alumnos.

leiras para aquecer água, é o ideal. Está a dona de casa preparada nesse ponto. Junte-se a essa bateria de alumínio um boião para sal, de agate, um rolo para pastéis e a competente taboa e um aparelho de doze peças pequenas em madeira para carnes, legumes e hortaliças, está completa a sua cozinha.

Ora, tudo isto que ficou dito, não dispensa naturalmente a mesa de mármore e a de madeira, o passador para carne, o graal e outras cousas mais que naturalmente acompanham as famílias ou se encontram

já installadas nas casas. Naturalmente não nos referimos aos vidros e latas para pimenta, cravo, nó moscada, canella, etc., porque julgamos accessorios das dispensas.

Vamos suppor que se vai preparar um prato qualquer. Deve-se ter sempre a mão todos os ingredientes bem proximos da pessoa a fim de que não perca tempo com pesquisas que na maioria das vezes além de causar aborrecimentos, ainda é causa de fazer o petisco que se prepara perder o gosto. Depois toma-se o cuidado de ver si o material a ser empregado é de excellente qualidade, se deve ser cozido a fogo lento ou a fogo vivo. E' condição essencial essa que se refere a qualidade do fogo, pois

muitas vezes um prato, cuidadosamente preparado, entretanto perdeu o seu sabor exclusivamente porque foi cozido a fogo vivo quando devia ser o contrario ou a vice-verso.

Com referencia aos legumes ha um ponto muito interessante que a maioria das nossas amigas desconhece: em todos os legumes como nas carnes faz parte da sua composição uma grande quantidade de materias albuminoides. A propriedade da albumina é de se coagular quando surpreendida pelo calor e formar então uma especie de envoltorio em volta do alimento, conservando todas as suas qualidades nutritivas e sapidas. E' por essa razão

que os legumes frescos devem ser postos para cozinhar quando a agua estiver fervendo, para *surprender* a albumina e impedir que ella se espalhe pelo liquido quando frio. O mesmo já não se dá com os legumes secos que deve para rehydratal-os, isto é, para que aos poucos absorvam a agua que delles anteriormente se tirou. Isto em se tratando de pratos communs e não de sopas, porque a pessoa absorve o liquido de modo que não ha necessidade desse cuidado.

São pequenas cousas, que á primeira vista parecem carecer de importancia, porém são conhecimentos indispensaveis. E a verdade é que o exito das grandes coisas é quasi sempre a resultante das pequenas.



Como se enrola a massa para o preparo de pastéis.

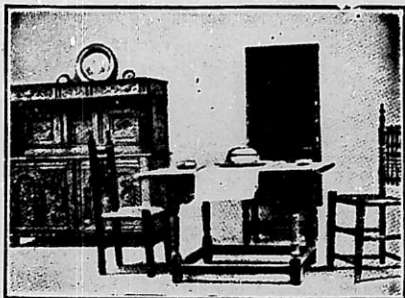


Procedendo ao desmonte da machina para a fabricação de sorvetes.

A esthetica dos interiores

PELA DISTINCCÃO E PROPRIEDADE DO MOBILIARIO PODE-SE JULGAR DO BOM GOSTO E DA PERSONALIDADE DE SEUS DONOS

O mobiliario e a ornamentação de um interior, revelam claramente o grão de bom gosto



Este velho armario e as cadeiras de estylo rustico substituem com vantagem o aparador e os outros elegantes moveis da sala de jantar do seculo XIX.

peçoal, o espirito, e muitas vezes, mesmo, o proprio temperamento das pessoas.

Entre o ambiente que nos rodeia e as nossas qualidades de caracter, os nossos gostos, as nossas predilecções, existe um nexu, um élo occulto, estabelecido muitas vezes, mesmo, sem a nossa intervenção directa. E esse élo é a revelação da nossa psychologia, pois que, como acabamos de dizer, tudo o que nos cerca, e faz parte do nosso "home", é, até certo ponto, o producto de nosso espirito.

Todo o cuidado é pouco, portanto, quando se trate de organizar a decoração e o mobiliario de nossos interiores.

Não é preciso, nesta materia, como muita

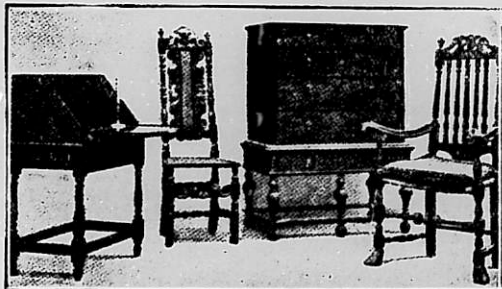
gente suppõe, recorrer-se a pomposidades e luxos deslumbrantes.

Pelo contrario. Todo o exito depende mais do bom gosto e da simplicidade que presidam a essas organizações que mesmo das grandes sommas que se gastem para esse desideratum

Tudo está na propriedade da escolha e na sabia disposição dos objectos, dos moveis e dos quadros.

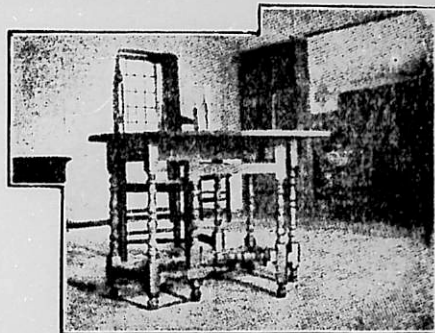
Aqui, sim, são necessarios elementos de harmonia e rythmo, golpe de vista e intuição finissima.

Porque, si bem repararmos, o bom ou máo effeito da ornamentação de um aposento, de-



Uma grande cadeira, a cadeira de espaldar alto, a pequena mesa para a correspondencia e o archivo para documentos, são e bastante para se mobiliar com muito bom gosto um escriptorio, em nossa casa.

pendem quasi sempre do equilibrio do conjuncto, do criterio artistico. emfim, com que peças e "bibelots", paineis, e quadros. bustos e estatuetas, foram reunidos, num complexo grupo homogeneo.



Oh! a grande lareira ao fundo da cozinha patriarchal! Emblema da hospitalidade e do amor, lembra a cordalidade e a franqueza de antanho, bellas tradições que infelizmente vão desaparecendo. Ao lado, a mesa elastica, simples e linda.

A menor nota heterogenea, o menor detalhe que destoe do caracter geral, quebra lamentavelmente a unidade artistica pondo a perder tudo.

Não quer isto dizer, que se deva mobiliar um aposento, langando mão de elementos absolutamente uniformes, ou mesmo pertencentes a um unico periodo historico etc.

Pode-se perfeitamente ornamentar e mobiliar um interior recorrendo a varios estylos, contanto, que ao fazel-o não se ponha de parte considerações de esthetica, de colorido, etc.

Certo, existem estylos perfeitamente antagonicos, tão antagonicos mesmo, que o mais refinado go-to não conseguirá o milagre, de amalgamal-os num conjunto accetivel

Estes principios, são de resto do dominio geral, pois que se não faz mister uma profunda competencia nestes assumptos para se comprehender o antagonismo existente entre uma grande arca medieval, por exemplo, e um destes leves e preciosos moveis da epocha dos Luizzes...

Salvo estes extremos, a maioria dos estylos presta-se perfeitamente a uma composição de conjunto, sempre que sejam escolhidos com alto criterio e dispostos com muito gosto.

Isto mesmo é o que sempre temos vindo commendando ás nossas gentis leitoras.

A intuição feminina, neste assumptos de ornamentação e mobiliario de um interior é verdadeiramente maravilhosa.

Toda a mulher, qualquer que seja seu estado social, possui o dom de comprehender o que lhe convem, ou não, nesta materia.

Explica-se este facto, não só pelo temperamento da mulher e sua innata sensibilidade sempre desperta para tudo o que se relacione com o lar e a vida domestica como também pela ancestral adaptação do ambiente.

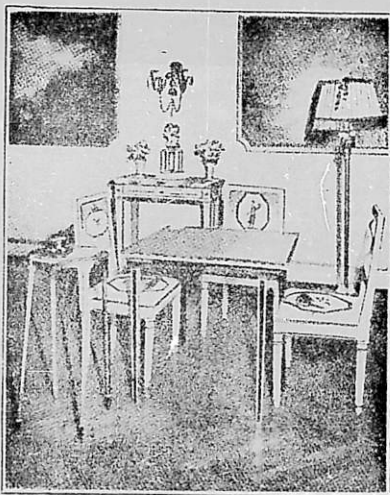
Ora isto é até certo ponto prejudicial porque muitas pessoas, confiam apenas nestes elementos intrinsecos, sem prestarem attenção, em muitos

casos, no que a experiencia e o conhecimento alheios podem-lhes fornecer, em dados, conselhos, etc.

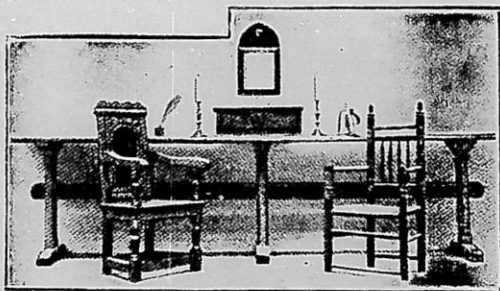
E' assim, que nenhuma mulher ao installar o seu interior, deve seguir, á cegas as injunções do seu gosto e nada mais.

Sempre que tenha que organizar o seu lar, mobiliar ou ornamentar um salão, escolher um quadro, um "bibelot" etc., como ainda proceder á disposição de moveis, estatuetas, tapeçarias etc., além do que o seu

instincto e o seu bom go-to lhe dictarem será de muito acerto, recorrer aos conselhos de uma pessoa competente.



Desejas um recanto intimo e confortavel para o habitual "bridge"? Eis aqui um, perfeitamente adequado, onde nada falta, desde a mesa leve e elegante, á lampada, artistica e apropriada.



Toda a pessoa que escreve ou lê muito não se satisfaz com uma pequena mesa, ou com o "bureau" convencional. E aqui está um "m.são" razoavel onde podem caber á vontade, livros, papeis, revistas etc.

OS REFRESCOS PARA OS DIAS DE CANICULA

Antes de indicarmos quaes os refrescos, absolutamente inoffensivos e hygienicos que podem ser de grande utilidade durante a estação



Fabrica-se facilmente um excellento vinho de fructas...

actual, não é ocioso saber-se a que temperatura devem elles ser consumidos. "hygienicamente fallando". A Academia Francesa de Sciencias, a este respeito, forneceu ha tempo a uma grande revista franceza as seguintes indicações officiaes:

A melhor temperatura para a agua potavel, 12° centigrados; 14° a 16° para a agua de Seltz e para a cerveja; 17° a 19° para o vinho tinto; 16° para o vinho branco, fraco; 10° para o vinho branco, forte; 23° a 26° para o café depois das refeições; 10 a 18 para o que se toma frio, como refresco; 38° a 52° para o caldo; 16 a 18 para o leite frio e 34° a 35° para o leite quente.

No entanto, é preciso não tomar absolutamente á letra esta regulamentação pois, outras auctoridades na materia preconisam as bebidas frescas e mesmo até geladas.

Vejamos pois, os differentes refrescos de que podemos dispôr durante o estio, começando pela agua simples e para. É muito saudavel o uso da agua simples, sempre que se tenha o cuidado não usar a que ficou de vespera nas garrafas. É preciso assim, renovar a provisão a cada repasto. A agua deixada de vespera em qualquer recipiente é mais perigosa, mesmo, que uma que ali esteja ha oito dias pois que nesta os microbios tendo absorvido todas as substancias nutritivas acabaram, naturalmente, morrendo por inanición. Mesmo neste caso, contudo, si os microbios morrem, ficam sempre as toxinas, perigosas tambem.

Assim, o mais acertado é beber-se aguas mineraes, leves e inoffensivas.

Passamos agora a tratar de outras bebidas

É muito difficil fabricar em casa bebidas fermentadas, devido á duração da fermentação etc.

Eis aqui, no entanto, a receita para a fabricação de um refresco, muito usado em França: 8 litros de agua; 200 grammas de



Cõa-se através de um panno fino e deixa-se descansar.

raiz de alcaçuz; $\frac{1}{4}$ de litro de aguardente; 125 grammas de cevada; casca de dois limões.

Faz-se ferver a cevada em dois litros de agua durante 1 hora, mais ou menos; retira-se do fogo e decanta-se o liquido.

No resto da agua, ferve-se, durante 1 hora, a raiz do alcaçuz, cortada em pedacinhos. Deita-se num póte de barro a agua de cevada, coada por um panno bem fino, a agua do alcaçuz que se cõa, egualmente, e emfim a aguardente e a casca ralada dos dois limões.

E' um refresco delicioso ao qual podemos juntar 2 litros e meio de agua, o que mais economico o torna.

*
*
*

Fabrica-se, tambem, um excellente vinho de ameixas, pela seguinte receita:

Começa-se por tirar os caroços ás fructas, que são postas num recipiente junto á metade de seu peso de agua, e á quinta parte de assucar.

No fogo, escuma-se á primeira fervura e retira-se collocando-se as fructas cozidas num tacho bem limpo onde se dissolve bem a massa, juntando-se-lhe agua em quantidade sufficiente para que o todo se transforme numa especie de calda muito rala. Ajunta-se os ca-

roços partidos, sem as amendoas, porém, para se dar ao vinho o taninno indispensavel. Dissolve-se sal de cosinha e creme de tartaro em



Misturaa, sempre ao xarope, um pouco de agua de Seltz.



Guardae o xarope em garrafas previamente aquecidas, para se não quebrarem.

agua á razão de 100 grammas por hectolitro da mistura.

Derrama-se este liquido na calda de ameixas, depois o todo nos recipientes de fermentação.

A duração desta ultima operação varia segundo a temperatura e as oscilações que esta possa soffrer. Quando no quinto, ou na quarta usados para este fim, não se produzirem mais, quer bolhas de ar, quer espuma á superficie do liquido, deixa-se repousar o vinho por espaço de dois dias tendo o cuidado de voltar o recipiente sobre um dos flancos para que não soffra a pressão da segunda fermentação. Com esta fermentação junta-se ao vinho 10 grammas de canella de Ceylão bem picada feito o que engarrafa-se.

Este vinho é delicioso e de um perfume muito agradável.

Pode-se fazer, tambem, mais ou menos por este processo vinhos de cereja ou de framboesa, mas é preferivel, durante o estio bebidas hygienicas de mais facil preparação.

AS TAMARAS DE OURO DE SIDI ALAL

(CONTO)

Por uma clara manhã de sol, passeiavamos ao longo da praia, Sidi Alal, El Guebani e eu. A cidade resplandecia á luz matutina, com reflexos metallicos nos minaretes esguios, nas cupulas amplas, nos azulejos das antigas casas.

Junto á grande torre, que parecia de aço polido, de luminosa e esplendente, uma palmeira esguia, tinha a altitude gracil dessas esbeltas mulheres arabes, tão encantadoramente femininas.

O céu era de um azul limpo, sem uma unica nuvem, de horizonte a horizonte.

Ao fundo havia a linha nitida dos montes, escavados e nus, dum amarello de cinza, mas, aquem, o panorama da cidade era magnifico.

Caminhavamos lentamente, El Guebani e eu, na delicia da manhã esplendida.

O jogo maravilhoso da luz, era como o capricho phantastico de uma miragem de encanto... E em baixo, o mar, tranquillamente azul, parecia sonhar um grande sonho rutilante...

Ao longe, na linha do horizonte marinho, negrejava a silhueta de um navio, que parecia immovel, e uma direita columna branca de fumaça subia na quietude do ár.

— Como está bello e tranquillo o mar! disse eu.

— Sim, amigo; respondeu El Guebani. Está lindo e tranquillo demais... Parece que pede tamaras...

E Sidi Alal suspirou profundamente.

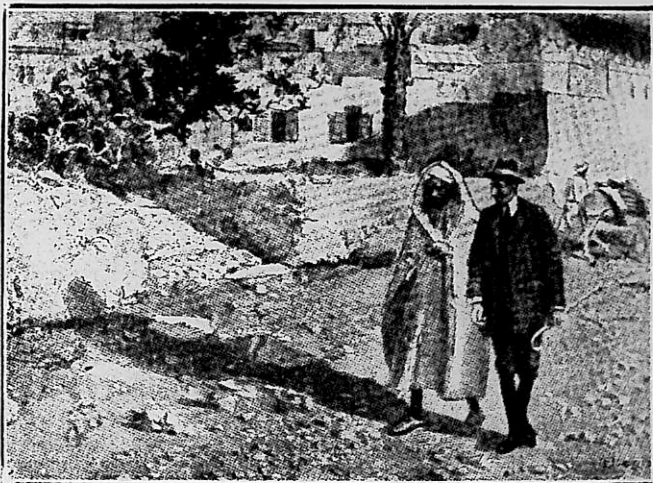
— Porque dizes isso, El Guebani?

— Oh! por nada!... Foi ha muito tempo!...

Desde então minha barba, foi ficando branca...

— El Guebani, conta-me essa historia do mar que pede tamaras.

— Bem. Vou contar-ta; e serei feliz si com



Por uma clara manhã de sol...

isso te der prazer.

Entramos num café mouro, que havia ali perto. Sentamo-nos diante de uma pequena meza de madeira, junto a uma das janellas, e um servo mouro nos veio servir. Diante de nós estava sentado um velho arabe, vestindo uma tunica azul e fumando o seu cachimbo de "Kif".

Fóra, de quando em quando, sóava a buzina rouca de um automovel.

Mas, na penumbra do pequeno café mouro pairava adormecida a alma do passado.

— Que lindo está o mar!

— Conta-me a tua historia, El Guebani...

E Sidi Alal, com uma pronuncia fechada, com aquella sua sintaxe pittoresca, de impossivel transcripção, contou a lyrica e sentimental historia das suas tamaras de ouro...

... Nesse tempo, Sidi Alal El Guebani vivia rico e feliz, em Fez, na boa epocha...

Tinha uma doce casa, escondida num viela estreita e solitaria.

Pequena era a casa de Sidi Alal, mas dentro havia um patco amplo, com pavimento de marmore, e uma fonte sonôra, com repucho.

E em todos os seus festins, reinava a alegria. Então, grande era o numero de amigos. Porque então ainda a sua barba não alvejara às tristezas da vida...

O que, porem, Sidi Alal mais amava nesse bom tempo ido, era, a algumas leguas da cidade, o seu bosque de palmeiras.

Era todo o seu orgulho esse magnifico bosque.

O seu orgulho e a sua alegria.

Quantas vezes, ao despontar da madrugada, montava a cavallo e lá ia vel-o!

Oh! visto á distancia, á luz branda da manhã, que formoso era elle, de um verde brilhante, sereno, humido, como olhos chorando de alegria!

E, ao poente, como se fazia melancolico e religioso, naquelle suave verdejar de arvores intelligentes!...

Mas, nos dias de trovoadas, sob um céu de chumbo, era quasi negro, ao fuzilar dos relam-

em seu palmeiral tão indefeso e sozinho em meio da tormenta!

...Chegaram os europeus.

Por esse tempo começara a derrocada da sua fortuna... Certo dia recebeu El Guebani a visita de um estrangeiro. Vinha propor-lhe a compra de todas as tamaras do seu bosque. Viera de longe, o estrangeiro, de uma terra onde não havia sol, onde o céu era baixo e enfarruscado; de um paiz onde havia grandes casas escuras e um rio de aguas sujas e oleosas, e não havia um unico almudin que saudasse o sol todas as madrugadas, sob a cupula azul do firmamento...

E o coração de El Guebani encheu-se de uma grande tristeza, ante o triste destino das suas tamaras de ouro...

Em grandes montes, no chão, estavam as tamaras de El Guebani...

Os camelos iam transportal-as á costa.

— E eu acompanhei-as!

Sentados no terraço de um café, o estrangeiro e El Guebani, olhavam o navio corado perto.

O mar e estava limpo e azul...

Ao cahir da noite, depois de um longo e lastimo-o urro, o grande navio partio, mar em fóra...

Passaram-se muitos dias e El Guebani, sem saber porque, não podia deixar aquella clara cidade da costa.

Mas, um dia, uma nova muito terrivel cahiu-lhe sobre o coração com o peso dos infortunios... O grande navio naufragara!

E, desde então, tudo foi desgraças e infortunios. Com as tamaras de Sidi-Alal, fóra-se o ouro da sua felicidade!...



Certo dia, um estrangeiro...

pagos e sob a torrente de agua que tombava, El Guebani, ouvindo o ribombar do trovão, e vendo as grossas bategas de agua, soffria, pensando

O automovel e a mulher



O chá das cinco, na "limousine" é mui agradável e "snob".

Os francezes, com aquelle admiravel espirito ironico, decidiram, contra a opinião da Academia de Letras que a palavra automovel pertence ao genero feminino e não ao masculino, tão somente porque elle se presta ao luxo e como tal é mais proprio para senhoras que para

tindo installações em seu interior. Para isso as marcas francezas offerecem maiores vantagens que as norte americanas, seguindo-se logo áquellas as italianas.

Junto ao assente principal, disposto no fundo do carro, do lado esquerdo, dispõe-se a mesa para chá, da seguinte maneira: um pequeno quadrado de madeira, laccado em branco ou preto, de accordo com a



Bem agasalhada a "senhora" pode fazer longos passeios.

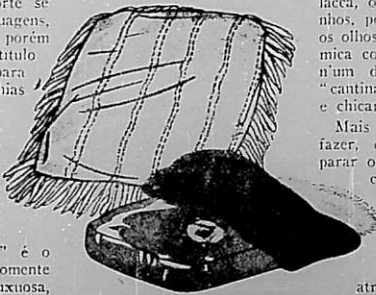
homens. Não deixa de ter espirito, é verdade, mas também não é menos verdade que os homens são os que mais se utilizam dessas machinas que até na guerra prestaram serviços inestimaveis. Essa maliciosa verve gauleza é proveniente do facto de ter apparecido em Paris, automoveis onde se toma o chá das cinco, onde se compõe a toilette para uma recepção, onde se lê a ultima obra apparecida em companhia de alguns amigos, sem se expor aos riscos de uma constipação que pode degenerar em pneumonia... etc., sendo que essas elegantes limousines geralmente são usadas pelas senhoras ou filhas de milionarios e dali provem então a mudança de sexo do automovel em Paris.

Quando appareceram os primeiros carros que anulavam, sem necessidade de cavalos de quatro pernas, jámais se pensou que alguns annos mais tarde esses hisonhos meios de transporte se transformariam em luxuosas carruagens, movidas por 30 e 40 cavallos, porém motores, os H.P. dos inglezes. A titulo de curiosidade, transportamos, para estas paginas algumas photographias dessas confortaveis e luxuosas "limousines", que é o typo de automoveis que mais se adapta ao luxo, por onde a leitora poderá fazer uma idéa desse bizarro capricho da franceza, si é que já não possui algum, pois nesta capital tivemos a occasião de vêr alguns.

Como dissemos a "limousine" é o modelo que mais se presta, não somente por ser uma criação por si só luxuosa, como também pelo seu tamanho permit-



Cantina de laca, onde a dama elegante traz perfumes, pós, escovas, etc.



Almofadas de ar quente.

decoração interna, é preso por meio de duas hastes metalleas na parede do carro, de tal maneira que se possa suspender e abaixar, como são os assentos das cadeiras nos theatros e cinemas. Quando suspensa, a mesa não deve passar além da pessoa que della vae se servir como mostra a gravura e quando abaixada que não incommoda quem está sentado a seu lado.

É mui commodo e mesmo, para que não dizer "chic" uma dama fazer o seu passeio ou o curso em companhia de amigas e quando o appetite se fizer sentir tomar uma chicara de chá. Onde se prepara esse chá, perguntará curiosa a leitora? Engrastada na parede da "limousine", ou simplesmente presa, está uma "cantina" de laca, onde ao lado das escovas, arminhos, pós de arroz, rouge e lapis para os olhos, figura também a garrafa thermica conservando o chá bem quente e, n'um dos compartimentos da mesma "cantina" o minusculo bule, assucareiro e chicara.

Mais pratico e mais commodo seria fazer, como as elegantes parisienses, parar o auto junto a uma casa de chá conhecida, pedir um serviço completo e rodar a machina, palestrando com as amigas, incumbindo-se o chauffeur de devolver o serviço usado.

A "cantina" laccada de que atraz fallamos, quando bem trabalhada, dá um aspecto original do

anterior do auto, e é mesmo commum em vez de uma encontrarmos duas, tres e mais, espalhadas, trazendo além dos apetrechos indispensaveis a uma dama, objectos que sómente por "snobismo" alli estão, como pequenos bastidores de metal para bordados. Sim, por "snobismo" porque si examinarmos aquellos apparatus veremos que nunca foram usados.



Vaso para flores.

Em frente ao passageiro, disposta na parede anterior do carro, figura a pequena bibliotheca com obras escolhidas e ultimamente apparecidas. Também acontece ás vezes, que os volumes que alli estão nunca foram abertos, ou então sómente um, geralmente o que está mais á mão que, ao se pegar e pretender abrir, infallivelmente apparece a mesma folha, o que significa que elle só foi aberto naquelle ponto e jámais lido.

As amadoras do turismo, ainda trazem no proprio auto, aquecedores ou ventiladores, funcionando electricamente, com pias de agua quente e fria, fogareiros electricos e outros objectos indispensaveis.

Resta tão sómente que o chauffeur, tenha a necessaria calma e prudencia para guiar a machina e não se deixar victimar por um desastre qualquer.

Firmeza e sangue frio são as duas qualidades essenciaes.

As mulheres, assim demonstrou a grande guerra, possuem essas duas qualidades em alto gráo, com a circumstancia ainda de não serem facilmente dominadas pela vertigem da velocidade, como os homens.

Em summa: tem muita razão o francez quando alterou o sexo da palavra "automovel", do masculino para o feminino, pois além de se prestar muito ao luxo e satisfazer plenamente todos os caprichos de uma dama elegante, pôde-se afirmar que é o meio de condução e de transporte mais delicado e que mais se adapta para ser conduzido pela mulher.

Em Norte America já está tão generalisado o habito de se tornar mulheres como chauffeurs, que mesmo nos automoveis publicos vemos gentis yankees attendendo com solicitude os freguezes e com uma peccia digna de nota atravessarem a barulhenta e movimentada Quinta Avenida da grande metropole americana.

*
*
*

Não resta a menor duvida que tudo isto é muito *chic*, muito altamente elegante etc., o que não impede, certamente, observarmos que, um chá, por exemplo, tomado no aconchego do lar domestico, ao bom calor do *home*, entre quatro ou cinco pessoas a *migas*, acompanhado das respectivas torradas, e além do mais servindo de excellent pretexto a dois dedos de boa e despretençiosa palestra não seja preferivel a essas manifestações de "snobismo"

A originalidade é uma muito bella coisa, sempre que, desvirtuada pelo espirito frivolo da vaidade e do exhibitionismo á *outrance*, se não transforme lamentavelmente em extravagancia. E, extravagancia, do mais indiscutivel quilate nos parece essa moda de se transformar um auto em sala de chá ou salão de leitura. Principalmente em salão de leitura. Sinão vejamos: a leitura requer silencio, solidão, concentramento de espirito, alheamento emfim de todo o mundo exterior e tangivel que nos rodeia. Todas as nossas facilidades intellectivas e espirituaes, em função. activas, despertadas, mas num desdobramento de si mesmas, que só se consegue pelo isolamento absoluto da nossa pessoa.



A "biseuse" insepara vel da intellectual.

E' verdade que muitas pessoas, costumam lêr, por exemplo, viajando em estradas de ferro, num bonde, etc. Mais que leitura, porém, trata-se restes casos de uma distração do espirito e nada mais: tanto assim, que ninguem tem o máu gosto de levar consigo, para lêr em viagem, uma obra de philosophia ou de consulta, um livro transcendental em seu espirito e significação symbolica.

Pequenos contos, um romance ameno, etc., eis o que poderiamos chamar a bibliotheca do viajante.

Isto, em se tratando ainda assim de longas viagens e não de um breve e rapido passeio pelo Bosque de Boulogne...

Mas a moda é isto mesmo, e portanto já que a Moda ordena, que resta á elegante? obedecer-lhe, está claro. No entanto, não julgamos que seja possivel vingar essa moda, entre nós.

Ha muito de esophafatoso e de excentrico nella, para que se possa acclimatar em nossa terra, onde, apesar dos eternos pessimistas que qualificam de inferior tudo o que é nosso, uma grande e boa coisa existe inegavelmente, estabelecida como regra e que vem a ser a justa comprehensão que tem a nossa sociedade, da medida e do rythmo, ainda mesmo em se tratando da Moda...

*
*

De resto, ha outra razão para que taes extravagancias se não acclimatem facilmente em nossa terra: a psychologia da mulher brasileira, por exemplo.

As nossas patricias, inegavelmente, são dotadas de um bom senso, verdadeiramente encomiavel. Não que sejam refractarias, por indole, aos progressos da civilisação e aos refinamentos de conforto que esses progressos proporcionam, mas apenas porque sabem distinguir entre o util e o superfluo, entre o que se deve assimilar e o que se deve excluir.



O typo de auto mais adequado para as senhoras acostumadas a dirigir pessoalmente a machina.



A morte do renegado (CONTO)

PELA CONDESSA DE PARDO BAZAN.

Estava em Tanger ha doze annos, e cada vez melhor, aquelle André de Barrientos que conseguira fugir ao carcere de Alcalá, onde o esperava a forca, e que renegara sua fé e seu nome, passando a chamar-se Muley Mausur.

Industrioso, arrojado e astuto, passando a principio as maiores privações, acabou por possuir em sua nova patria uma casa encantadora, um bello jardim, e todas as mais delicias da vida musulmana, tal e qual um verdadeiro crente do Profeta.

Não havia officio que André não tivesse exercido. Protegido, a principio, por um poderoso mouro, e em seguida bem visto pelo proprio Sultão, foram seus serviços utilizados, naturalmente, em prejuizo da Hespanha, e tidos em grande conta suas revelações, detalhes, que conhecia, sobre pessoas, topographia, costumes, etc.

Os corsarios tiveram nelle um activo agente, um util guia e um optimo conselheiro. Tambem nunca se esqueceram de, de quando em quando, ganhar a benevolencia do Sultão com varios presentes...

E sua influencia cresceu dia a dia, como a espuma de um copo que transbordava...

Certa noite outomnal, em que, recostado em morbidos almofadões orientaes, no famoso pateo de sua habitação contemplava o calir da tarde, André sentio, de repente algo de extranho, nunca sentido até alli.

Aquelle delectoso quadro tornou-se-lhe, de subito, não só indifferente como mesmo odioso. Desdenhou as columnas de marmore, as arcarias esbeltas, de primoroso lavor, a mesma fonte, de marmore, tambem, sustentada por dois pequenos leões, e que tão suavemente cantava, pelos cre-

pusculos serenos sua ingenua canção sentimental... O Renegado, contemplando o postico pateo, que a luz do luar começava a envoar, sentia em seu intimo sér, um desalento immenso, quasi uma melancolia, certamente uma saudade...

Não se podia queixar da sorte, pelo contrario: por lei, seus pés deviam ha muito ter dançado a dança macabra da morte, emquanto uma boa corda ensebada apertava-lhe o pescoço; e eis que agora era rico e feliz, estimado e considerado, gosando a deliciosa vida musulmana, repousado o corpo, saciados os sentidos. E, no entanto, de repente, sem que o se llesse explicar, uma extranha magua o opprimia! Lembrava o carcere, o fetido calabouço, onde esperava a morte, toda a agonia de suas noites de condemnado...

E um immenso desejo de volver áquella terra de Castella, donde fugira, o invadia!... Voltar! Voltar para que? Nem elle mesmo o sabia explicar.

Não deixara na patria ninguem que o amasse, que lhe tivesse affeição. Orpão, desde pequeno, sem irmãos e sem parentes; depois estudante, em Alcalá, jogador e estroina; por fim, accusado de graves homicídios, tudo o que podia recordar de sua terra natal, era melhor motivo para se alegrar por tel-a fugido, que magua por não poder tornar a vel-a.

Lá tudo lhe faltava, e todos o repelliam; aqui tudo possuia, e era amado por todos.

Porque então essa singular nostalgia, este subitotido de todas as delicias e bellezas que o cercavam? Suspirando, ao peso da saudade, regressou tarde a seus aposentos. Mas nem mesmo ali encontrou paz e esquecimento. Não comprehendia porque tal desassocego, tal rebelião de todo o seu sér por um estado mil vezes melhor que o primeiro. Nada lhe faltava. Onde a occulta chaga, o espinho terrivel?

E, de instante a instante, a idéa assaltava-o: voltar á patria, ainda mesmo que tivesse que perder a vida. Voltar!... Voltar!... Ouvir os velhos sinos de Alcalá, chamando os fieis á oração... A' oração? Já não havia isso, para o Renegado. E um calefrio percorreu-o todo.

Teria jurado que uma voz, pronunciaria seu nome "André, André!"

Sem poder conciliar o somno a noite inteira, vio chegar a madrugada e saltou de seu morbido divan, de seu montão de alfombras persas numa impaciencia nunca até então sentida.

Depois das habituaes abluições, sahio.

O outomno começava e as deliciosas fructas dos pomares de Tanger, amontoavam-se, no mercado, em pyramides que davam uma nota de viva cor oriental. Os lavradores apregoavam os seus productos numa especie de melopéa ingenua... A um dos angulos do mercado, sob um telheiro, que resguardava dos raios do sol, já ardente, começavam a se amontoar os escravos. Punha-se á venda,

aquelle dia, christãos captivos, alguns dos quaes tinham sido submettidos á tortura. Estavam immovéis, as mulheres, de olhos no chão, os homens com um terrivel olhar de desafio a seus algozes, ou impregnado de profunda tristeza inconsolavel. Ao verem o Renegado, muitos delles que o conheciam, apunhalaram-no com o olhar cheio de desprezo... O Renegado voltava o rosto e ia sahír quando ouviu, proximo, uma voz chamando-o: "André! André!"

Voltou-se, surpreso... Quem o chamava era um homem de seus 50 annos, mais ou menos, esqueletico, meio nú; cobriam-lhe as carnes, apenas, uns restos de túnica; uma corda desfiada pelo longo uso, rodeava-lhe a cintura, torbando aos lados.

"Quem és tu?... balbuciou o Renegado.

— Não me conheces?... Também já não conheces mais o teu Deus, desgraçado!... — gritou o frade — Sou o irmão Mathias, frei Mathias, do convento de Alcalá. Sou quem te auxiliou quando iam enforcar-te pela morte álevoa dos mercadores que jogaram contigo e ganharam... Sou quem te absolveo, nessa hora tremenda... Quanto melhor fóra si te tivessem enforcado no outro dia! Terias morrido perdoado e arrependido!...

A cada palavra do frade o Renegado enpallidecia. Um tremor convulso sacudia-o todo. Batiam-lhe os dentes, num acesso...

— Frei Mathias — conseguiu o articular, ao fim, supplicante, — não temas, vou resgatar-te immediatamente. Voltarás á Hespanha o mais breve possivel... — e, ordenando ao Mercador de escravos: — Tira-lhe os ferros!...

— Afasta-te, renegado! — exclamou frei Mathias — não admitirei meu resgate a não ser por mãos de christão!... Volta, Renegado, á topeza de tua apostasia!... aos prazeres da tua vida de maldade e de peccado. Prefiro o latego dos carsaríos á tua piedade. Prefiro o alfange, que em breve me espera!... Christo me espera, na bemaventurança da sua misericordia! Que venha logo o verdugo, si tal é a vontade do Senhor!

Nisto o Cadi, com seu luzido sequito, na habitual inspecção do mercado se approximava. Não passaram instantes e a seus ouvidos chegou toda a conversação entre o captivo e o Renegado, que agora desejava renegar sua nova religião...

A execução realisou-se no dia seguinte. As duas cabeças, esorrendo sangue, foram espectadas em duas altas varas, no mesmo recinto do mercado.

Os corpos foram atirados aos cães, a esses teríveis cães de Africa, sempre famintos.

O convento de Alcalá inscreveu em seus annaes o nome de mais um glorioso martyr. Do Renegado ninguem se recordou em sua patria. Mas nos lividos labios da cabeça cortada, errava um sorriso de felicidade.

OS MERCADOS ARABES

Debaixo do grande sol que os fustiga em cheio, os mercados arabes apresentam uma cor local inconfundivel.

Dos mais distantes pontos, atravez dos desertos immensos e após longos dias de penosas marchas as caravanas chegam, enfim, ás claras cidades da costa, centros do intercambio commercial dessas regiões.

Cada um desses mercados traz uma especie de generos, que estende no solo, sobre tapetes ou amplos pannos de vistosas cores, pois que, raça de imaginação ardente tudo que brilha ou fulgura tem para o arabe uma extranha atracção. E é de ver, esse intenso formigar de turbantes de cores variadas e vistosas, num borborinho de feira, sob as grandes ondas de luz que inundam tudo.

O arabe traz o trafico na massa do sangue. E' mercador por natureza e por tradições racicas. Herdeiro directo dos phenicios, a raça mais navegadora e commerciante da antiguidade, o trafico tem para elle encantos profundos.

Todos sabem o que foi nos antigos tempos, o espirito commercial do povo de Sidon, que entre o espaço de duas guerras, abria o panno de suas naves para todos os portos da terra.

De Carthago, abarrotados os fundos porões de fazendas raras, de madeiras de lei, de ouro e de especiarias, os trigueiros nautas phenicios lá iam em demanda de longes mares e de extranhos paizes. Percorreram, assim, toda a bacia do Mediterraneo, o berço da civilização européa, e em sua ancía de novos mercados, entraram, mesmo, segundo historiadores, os mares frios do Septentrião europeu.

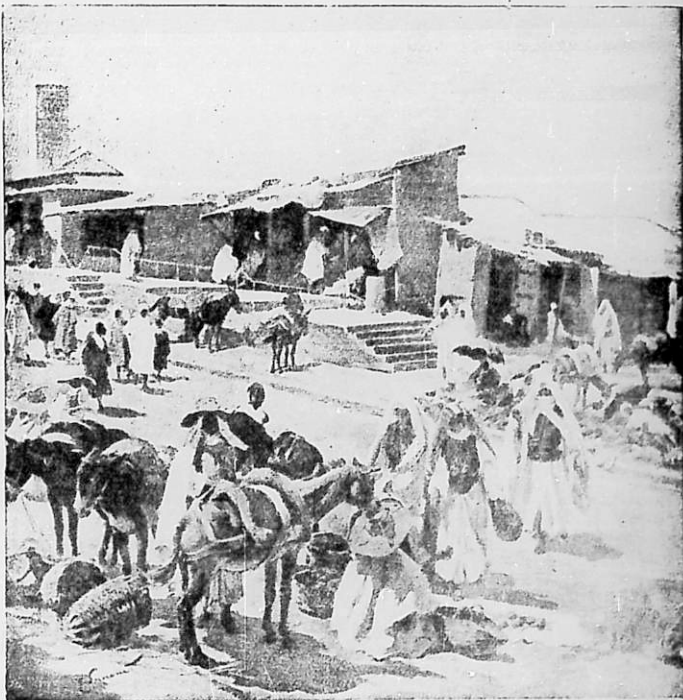
Em suas longas e demoradas viagens, foram, innegavelmente, os phenicios, grandes propulsores de vida e de aproximação entre as regiões que dominavam e a Europa.

Esse espirito de commercio, como se sabe deulhes o quasi predominio dos mares, um pouco á semelhança do que se observa com a Inglaterra de nossos dias.

Mas o grande poderio adquirido tornou-os, como era na aral, perigosos, do ponto de vista politico de outros grandes povos de então.

Roma, a senhora por assim dizer do mundo antigo, não podia assistir de braços cruzados ao crescimento verdadeiramente inquietante de sua rival da Africa.

E, como hoje, de resto, só se podendo segundo o pen-



samento dos dominadores derimir semelhantes questões pelas armas, a guerra entre as duas grandes potencias foi considerada como o unico recurso logico e razoavel.

Os carthaginezes, valentes e adestrados nas armas, sob o commando do grande Anibal invadiram as bellas planicies da Italia, pondo em perigo a estabilidade da republica. Mas, afinal, ao cabo de varias campanhas, os romanos conseguiram subjugar completamente seus adversarios, tendo Scipião tomado Carthago, que, segundo as praxes bellicas de então, foi incendiada.

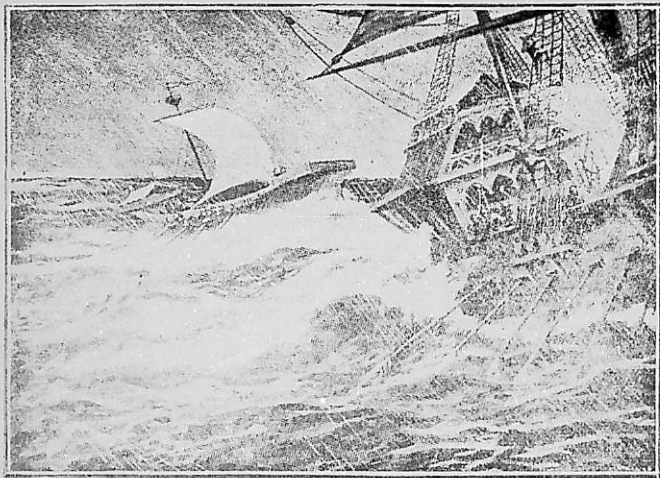
Com o desaparecimento de seu poderio militar deixaram os phenicios de percorrer os mares da terra como grandes traficantes e conductores de riquezas.

Quasi que desapareceram mesmo, do numero das raças.

Os arabes, antigos e modernos, são no entanto os verdadeiros descendentes desses audazes marinheiros da antiguidade.

Hoje, reduzidos a varias e mesmo antagonicas tribus, perderam muito de seu antigo espirito de expansão e dominio. Vivem, com suas velhas tradições e seus antigos costumes nessa terra severa e melancolica que os seus grandes avós habitaram, e exercem o pequeno commercio; apenas de quando em quando affirmando por uma revolta contra seus dominadores estrangeiros que o espirito de nacionalidade não está de todo extinto entre elles.

AS TRAGEDIAS DO MAR



A esquadra catalã — arripada de João II, O Conquistador, lutando contra tempestade na costa de Terracina.

Nada mais interessante e commoedor que a eterna lucta do homem contra os elementos. E neste assumpto cabe o primeiro lugar, indiscutivelmente, aos celebres luctas do mar, que desde as mais antigas eras, com affrontando, com a mesma intrepidez e a mesma constancia o furor das ventos e das ondas, na busca de preparar a vida e dilatar a riqueza e a prosperidade dos povos.

Nas dramaticas ruínas que secciona e troncada a lucta, os traços a historia das catastrophes mais colossaes, acontecidas desde a antiguidade até nossos dias, terminando pelo estancão e tremendo naufrágio do "Titanic", son dos maiores, si não o maior de todos, por suas atterribes proporções.

De roble e cingido por uma triplex couraça devia ser o coração do que, pela vez primeira, atronou em fragil lenho o sanhudo pelago... dizia Horacio, lastimando o arrojio dos mortaes para quem todos os peizos são poucos e pequenos...

Affligia-se o poeta venusino por uma curta viagem de seu amigo Virgilio, do porto de Ostia a Athenas, relembrando talvez, o passo da Odisséa, quando o poderoso Neptuno, empunhando o

tridente regio, revolucionara o Ponto, fazendo que as furiosas ondas tragassem a jangada onde o arguto Ulisses navegava em demanda da patria.

Nada, porém, podia deter o temerario arrojio dos homens, que avidos de riquezas, continuavam aos ventos a propria vida, em busca das longinquas placas, patria do ouro e das especiarias.

Em vão os Deuses irritados enviavam terriveis tempestades contra os insensatos que assim lhes provocavam as iras, tentando arrancar-lhes como o furo, na Prometheu com o fogo, o domnio da agua; podia mais a nubecção que o tempo, e empunhando as nave gregas, sob o comando de Jazao chegavam a Colchida, e com o as-

tuto Ulisses ás proprias colunas de Heracles, os capitães Phenícios ousavam aventurar-se ainda mais adiante, para navegar ao Norte, rumo das ilhas dos calcedonios, e ao Sul até as costas onde as aguas fervem sob o sol ardente e as mulheres, "cabelhudas e feias", são terriveis inimigas do homem...

Tragava o abysmo immenso milhares de navios



Julio Cesar, salvando-se a nado, com o original de seus famosos Commentarios na mão esquerda, do incendio da esquadra romana em aguas de Alexandria.

principalmente as que cruzavam rente aos escolhos acrocêramicos, e as que desafiando Sylla e Caribdis atreviam-se a entrar o Jonico e o Tyrreno, navegando das férteis terras da Italia ás aridas Syrtes,

ou as que a tra vez do Ponto Euxino aventuravam-se ao largo.

Não faltavam homens para afrontar todos os perigos do desconhecido enquanto brillassem no céu as estrelas que guiam os pilotos, os astros piedosos que indicam o bom rumo aos navegantes.

O mar era sagrado para os helenos; os deuses protectores da Grecia, impediram que a patria de Homero fosse profanada pelos barbaros; mil duzentos e sete navios persas, sob o commando de Xerxes, entre os quaes os melhores veleiros da Phénicia e de Liden, surgiram, abarrotados de guerreiros diante das costas do Peloponeso; interrogada a Pythia de Delphos, respondeu ordenando aos gregos que erguessem preços aos ventos; fizeram sacrificios a Boreas, a Tyax etc., e desatada por elles uma terrivel tormenta, lançou contra os penedos da costa a grande armada de Xerxes. A maioria dos navios naufragaram, e durante tres dias e tres noites as triremes persas lutaram heroicamente contra o furacão perdendo-se com ellas, um infinito numero de homens e uma inmensa riqueza.

Depois, sulcaram de extremo a extremo o mar latino, cartaginózes, egypcios e romanos, lutando entre si pelo predomínio dos mares. Tremendas batalhas, onde se perderam centenas de navios, foram travadas, entre os mariñheiros de Roma e os valentes marujos africanos.

Mas, como si a furia insaciavel do oceano não bastasse, ardião ainda as galeras sob o fogo dos gregos ou dos espelhos istoricos que Archimedes inventara.

A sciencia egipcia e grega accumulára um extraordinario numero de livros na cidade illustre que Alexandre fundara para capital do mundo; em seu arsenal abrigava-se a esquadra

romana que conduzia Julio, rendido aos sortilegios da feiticeira do Nilo; os alexandrinos preparavam-se para defender Tolomeo, seu legitimo rei; a esquadra romana corria perigo de cahir em mãos do inimigo e Cezar

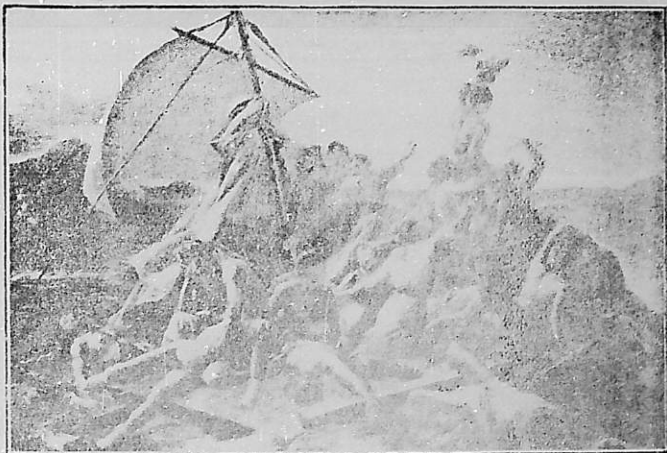
não vacillou em entregar a ás e haimas; grande foi o perigo, e elle mesmo teve que salvar-se a nado, erguendo em uma das mãos um rolo de papyrus; eram os **Comentarios**.

Assim foi destruída a esquadra de Cezar, sacrificada aos feitiços de

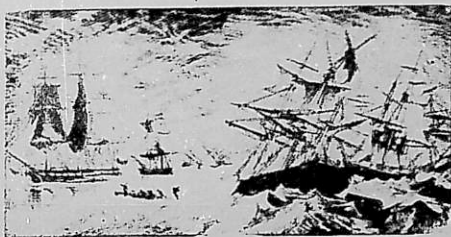
Cleopatra. Caíu Roma e ergueram-se novos imperios; as conquistas e o trafico exigiram grandes augmentos de navios, e parallelamente a isto, como era natural crescia o numero de catastrophes. Era o tributo do Mar. Não contava ainda a navegação com os grandes auxilios que mais tarde lhe viriam prestar a bussula e os progressos da astronomia e da meteorologia.

Muito progredira já a marinha, nos primeiros tempos da Idade Media. Foi essa a epocha das grandes expedições mercantis, organisadas pelas cidades hanseaticas; do immenso trafico de Veneza, Genova e Barcelona, das explorações africanas pelos portuguezes.

Nunca sulcára as ondas um tal numero de embarcações e, como os mariñheiros eram temerarios como nunca, deram-se espantosos naufragios, catastrophes que deram lugar, á criação das terribes legendas de monstros pavorosos e seres maldicos como as sereias dos antigos. Eram perigosas todas, como a cantada por Henrique Heine, e que causou, segundo o poeta a perda da armada do rei Haroldo nos mares do Norte; eram terríveis gigantes de poderosa força como aquelle "Adamastor", convertido por Thetis em Cabo Tormentoso.



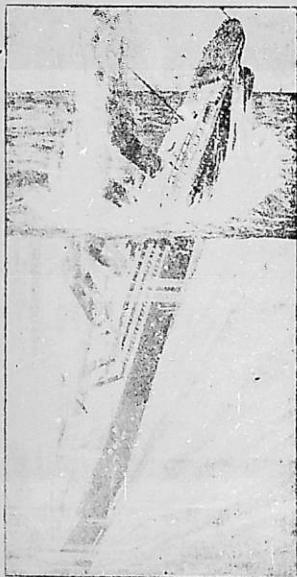
O naufragio da Medusa — Reprodução do celebre quadro de Gericoult



Destruição de uma frota, baleeira, pelos gelos do Oceano Artico (1871).

eram terríveis gigantes de poderosa força como aquelle "Adamastor", convertido por Thetis em Cabo Tormentoso.

Os marinheiros christãos invocavam contra as tempestades a intervenção do céo, e tornou-se costume fazer promessas de doaçoens, penitencias e outros votos para se obter a misericórdia divina, e o salvamento.



Posição que tomou o Titanic ao afundar-se. A macharia de cobrasso, explodindo, nesse supremo instante produziu um tão grande estrondo, que pôde se ouvir a á distancia de muitos kilometros.

Pedia-se e, sobre tudo, o socorro da Virgem santa, principalmente da do Carmello, e quando os naufragos conseguiam sahir com vida da catastrophe, dirigiam-se em precisão aos santuarios onde deixavam como lembranças, pinturas piedosas, ou ex-votos, pequeninos navios; ou então faziam celebrar solennidades religiosas em acção de graças. Os senhores de grandes posses, chegavam em sua gratidão piedosa a erguer templos e santuarios, ou a enriquecer com valiosos donativos os já existentes.

A esses votos, se deve a soberba cathedra de Mayorca, cuja erecção foi prometida pelo rei Jaime I, o Conquistador, ao ser surpreendido por uma horrivel tempestade quando em viagem para aquella ilha, como tambem a construcção da igreja chamada de Santa Maria do Milagre, em Tarragona, quando de regresso daquella expedição e já á vista da antiga cidade romana, tendo sobrevivido outro temporal que ameaçou destruir por completo a armada.

Bem se pode dizer que o mar é igual para todos, e tanto serve de tumulto ao poderoso rei como ao mais humilde de seus subditos.

Poucos naufragios, sob este ponto de vista, na epocha moderna, foram mais tragicos que o da poderosa esquadra com que o imperador Carlos V se aprestava para a conquista de Argel. Desembarcadas já as tropas, levantou-se de repente, um furioso Nordeste, que fez chocar os navios uns contra os outros, ou atirou-os de encontro as rochedos da costa; Andrea Doria, contra cujo parecer levava-se a cabo a empresa, dizia que em toda sua longa vida de marinheiro, não vira nunca tão horrorosa tormenta. Reembarcam por fim as tropas nos poucos navios salvos, mas já em mar alto outra tempestade os apanhou, completando a obra da primeira. A multo custo pôde salvar-se o imperador, como tambem

Fernando Cortés, o conquistador do Mexico, por esse tempo, ainda obscuro soldado.

Lutuosa e pouco, foi tambem naquelle mesmo reinado a viagem ás costas da Florida realisada pelo governador de Cuba, Panfilo de Narvaez.

Desses espantosos desastres testemunham os "Naufragios de Alvar Nunez, Cabeça de Vacca, que conseguiu com mais tres ou quatro hespanhões, salvar-se depois de ter assistido ao desaparecimento no seio das ondas de centenas de desventurados compaheiros.



Naufragio da fragata ingleza Captain Riou.

Segundo a ordem chronologica, devemos referir aqui, ao espantoso naufragio que constituiu para a

Hespanha o mais tremendo desastre da sua historia. Trata-se da destruição da **Invincível Armada**, destinada a abater o poderio maritimo da Inglaterra.

Nunca fôra vista, até então, uma formidavel frota como aquella: 152 navios a cujo bordo iam 22.000 homens. Anunciada sua formação tiveram os inglezes tempo de se prepararem para a defesa. Philippe II e com elle a Hespanha inteira punha as mais rizonhas esperanças nos resultados dessa expedição esquecendo

que o mar em todas as epochas lhe fôra hostil; ninguém se queria lembrar do ainda recente desastre de Carlos V, diante de Argel; de outro desbarato occorrido ao duque de Medinacoeli, em Tripoli; de toda uma esquadra que poucos annos antes, de regresso dos Paizes Baixos desaparecera, levando consigo ao fundo do abysmo a collecção de maravilhosas pinturas recolhida por Carlos V, na Italia e em Flandres.



Naufragio do transatlantico italiano - Sirio (1906)

A expedição da **Invincível**, foi no entanto, uma successão de revezes. Pouco depois de deixar o porto, sob o commando do duque de Medina Sidonia,

desbaratou-a um terrivel furacão, nas proximidades do cabo Finisterre. Refugiaram-se os navios na Corunha, de onde partiram tres semanas depois; os pilotos, porém, equivocaram-se no rumo e a esquadra andou ao léo, algum tempo, sem saber com certeza a que altura se encontrava. Devia a **Invincível** aportar a Dunquerque, onde a esperava Alexandre Far-



O General Slocum, depois da tremenda catastrophe (1904).

desbaratou-a um terrivel furacão, nas proximidades do cabo Finisterre. Refugiaram-se os navios na Corunha, de onde partiram tres semanas depois; os pilotos, porém, equivocaram-se no rumo e a esquadra andou ao léo, algum tempo, sem saber com certeza a que altura se encontrava. Devia a **Invincível** aportar a Dunquerque, onde a esperava Alexandre Far-

nesi, com 25.000 veteranos, mas a viagem realizara-se muito lentamente, e, para esperar os navios desgarrados, lembrou-se Medina Sidonia de ancorar próximo a Calais. Não conhecia, no entanto, aquelas costas; à meia noite houve um grande alarme devido a terem os ingleses lançado uns brulotes, que cahiram em meio à esquadra; os capitães mandaram cortar as amarras, para evitar o perigo, salvando-se ao largo; porém com a escuridão e a precipitação das manobras, as galeras chocaram-se; por fim, ponde-se prosseguir a marcha, hostilizados os pesados navios hespanhões pelas embarcações inglesas; ao atingir as bocas do Escalda, foram a pique alguns delles devido ao forte vendaval reinante. Perdera a **Invincível**, até então, 15 galeras e 5.000 homens, e Medina Sidonia deu a ordem de retirada. Fugindo a **Invincível** à perseguição dos ingleses, remontou até o grupo das Orcadas, ao norte da Gran-Bretanha, descendo, a seguir, pelo Oeste; a tempestade arrojou 17 galeras contra as costas da Irlanda e os irlandezes, apesar de catholicos, e dos fins da expedição que era hostilizar a protestante Izabel degolaram todos os naufragos hespanhões que lhes cahiram em mãos... Outros navios foram chocar contra as costas da Escossia; e, quando ao fim, conseguiram a esquadra alcançar Santander contava apenas 56 galeotas. O oceano tragara o resto da **Invincível**.

Ouendo, que como Lope de Vega, conseguira salvar-se, suicidou-se; Medina Sidonia fechou-se em seu palácio, e Philippe II consolou-se do desastre com a philosophia daquelle celebre phrase que passou á historia...

Daquelle infeliz expedição ficou uma singular lembrança: o nome de **Calvados**, dado a um departamento francez do canal da Mancha, por ter apparecido nessa praia um troço de popa de uma galera hespanhola onde se lia aquella inscripção (provavelmente mal interpretada). Outro resto, como se suppe, é um galeão que afundou próximo a Tubermory e a cujo bordo, julgava-se, ia o dinheiro para os gastos da **Invincível**.

Está este resto coberto por alguns metros de agua e dois ou tres de limo.

Triumphante a Inglaterra nos mares, — sobre os hespanhões, portuguezes, hollandezes e francezes —

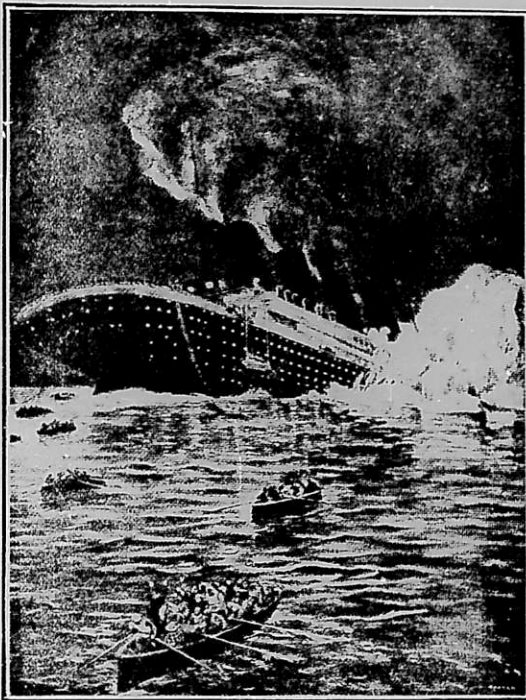
era natural que tivesse que deplorar mais naufragios que as outras nações, já que contava com maior numero de navios, e emprehendia viagens a todos os mares do mundo.

Citemos, agora, entre os naufragios mais dramaticos do seculo XVIII o do barco **Saint Geran**, (1744) no qual se inspirou Bernardin de Saint-Pierre, para escrever **Paulo e Virginia**; o navio bateu contra uns recifes, perto da ilha de França, (hoje Reunião), perecendo mais de cem pessoas alogadas; em 1752 se incendiava e naufragava a fragata de guerra **Principe**, próximo ás costas do Brasil, perecendo grande parte da tripulação e soldados; em 1763 naufragava na bahia da Taboa, (Cabo da Boa Esperança) o barco hollandez **Jong-Thomaz**.

Em conhecidos são os naufragios das fragatas francezas **Astrolabio** e **Bussula**, que sob o comando de La Perouse haviam emprehendido uma viagem de circumnavegação (1783); nada se soube dellas transcorrido o prazo em que se esperavam noticias, e em consequencia, foram organisadas varias expedições para sua busca, até que em 1826, o capitão inglez Dillon, soube que as duas fragatas tinham naufragado próximo á ilha de Vanikoro.

Mais dramatico que todos estes foi sem duvida o naufragio da **Medusa**, em 1816, desastre immortalizado por Gericault em seu famoso quadro, e popularizado por Eugenio Sue, em sua novella a **Salamandra**.

Por impericia do capitão um tal M. Duroys de Chauvareys, antigo tenente de navio, antes da Revolução, a **Medusa** foi chocar contra os bancos do



O colossal transatlantico inglez, **Titanic**, batendo de encontro a um iceberg, no Oceano Atlantico, na noite de 14 de Abril de 1912

navio não podiam conter os 400 viajantes, construiu-se uma jangada, de uns 20 metros de comprimento por 7 de largura; o que succedeu em seguida foi espantoso: ficaram na fragata 17 homens, condemnados assim a uma morte certa; as seis lanchas, uma das quaes occupada pelo capitão e sua familia, rebocaram, a principio, a grande jangada, não tardando, porém, a seguir, cada qual um diverso rumo. Como a jangada se achava sobrecarregada foram atirados ao mar muitos barris de farinha, ficando as provisões reduzidas a um sacco de biscoitos molhados, seis barris de vinho e dois de agua. Durante a noite sobrevio uma terrivel tormenta, e cahiram ao mar

mais de vinte homens, a seguinte noite foi mais espantosa ainda; os soldados e marinheiros, sedentos e alucinados embriagaram-se revoltando-se contra os officiaes, travando-se um combate medonho em que pereceram mais de sessenta homens. Sobreviviam apenas uns sessenta homens, quando começaram as scenas de canibalismo, sendo comidos os cadaveres. Ao quarto dia houve mais 12 mortes; durante a noite repetiu-se a matança, ficando vivos apenas trinta homens, na maioria feridos e loucos. Resolveu-se atirar ao mar todos os feridos e enfermos, entre os quaes se achava a *canticeira*, o que se fez immediatamente.

Ao cabo de alguns dias um brigue francez recolheu o seu bordo, o que restava dos tripulantes da jangada: 15 homens.

Foi enviada uma embarcação para socorrer os 15 desgraçados que haviam ficado a bordo da *Medusa*, só se encontrando tres, os que fugiram nas lanchas, salvaram-se na maioria. O capitão foi chamado à França, expulso da armada e condemnado a tres annos de prisão.

Depois deste a série dos naufragios e desastres no mar é enorme, nenhum delles, porém, atingindo as espantosas proporções da perda da *Medusa*.

Uma pagina de Camille Saint Saëns, sobre uma grande cantora

Alfredo de Masset, que emaralidou de flores memoriaes o templo de Mario Malibran, contou-nos o inicio da carreira de Paulina Garcia; tambem Theophile Gautier se refere a elle, em varios artigos. Por essas paginas vemos que esse inicio não foi como os communs.

Para os iniciados nos segredos da arte, taes temporamentos revelaram-se a primeira manifestação. Paulina era então muito moça ainda; pouco depois contrahia matrimonio com M. Viardot, por essa epocha director do Theatro dos Italianos, e um dos mais bellos homens de seu tempo. Foi no estrangeiro que a illustre cantora desenvolveu seu talento e seus dons naturaes, para regressar a França em 1840, chamada por Meyerbeer, para a erecção do papel de Fidis, no "Prophete". Sua voz, de uma potencia extraordinaria, voz para a qual não existiam difficuldades de qualquer ordem, voz verdadeiramente maravilhosa não era, no entanto, do agrado de todos.

Não era, certamente, uma voz de estalido ou de cristal, mas antes, uma voz um pouco amarga, feita para a tragedia e para a epopea, sobrehumana; as coisas ligeiras, canções hespanholas, mazarkas de Chopin, etc., transcriptas para essa voz, transfiguravam-se, tornando-se gigantescas, epicas, de uma incomparavel grandiosidade. Eu não fiz a ventura de ouvir a Malibran, mas Rossini falou-me della. Elle preferia a irmã. A Malibran, tinha a vantagem da belleza; e de resto morreu moça, deixando a lembrança de uma artista em plena posse de seus recursos artisticos; não era, no entanto, um temperamento musical como sua irmã, e não teria con-

Em nossos dias, desgraçadamente, é longa a lista das tragedias maritimas. Citamos o naufragio da *Reina Regente*, o cruzador hespanhol que regressava de Tanger a Cadiz, do qual nunca mais se teve noticias. Pereceram mais de 400 pessoas.

No mesmo anno, em frente a Louvresstoff, o vapor allemão *Elba*, onde houve mais de 400 victimas; depois a vista de Ushatit o vapor inglez *Drummond Castle*, onde se afogaram umas 250 pessoas; depois foram o *Slocum*, á sahada de Nova York, que conduzia grande numero de creanças das escolas municipaes; o *Syrio*, nos baixios das Formigas, o "pailhot" *Jovem Miguel*, conseguit salvar de 300 pessoas, tendo perecido perto de 250.

Seria interminavel a lista si tivéssemos que citar todos os desastres occorridos nos ultimos annos, todos elles importantes, nenhum, porém, como a catastrophe do *Titanic*, esse colosso dos mares, que na noite de um tragico domingo, bateu de encontro a um "iceberg", afundando, em pouco tempo.

O que foi este espantoso naufragio ainda está na memoria de todos. Basta dizer, no entanto, que pereceram nelle para mais de 1.000 pessoas entre as quaes varias personalidades de vulto, e alguns milharinos, conhecidos em todo o mundo.

Porque o mar, enfim, como ja disse alguem, si não extingue a sua furia destruidora, não escolhe, por outro lado, as suas victimas.

certeza, como ella sobrezindo ao declínio de sua voz. Mme. Viardot não era formosa. O retrato de Ary Scheffer é o unico que não se deixou. No entanto, que extranha fascinação exercia ella sobre todos que se lhe aproximavam! O que a tornava sobremodo captivante era o seu temperamento, um dos mais surprehendedes que eu tenha encontrado. Falava Paulina, quatro ou cinco idiomas, como os escrevia correctamente, estando ao par de todas as litteraturas europaeas.

Em collaboração com Faureniel escreveu lindissimas operetas que ficaram ineditas, ou que foram apenas representadas na intimidade. Uma curiosa anedocta revela bem a flexibilidade excepcional de seu talento, como compositora.

Amiga de Chopin, de Liszt, etc. seus gostos collocaram-na entre aquelles que pugnavam pelas idéas novas, em arte, ao passo que sob este ponto de vista as opiniões de M. Viardot eram as mais retrogradas; basta dizer que achava Beethoven muito avançado. Certo dia em que o casal tinha por conviva um amigo imbudo das mesmas idéas de M. Viardot, Pauline annunciou que ia executar uma magnifica aria de Mozart, que descobrira; e cantou-lhes uma grande aria, com recitativos, arioso, alegre final, etc.. Os ouvintes levaram as nuvens a peca que... fóra simplesmente escripta por ella, para a circumstancia. Tive occasião de ler essa aria: os melhores conhecedores ter-se-iam enganado. Mas nem porisso devemos pensar que suas composições fossem outros tantos "pastiches"; tinham, pelo contrario, um delicioso sabor de originalidade.

UMA TAÇA DE EXTRAORDINARIO VALOR

Durante seculos e seculos o mundo christão alimentou a esperança de vir a possuir authenticos retratos de Christo e dos apóstolos.

São, assim, certamente, de grande interesse, as informações preliminares relativas ao Grande Calix de Antiochia, onde, segundo se julga estão gravadas as imagens do Divino Mestre e de seus discipulos, pois, como estabelecem pacientes e aturadas investigações, este trabalho de ourivesaria deve ter sido executado em dias, em que muitos dos apóstolos viviam ainda, e começavam a se estender pela terra os precitos da novel doutrina.

O Calix de Antiochia pertence a uma syria Konchakji Irmãos, de Paris, e foi transportado ha poucos annos para Nova York, para melhor ser custodiado.

O Calix foi descoberto em 1910 conjunctamente a outros objectos do ritual christão, numa camara subterranea dos arredores de Orontes, (Syria) por alguns trabalhadores arabes.

O dito lugar, segundo antiguissima tradição, foi occupado por um templo de que hoje não restam os menores vestigios; supõe-se, porém, que fosse identico em sua architectura, á grande cathedral mandada erguer em Antiochia pelo imperador Constantino.

Nessa época o Calix deve ter sido considerado como uma reliquia sagrada de incomparavel valor, tendo sido offerecido provavelmente, ao templo pelo primeiro imperador christão, e occulto, finalmente, num subterraneo da cathedral durante a perseguição de Juliano, o Apostata. Tal é, a largos traços, a reconstrução historica

das periecias por que passou o precioso vaso, segundo a opinião do dr. Gustavus A. Eissen, notavel archeologo norte-americano - que está actualmente terminado os estudos sobre a origem do achado.

Ao ser desenterrado dos escombros, o bellissimo calix estava completamente recoberto por uma espessa camada de oxydo que teve que ser removida com o maximo cuidado.

Effectuou esta operação o restaurador francez M. André. Uma vez desembaraçado deste revestimento exterior, constatou-se que a parte interior do vaso, formada por um segundo calix, crystalisara-se, á acção corrosiva dos

seculos, tornando-se tão fragil que o menor golpe tel-a-ia reduzido a fragmentos.

Seu dono, contemplando-a com verdadeira unção, declara que seria uma verdadeira heresia expol-a, ao olhar do publico, em outro local qualquer que não fosse um templo.

OBPA DE ARTE. MARAVILHOSA.

Já ao primeiro golpe de vista o Calix produz uma profunda impressão.

Sua pureza classica é absoluta, e segundo se presume deve ser obra de um extraordinario artista, familiarizado com as tradições artisticas dos gregos cujos caracteristicos deixou claramente impressos em seu admiravel trabalho.

Logicas são, de tal arte, as conclusões do dr. Gustavus Eissen, estabelecendo que não poderia esta temerosa taça ter sido executada sinão numa época inquestionavelmente remota, aos primeiros albores da nova fé, quando no occidente, imperava ainda o culto de uma mythologia prestes de resto a desaparecer.

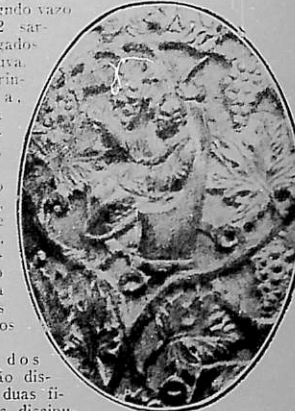
A forma e os arabescos do calix podem ser facilmente descriptos.

Consistem num vaso de prata, em forma de ovo, cortado a uma das extremidades, e que poderá conter mais ou menos dois litros de liquido.

Este primeiro vaso, está embutido num segundo, de prata dourada e lavrada em motivos de ramagens, e que assenta sobre um pedestal pequeno. O trabalho esculptorio exterior do segundo vaso representa 12 sarmientos carregados de cachos de uva. Em frente, principal figura, destacava-se a imagem do Divino Mestre, sentado.

Por baixo desta imagem, uma aguia, de azas abertas, inclina-se sobre um cesto com paes, a cujos lados pendem outros cachos.

As figuras dos apóstolos estão distribuidas em duas filas. Cinco dos discipulos estão voltados para o Redemptor, que tem á esquerda um cordeiro, e um prato com sete paes, e dois peixes, á direita; outros cinco apóstolos contemplam um Menino Jesus, que constitue o episodio principal do reverso.



O Congresso feminino de Roma

O PENSAMENTO DE S. S. PIO XI SOBRE O MOVIMENTO FEMININO E SEU PROGRAMMA



Lady Chapman Catt, presidenta do Congresso e delegada inglesa.



Isabel O. De Palencia (Beatriz Galindo), representante da Hespanha.



Mlle. Jatá, delegada da India.

O que significou, como afirmação de pensamento e como importância de movimento espiritual em prol das mais

lianas, além do ministro sr. Gentile, e numerosas personalidades de destaque no mundo politico italiano.

nobres e altas idéas este Grande Congresso Feminino de Roma, é já agora do dominio publico. Todo o mundo está ao par da grande impressão causada, no mundo politico, como no do pensamento, por essa extraordinaria manifestação da actividade feminina.

Por ocasião do Congresso publicou esta revista algumas paginas sobre esse acontecimento, estando portanto as nossas leitoras perfeitamente ao par de todos os magnos assumptos alli debatidos.

Como se sabe, á inauguração do Congresso compareceu o primeiro ministro italiano sr. Mussolini que em nome de seu gabinete fez ás congressistas a solemne promessa da concessão do direito do voto ás mulheres ita-

Fizeram-se representar nessa magna reunião todas as associações femininas do mundo inteiro. Estiveram alli reunidas num mesmo ideal, e pugnando pelas mais altas aspirações do sexo delegadas de quarenta e quatro paizes. Eram mil e quinhentas mulheres representando dois terços do mundo civilisado, na mesma communhão de pensamento e na mesma ancia de bem e de justiça.

Alguns dias antes da dissolução do Congresso as delegadas catholicas, de varias nacionalidades, estiveram no Vaticano onde foram recebidas por S. S. Pio XI que se declarou favoravel ao melhoramento social e civil do sexo, sempre que em seu programma de evolução geral não fossem incluídas idéas extremistas e violentas, de derrotis-



O sr. Mussolini, na inauguração do Congresso.

mo moral como, por exemplo, o divórcio, etc.

Nessas sábias palavras do pontífice está todo um programma para a mulher sul-americana, que por suas tradições racicas, temperamento, psychologia, etc., formando, embora, ao lado de suas irmãs de todo o mundo, na phalange das que aspiram a uma humanidade melhor e mais nobre, não podem aceitar essas idéas violentas de emancipação absoluta, em attitudes de quebra a todos os dogmas da moral christã e das mais enraigadas tradições ethicas de sua raça.

Reproduzimos nestas paginas alguns clichés interessantes que bem mostram o que foi esse Congresso Feminino de Roma, um grande passo, innegavelmente, para a confraternisação e centralisação das energias femininas de todo o mundo.



A delegação egypcia.

Muitos e importantes problemas foram debatidos, embora não definitivamente resolvidos, nesta grande reunião feminina de Roma.

Certo que, as grandes questões que se relacionam, em sentido geral, á mulher e á familia, não puderam ser solucionadas, de forma cabal e completa nesse extraordinario Congresso. No entanto, o que ninguem lhe poderá negar é o valor de demonstração de actividade feminina, e do quanto vão, enfim, sendo tomadas em consideração pelos meios dirigentes, as aspirações de um grande numero de mulheres.

Essa mesma significação viram, de resto, todos aquelles que no movimento feminista sentem não as aspirações de um sexo, apenas, mas o universal desejo do mundo, em evolucionar cada vez mais, no sentido de um reerguimento moral e espirital da humanidade.



Inauguração do Congresso Feminino de Roma.

Sabios e mystificadores

Há alguns annos já, pouco tempo antes de comecar a grande guerra europea, um critico allemão, de arte, Faber, descreveu em uma revista de seu paiz os curiosos estudos que alguns sabios allemães estavam fazendo para conseguir a applicação dos raios "X" no exame de quadros antigos de authenticidade duvidosa.

Pertiam esses sabios de um principio scientifico comprovado: o de que o grau de transparencia dos corpos diante daquelles raios depende do numero e do peso dos atomos que os constituem.

Assim, si fosse possivel determinar a diversa natureza das telas ou taboas que usavam os antigos mestres, o processo com que as preparavam, e os vernizes e tintas que utilisavam, tudo isto tão differente dos que se usam hoje, poderia se precisar pelas imagens reveladas pelos raios, a epoca a que pertenciam os quadros, e, graças a subsequentes experiencias a authenticidade dos mesmos.

A guerra europea veio interromper estas pesquisas dos sabios allemães; um medico hollandez, porém, especialista em applicações radiographicas, o dr. Heilbron, de Amsterdam, iniciou uma serie de estudos na mesma natureza

Pouco depois, um especialista francez, o dr. Cheron, começou seus trabalhos a respeito e em tempos trouxe a publico

os resultados obtidos, pelos quaes é possivel o reconhecimento de quadros por meio da radiographia.

Eis aqui a technica de seu methodo partindo do principio fixado pelos sabios allemães. Todo o quadro, para os effeitos deste exame, apresenta tres elementos, a tela ou taboa, estuque, e a pintura propriamente dita. A tela ou a taboa são sempre muito transparentes, qualquer que seja sua epocha; o que se não dá já com o estuque ou envernizagem.

Os antigos preparavam a superficie sobre que tinham que pintar com uma capa de carbonato de cal e colla; esta composição é relativamente transparente, submettida á accção dos raios "X".

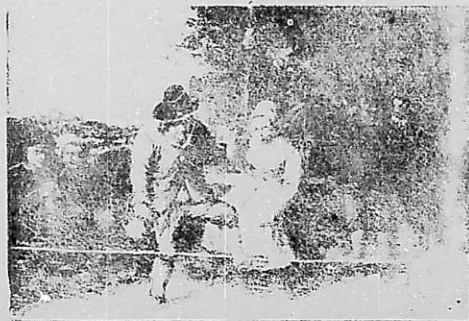
Os modernos, pelo contrario, usam a alvaiade, que é, como se sabe, um carbonato de chumbo muito pesado e opaco e que se introduz e petrifica nos intersticios da tela formando um contraste com a transparencia daquella. Quanto

às tintas usadas pelos artistas modernos e antigos offerecem as mais diversas densidades, tendo, portanto, os mais varios graus de transparencia. Estas cores, especialmente o branco foram sempre e continuam a ser preparadas com sães de chumbo ou de zinco, muito pesados, o que constitue um tenaz

obstaculo á passagem dos raios. Os pretos, pelo contrario, são extremamente leves, deixando-se



Photographia de um quadro moderno representando um "bouquet" de flores.



Photographia de um quadro falsamente attribuido a Van Ostade, pintor hollandez do seculo XVII.

atravessar com facilidade. Entre estes dois extremos, as demais cores offerecem diversos pesos especificos, e em consequencia varias transparencias.

Só se consegue precisar, só pelo peso, a cor



Photographia do quadro "A Virgem de Stella", pintado no século XVII

de que se trata, desde o leve carmin ao pesado amarello, e através do azul cobalto, do ultramar, do terra de Sienna, do verde Veronez, do vernie-lhão, do alaranjado, do violeta, etc..

Ha outra escala que serve de termo de comparação: a das cores que antigamente se preparavam com sais mineraes, a maior parte dos vermelhos, por exemplo, e que hoje se preparam com substancias vegetaes, que são muito mais transparentes.

De resto existem hoje em dia varias cores que tem, por base a anilina, desconhecida dos antigos.

Mesmo sem chegar a um conhecimento preciso e minucioso de todas estas cores, existe uma differença evidente entre a radiographia de um quadro antigo e a de um recente. A radiographia de um velho quadro nos offerecerá transparente a tela a seu verniz, e em troca apresentar-nos-ha uma opacidade relativa quanto ás cores, ao passo que a radiographia de um quadro moderno sendo transparentes as cores e opaca a tela proporcionará, naturalmente, imagens muito fracas, quasi invisiveis. Isto quer dizer que a radiographia pôde fornecer indicios sobre a epocha em que foi pin-

tado um determinado quadro, e por consequente dados seguros sobre sua authenticidade.

O processo radiographico pode ainda denunciar as restaurações, por muito bem feitas que sejam, assim como as modificações e mystificações a que tenha sido submettido qualquer quadro antigo. O dr. Cheron conseguiu obter uma prova curiosissima. Submettendo á radiographia um antigo quadro, antigamente attribuido falsamente a Van Ostade, sem mais argumentos, na verdade, que a reproducção de scenas populares hollandezas, a radiographia denunciou sob aquella pintura a existencia de outra: um quadro ornynologico, do qual se vê, perfeitamente, as figuras de varias aves.

Quem certamente não folgará nada com as descobertas do dr. Cheron serão os mystificadores e falsificadores de pinturas, pois uma vez estabelecida na pratica aquelle methodo de reconhecimento, muito difficil lhes será o exercicio de tão rendosa quanto desprezivel profissão.



O mesmo quadro, photographado pelo processo radiographico.

A respeito de falsificações e imitações de quadros celebres, contam-se varias e curiosas anedotas que devido á falta de espaço não podemos transcrever nestas paginas.

Ha imitadores tão senhores de sua arte, que o mais arguto dos technicos não seria capaz de desmascarar-lhes uma obra. Porisso, de grande utilidade e interesse será o aperfeiçoamento da moderna invenção scientifica para a authenticação dos quadros e pinturas artisticas.

VARIEDADES FEMININAS ILLUSTRADAS

EXCENTRICIDADES

Digam o que disserem os modernos apologistas do "Jaz-Band" e da plastica futurista, si existe uma alma de encanto e deslumbramento na Esthetica ou no que entendemos por esthetica, é, sem duvida, a graça simples da arte grega.

Passam as escolas e passam as tendencias e correntes artisticas; do helenismo surge a robusta concepção grego-romano. Tomba o Imperio. Descem os godos e acampam na bella terra latina. Estende-se, pesada e symbolica no sombrio das suas cathedraes e dos seus claustros, a idade média. Depois, numa febre de expansão, febre que trazem no sangue, com o ardor dos desertos, e na phantasia, com o ardor da imaginação, os homens queimados da Arabia e da Syria, herdeiros directos dos inquietos e avidos phenicios, erguem ao céu meridional da Peninsula, as suas estrophes de pedra, rendilhadas e atrevidas como as estrophes de um poema.



A actriz Miäs Dane, e seu urso domesticado.



A vida antiga em Montfermeil — Lição de dança grega.



Um grupo de "novos helenos" junto ao tanque do estabelecimento.

Mas o grande sol da Renascença já apontou no horizonte. O Christianismo é como um bosque encantado onde os genios e crea-

e EXTRA-VAGANCIAS —

dores das palavras e dos gestos eternos vão beber a inspiração.

São então possíveis um Miguel Angelo, um Raphael, um Murilo. Depois, são ainda todas as tendencias, do Neo-classicismo, do Romanticismo, e afinal, a tortura da moderna plastica, onde a expressão de arte quer eternisar o pensamento subtil, o anccio de uma época complicada e falsa.

E entre este galopar constante de escolas e épocas, a graça grega, de pé, serena e impassivel e gloriosa como a Victoria de Samotracia...

Por isso, muitos hoje tentam ressuscitar algo da antiga belleza, como as danças rythmicas, etc.

A esta ordem de felizes mortaes pertencem sem duvida, as graciosas jovens cujo entusiasmo pela vida ao ar livre aconsellou-as a seguir as sugestões de um medico francez, o dr. Bertrand, que estabeleceu em Montfermeil uma especie de "colonia" em estylo grego onde as jovens não só se vestem, penteiam e calçam como as gregas antigas, como ainda imitam a vida helenica em todos seus pormenores. Para isso dispõem



A actriz hespanhola Tórtola Valencia, passeando por Londres, montada num burrico.



O grão-duque A. Micaelovitz, da Rússia, e a viúva de Mr. Astor, que pereceu na catastrophe do "Titanic".

de uma habitação, quinta, ou villa, onde installaram seus aposentos e "ateliers".

Findo seu dia de trabalho reúnem-se essas adeptas da vida grega antiga, numa explanada anexa ao estabelecimento, onde se dedicam à gymnastica rythmica, às

por exemplo o grão duque Alexandre Micaelovitz, da Rússia, que o nosso cliché reproduz, ao lado da viúva de Mr. Astor. O grão duque durante uma excursão aos Estados Unidos, foi eleito presidente de um concurso de belleza realizado em Newport, o que confir-



A esposa do millionario Thorp, trabalhando como bailarina em um circo de Nova York, com seu companheiro Mr. Clifford.

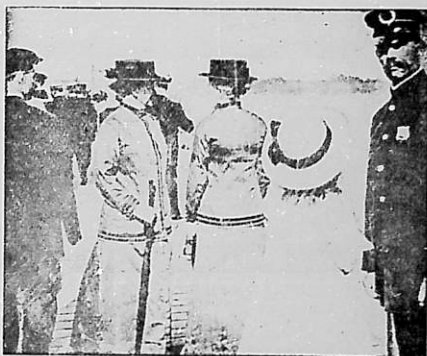
danças sagradas e aos bailados populares dos tempos heroicos. Para que a illusão seja completa, o estabelecimento foi construido em meio a um bosque.

Do ponto de vista da hygiene e da esthetica, não é certamente má a idéa, como não deixa de ser curioso o espectáculo. No entanto, em tudo devemos fugir às exagerações...

A belleza é sempre, a mesma, seja ella expressa pela graça de um gesto suave, ou pelo encanto de um rosto bonito. E' verdade, que aqui, entra em linha de conta o gosto pessoal, o que justifica aquelle velho adagio popular:

— "Quem o feio ama, bonito lhe parece..."

No entanto ha certas regras, de que se não pôde eximir um bom conhecedor de bellezas femininas, como o foi,

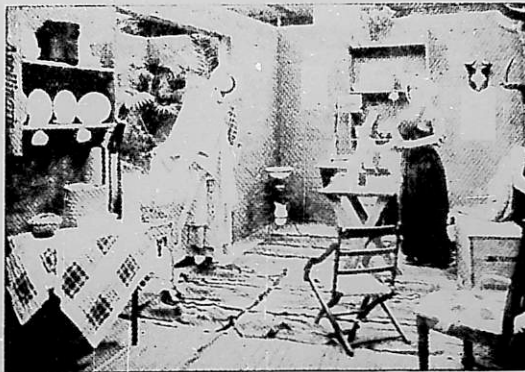


Policias do sexo feminino que prestam serviços nas praias inglesas.

mou, evidentemente, o tido de perfeito conhecedor desse assumpto.

Uma fama, enfim, como outra qualquer, como por exemplo a fama de excéntricas de que gostam de gosar certas artistas. Excéntricidade inoffensiva, como a da actriz ingleza domesticando um urso, acompanhada do qual fazia seus passeios quotidianos com gaudio dos transeuntes... pequenos e grandes...

Quasi o mesmo poderíamos dizer da actriz e bailarina hespanhola Tórtola Valencia que montada em um burrico passeiou muitas vezes pelas ruas de Londres, despertando a curiosidade e o commentario publico, si bem que essa exhibição fosse menos perigosa que a de Miss Dane, a domesticadora do terrivel urso. Em todo o caso, mais



Uma vivenda das colonias allemãs na Exposição Feminina de Berlim.



O primeiro Conselho de Jurado feminino que actuou em São Francisco, California.

moraes e dignas que essa outra excentricidade da esposa do milionario Thaw, que aproveitou a reclusão do marido em um manicômio norte americano (donde alás, conseguiu fugir) exhiba-se como baflarina, num circo, em New York, em companhia de seu jovem par, Jacob Clifford.

Este escandalo traxo durante muito tempo em alvo-rogo o publico da capital americana, que, dada a fuga do milionario, esperava dia a dia o ponto final da comedia, o desfecho tragico, pois Thaw promettera assassinar a esposa, na primeira oppor-tunidade.

Enfim, extravagancias e extranhezias, que marcam bem o desequilibrio de uma epoca complicada e torturada por ansias que ella mesma não sabe explicar.

Não constitue uma novidade o desempenharem mulheres cargos de policia ou outros misteres semelhantes, sendo que em muitos paizes, tem-se aproveitado, com exito as aptidões femininas neste ramo dos serviços publicos.

O major Guilherme MacLeod, antigo chefe de policia de Newport, (Inglaterra) teve ha alguns annos a idea de admitir no corpo de policia daquella cidade Miss Joanna Buchanan que exercia o cargo de professora e a sua companheira Minnie Smith, muito afeicada aos estudos sociologicos. O uniforme, que estas duas mulheres vestiram no exercicio de suas funcões policiaes consistia em um "paletot" azul com botões de metal, camiseta tambem azul e chapeo de palha, como se pode ver pela nossa gravura.

Seus serviços eram, prestados, principalmente, nas praías de banhos.

Em São Francisco da California, ha annos, actuou como conselho de jurados, o grupo de mulheres que este nosso outro cliché reproduz.

Certo todas ellas já não estão na idade rosea das illusões...

Mas, nem podia ser de outra forma considerando que, si aos mesmos homens a lei não outorga esse direito, que é ao mesmo tempo um dever, de tomar parte nos conselhos de jurados, sem a idade sacramental, não era certo a mocinhas que tão espinhoso cargo podia ser entregue...

O uniforme da feminista!

Houve alguém que lembrou tal coisa e chegou mesmo a inventar um traje especial para toda a mulher que formasse na phalange do feminismo. Chamava-se essa fertil imaginação, Mistress Joanna Boldt, figura de destaque no suffragismo americano.

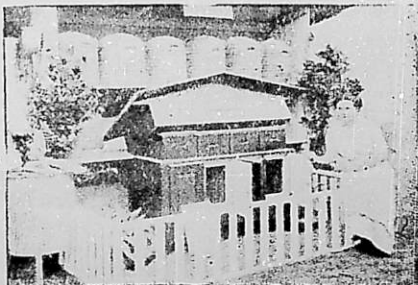
O nosso cliché reproduz, essa "toilette" que em verdade, não apresenta novidades de monta, vestindo a sua imaginosa autora.

As exposições de caracter feminino, são sempre um estímulo dos mais efficazes.

Não devem, porem, para preencherem seus fins, representarem mostras como ha muitas, de puro convencionalismo, intalladas mais ou menos brilhantemente, e revelando, quando muito, um desape de exhibição e mundanismo. As exposições femininas devem para obedecer a sua finalidade, ser organizadas de accordo com as necessidades do lar e da familia, salvo, naturalmente, em se tratando de mostras de pintura, esculptura, etc.



Mistress Joanna Boldt, uma das pioneiras figuras do suffragismo americano, vestindo o traje que pretendia impor a suas correligionarias como uniforme.



A criação de abelhas, secção da exposição feminina de Berlin

Paysagem de inverno



O viandante lá vae pelo caminho a fóra, pelo caminho agreste que a neve cobre com um manto de candura sem par. De quando em quando em quando o sol consegue dissipar por um instante o véo da neve que cae, e então, ao longe, muito ao longe, como esfumada na luz dubia de um sonho, brilha a montanha, além da qual começa o paiz maravilhoso do desejo... O viandante caminha.

A neve branqueou-lhe as grandes botas de couro crú, o fato rude de caminheiro, a larga capa, o chapéo e até mesmo os fios hispídos da barda e do cabelo. Todo elle é branco. Tão branco, mesmo, que á distancia, confunde-se com a paysagem.

Caminha... Mas os seus pobres pés estão cançados de caminhar. Quem dera, agora o bom riso vermelho de uma lareira amiga, de uma humilde lareira de hospitalidade!

E, parece que um bom genio advinha-lhe o desejo, pois que deante d'elle surge, como que escondida na montanha fóia da neve de Dezembro, uma casa de camponezes, uma destas pobres mas sempre piedosas casas da gente simples.

Bate á porta. Entra. E vae sentar-se junto á grande lareira accessa e crepitante. Estende as mãos e os pés ao calor bemfazejo. Sente a grande volupia do conchego rustico e familiar do descanso após a fadiga da caminhada. E

grande caneco, a transbordar de um bom vinho espesso, que circula de mão em mão, como uma ingenua confraternização de almas simples e de simples alegrias, põe-lhe, por um instante, na face tristonha de solitário um sorriso grato e sereno... E, junto ao fogo, a aquecer as velhas mãos que o trabalho e os noventa Dezembros como este encarquilharam, um ancião, curvo e branco, fala da neve, dos caminhos que a neve cobre, e da vida, que é dura para os pobres que não têm um bom fogo como aquelle, que allí arde e crepita.

— Sim, a vida é dura... e os homens... ah! os homens, cada vez mais moles e fracos...

Quando fui moço — continúa elle, passciando o seu lento olhar pelo circulo de rapazes que o escutam num leve sorriso de incredulidade ma-

vinte annos... também... Mas... mas só gostei de duas creaturas. Da primeira, que Deus tenha, e com quem vivi quarenta annos de paz, e desta que ali está e que o Senhor conserve, pois que em vinte e dois annos de casados ainda me não deu razão de queixa.

Assim é que se deve amar as mulheres... não namoricando e querendo enganar-as, a todas, como agora por ali fazem. Porque é preciso saber a gente que na mulher que Deus lhe deu estão todas as outras.

E, por isso, é fazer dessa a grande companheira da vida... Hoje, são coisas e novidades, por esse mundo de Christo, por esse mundo que está cada dia peor, porque os moços já não comprehendem estas coisas.



liciosa, — quando fui moço e rijo, ia todas as semanas, por carvão, ao monte.

Asperos e mãos eram os caminhos... perigosos os ermos e as encruzilhadas, de lobos e de salteadores, as estradas de pedra da montanha... Duro o pão, e raro o vinho...

No emtanto, ao vir das neves do Natal alguma coisa dormia sempre ao fundo da arca... alguma coisa que tinha no dia das bodas ou num aperto da vida... Hoje os moços não são capazes disso...

E dentre o grupo de rapazes, uma casquilha voz de ironia:

— Vamos, avô, que vocemecê também ha de ter feito das suas!...

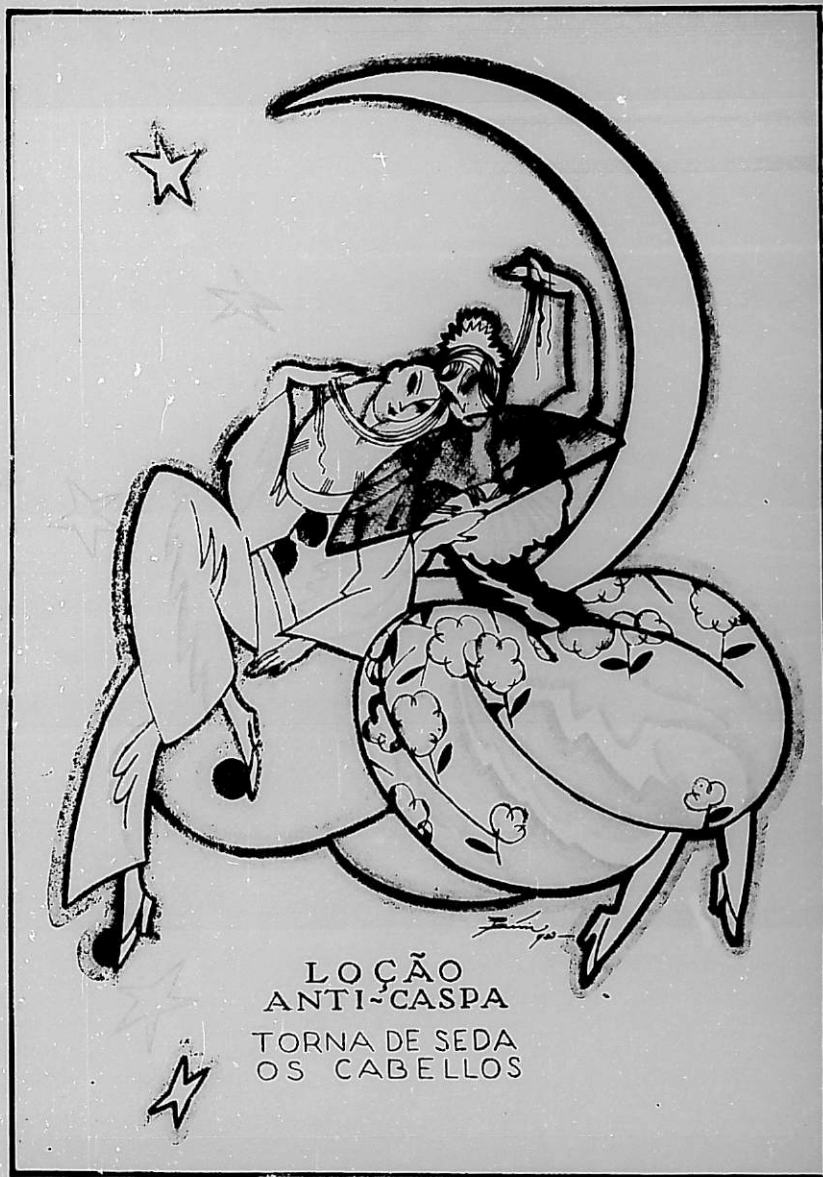
E o octagenario, tocado ao vivo:

— Sim, não nego... também tive os meus

Calá-se o velho e calam-se os moços, respeitosos, mas pouco convencidos.

O caminhante contempla, atravez das vidraças da casinha rustica a paisagem gelada. A negra e rugosa fronte do ancião, curva-se para o solo, como ao peso desses noventa annos que passaram sobre ella.

E o viandante pensa na vida. Pensa nos longo caminho que tem de andar, ainda, atravez da neve gelada, ou por entre sombras presagas de despenhadeiros para chegar ao fim, áquelle fim de serenidade e de sabedoria, que junto ao calor de uma lareira pobre, proclama que se deve amar na companheira de nossa vida todas as mulheres da terra, para que a felicidade da vida não seja uma palavra vã.



LOÇÃO
ANTI-CASPA
TORNA DE SEDA
OS CABELLOS



MAIS FORTE QUE A DOR

HISTÓRIAS BREVES

Todas as tardes, á volta da escola, as crianças tentaram penetrar no gabinete de trabalho de D. Fradique. Mas a porta não se abria. Lutavam, a princípio, discretamente, com a ponta dos dedos. Depois, finalmente, algumas pinceladas enérgicas, impetuosas... D. Fradique não o abria, não queria abrir... D. Fradique estava melhor e trabalhava. Outras vezes, porém, encontravam a porta encostada, apenas, e entravam. Então, tornava-se o gabinete de estudo, do velho um verdadeiro campo de batalha... velhas estampas, revistas ilustradas, desenhos, objectos os mais curiosos rolavam pelo chão, numa "deliciosa" desordem... Dom Fradique, estendido no leito, doravante á vontade.

Não era muito grande o aposento, nem mobiliado com luxo; mas, em compensação o sol de Agosto penetrava em torrentes e pela clarabóia de vidro, e, no inverno, quando em baixo, nas ruas, já estavam nublados as vitrines e os bicos de luz, no quarto de Dom Fradique ainda era um suave resplendor crepuscular, um tom dourado de per las irizadas...

Dom Fradique contemplava o céu. As duas crianças disputavam o divão, o amplo divão, onde cabiam, abertas, as maiores "fogueiras"... A menina, espalhada pelo assento as gravuras decorativas e as ilustrações pallidas. E Dom Fradique, estendido no leito, magro e barbudo, as velhas mãos ossudas a sahirem das mangas da camisa como duas bonecas de palha, amarellas, fallava da creança ou olhava o céu que se abrigava nos píncos, nos vidros, ver brilhar duas pequeninas estrelas...

— Ih, pequenino — dizia-lhes, que quereis?

— Nada.

— Não quereis nada? sois uns pobrezinhos que nada quereis,

porque estoes ainda batalhando com o abecçario. A mim podesis pedir perfeitamente tudo o que quizerdes. Mais tarde aprendereis que o mundo terá sua derrota final quando apparecer um vontade cruel; quando amalleca o dia da supremacia inistincta. Neste dia os fracos e mbarão. Um lunem se encruará dentre as ruínas, dentre as ruínas da sua propria obra, para lançar o grito de triumpho.

— Dom Fradique! — exclam u a menina.

Estorvam as duas creanças sobre o divão disputando a posse de uma boneca. Uma passava pelas pernas, outra pelo cabeça. Ambos em silencio, como criminosos hypocritas. Ouvise um rumor de tropas que se raspam e o pavimento cachena-se de serroagem.

— Dom Fradique! jemen a pequeni, arrancaram-lhe a cabeça!...

— Sangue!... Derramastes sangue! — Sois então como eu, apostolos de uma religião sobrehumana, inimigos da piedade, domadores da vida, e sencces rez da morte? A pequeni, chorava.

— Deixe o pranto para os fracos de espirito, que não sabem crear em si mesmos o verdugo e os sentimentos inferior... Si vocês fossem capazes de me jurar que mataria todo o germen de piedade?... Jurae!... Jurae!... E, como não era aquella, a primeira vez que o resultado velho devia fazer loucuras, as creanças por bondade responderam — Sim senhor. D. Fradique, sim senhor... nós mudamos tudo... tudo... poremos dynamite debaixo da mesa de D. Venancio.

— Não, o mestre não! respondia D. Fradique — representa a luz do razão... Mas sde fortes como o diamante sde implacaveis! Cruéis! E emquanto as creanças, em sua innocencia faziam que sim, com as louras cabeçitas, o velho, exausto, afinal passava a fallar ao céu, que do alto lhe enviava a piedosa estmola de sua luz crepuscular... — LUÍZ BELLO.

A arte de arrumar uma mala

Parece fácil, á primeira vista, tomar das peças de vestuário, e outros objectos indispensaveis a quem viaja, e arrumal-os nas respectivas malas

Parêce facil mas não é. E a prova desta asserção, é a nossa



desagradavel surpresa, ao abri-l-as, nos hotéis ou casas onde faremos nossa permanencia, e ao constatar-mos a falta de innumer-os objectos de imprescindivel necessidade, que no atabalhoado da partida esquecemos, e mesmo o grande numero de outros,

partidos ou estragados, devido ao máo acondicionamento.

De resto, trata-se aqui, principalmente, de uma questão de ordem, e o melhor, neste caso



é procedermos com methodo, começando por organizar uma lista. Bastam para isso, poucos minutos, de reflexão. A experiencia, adquirida assim, servirá para o futuro, facilitando essa tarefa de-toda a boa dona de casa. Habitue-mo-nos a differenciar, segundo o genero de transferencia, o numero e a especie da indumentaria necessaria. E, assim, não mais usaremos um mesmo genero de malas, para todas as viagens. Para o "turismo" — como se chama essa viagem em que permanecemos um pouco em varias cidades, geralmente poucos dias, é indispensavel um minimo de bagagem, — bagagem pratica, restricta, facil de ser transportada de um lugar para outro,

mesmo á mão. Nada mais recommendamos para isto que duas pequenas malas de mão, onde perfeitamente arrumadas caibam as peças de vestuário suficientes ao uso de um mez. Na

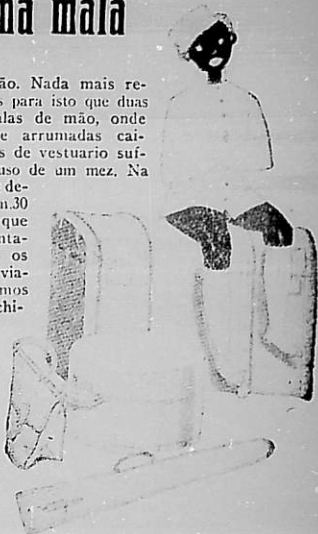
primeira, que deve medir 0m.30 por 0m.40, e que substitue vantajosamente os saccos de viagem, podemos collocar os chinell-os de quarto, em seu respectivo estojo, a roupa branca, e o kimono leve, o necessario emfim a uma noite de hotel. No fundo da se-

gunda, que deve medir 0m.50 por 0m.75, todo o resto da roupa de que tenhamos necessidade, dois pares de sapatos, envoltos num pedaço de cretonne, etc., nos lugares que tenham ficado vazios arruma-se, alguma roupa branca, meias, etc., enchendo-os; um sacco para roupa suja, cuidadosamente dobrado, occupará, discretamente, o fundo da mala. Será tambem de muito bom aviso, uma pequena caixa de madeira, leve, onde se guardará todos os objectos necessarios á correspondencia. Além disto são indispensaveis duas pequenas bolsas: uma para luvas, outra para peças de seda mais finas e lenços. A parte superior da mala será reservada para o tailleur, com suas respectivas blusas e para dois vestidos de tarde, que substituirão na medida do possivel a "robe du soir".

Certo, esta pequena relação tem todos os caracteres de uma coisa muito pessoal, mas justamente nisso é que consiste sua oportunidade.

Porque o que prejudica sempre, nesta questão não é o que levamos conosco mas sim o que não deveremos levar.

Trata-se de eliminar o superfluo. E, como se vê, nada mais simples.



LAVORES FEMININOS

A BELLEZA DOS BORDADOS A CÔRES

Não obstante o bordado branco dominar de uma maneira quasi que esclusiva a decoração interna dos apartamentos de uma casa, o bordado a cores tem presentemente uma grande applicação em se tratando de "abat-jours", pastas, quadros, almofadas e saccolas.

Diversos e originaes são os modelos que ora apresentamos e para elles chamamos a attenção das donas de casa, que procuram dar uma feição alegre ao lar.

Assim, por exemplo, o "plafonnier" da figura n. 1 é de uma originalidade surprehendente. Em estylo japonês, elle se compõe propriamente d'ito de uma base de pongé e "lila vieux", sendo que as lanternas japonesas que nelle vemos são em applicções para as quaes empregamos o tom de ouro velho e laranja, alternados. As inscripções que sobre ella vemos são feitas de seda preta e tem assim as hastes de madeira que as ligam entre si. Terminado esse trabalho faz-se então o esqueleto do plafonnier, de ara-

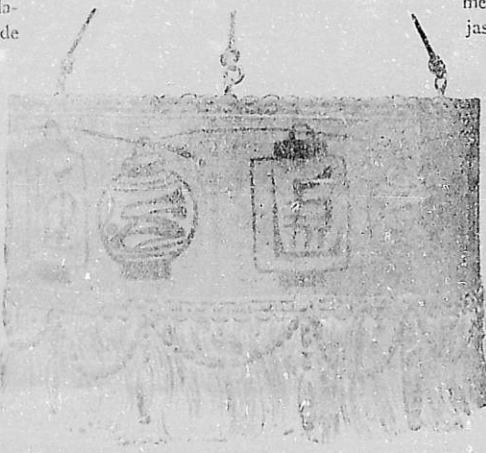


FIG. 1 - "Plafonnier". Dimensão: 32 centímetros de diametro. Preço do risco, pelo correio 25500.

me, pregando-se as franjas que deverão ser de seda cõr de laranja remontadas em um galão dourado. As costas que vemos elegantemente dispostas em redor são de madeira envernizada de escuro.

Já a pasta da gravura n. 2 é feita em taffeti azul sombreado de pardo. A decoração é simplesmente inspirada em uma flor de que o desenhador soube tirar um bello

partido. Bordadas em ponto de haste, as flores que formam a principal ornamentação do motivo são passadas entretanto em tres tons diferentes.

Como o clichê deixa muito claramente perceber, cada fileira de petalas tem um tom differente e nesse sentido é preciso bastante attenção para não exaggerarmos as flores. Para isso tomamos por base o centro da flor e dahi tiramos manços que poderão ir augmentando em diminuindo a sua tonalidade conforme o senso artistico ou o gosto da leitora.

As folhas são bordadas inteiramente,



FIG. 2 - Elegantissima caja para album. Preço do risco, pelo correio 25500.

a ponto de haste em dois tons verde absintho para o corpo e verde vermelho para as nervuras e hastes.

Eis ahí mais um pequeno trabalho, simples e de um grande effeito decorativo e que muito bem pode enfeitar a mezinha ou escrivaninha da leitora e amiga.

Até bem pouco tempo era uma falta imperdoável que uma dama elegante commettia si tivesse em sua saleta de trabalho ou de espera um quadro bordado a seda ou algodão, com photographias. Como os tempos mudam!

Hoje é uma nota caracteristicamente cini, principalmente se esse quadro quer seja para parede ou typo "passe-partout", occupar uma saleta de trabalho que é o lugar mais apropriado para as photographias de nossos filhinhos ou entes queridos. A gravura n. 3 que illustra esta seção nos dá um bello modelo e de facil execução, sendo vejamos: em formato de escudo com 16 centimetros de diametro. A direita e á esquerda do circulo onde ficará o retrato vemos dois vasos, com fructas e guirlandas de flores variadas que se fecham na parte superior, tendo ao centro, em cima, um artistico ramalhete. Os vasos



FIG. 3 — Original model for embroidery.
Preço do risco, pelo curso 42.00

e folhagens são feitos em pontos de laçada, seda "chamois" de dois tons. As fructas, por sua vez, (pensamos assim), serão feitas em ponto de haste, seda vermelha "vieux", em dois tons, também, afim de que fique bem destacada a parte que já está madura, da verdolonga. As margaridas que escapam das guirlandas devem se fazer em *bouclé*, com um só fio de seda branca e o centro em outro. As folhagens deverão ter tres tons da verde: absintho para as folhas grandes e medias, verdes e hastes, verde mais carregado, e os ramalhos e folhagens em verde-ouro.

Os vasos que ficam ao lado da photographia naturalmente são bordados a seda branca, enquanto que as rosas terão os tons rosa, mais vivo no centro, junto aos pistilos e ligeiramente pallido no restante da corolla.

É, inevitavelmente, um bello trabalho de arte e pela descripção feita, vê-se que não é de difficil execução. Presta-se também esse quadro, para, armado em um papelão fino, figurar nos albums de retratos que constantemente vemos pelas saletas.

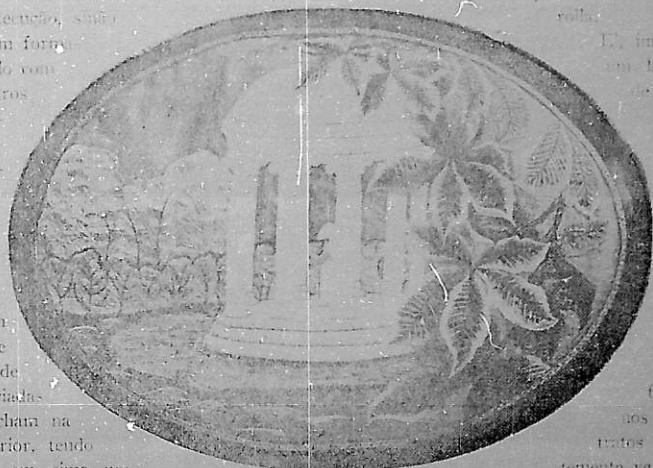


FIG. 4 — Embroidery titled "Temple of Love".



FIG. 5 — Bella moldura oval, para painel.

Não nos alongaremos muito fazendo descrições de outros trabalhos desta secção, pois o que dissemos cremos ser o sufficiente para que a leitora tenha idea precisa do que se deve fazer.

Dissemos por diversas vezes: seda verde em dois tons, ou vermelha em tres, etc. Isto quer dizer que uma cor qualquer tem sempre diferentes tons. Deve combinar de modo que pareça estar uma parte do fruto já maduro enquanto que a outra meio verdolenga. Assim tambem as folhas não são verdes por igual e dahi o criterio que deve ter a leitora para bordar e matizar os tons.

Quanto a cor da fazenda a se empregar nada podemos dizer, pois trata-se de um assumpto mui delicado e variado, conforme o gosto da pessoa que se propõe a fazer esse bordado, sendo entretanto recommendavel o cinzento, o chocolate, o verde-cinza e outros que

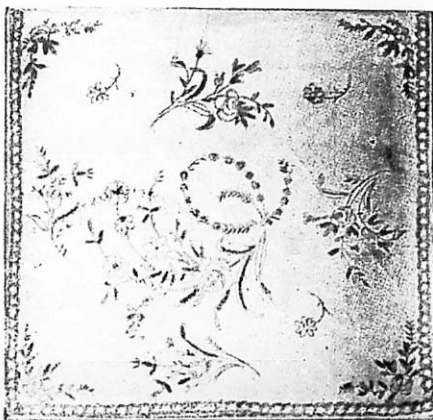


FIG. 7 — Linda bolsa para lençóis. Preço do risco, pelo correio, 3\$500.

não dêem ao conjuncto uma feição exagerada, que viria estragar ou pelo menos enfeiar o trabalho.

Seria prudente aconselhar a leitora que, por exemplo, na almofada de grande formato que chamamos "Templo do amor", o tom verde das folhagens, que se vêm no lado direito quasi que por detraz do templo, seja de



FIG. 6 — Ornato para caixa de "lombos". Preço do risco, pelo correio 2\$000.

um verde mais escuro que o commum pois assim dariamos um aspecto sombrio ás folhas, realçando a brancura do marmore da edificação e pondo em um plano destacado tambem as aguas do lago.

Quanto aos demais trabalhos nenhum delles offerece a minima difficuldade, pois sendo os desenhos perfeitamente nitidos, facilmente se comprehendêrã o estylo e o formato de cada um delles.

Recommendamos entretanto paciencia e sobretudo cuidado, pois sem essas duas qualidades jamais se conseguirá qualquer cousa, principalmente em um genero de trabalhos como o que presentemente offerecemos. Trata-se de bordado a cores, onde um pequeno deslize pode occasionar faltas que compromettem ás vezes o serviço todo feito anteriormente, impossibilitando mesmo a continuação do serviço, ás vezes em tão boa hora iniciado e não raro, quasi que no fim.

* *

Estes gratiosos labores, mais que tudo re-

querem vontade e atenção, para se conseguir em sua confecção um exito absoluto.

Nenhum delles apresenta serias difficuldades

plares desses mesmo objecto! Já por aqui, veem as nossas gentis leitoras a importancia que tem, executarem estes trabalhos pessoalmente, mesmo ainda do ponto de vista financeiro.



FIG. 5 — Elegante bolsa para luvas. Preço do risco, pelo correio 25300.

technicas, capazes de impedir ás leitoras o prazer de executal-os.

E com um pouco de esforço, e boa vontade, com um pouco de persistencia e gosto que admiraveis resultados se podem obter!

Por isso, tambem nunca nos cançamos de recommendar ás nossas leitoras a confecção destes bellos bordados, que além de serem de grande utilidade, em todo o lar, pôdem ainda dar margem a bellas affirmações de fino gosto e habilidade femininos.

O valor artistico de um qualquer objecto, não consiste, como todos sabem, em suas grandes dimensões, ou na riqueza e custo extraordinarios do material usado. Consiste, principalmente, no espirito estheticico, na graça, na fineza superior com que seja concebido e realisado.

Só estas razões bastariam para que todas as nossas leitoras dedicassem algumas horas de seu dia a estes finos e utilissimos labores.

Mas, abstrahindo destas considerações, ha, ainda, a parte economica que não deve absolutamente ser desdenhada.

Quantas e quantas vezes, pagamos por um qualquer destes trabalhos, nama loja, um preço verdadeiramente de assombro, uma importancia com a qual poder-se-ia confeccionar, em casa, dois ou tres exem-

de bom gosto, de composição, de harmonia, o espirito da mulher tem como que um natural condão. Ha tanta analogia entre a sensibilidade feminina e a fineza desses trabalhos, que é pena vermos muitas pessoas desdenharem-nos, dando a preferencia a exemplares produzidos pelos modernos machinismos da industria, exemplares bellos, sem duvida, mas a que falta o cunho pessoal, a inconfundivel "nuance" da individualidade.

O bordado á mão, aos olhos de um iniciado differencia-se de seu congenero á machina, como um fidalgo de um plebeu. Para os profanos essas subtilidades não existem, o que é natural, pois para



FIG. 9 — Original moldura a 3 faces. Preço, pelo correio 25300.

distinguil-as, é mistér muito bom gosto alliado a conhecimentos technicos que se não adquirem si não depois de longa e aturada pratica.

O donaire do mantão de Manilla

Ha em ti, em tua chuva de cores radiosas, bello mantão de Manilla, muito da alma sonora e vibrante do povo de Castilla.

Poema de notas vivas e calidas, sob o divino sol que te beija e te envolve amorosamente, sem ti, sem o encanto que de ti se expande e se evola, certo essa formosa creatura de grandes, rasgados olhos negros, perderia um pouco, ou perderia bastante, desse seu poder suggestivo e maravilhoso!...

Em tuas malhas finas, finas e subtis como os fios que mais prendem, quantos corações vão-se enredar! Quantas almas ficam a tremer, prisioneiras, como pequeninos, incautos insectos que uma teia enreda e aprisiona!...

Bello mantão da mulher hespanhola, tu és como uma sonora e clara e rutilante estrophe, a cantar diante de nossos olhos, diante de nossa alma que senha!

Estrophe e evocação, resuscitas em nós toda essa Hespanha ardente e cavallheresa, terra de amor e de bravura, subtilante e sonora, apaixonada e vibrante como uma corda de harpa suspensa, a ressoar a todos os ventos.

E's uma grana sobre outra terra-

ça, uma chuva de luz, derramada sobre a mais vibratil mulher da terra; uma gloria da luz e da alegria.

Podes ter alguma coisa de theatral e de carnavalesco, de exaggerado na variedade dos tons e no phantastico das formas. Mas és tão bello, tão alacramente festivo, rico mantão de Manilla!

E, com que cioso cuidado, nas velhas casas solarengas guardam-te de gerações a gerações, como uma preciosa reliquia, como uma herança ancestral, que passa de avós a netas, como a belleza da raça e a honestidade da familia! E, nos rythmicos hombros da neta, viute annos em flor, graça a cantar em gestos eurhythmicos impecaveis, que de vagas recordações, que de lembranças dístantes não evocas, não despertas no velho coração da avó severa, em cuja mão, já um pouco tremula, o leque tem um leve oscilar de abandono!...

Ao longo dos annos, passam as formas, desaparecem as modas, somem-se todas as extravagancias da indumentaria femina. Tu permaneces. Permaneces porque não és o fructo de um capricho passageiro, de uma esthesia ephemera, de um andaço de snobismo piegus. E's, pelo



contrário, o producto de uma sensibilidade especial e característica de todo um povo, de todo um grande povo onde o sonho de belleza reveste-se de graça airosa, e de brio communicativo.

Toda a alegria clamorosa dessa raça heroica e forte que na ponta occidental da Europa recebe as calidas ondas do vento da Africa fronteira, está em tuas cores, e em tuas formas.

Symphonia de gritos alacres e de gestos gaillardos, sempre na medida, porém, da nativa graça, tu és, até certo ponto, bello mantão resplandescente, a gloria da mulher hespanhola. Diante de ti, vendo-te sobre uns hombros de graça e de elegancia, quem não tem a impressão de ouvir, mas de "ouvir" physicamente, o estrelajar festivo de umas castanholas?

Quem não evoca ao te ver, as largas praças batidas de sol, ruidorejantes e tumultuarias, ou as romarias alegres, de uma alegria communicativa e infantil; ou ainda os bailados e os cantos do teu povo? Porque tu és popular, sendo ainda fidalgo. Certo, nos hombros de uma fidalga altiva não tens o mesmo riso cascateante que tens sobre os hombros de uma filla do povo. E's mais grave, menos expansivo, quasi severo.

Mas tua belleza fica a mesma, porque tanto podes bri-

lhar aos clarões de um candelabro de bronze e cristal, como podes fulgir á luz do bom sol amigo!

Mantão de Manilla, chuva de côres, ao te ver passar sobre uns formosos hombros, mesmo sem ser poetas, todos podemos dizer:

— Viva a graça e a belleza!

*
* *

Hoje, segundo parece, estás outra vez na moda, não só em tua patria onde nunca deixaste de dominar, como em outros paizes.

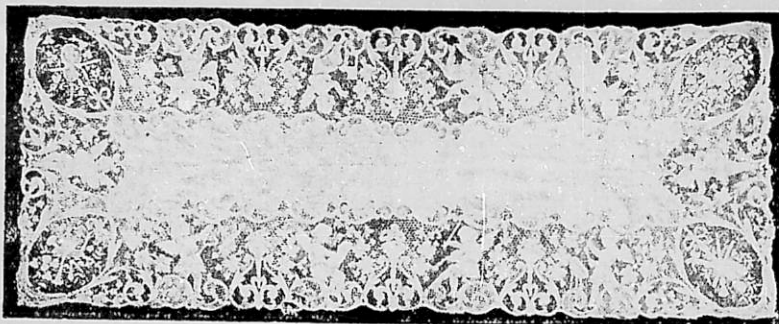
Certo o teu donaire é sempre o mesmo, quer no fulgor da cidade-luz, entre mil varios, faustosos ou exóticos modelos, quer ao quente clarão do sol peninsular.

Mas tambem, o que não é menos certo, é que só sobre os hombros da graciosa mulher de Castella, tu adquires todo teu caracteristico prestigio.

E's bello em toda a parte, porque a belleza não tem patria, mas ninguém te ostenta como a mulher que te eroot, emprestando-te um pouco de sua alma ardente e muito da graça que só ella possui.



A belleza aristocratica das antigas rendas



E' verdadeiramente deslumbrante a riqueza e o bem trabalhado desta linda renda...

Ha nas antigas rendas, leves e etheras como o perfume subtil e a graça das fidalgas de antanho, um como que desejo de espiritualisar-se a materia, de prender-se na trama aerea de seus pontos a alma fugaz do sonho...

Diante de um exemplar dessas maravilhosas creações de nossas avós, a alma do mais *terre a terre* de nossos atarefados "caixeiros viajantes" da actualidade, alma que só crê no tangivel, no immediato, no absolutamente realisavel dentro da ordem logica dos lucros e dividendos, estaca um momento, por breve que seja, e scisma... Porque a suggestão da belleza, embora fugaz, passageira como uma onda de aroma, ou como um raio de sol entre o prisma de uma gotta, é, digam o que disserem os scepticos, o perenne milagre de todos os tempos.

Quando isto se dá com pessoas, cujo temperamento, gosto e educação, afastam-nas do mundo do espirito e das emoções puramente animicas, que dizer daquelles que amam o bello, que tem o culto da arte e a religião da esthetica?

As rendas antigas, sem querermos desmerecer da concepção moderna, da perfeição technica e da raridade desse genero de

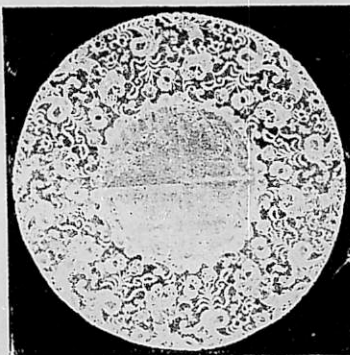
lavoros, em nossos dias, innegavelmente fallavam mais á sensibilidade, suggeriam mais profundamente a poesia, despertavam emoções mais delicadas e subtis.

Tomemos, por exemplo, esse lindo e graciosissimo ponto de Veneza, de que reproduzimos, num magnifico cliché, alguns interessantes e raros especimens.

Que coisa deliciosa!

Estes quadrados, numa elegantissima estylisação, não lembram, acaso, aquellas magnificas illuminuras antigas, de tão raro gosto esthetico e originalidade de concepção, cujas tradições estão infelizmente perdidas para nós, gente a quem foge o senso profundo da maioria dos symbolos?

Os motivos mythologicos, por sua parte, hoje tão pouco e tão impropriamente usados, como se adaptam, perfeitamente, numa eurythmia impecavel a este medallhão, que tal o podemos chamar, e que é um lindo centro de mesa. Venus, Diana, Jupiter e Neptuno, deuses que o christianismo matou no mytho, e a Arcadia liquidou em arte... E, no entanto, como resurgem elles, bellos, na simplicidade desta renda



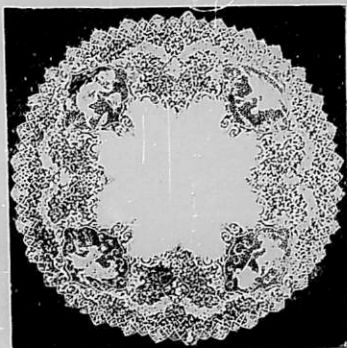
Um rico centro de mesa, para serviço de the, em ponto de Flandres.

admirável que dir-se-ia a teia encantada onde uns dedos de fada os prendeu, para a maravilha dos nossos olhos...

Outro lindissimo e gentil ponto, é, verdadeiramente, o ponto de Flandres.

Na symetria de seus arabescados quanta graça singela! singela sim, mas dessa singeleza que é o producto de um longo e aturado trabalho artistico, dessa singeleza illusoria, que resume em sua apparencia o esforço tenaz do artifice, dessa singeleza de que tão acertadamente nos falla o poeta...

Sem querermos desmerecer as modas e creações modernas, que mundo de belleza, de graça, de subtilidade nestas joias que as ageis e finas mãos de nossas avós teceram!... como só ellas sabiam tecer!...



Os motivos episódicos são a mythologia: Venus, Diana, Jupiter e Neptuno. Nada, no entanto, de menos archaico.

desuso, constituíam para nossas avós uma inextinguível fonte de inspiração. Todas as lendas do paganismo, pode-se afirmar, passaram assim, pelos dedos subteis das velhas tecedeiras, transformadas em ondas dessas deliciosas teias que ellas com tanta arte e delicadeza sabiam tecer.

Isto, pelo menos, tirava a composição dos labores esse caracter symetrico, tão frio e monotono que se nota em muitos labores modernos do genero. Dava-lhes mais vida, e, portanto, mais belleza. Certo, nem todas as antigas lendas prestavam-se a estas adaptações.

Por seu caracter licencioso ou realista em excesso, a maioria dellas, mesmo, não podia ser aproveitada. Mas quanta graça e emoção em algumas! quanta originalidade e delicadeza em outras!

Emfim, si por difficuldades technicas não as aconselhamos, nada nos impede admirar-as, o que aconselhamos ás nossas gentis leitoras.

Nestes quatro clichés que reproduzimos, vê-se bem a delicadeza das antigas rendas, labores onde está escondida um pouco da alma sentimental de nossas avós.

O que é verdadeiramente bello nunca morre definitivamente. Pode ser esquecido um momento; posto á margem, ante a victoria de outra concepção de belleza ou de esthetica. Mas fatalmente resurgirá. Sinão com o mesmo antigo brilho, com resplendor bastante, todavia, para afirmar seu valor.

Julgamos poder applicar esta regra, a estes deliciosos labores femininos que são as rendas e os bordados.

Porisso não julgamos ociosas

estas paginas sobre a belleza das antigas rendas.

Os motivos mythologicos, hoje geralmente em

muitas vezes só tem a grandeza das proprias dimensões.



Um bellissimo e original ponto de Veneza.

Hoje... hoje já não comprehendemos que se ligue tanta importancia a estas coisas. Erramos. As pequeninas coisas não são menos dignas de attenção que as grandes... que

TRABALHOS FEMININOS

O BORDADO

Em todo o lar domestico e sempre de grande utilidade uma pequena bolsa para guardanapos e eis aqui um lindo modelo, de facil execucao e de muito effeito decorativo.

E' desenhado sobre um panno grosso e o bordado que a guarnece e' muito simples.

Eis alguns detalhes que muito simplificação sua confecção: O motivo central é bordado a pontos lançados em algodão brilhante n. 30 e em tom green; os motivos lateraes, identicos, são ornados de pontos lançados em algodão brilhante, azul, e possui um ponto de Borgogne, a fio de ouro, que se desenrola em espiral.

Na parte inferior ha um pequeno losango, bordado, em tom verde.

A guarnição de em torno é executada a "creschet" em algodão vermelho, de bordado.

UM BELLO GUARDANAPO

Para este lindo guardanapo deve-se tomar um velho panno branco, cortado em forma de rectangulo de quarenta centimetros de altura por 30 de largura.

Como o nosso cliché mostra, o bordado é de um genero que todos conhecem perfeitamente: bordado inglez, simples, para as folhas e fructas que são em seguida reamidos por meio de hastes em



Uma linda bolsa para guardanapos.
Preço do risco, pelo correio, \$500.

ponto de "cordonnet". Os dois principais motivos de folhagens, que estão de cada lado são contornados por um pequeno bordado inglez.

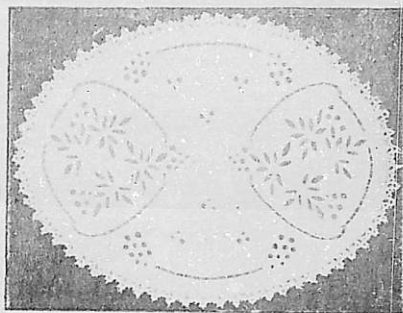
Uma vez terminado o guardanapo é elle guardado em toda a volta por uma renda de Chany de muito bello effeito.

CORTINA EM TULLE E BORDADO

Eis um bello e original modelo de cortinas, que as nossas leitoras certamente terão grande pra-



Uma cortina em tulle e bordado.
Preço do risco, pelo correio, \$6500.



Um bello guardanapo.
Preço do risco, pelo correio, \$5000.

zer em executar, pois que além de ser muito lindo e de effeito não é demasiadamente difficil. O fundo é em tulle filet; ao centro, a largura é apertada por uma banda de linho, finamente bordada com algodão brilhante n.º 30.

O motivo que decora o centro desta faixa é

bordado à inglesa, depois recortado sobre o fundo de tule. O mesmo processo pôde ser usado para o quadrilátero.

As flôres do motivo principal são bordadas à inglesa, com o centro guarnecido por um pequeno círculo.

Alguns pequenos ramos guarnecem muito propriamente a composição, sendo bordados à inglesa com hastes a ponto de "cordonnet".

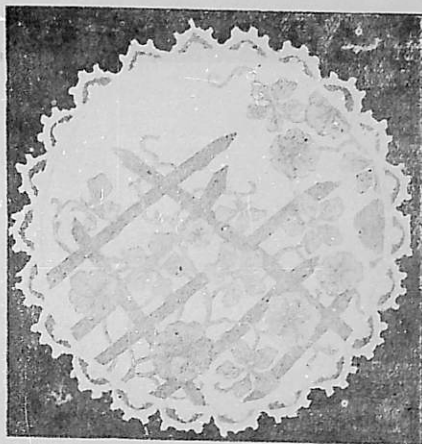
Na parte inferior da cortina outra faixa de linho reproduz as mesmas flôres e folhagens.

A cada lado desta moderna cortina corre, guarnecendo-a, uma estreita renda, que o bom gosto da leitora se encarregará de escolher.

Um largo volante, com uma orla à "jour", é em seguida pregada à almofada por meio de outro à "jour".

Para montar a almofada, deve-se cortar duas peças, uma em forte perlece, na qual se introduz o "kapok"; a outra em setim da cor que melhor se quiser, harmonizando sempre, por em, com a tonalidade da mobília.

Uma vez terminada a almofada, os bordados são fixados a ella por meio de longos pontos.



Um pequeno centro de mesa muito gracioso.

ALMOFADA EM BORDADO BRANCO

Para variar um pouco dos bordados a cores eis aqui uma encantadora almofada em bordado branco.

Sobre um pedço de "batiste" de uns 35 centímetros de diametro, reproduzireis facilmente o desenho.

O motivo central é contornado por bordados a ponto de "cordonnet"; ao centro de cada folha o motivo é bordado à inglesa, accentuado em toda a volta por um ponto de "cordonnet".

As hastes de entorno a esse motivo são feitas a ponto de "cordonnet" e terminadas por um ponto de bordado inglez. As folhas menores são igualmente executadas em bordado inglez.

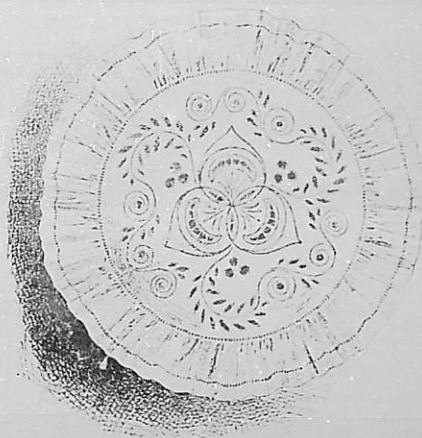
Os riscos destes bellos e utilissimos trabalhos acham-se em nossa redacção, onde os podem mandar buscar nossas leitoras.

Por uma verdadeira insignificancia podem, assim, nossas grãtis amigas, por intermedio dos riscos e das indicações que vão nestas paginas, executar estes finos e graciosos trabalhos, que, além de proporcionar-lhes agradáveis horas de distração, contribuirão para não desleixarem a economia, o que toda a boa dona de casa deve considerar.

É com estes trabalhos, apenas, que em todos os números da revista publicamos varios trabalhos deste genero, namendo esta utilissima secção.

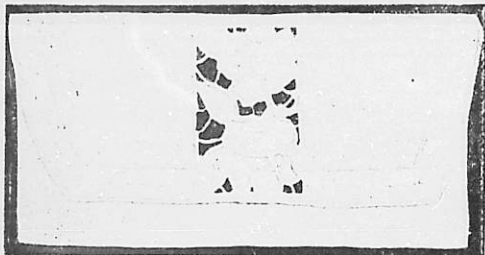
Todos os pedidos de riscos devem ser dirigidos a esta redacção e vir acompanhados das respectivas importancias.

Immediatamente ao recebimento do pedço farremos a remessa.



Almofada em bordado branco.

Os lindos labores femininos



Bolsa para guardanapos.
Preço do risco, pelo correio, \$3000.

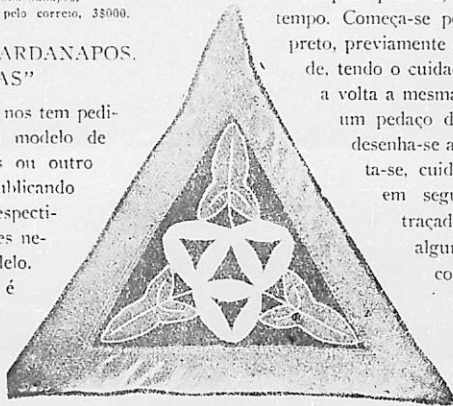
BOLSA PARA GUARDANAPOS. "AS ROSAS"

Varias nossas leitoras nos tem pedido com insistencia um modelo de bolsa para guardanapos ou outro uso. Satisfazemol-as, publicando nestas paginas, com o respectivo cliché e as explicações necessarias, um lindo modelo. Eil-o: Para executal-o, é necessário um pedaço de velha fazenda branca, medindo pouco mais ou menos uns 35x25. Em uma das extremidades deste

rectangulo de tecido, será reproduzido o desenho do risco; este é muito simples e se compõe de uma especie de pequeno entremeio, representando algumas rosas, que serão bordadas á "Richelieu"; as petalas, por sua vez, serão executadas a ponto de relevo. Quanto ás folhas são bordadas igualmente a "Richelieu" e as nervuras, a ponto de "cordonnet". E' preciso não esquecer que o fundo, festonado, deve ser trabalhado em primeiro lugar.

A volta da bolsa é limitada por uma dupla linha a ponto de "cordonnet" afim de poder ser recortada.

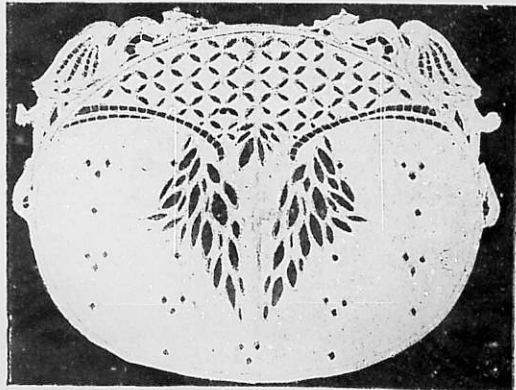
E' um bello e muito simples modelo.



Linda almofada triangular.
Preço do risco, pelo correio, 48000.

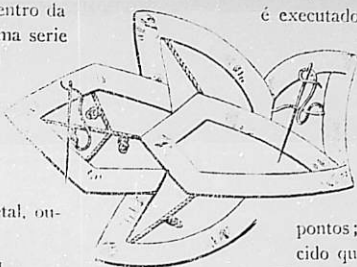
UMA ALMOFADA TRIANGULAR

Eis aqui uma almofada de forma e guarnições muito originaes. Trata-se de um grande triangulo de "satin" vermelho antigo, medindo 55 de altura por 65 de largura, no centro do qual se recorta outro triangulo, menor, em "satin" preto, e medindo 35x40. Sobre este ultimo triangulo desenha-se tres flores, segundo o modelo, e as respectivas folhas. O bordado é o mais simples possivel, e tomará muito pouco tempo. Começa-se por applicar o triangulo preto, previamente desenhado, sobre o grande, tendo o cuidado de conservar em toda a volta a mesma margem; depois, sobre um pedaço de taffetà ou de "satin" desenha-se as grandes folhas. Recorta-se, cuidadosamente, e applica-se em seguida sobre o respectivo traçado onde será mantido por alguns pontos; trabalhados os contornos, executa-se as nervuras. Quanto ás flores compõem-se ellas de tres lobulos ovaes que se enchem depois fechando-os com o auxilio de pontos



"Tetele" em bordado branco.
Preço do risco, pelo correio, \$5000.

transversaes, alternados. O centro da flor será representado por uma serie de pontos amarrados, em lâ amarella. Os bordos do triangulo de "retiro" preto são limitados por um estreito galão dourado; a almofada é debruada em "satin" preto e por um cordão de metal, outro velho.



Detalhe da execução do ponto de mesa.

é executado sobre a mesma fazenda. Toma-se para isso um cordão crú, de estrutura um tanto espessa, semelhante ao cordão arabe, e applica-se sobre todos os contornos do desenho; deve ser mantido este cordão a pequeninos

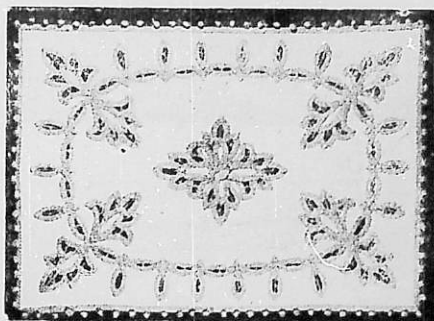
pontos; nos intervallos recorta-se o tecido que se rebate sob o cordão, feito o que enche-se os vasos, enrolados a pontinha em fio crú; este trabalho é claramente indicado pelo detalhe que o outro nosso clichê representa. O guardanapo que mede 55x37, é terminado por um cordão igual ao outro, enfeitado a borlas de Irlanda, igualmente em fio crú. É um lindo e muito simples modelo.

CAPA DE FAUTEIL.

Para este genero de trabalhos não ha nada como o bordado branco, o que permite a frequente lavagem das peças.

Esta linda capa de "fauteil", de uma decoração despretençiosa, é em "battiste" branca e mede 43x33. Ao alto duas figuras chimericas, contornadas a ponto de festão, ao passo que as azas são "ajourés" á ingleza, a pontos de cordão.

Os grampos de folhagem que tombam ao centro são "ajourés" á ingleza, tambem imitando longas amendoas. Entre as figuras chimericas e esta folhagem, um bordado á ingleza, como o clichê indica, forma um fundo muito "ajourée", ao passo que no resto da capa são dispostos pequenos quadrados, á ingleza. A forma desta graciosa capa não requer nenhuma outra guarnição suplementar.



Bello centro de mesa bordado. Preço do risco, pelo correio, 55000.

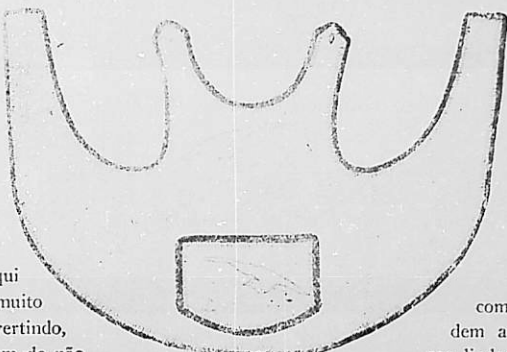
Por ultimo damos este pequeno avental para creanças de 2 a 4 annos.

Toma-se uma fazenda azul, escura; corta-se o avental, cujos contornos são limitados por um festão a grandes pontos em azul, tambem.

Ao alto, os recortes em ponto de festão, e pontes lançados, igualmente em tom azul. O bolso é limitado a ponto de festão, como o resto do trabalho. A paysagem é ligeiramente desenhada a pontos em haste, em azul marinho. Todo o avental é limitado por uma faixa de tecido azul num tom mais forte que o resto do lavor.

TAPETE DE TECIDO, COM RENDA DE LACET.

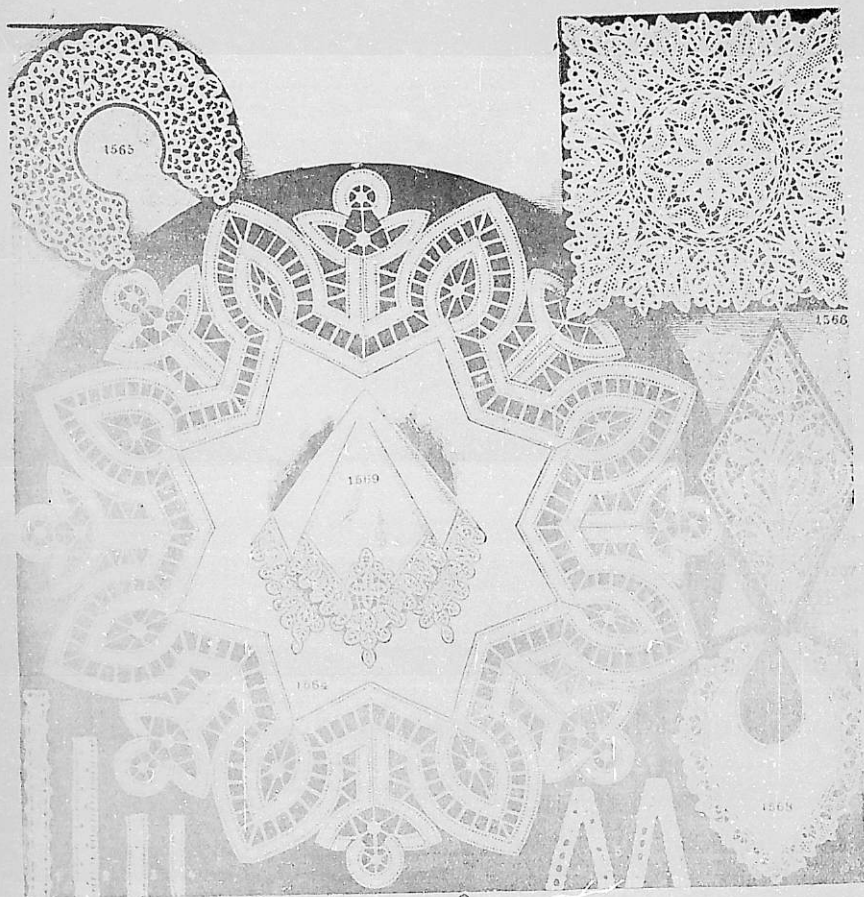
Para as leitoras que gostam da renda de cordão ou "lacet" como dizem os francezes, eis aqui um pequeno lavor muito simples e que, divertindo, terá ainda a vantagem de não ser preciso encrustar-se, pois



Lindo avental para creanças. Preço do risco, pelo correio, 38000.

Muito simples, facil, e principalmente divertido para as creanças. E, eis aqui, como com pouco trabalho podem as leitoras confeccionar lindos lavores deste apreciadissimo genero.

O Milão e a renascença



Tanto em desenhos, nos vozes a figurar no orden do dia da Moda, o curto e as usas admiráveis rendas, são sempre bellas e principalmente decorativas.

Nestas paginas damos varios modelos todos elles muito lindos e de grande utilidade domestica.

TAPETE PARA COMPOTEIRA

Este modelo é desenhado em "azurine", uma fazenda azul, muito leve e resistente, que pode ser dobrada sem inconveniente, o pequeno "lacet" é executado como as duplas costuras, tor meio de pontos ate ao centro. Os angulos são formados pela dobra do "lacet", segura por alguns fios. Para a belleza deste lavor é necessario cortar o "lacet" o menos que for possivel. Uma vez

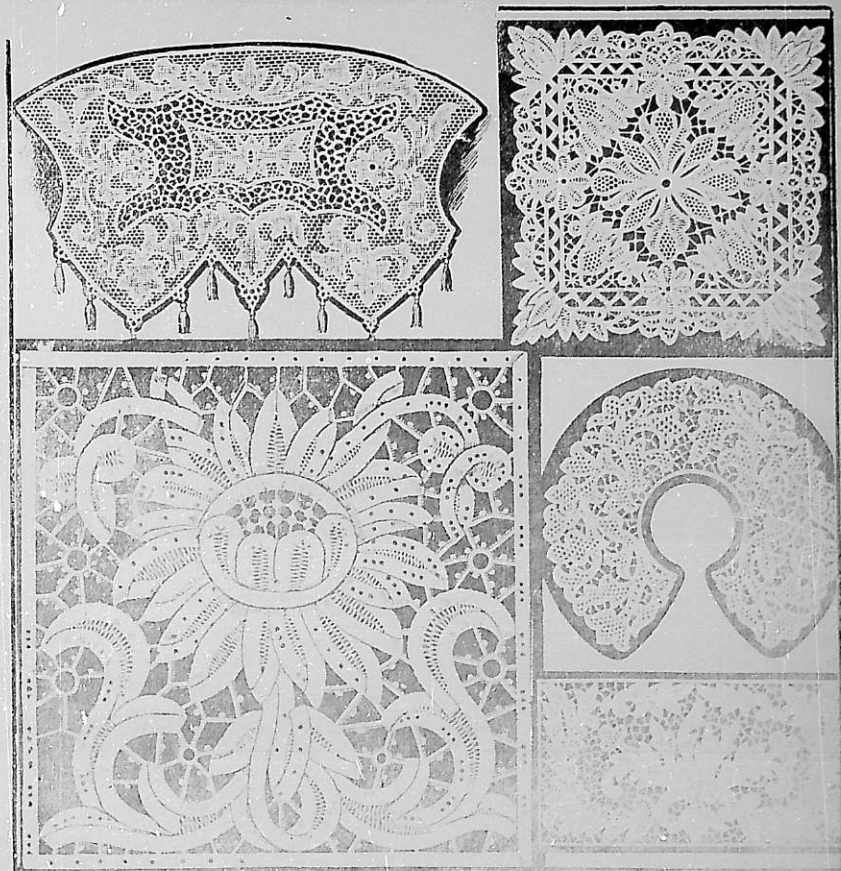
terminado o trabalho, pôde-se guardar a "azurine" que se usou, para outro lavor igual.

GOLLA PARA CREANÇAS

O modelo é desenhado sobre "azurine"; galão Milão, licitamente "ajouré" como mostra a nossa gravura. O "picot" é formado por um pequeno ponto de festão. Um segundo ponto de festão ao pé do ultimo, ponto fecha o "picot".

CAPA DE "FAUTEUIL"

Mede 46 centímetros quadrados. Este modelo é trabalhado com um galão muito resistente. O interior dos motivos e cheio a ponto de perlas. As folhas são entre laçadas por "barrettes" como mostra a gravura.



LOZANGO

Mede 34×20 . É executada com o Milão, a transformação, isto é "ajouré" diferentemente em todo o seu percurso. O fundo é festonado.

BABADOR

Este lindo babador é guarnecido de um fino galão Renascença cujos motivos são ornados, interiormente, a ponto de Milão. Os motivos preenchem-se por "barrettes" simples, como se pôde ver pelo modelo.

UM LINDO LENÇO

Este bello lenço é enquadrado por meio de galão Renascença. O interior dos motivos é ornado a ponto de Milão como mostra a gravura.

QUADRADO

Mede 15×15 . O modelo é desenhado sobre "azurcine". É um lindo e muito original modelo.

GOLIA PARA MENINA

É em galão Milão, a transformação e de uma decoração muito apropriada. O interior dos motivos é ornado a ponto de Milão.

RECTANGULO EM MILÃO

Mede 39×19 centímetros. É executada com galão a transformação; os motivos são cheios a "ponto escuro" o fundo em "barrettes" festonados.

"TETIERE" EM MILÃO

Mede 35×53 centímetros e é executada com "tres galões diferentes". O motivo central é cheio a ponto de "recambio". A agulha passa por cima e por baixo dos fios, em sentido contrario. O fundo é a ponto de Milão.

Uma instituição modelar e unica em nosso Paiz:

A nossa Exposição Permanente de trabalhos femininos

Nossa saudosa fundadora, espirito onde as mais nobres aspirações se allivavam a um grande senso pratico das necessidades da vida, ao organisar, ha dez annos, o programma geral de nossa revista reservou á parte pratica da educação feminina um lugar de destaque.

Pensava ella, e com toda a razão, que em materia educativa feminina não nos deviamos limitar ao exclusivo aperfeiçoamento do espirito e do intellecto, mas antes, alargar, na medida do possivel, o nosso campo de acção procurando proporcionar á mulher brasileira ao lado de uma evolução moral e espirital um preparo tecnico perfeito.

Os labores femininos como rendas, bordados, pirogramia, estanho repousse, etc., mereceram-lhe, assim, um especial cuidado.

Para estimular a arte feminina em nossa patria, mister se fazia, paralelamente a demonstrações theoricas da materia feitas por intermedio das paginas da revista, uma instituição, com caracter permanente onde toda a mulher que dedicasse algumas horas do seu dia a esses bellissimos e uteis labores proprios de seu sexo, pudesse expor ao publico os resultados de seu esforço.

Foi partindo deste logico principio que nossa fundadora organisou então e estabeleceu anexa á redacção da revista, a nossa "Exposição de Trabalhos Femininos". Os resultados desta mostra de arte feminina applicada a objectos de necessidade domestica e portanto de uma utilidade geral, tem sido até hoje os mais satisfatorios possivel.

Temos exposto em nossas vicires e vendido centenas e centenas de trabalhos de nossas leitoras e assignantes não só do nosso como dos mais longiquos estados da União.

A grande imprensa nacional por varias vezes já se tem referido elogio-amente a esta nossa instituição, pondo em relevo o grande alcance a mesma como factor educativo e economico las familias.

Porque, ainda do ponto de vista da economia domestica deve ser considerada esta nossa, já agora tradicional secção. Toda a dona de casa, ou moça solteira, tem sempre á sua disposição algumas horas do dia. Nessas horas de lazer, nada mais agradável ao espirito feminino, que a execução de um lindo bordado, de uma fina renda ou de outra prenda qualquer, do genero.

Entre a mulher e a renda, por exemplo, ha a subtil analogia da graça fragil e do encanto delicado e leve.

O bordado, por sua vez, de uma belleza mais

severa, mas igualmente encantador, numa infinita variedade de modelos, branco ou de côr, é um dos labores femininos mais agradaveis de executar e de maior utilidade. Mas alem destes trabalhos que acabamos de citar temos o amplissimo campo da indumentaria branca e das peças para uso domestico como por exemplo, roupas brancas, bordadas, para creanças e adultos; enxovaes para noivas e baptisados; toalhas de mesa, com applicações; centros de mesa e guardanapos finos, etc.; emfim um vasto e variado mundo dessas lindas prendas, que podem surgir dos frageis dedos da mulher como ao poder de uma varinha maravilhosa...

Certo, em nossa Exposição de Trabalhos estão representados, ainda, outros especimens da arte feminina, como pinturas a oleo e a aquarella, pirogramia, trabalhos de seda, estanho repoussé, etc. Não são, porém, taes trabalhos, embora finos e de indiscutivel valor artistico, de facil vendabilidade, como os bordados, rendas e roupas brancas, finas.

Estes, por sua utilidade domestica são os mais procurados.

Ora, esta consideração da facil vendabilidade dos trabalhos expostos não deve ser posta á margem, pelas nossas queridas amigas, antes, deve entrar em linha de conta, pois que nosso intuito, ao organisarmos esta secção, foi tambem, recompensar os esforços das expositoras, pecuniariamente.

Assim, dos trabalhos vendidos apenas deduzimos a insignificante porcentagem de 10 % para as despesas com a manutenção da Exposição.

É indispensavel, porem, que todas as nossas boas amigas, collaborem connosco neste sentido, enviando-nos trabalhos finos e perfeitamente acabados, e que por sua natureza sejam de facil vendabilidade.

Bellas rendas, lindos bordados e roupas brancas. Principalmente estas ultimas, para creanças e adultos, com applicação de bordados e renda.

Pequenininos guardanapos e pequenininos panos, embora artisticos e finos, não tem a prompta collocação que tem aquelles trabalhos que acima citamos, e onde, igualmente, toda a mulher pode demonstrar seu fino gosto artistico, ao lado de seus conhecimentos technicos.

Este anno é nossa intenção dar um grande impulso a todas as nossas secções. Esperamos portanto, que a mulher brasileira, compreendendo o alcance destes esforços venha ao encontro de nossos desejos, collaborando connosco, de tal arte, para que a arte feminina seja dignamente representada em nosso paiz.

A boa literatura

UM LIVRO DE CONTOS E NOVELLAS VERDADEIRAMENTE ENCANTADOR: — "NOVA SEIVA"

O conto, este genero literario tão difficil e interessante, que por sua natureza representa e equivale o soneto, na poesia, apesar de muito explorado não teve entre nós os extraordinarios cultores que teve na Europa e na America do Norte, sem fallarmos, naturalmente, nessa maravilhosa patria do novellesco que foi o Oriente.

Os contos orientaes, cheios da imaginação e do lyrismo que caracterizam esses velhos povos da Asia mysteriosa, são verdadeiras joias da literatura universal, productos de incontestaveis genios creadores, quando, em muitos casos, não são o fructo da imaginação popular, isto é, obras de belleza e de sentimento, que vieram vivendo na tradição oral das gerações até encontrarem um dia, sua forma definitiva, mercê o poder de sintaxe de um poeta ou escriptor.

No entanto, apesar da abundancia deste genero literario, tão interessante e proprio para uma breve divagação no mundo da phantasia pelo seu caracter synthetico e conciso, não são numerosos os livros que possam ser lidos por creanças e moças. Grande parte aos livros de contos e novellas das literaturas européa e americana, si como expressão artistica podem ser apreciados, já pelo que respeita á moral se não dá o mesmo, pois que, a maioria de seus enredos de um realismo brutal e em muitos e muitos casos morbido e envenenado, não deve absolutamente ser posto ante o olhar de creanças ou moças, séres de delicadeza e de sensibilidade que devemos a todo o custo preservar desses contactos sempre perniciosos.

Foi considerando sobre estas verdades, e preenchendo de tal forma, um dos pontos de seu programma educativo-moral que a "Revista Feminina" resolveu ha tempos a publicação de uma maravilhosa colleção de contos e novellas, com um addicionamento de lindos monologos, pequenas comedias, recitativos, etc. A essa esplendida colleção deu o nome suggestivo de NOVA SEIVA, pois que em verdade, quer pelos ensinamentos moraes que contém, quer pela belleza que o illumina da primeira á ultima pagina, elle representa bem, para a alma ardente de sonho e de poesia da mocidade, uma vitalidade nova, uma melhor e mais fecunda SEIVA.

NOVA SEIVA, livro primorosamente escripto, cheio de observações psychologicas e reaes interessantissimas e absolutamente justas, é ainda illustrado por numerosas gravuras, veidas ao lapis dos mais acatados mestres.

Não se trata de um desses tantos volumes que se vendem por alti, impressos em papel ordinario, cheios de erros, sem graça, sem belleza, sem brilho. A per-

feição de seu texto, o espirito que o anima, a belleza artistica que o vivifica, dando vida e calor, paixão e nobreza aos personagens de suas novellas e de seus contos, veem se revelar em um aspecto exterior e material, na perfeição de seu trabalho typographico e illustrativo como a belleza de uma alma reflecte-se na graça de um semblante.

O leitor tem, assim, alliado ao encanto da boa e interessante leitura, o prazer espirital que proporciona a toda a pessoa de bom gosto um objecto de sala artistico. De resto nem só ás creanças e ás moças se destina este esplendido repositório de finissimos contos e novellas. Por seu valor intrinseco, pelas qua-

lidades literarias e pelo interesse que todas as suas lindas narrativas contém, pode e deve ser lida a NOVA SEIVA por todas as pessoas, mesmo adultas, que amem a boa e sã literatura.

A prova do que acima affirmamos patenteia-se bem de resto, nos milhares de volumes que a "Revista Feminina" tem vendido ás leitoras de todo o Brasil.

Poucas edições, entre nós, têm tido o extraordinario exito de livreria de NOVA SEIVA.

Haverá gosto mais gentil e significativo por parte de uma moça, que offerecer a uma querida amiguinha, como lembrança de fim de anno, uma maravilhosa colleção de narrativas, perfeitamente moraes e absolutamente superiores do ponto de vista literario, enfeitadas, ainda, num rico volume, com numerosas gravuras e uma capa em trichromia? Certo que não. O offerecimento de um bom livro tem a significação superior de um gesto de nobreza e espiritalidade, porque os presentes, em seu profundo symbolismo, não valem, apenas, pelo extraordinario custo, pela riqueza, ou pela raridade, mas, mais ainda, pela significação occulta, pelo pensamento que revelam, pela intenção amica de quem os faz. Ora, nenhum livro melhor indicado para presentes que este esplendido volume: NOVA SEIVA.

Todos os pedidos devem ser endereçados á rua Conselheiro Christiniano n. 1 — S. Paulo.

AVISO A'S ASSIGNANTES

O sorticio dos premios em dinheiro que a "Revista Feminina" offerce a seus novos assignantes só se realisa uma vez completas as séries respectivas, cada uma das quacs se compõem de CINCO MIL NOVOS ASSIG-
NANTES.

Assim, ainda mesmo DEPOIS DAS FESTAS DO NATAL todas as pessoas PODEM tomar assignaturas com direito a premios, pois caso não sejam incluidas na primeira série selo-ão nas subsequentes.

O sorticio das séries far-se-á á medida que estas se forem completando.

A leitura de um ottimo "magazine" como a "Revista Feminina" é um dos melhores factores de educação, alem de representar algumas horas do mais fino prazer intellectual.

JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos comunicações de nossas leitoras, bem como produções literárias que não excedam de 60 linhas em prosa e 14 em verso. E' nosso intuito desenvolver assim o gosto literário entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondência util e interessante. As produções literárias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas.)

BRASIL

A' S. Excia. Revdma. D. Aquino Corrêa

Da America formosa o coração
E' a minha Patria, dadivosa e boa
Tal como a livre gente que a povôa,
Nem ha no mundo outra melhor porção

Terra que a natureza galardoa
Com mil cores de eterna estantação
E para as ardeas da fecundação
Um sol ardente e rutilo espesou-a

Lindo paiz de soll Do sul ao norte,
Parece até bratar do proprio ambiente
A ama simples da raça heroica e forte!

Patria assim outra o mundo não encerra!
Terra talhada para minha gente,
Gente talhada para minha terra!

Philomeno Staunton Sobrinho.

OS DOIS

(A' amiguinha Therezina)

Plena Primavera, Céo de um azul purissimo e bello, sol delicioso, irradiando em toda a natureza vida e animação, jardins arapelados de flores, enchendo o ar do mais suavissimo odor, passaros desafiando os mais ternos gorgollos, borboletas esvoaçando no ar, pomares em completa florescência, — eis como se apresentava a natureza naquella estação do anno excitando o animo e a coragem dos desconsolados, alegrando os disavorecidos da sorte e convidando a mocidade á delicia do Amor.

Passava, então, enebriado e attrahido pelo encanto da risonha e florida Primavera, por entre as aiamedas de um magnifico jardim onde desabrochavam as lindas e coriferas flores, um par que na primavera da vida associava-se á Primavera do anno, cantando por entre phrases, ternas e doces, o melodioso hymno inscrito por Cupido.

Nair, a bella e seductora joven de olhos grandes e expressivos, de physionomia alegre, sorriso franco e conversas sotremudo attrahente, sentia por elle desde a primeira vez que o viu, uma extraordinaria sympathia que, sem querer, em pouco tempo tornou-se um amor puro e sincero, forte e decidido.

Orsivo, o eleito do seu coração, rapaz bello e forte, depois de ter encontrado no seu caminho aquella creatur. bella, aquelle anjo de bondade não mais pôde deixar de recordar-se daquela encantadora virgem pois a sua imagem flôra desde logo gravada no fundo do seu coração como uma sinta em um altar e a qual dedicava todo o seu ardente amor, toda a sua adoração.

Por essa mutua affeição e sympathia, por esse instincto de dois corações que verdadeiramente se

amam, tornaram-se noivos e juntos passeavam, sabendo com a felicidade de seu proximo enlace.

Noite de luar serena e bella; na casa de Nair tudo era alegria e contentamento; luz e flores em profusão porque celebrava-se naquella venturosa noite a união daquelles dois entes que tão ternamente se queriam e amavam; melodiosa e suavemente ressoava o piano; passava vagarosamente a lua por um céu recamado de myriades de estrelas...

E assim como a Primavera passava engrandecendo a natureza, assim os dois esposos continuavam atapeitando o caminho da existencia com um amor puro e eterno.

Rio, Julho de 1923.

Edith Bittencourt.

NATAL

Noite de Natal! Luar, estrelas que se diriam, encrustadas num manto de velludo, Noite de Natal!

E a nossa imaginação naturalmente phantastica como um scenario de theatro — um maravilhoso scenario nunca reproduzido — desdobra-se em toda a sua resplendente magia. A estrella luminosa que guia o povo ancioso e deslumbrado! E o povo segue-a... Humilídes e poderosos, unidos, como filhos do pequenino Deus que lá repousa. Ao longe, surge a casinha de sapé. Uma cama pobre e rustica, a creança maravilhosa dorme. Um resto puro a contempla arlevado: é o de sua mãe.

E os Reis Magos, grandes e poderosos, curvam-se, roçam as veneraveis barbas brancas nos pesinhos nós...

Lá, no humilde casebre, onde a miseria reina, onde a creancinha esfarrapada não gosa da unica adoravel quadra da vida, como aqui onde tudo é sede e luz onde o bebé farto e lindo é uma joia rica, ella, a maravilhosa noite de Natal, domina e enleva! E os pequeninos que abrem os olhos para a vida, ouvem na doce voz da mãe, a historia sempre nova de Menino-Deus, humilde e poderoso, que nasceu entre palhas, viveu entre pobres e morreu numa cruz.

Depois, passam-se os annos. Nem mesmo o erro de uma noite de Natal é um consolo aos que soffrem! Do seu encauto, para alguns, apenas festa um sopro de poesia; da sua origem, uma historia banal.

No e muito não havia somente flores; mas espinhos agudos e perertrantes. E, como o Menino-Deus os pequeninos que se tornaram homens, conheciam dias amargos e desillusões. A' outros, que a vida sorria, a felicidade fel-os esquecer a sua magica ternura.

Somente para os poetas e os sentimentaes ella é sempre a mesma. Nella, ha inspiração, ha belleza. Nella, como outrora na doce voz, ha uma historia linda e commovida, a historia de um pobresinho que

era Deus. As suas estrelas são ainda flores maravilhosas num jardim de prata; ha ainda doçura, meiguice, em sua simplicidade.

Noite de Natal! Sejas sempre para nós o que eras antigamente quando te contemplavamos em ingenuo extase. Sejamos se preciso, poetas e sonhadores... Mas, não te deixemos passar despercebida, nem te fitemos com indiferença.

Serás sempre um motivo de enlevo. E aquella historia simples significará, entretanto, um poema, que se lê e não se escreve; tu nos farás melhores e mais fortes. Confieemos em ti e consagremos-te um momento de boa vontade.

Que importa quietudo mude? Tu, somente tu, conservarás o teu puro encanto.

E, que felicidade se, como antigamente, tu se nos revelares maravilhosa e simples, a nossa Noite de Natal!

Clara,

O FIM DE UM SONHO

"Aimer est quelque chose
Et le reste n'est rien..."

A. de Musset.

— Mario, eu vou morrer! Quando as ultimas estrelas, tremulas e fugitivas desapareceram pela immensa esteira do infinito, a tua pobre amada, inerte e fria, estará entregue ao derradeiro sonho!...

Na penumbra lugubre, onde ballavam suspiros e queixumes, dolo olhos sombrios, enormes e scintillantes como pedras raras, flammajavam e empallidciam, suaves lampadas a bruxolear, na agonia da vida...

N'um esforço supremo, erguendo mais o busto, a moribunda estendeu as doridas mãosinhas lyriacs para um vulto negro que aos pés do alvo leito se abatera, vencido e soluçante...

Duas outras mãos masculas, tremulas e frias, estreitaram arrebatadamente aquellas lividas flores de carne, sagradas e cariciosas mãos amadas, emmurchecidas e tenues como pobres rosas mortas.

Na meia sombra impressionante do quarto silencioso, uma pequena "veilleuse" esverdeada lançava raios de luz suave e melancolica; junto d'ella, sobre o marmore rosa do "guéridon", uma finissima jarra de christal ostentava um soberbo ramo de rosas prima veris, de formas multiplas e caprichosas... Algumas despentalaram-se como a doente, que as adorava!...

Pelo chão, por entre os tapetes revoltos, jaziam abandonadas duas sandalias de seda azul....

Tudo se debuchava em sombra...

Na parede, de uma coloração suave e indefinivel, a grande mancha do cortinado tinha contornos fantasticos, e no leito vaporoso só os dous olhos negros e febris da moribunda se destacavam, lampejantes e vivos, cheios dessa vida dupla e enganadora que a morte proxima traz, ás vezes, aos que se despedem do mundo...

Livrando suas mãos ardentes da doce prisão, a agonizante cruzou-as sobre o peito e, numa voz lenta e subtil como uma prece, continuou:

— Não sei se deixarei saudades. Creio, comtudo, que o meu amor e a minha imagem hão de viver em tua alma com a pesada recordação da renuncia... Eu vou morrer Mario e agora que o sinto, que te comprehendo angustiosamente, tenho saudades da felicidade que perdi, que rejeitei um dia... Meu Deus! tudo num espirito, tudo num coração — gloria, riqueza, familia e dever — não deveria curvar-se ante as potências sagradas e assombrosas do amor?!

De novo as duas mãosinhas de cêra estenderam-se tacteantes á borda do leito e pousaram cariciosas sobre a cabeça do esposo que emergia das dobras de rendas e linho...

— Perdoa-me! Eu não soube, não pude amar-te com a ancia libertadora e independente de um unico ideal...

Não tive coragem de affrontar iras, censuras e vinganças... Escrivisei-me á familia, á sociedade, e ainda cedo, em plena jornada, fatigada de soffrer por um sonho de amor innatingivel, despeço-me da vida, da ventura que conheci tão pouco...

Parto sem odio e sem rancor, porque só do teu amor levo saudades! Sei que não me esquecerás, que viverei em ti e a todas as horas de tua vida na terra serei a companheira invisivel e fiel das tuas memórias, sensações, a pequena sombra que te guiará, que te amará sempre, apesar da morte, no impenetravel mysterio do Nada...

D'aqui a pouco nada mais serei: apenas materia a apodrecer — visão horrivel e demudada que não conhecerás! Cobre-me de flores, pegote, de rosas, essas maravilhosas rainhas da Belleza, que perfumaram tantas horas felizes da nossa vida, em plena esperança!... Quero rosas nos cabelos, nas mãos, rosas a cobrir-me inteiramente, como adorno unico da minha derradeira festa de mocidade!...

Um suspiro profundo elevou-se da penumbra, a pequena cabeça corçada de cabelos negros tomou inerte e o vulto msculo de Mario enlaçou soluçando o fragil corpo tepido que se distendia nas penosas contrações da agonia...

As ultimas palavras da despedida amorosa pareciam ainda soar, viver e vibrar na quietude mansa e triste das cousas, emquanto a luz baça da "veilleuse" coava-se mais tenue pelas rendas do cortinado, que se movia mysteriosamente, como uma grande sombra de Dór...

A Morte passára...

Isabelle M. de Mello.

(Arlly d'Aron)

SEGREDO DA BELLEZA REVELADO POR UMA DOUTORA NA ARTE

Receita simples, dada por uma doutora na arte de ennegrecer o cabelo encanecido e fazer-o crescer.

Mlle. Evelyn Watson, de Buffalo (Nova York), doutora na arte de belleza, dizia recentemente: "Qualquer pessoa pôde preparar uma mistura na sua casa com infimo custo, ficar sem cãs, fazer crescer o cabelo e pol-o suave e lustroso. A um quarto de litro de agua, deite-se 30 grammas de vanyrim, uma caixinha de blencord e sete meias grammas de glicerina. Os ha em qualquer perfumaria, drogaria ou pharmacia. Applique-se no cabelo duas vezes por semana até se obter a cor desejada e fica a pessoa como se lhe tirassem vinte annos.

Além disto, ajuda muito o crescimento do cabelo e elimina a comichão e a caspa". A venda em todas as pharmacias e drogarias de 1.^o ordem, e com toda segurança nas drogarias: Baruel, Drogaria Ypiranga, Drogaria Morse, Drogaria Amaranthe.

Unico depositario: BENIGNO NIEVA. — Caixa Postal, 979. — Rio de Janeiro.

UMA RESOLUÇÃO... MASCULINA

Não é necessário ser muito atilado, para se notar com que má vontade e o sexo forte concedendo por força de circunstâncias varias, algumas prerrogativas ao fraco

Este facto, patentissimo, faz-nos prever a severidade com que a mulher será julgada, si, como parece, tiver, por fim, ingresso na administração das cousas publicas.

No entanto, seria de justiça ponderar, desde já que não, tem primado, nem pela sabedoria, nem pela honestidade e previdencia, a capacidade administrativa de varios dos nossos super-homens, nessa inextinguível Republica de padrinhos prodigos e afilhados insaciáveis.

Vêm-nos á mente essas considerações, ao lermos um despacho do Secretario das Finanças de Minas, em que o digno homem determina aos seus subordinados não emitirem novas cadernetas da Caixa Economica, por ser este serviço demasiado pesado ao Estado, e haver já, em varias cidades, Bancos em que o povo pode depositar as suas economias.

Ignorantes como somos, principalmente em materia de leis, não discutiremos a seriedade desses Bancos que, mesmo em outros paizes, para não citar o nosso, quebram-se muito oportunamente as mais das vezes, causando, não raro, desgraças insanáveis.

E' mesmo possivel que, patrocinados directa ou indirectamente, segundo se insinúa, tenham elles alguma duração e mais honestidade. O que não se pode negar, porém, é a pouca confiança que inspiram ao povo, já por demais ludibriado, e a enorme difficuldade que offerece tal transacção. Isso sem contar que raros são os logares servidos já por taes Bancos.

Sem vislumbre de validade, queremos crer que, quando não por sabedoria, senão que por precaução por medo, diga-se, nós, as incapazes, talvez não abdicaríamos assim tão discricionarios poderes nas mãos dos chefes de Estado, deixando-lhes plena liberdade de tomarem taes e taes medidas de consequências muitas vezes desastrosas, sem antes pol-as em discussão! E' o caso de se perguntar para que gastamos então tanto dinheiro com estes representantes, dos

quaes, muitos eileitos a custa da ultima parcella de consciencia de grande numero de nossos patriotas, para não irmos mais longe!

Sem indagar-mos os motivos particulares que o nosso Secretario teve ou tem para ábollar, de um golpe, um dos poucos beneficios de que goza o povo especialmente o sertanejo, cremos que S. Exa. não reflectiu no mal que faz á pobreza, ao operariado nordesta principalmente, que, economizando ás vezes, 2\$000, 3\$000 por mez, com trabalho mal remunerado, não se atreve a depositar tal quantia em Bancos, que, só accediam sommas avultadas.

Conhecemos um pobre mulher, carregada de filhos, cujo marido operario, deixa nas tavernas quanto ganha e ainda e que a mulher, a custa de cansanças e insomnias, consegue guardar para vestir a prole e muitas vezes sustentá-la. A infeliz, com enormes sacrificios, chega, ao fim de mezes, a economizar 4\$000, 5\$000, que pede a uma amiga de sua confiança depositar na Caixa, em nome de cada filho, em esala.

Casos como este, com pequenas variantes, são sem numero, e dão idea da enorme utilidade das Agencias de Caixa Economica cá no interior. Com a abolição das mesmas, o que vai ser dessa pobre gente?

Será justo que, tão exzotado já, tenha o povo de concorrer para o enriquecimento dos banqueiros?

O pretexto de que são pesadas ao Estado essas agencias seria trivialissimo si não fora ridiculo!


Para equilibrar mais a vida do Estado, bastava cortar-se uma boa parte dos serventuarios que nada fazem.

Santo Deus! Quem se atreve a contar o numero de auxiliares, de amanuenses, de ajudantes e tantos titulos mais que atulham as repartições na Capital e mesmo no interior, e cujo pesado encargo é unicamente receber o ordenado sem mais aquella?

Ah, sim! Ah! encontraría S. Excia. campo amplo para economias, sem privar os pobres do unico meio de guardar suas economias, sem o receio de se verem roubados por espertalhões de todas as classes e fei-

Grão Mogol, Minas, Setembro de 1925.

Glancia Leontina.



LYOPTONA

GOTTAS de VICENTE WERNECK

CURA Anemia - Lymphaticismo - Rachiismo -
Escrphulose - Neurasthenia - Fadiga -
Phosphaturia - **EMDEGADA NO DEDAUDAMENTO**
CONSECUTIVO A EXCESSO DE TRABALHO INTELLECTUAL
E NAS CONVALESCENÇAS DAS MOLESTIAS GRAVES.

COMPOSTA DE 1000-DEPTONA GLYCERO-PHOSPHATO DE SODIO, MAGNESIO
E POTASSIO, NUCLEIATO DE SODIO, REBERNAL GUARANA E
MARAPUAMA

Deposito: Pharmacia Werneck
5-7 RUA dos OURIVES 5-7 RIO

Approved pela Saude Publica decreto n. 349 de 1 de Julho de 1918

A nossa contribuição em prol da cultura patria

A BIBLIOTHECA CÔR DE ROSA

A incultura, (para amenisarmos um pouco a dureza da expressão) é, infelizmente, em nosso paiz, um dos males sociais mais profundamente generalizados e de mais perniciosos efeitos.

Quando, em outros paizes, formam-se ligas contra o analfabetismo, associações, etc., para o combate á ignorancia, para a propagação da cultura e instrução, isto sem fallar nas medidas de caracter official e que formam quasi sempre a parte mais importante dos programmas dos partidos, nós, cruzamos os braços num fatalismo verdadeiramente lamentavel.

Foi no intuito de contribuir para o estabelecimento de uma obra de verdadeiro e são patriotismo como é esta do saneamento mental da raça que resolvemos instituir as nossas bibliothecas a prestações. Compõem-se ellas de duas collecções: a "Azul" que teve entre nossas leitoras e apreciadoras dos bons livros um extraordinario successo, e a "Bibliotheca Côr de Rosa" que acabamos de organizar e acha-se desde já á venda em nossa redacção.

Todos os livros que fazem parte desta maravilhosa collecção, são verdadeiras obras primas em seu genero, de absoluta moralidade, e que pelo primoroso de sua encadernação e impressão podem constituir um bello e fidalgo presente.

Compõe-se a "Bibliotheca Côr de Rosa" das seguintes obras:

Magna Peccatrix — romance do tempo de Jesus Christo. E' um dos melhores trabalhos literarios da baronesa Anna Von Krane. A traducção portugueza, de Isocrates, pseudonymo sob que se esconde um illustre homem de letras, é primorosa.

Encadernação luxuosa e nitida impressão em finissimo papel.

Guerra — Romance de Frei Pedro Sinzig, onde o autor descreve, de modo impressionante, numerosos episodios da grande guerra. E' um exemplido volume, ricamente encadernado.

Joanna Eyre — Maravilhosa obra devida á penna brilhante de Charlotte Brontë' (Currrel Bell).

Estudo magnifico de psychologia baseado todo elle em principios instructivos e domesticos. Volume rica e luxuosamente encadernado.

O Signal Misterioso — Por M. F. Wagmann. E' um empolgante e admiravel romance de costumes norte-americanos, cujos episodios descriptos com grande arte prendem o interesse do leitor do principio ao fim do livro. Traducção magnifica e encadernação luxuosa.

Quadros da Vida — E' um dos melhores trabalhos de Ancilla Domini, a distincta escriptora fluminense. Um bellissimo volume encadernado.

Pela mão de uma menina — Romance brasileiro de actualidade, por frei Pedro Sinzig. Obra altamente moral e vasada num estylo fluente, constitue um dos melhores ornamentos da bibliotheca de uma senhora que prese as boas letras. Volume encadernado, e illustrado com lindas gravuras.

O filho de Agar — Romance de Paulo Keller. Uma das obras de maior exito, nos ultimos tempos. Um magnifico volume encadernado. Temos, tambem, em optima brochura.

Flores de sombra — Não ha, certamente, em nosso paiz, quem não conheça o nome festejado de Claudio de Souza, o illustre autor de "O Turbilhão" e "Flores de Sombra", que o consagraram como um dos nossos melhores comediographos; é uma verdadeira obra prima em seu genero. Um lindo volume, nitidamente impresso em papel glacé, com lindas gravuras e capa em trichromia.

Eu arranjo tudo — Outra esplendida comedia do mesmo autor. Bellissimo volume, de impressão nitida e elegante.



Calabar — E' um profundo e empolgante drama, em cinco actos, onde se estuda a figura historica do celebre pernambucano.

Um volume muito bem impresso e encadernado. *Christoram* — Linda narrativa, num estylo claro e preciso, devida á pena de Conrado Krummel. A traduçao portuguesa, de Ancilla Domini, nada deixa a desejar. O mesmo pode-se dizer da impressao e encadernação do volume.

Lições practicas de grammatica e orthographia — Obra didactica de grande merecimento, e adoptada em numero-os estabelecimentos de ensino, não deve faltar em toda a estante quer como material de consulta, quer como magnifico tratado expositivo.

Volume muito bem impresso e optimaente encadernado. E' finalmente a maravilhosa colleçao da "Revista Feminina" correspondente ao anno de 1920. Se por si, este volume de nossa colleçao representa um inigualavel factor de cultura e um esplendido elemento decorativo de bibliotheca.

Esta e a nossa modesta contribuicão em prol da diffusao de bons livros em nosso paiz. Como, porém, não esqueçamos a parte financeira, que muitas vezes impede a acquisição de livros com estes de que se compoem esta bibliotheca eis as

grandes vantagens que offereçemos ás nossas leitoras:

1.º — A importancia de 80\$000 que é o custo da "Bibliotheca cor de rosa" nos será paga, 20\$000 no acto da compra e os restantes 60\$000 em prestações mensaes de 10\$000.

2.º — A toda a pessoa que prefira pagar toda a importancia de uma só vez, faremos o desconto de 10 por cento sobre o total da mesma.

Terão direito a estas vantagens apenas as nossas assignantes ou aquellas pessoas que ao fazerem o seu pedido, tomem a assignatura da nossa revista por um anno.

Toda a importancia que nos fôr dirigida para este fim, deve ser enviada, em carta registrada com valor declarado, vale postal, ou cheque para a "redaçao da Revista Feminina. — Rua Conselheiro Christópiniano, 1 — São Paulo".

Os pedidos desta bibliotheca devem vir acompanhados da importancia de 20\$000, e de uma carta onde o signatario declare acceptar as condições acima descriptas e a responsabilidade dos respectivos pagamentos mensaes de 10\$000.

Caso no momento de recebermos o pedido nos falte algum livro substituí-lo-emos por outro de equal valor e interesse.

A BIBLIOTHECA AZUL

A primeira de nossas bibliothecas, a que temos o nome de "Bibliotheca Azul", compoem as seguintes nobres obras:

"*Herzau*, o castillo" — linda narrativa, que alcança grande successo pela sua concepção altamente moral, e pela forma em que é narrado.

Um grosso volume muito bem impresso.

"*Das de Anna*", — interessante romance da vida actual. Narrativa de amor e sentimento, verdadeiramente commovida. Um volume de impressao magnifica.

"*Nova Sora*" — um dos melhores e mais bellos livros de contos para crianças, repletos de interesse e imaginação. Ilustrado por M. G. e muito apropriado para presentes e premios.

"*Reinas de S. Paulo*" — romance de ficção historica, obra de grandissimo merecimento, de alta valor moral. Um belissimo volume.

"*A Invenção*" — uma obra de ficção de Charles de Saur.

"*As Sereias*" — conto bello, com de alta qualidade.

"*Avanturas de uma Alcega*" — obra admiravel de Walter de Burleigh, que alcança na Alemanha para mais de 50 mil cópias e uma alta reputação e merito de reconhecimento. Um volume muito bem impresso.

"*A Vida de M. G. de S. Paulo*" — Um dos melhores e mais interessantes e estimados livros de ficção, um grosso volume de mais de 500 paginas, especialmente encadernado, proprio para presentes.

"*O Livro de S. Paulo*" — obra de ficção de S. Paulo, com uma introdução de S. Paulo.

"*A Invenção*" — obra de ficção de S. Paulo, com uma introdução de S. Paulo.

"*A Casa Assombrada*" — obra de ficção de S. Paulo, com uma introdução de S. Paulo.

"*Josephina*" — esplendido romance de Franz von Seeburg, muito bem traduzido, e de interesse empolgante.

Um artistico volume encadernado luxuosamente.

"*Nemess*" — romance onde se estuda, com propriedade e exactidão de processos, os deslumbramentos de Monte Carlo, este celebre casino onde tantos dramas se têm desenvolvido. Lindo volume encadernado.

"*Um Ramalhete a Viagem*", "*Almas*", "*O Terror do Re-finamento*", "*Um Quarto Livro de Lectura*" adaptados em numero-as escolas do Brasil.

No intuito de facilitarmos ás nossas leitoras a acquisição de livros, e de lhes dar as vantagens que offereçemos:

1.º — A importancia de 70\$00 que é o custo da "Bibliotheca Azul" será paga, 20\$00 no acto da compra e os restantes 50\$00 em prestações mensaes de 10\$00.

2.º — A toda a pessoa que prefira pagar toda a importancia de uma só vez, faremos o desconto de 10 por cento sobre o total da mesma. Terão direito a estas vantagens apenas as nossas assignantes ou aquellas pessoas que ao fazerem o seu pedido, tomem a assignatura da nossa revista por um anno.

Toda a importancia que nos fôr dirigida para este fim, deve ser enviada, em carta registrada com valor declarado, vale postal, ou cheque para a "redaçao da Revista Feminina. — Rua Conselheiro Christópiniano, 1 — São Paulo".

Os pedidos desta bibliotheca devem vir acompanhados da importancia de 20\$000, e de uma carta onde o signatario declare acceptar as condições acima descriptas e a responsabilidade dos respectivos pagamentos mensaes de 10\$000.

Caso no momento de recebermos o pedido nos falte algum livro substituí-lo-emos por outro de equal valor e interesse.



Vida Feminina e a Ciencia das Letras

A mulher e a vida militar

Eis a respeito desta questão o que Jeanne Bruneau-Grison, escreve em "La Française":

"A dra. Pelletier fez em Paris uma conferencia na qual pedia para as mulheres o direito — e o dever — de serem soldados.

Devemos nós, applaudir essa idea?

Pela minha parte, como feminista convencida que sou, não vacillo em responder: — não.

Prescindindo de varios argumentos julgamos que um só nos basta para justificarmos esta nossa maneira de ver: o quanto seria prejudicial para o andamento normal da vida a permanencia das mulheres na caserna.

Em lugar disto, quanto seria mais util para a sociedade um curso domestico, obrigatorio, de um anno, para as moças dos 18 aos vinte annos!

Em vez de aprenderem a abater o inimigo aprenderiam a conservar os defensores da patria, o que, evidentemente, está muito mais em seu caracter e natureza.

Nesse curso de sciencias domesticas, a mulher teria occasião de adquirir conhecimentos que mais tarde de grande utilidade lhe seriam, sendo assim, essa permanencia obrigatoria nos collegios, uma especie de phase vestibular para o matrimonio.

Seria, igualmente, uma optima escola de disciplina, de "endurance" e de fraternidade.

Que as mulheres pratiquem a educaçao physica, nada mais digno de nosso applauso; que, mesmo, em caso de urgente necessidade, sejam ellas chamadas a formar corpos de voluntarios, pode-se comprehender;

o que se não justifica e comprehende é que na vida ordinaria aparte-se a mulher de sua natural missão, para fechala num quartel.

Um anno de ensino domestico, obrigatorio, não valerá, talvez um anno de serviço militar?"

Estamos plenamente de accordo com o pensamento da articulista. Porque a verdade é que a verdadeira missão da mulher, embora evoluída e gosando de seus direitos, está na organisação do lar domestico, na creação da familia e na formação do caracter de seus filhos, que, por si só, bastaria certamente para a defesa do torrão em que nasceram.

Nos Estados Unidos

Eis a directoria do Conselho Nacional das Mulheres norte-americanas:

Presidente, Mrs. Phillip North Moore; vice-presidentes, Mrs. Nathaniel E. Harris, Mrs. Thomas C. Winter, Miss Anna A. Gordon, Mrs. A. Ross Hill; secretaria geral, Mrs. Mary M. North; secretaria correspondente, Mrs. Flo Jamison Miller, thesoureira, Dra. Emma E. Bower; auditora, Mrs. Ruth May Fox; Historica, Miss Lucy E. Anthony.

Mais de cem sociedades femininas estão filiadas a este Conselho.

O Congresso de Vienna

Realizou-se em Vienna, ha pouco tempo, o Congresso Bi-annual do Trabalho.

Foram debatidos, nessa reunião internacional numerosos problemas de interesse para a mulher e para a familia, como por exemplo a questão da fixação de salarios do trabalho a domicilio, a legislaçao internacional do trabalho feminino, a questão do desarmamento, a

qual o Congresso deu todo seu apoio.

Foi adoptado o principio do salario minimo, internacional, assim como o dia de 8 horas.

As mulheres e o "turf"

Miss Betty Tanner foi a pouco tempo autorizada a montar como jockey, profissional em um campo de corridas de New Market. Desde 1804 é esta a segunda vez que uma mulher recebe uma autorisação semelhante.

Invenções femininas

Mme. Lumiere é a inventora de um modelo de motores para aereoplano, que triumphou em uma grande prova, ha algum tempo.

Isso desmente a affirmacão de uma escriptora franceza declarando que entre as mulheres não se encontra uma unica que tenha aperfeiçoado quer o automovel, quer o telephone e a aviaçao.

A mulher soldado

Ha pouco tempo Stamboul festejou com entusiasmo a chegada de Fatma Hatrens que durante a guerra de independencia de seu paiz combateu bravamente contra os gregos á frente de um batalhão de mulheres recrutadas por ella mesma.

Todas estas mulheres-soldados eram viúvas de soldados mortos em combate.

Fatma possui diversas condecorações e medalhas militares. Ferida durante a segunda batalha de Inn-Enn, conquistou a heroína por sua bravura os galões de tenente.

Fatma conta quarenta e cinco annos de idade, mas não pensa ainda, de nenhuma forma, em ser reformada.

KOLA SOEL Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago. Util no crescimento das creanças.

REVISTA FEMININA

Associação de empregadas em bancos

As mulheres empregadas em estabelecimentos bancários norte-americanos fundaram uma associação de classe que já conta, actualmente, com mais de 70 sócias.

Uma mulher "maire"

Mme. Buchanan, que já exerceu o cargo de juiz de paz, e foi há tempos candidata ao parlamento inglês, acaba de ser eleita "maire" de Colchester, para o exercício do próximo anno.

Uma reforma

A camara belga accellou uma proposta de lei elevando de 100 a 500 francos as retiradas que uma mulher pode fazer na Caixa Economica daquelle paiz, sem autorização de seu marido.

Carmen de Burgos

A celebre romancista hespanhola Carmen de Burgos foi nomeada presidente efectiva da associação "Feminismo Internacional" com sede em New York.

O premio "Crouzet"

A Academia das Sciencias Moraes, de França, acaba de conceder uma recompensa de 3,000 francos deduzidos do premio "Crouzet" a Mme. Cochet, autora de uma memoria sobre o positivismo de Augusto Comte.

Curso de orientação profissional

Foi ha pouco aberto em Zurich o 5.º curso de orientação profissional. Do programma deste novo curso consta um estudo sobre "os factores particulares da orientação profissional feminina".

Contra a guerra

Ha já bastante tempo estava projectado um grande Congresso onde todas as organizações femininas do mundo pudessem ser representadas. Dificuldades de toda ordem vem sempre adiando a realisação deste projecto.

Os fins principais desta extraordinaria assembleia são a organização de um programma geral feminino em favor de uma acção intensa de pacifismo.

Designara-se o anno de 1926 para a realisação deste congresso. Em vista, porém, da situação internacional, cada vez mais complicada ficou resolvido um esforço intenso para se obter promptamente a adhesão das mulheres de todas as raças, de todas as crenças religiosas, e de todas as classes sociais para o inicio de uma acção commum contra a guerra.

Encarregou-se, então, a marquezita d'Aberden, na qualidade de presidenta do Conselho Internacional das Mulheres de tomar a iniciativa de reunir as organizações femininas internacionais afim de serem discutidas as medidas preventivas do eventual flagello. Desta forma terão as mulheres occasião de manifestar seu desejo de paz permanente.

Lady Aberden accellou a incumbencia sob a condição de que o Congresso será submettido aos "bureaux" das sociedades, e terá sua realisação em Londres. Foram accellitas estas condições assim como a data (março de 1924).

Para se evitar prováveis e prejudiciaes discussões ficou estabelecido que durante as reuniões da assembleia não serão permittidas allusões á factos da grande guerra ou a qualquer das questões nascidas dos tragicos acontecimentos de conflagração.

Eis o programma das discussões desse Congresso:

- 1.º Liberdade e responsabilidade para todos.
- 2.º Manutenção permanente do estado de paz.
- 3.º Interesses e deveres communs da maternidade em todos os paizes.

II. Educação.

- 1.º Historia e geographia ensinadas do ponto de vista interancional.
- 2.º Instrução civica internacional.
- 3.º Cooperación intellectual entre as nações.

III. Educação dos cidadãos.

- 1.º O direito das outras nações (dire cambio, emigração, etc.).
- 2.º Direitos das minorias, em seus proprios paizes (lingua, religião, educação, serviço militar obrigatorio).
- 3.º Direito civil das mulheres.
- 4.º Direito dos trabalhadores.

Ha, além destas materias, as seguintes a serem debatidas:

O estabelecimento de uma Liga das Nações, comprehendendo todas as nações; redução universal de todos os armamentos como medida preliminar ao desarmamento total; extensão das zonas desmilitarizadas, sob garantias internacionais;

combate sem tregua á guerra; adaptação do serviço diplomatico ás condições modernas; estudo dos meios de suspender a publicação pela imprensa de informações falsas ou inexactas sobre negocios estrangeiros e convenções internacionais; transporte e communicações; maternidade e seguros; industria; lucta contra a fome e as enfermidades.

Como se vê o programma dos debates é longo e minucioso. Todas as questões a serem debatidas, porém, estão por sua natureza intimamente ligados á vida das nações, e com o prévio accordo sobre ellas muito difficilmente será resolvida o grande problema universal da guerra.

Uma Mulher na Sorbonne

Mlle. Verges Tricour, secretaria da redacção dos "Annés de Geographia" foi ha pouco nomeada para exercer o cargo de professora de geographia na Sorbonne, durante o exercicio de 1923-24.

Em Cuba

Eis algumas das decisões tomadas pelo primeiro Congresso Nacional das Mulheres Cubanas:

1.º Trabalhar, de maneira intensa pela obtenção do direito de suffragio feminino, o qual deve ser considerado por todas as mulheres cubanas como o principal remedio de prophylaxia social.

2.º Pugnar pela reforma do ensino, chamando a attenção sobre a necessidade de ser propagados os principios de eugenia, e o ensino da puericultura.

3.º Trabalhar pela reforma das leis civis e penaes no sentido d'uma unificação dos direitos e das responsabilidades dos dois sexos.

4.º Propugnar a applicação de leis protegendo a infancia, assim como apoiar a approvação de todas as novas leis reconhecidamente necessarias.

5.º Trabalhar pela criação de tribunas especiaes para a infancia

Presidente de cooperativa

Uma cooperativa indicou ha tempos, uma mulher para occupar o cargo de sua presidente. O caso como diz uma revista franceza não é banal e merece menção.

Ella: os membros do conselho administrativo da communa de Sorey-Bauthemont, (Ardennes) elegeram para exercer o cargo de presidente de sua associação, Mme. Faïre.

TOLUOL

TOSSE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA.
VENDE-SE EM TODAS AS BOVAS DROGARIAS E PHARMACIAS

REVISTA FEMININA

As mulheres e a illuminura

Em meados do seculo XIV Carlos V incumbiu uma mulher chamada Bourgot da illuminura de alguns livros de sua celebre bibliotheca do Louvre; e quasi ao fim do reinado deste monarcha, outra mulher adquiriu grande renome entre os artistas da illuminura.

No seculo XV uma religiosa chamada Margarida illuminou oito grandes manuscritos in folio. Catharina Hermonem, miniaturista, foi por sua parte levada a Hespanha por Maria da Hungria, irmã de Carlos V, que a incumbiu da installação de uma bibliotheca em seu castello de Turnehout, preciosa bibliotheca esta que não contava menos de 133 manuscritos, em sua maioria illuminados.

Em seu jornal de viagem em Flandres, Alberto Durer narra o encontro com uma joven miniaturista de dezeseite annos: Suzanne Herebout, que casou depois com John Parker thesoureiro do rei da Inglaterra.

Carl van Mauder, por sua vez menciona uma artista notavel: Anna Imyers, que Guichardin qualifica de "pintora excelente e digna"; Vazari, tambem cita além das filhas de Bening e de Hurebout: Clara Keyrer de Gand, fallecida com perto de cem annos e cujo talento na illuminura já se firmara desde 1496. Esta mulher foi qualificada como grande pintora e miniaturista, julga-se pertencerem-lhe algumas das illuminuras do manuscrito intitulado "Officium Salomonis" offerecido pelo irmão da artista ao imperador Carlos V e que se conserva hoje na famosa bibliotheca do Escorial.

A nacionalidade da mulher casada

M. Louis Forest, vem ha tempos, ao *Matin* sustentando uma campanha em favor da nacionalidade da mulher casada, em França.

Em um dos seus artigos, o articulista francez reivindicava para os filhos de francezas casadas em França com estrangeiros a nacionalidade materna.

A este respeito diz o jornal do feminismo francez, "La Française": "Nós somos muito gratas a M. Forest por ter posto ao serviço de uma campanha que vimos ha tempos sustentando, a admiravel tribuna que representam as columnas do *Matin*.

Esperamos que este movimento da grande imprensa consiga enfim despertar do somno em que dorme, o projecto de lei relativo a este importante assumpto, e que foi apresentado a Camara por M. Lionville.

Os effeitos do casamento sobre a nacionalidade

Ha pouco tempo reuniu-se em Londres para tratar da importante questão da nacionalidade e da naturalisação, a Associação Internacional de Legistas. O primeiro orador inscripto era o dr. Schuster que discorreu dos "effeitos do casamento sobre a nacionalidade".

O dr. Schuster, brilhante orador e um esforçado paladino do ponto de vista feminino sobre este importante assumpto.

Sobre Mme. Delarue Mardus

Mme. de Villers que conhece Lucie Mardus ha mais de quinze annos, traçou-lhe ha pouco um perfil biographico extremamente sympathico.

Como mulher, attribue-lhe uma qualidade dominante: a bondade. E' pela bondade que ella ás vezes tem parecido excentrica; foi assim que ha pouco tempo, exhibiu-se como amazons, num circo, para contribuir ao successo de uma festa de beneficencia.

Como litterata, apesar de seu ecletismo, ella é antes de tudo, uma poetisa.

Na Turquia

Formou-se ha pouco tempo, na Turquia, um novo grupo feminista, cujo nome não ficou ainda definitivamente estabelecido. No entanto, podemos adiantar que não se trata do antigo grupo, dito da "Defesa dos Direitos da Mulher".

Compõe-se este novo grupo, de um nucleo de 12 directoras, (todas intellectuaes) e trabalhará para a concessão dos direitos politicos á mulher turca.

Esta nova associação é inspirada dos principios defendidos pela "Defesa dos Direitos Populares".

SUCCESSO DE UMA AUTOMOBILISTA

Uma unica mulher concorreu ao circuito automobilistico da Belgica. Apesar da difficuldade da prova essa concurrente feminina conseguiu uma boa collocação.

EXPOSIÇÃO DE ARTES FEMININAS

Em Outubro passado realisou-se em Berne uma exposição de artes e officios femininos.

A comissão organisadora era exclusivamente composta de elementos femininos.

MAIS UMA ADVOGADA EM FRANÇA

Mlle Colette Anjubault que durante a guerra foi por duas vezes condemnada á prisão pelos allemães, acaba de prestar juramento perante a primeira Camara franceza do Tribunal Civil.

No Uruguay

Mme. Paulina Luize activa presidente da Alliança Feminista no Uruguay, obteve do partido parlamentar "Colorado Batista" o apoio para um projecto de lei concedendo ás mulheres o direito de exercerem naquella paiz a profissão de tabelliães. A opposição masculina a este projecto é muito forte mas a Alliança emprehendeu uma activa campanha, a este respeito, campanha que promete os mais brilhantes resultados.

A PROTECCÃO DA FAMILIA CONTRA A IMMORALIDADE

O 3.º Congresso annual das familias belgas reuniu-se ha pouco tempo.

Nesse congresso tres importantes questões foram ventiladas: a questão das habitações familiares, - a propagação dos principios propagados pela Liga, - e finalmente, a protecção da familia contra a immoralidade, assumpto, este ultimo, da maior relevancia e opportuidade dada a propagação de ideias dissolventes da moral e dos costumes que ultimamente vem notando nas sociedades.

Mais uma escola domestica

A Comissão central da Sociedade de utilidade publica, das mulheres suizas resolveu ha pouco tempo a criação de uma nova escola domestica que será estabelecida em Lenziourg.

O numero de alumnos desta escola será de 24, ao principio, indo depois aumentando á proporção que as circumstancias o permitirem.



ELIXIR DE NOGUEIRA Grande depurativo do sangue

um reciso não! Façamol-a, porém, da se"uinte forma:

— Deve a mulher cuidar de sua belleza, conjuntamente ao cultivo de suas virtudes e dot'es espirituaes?

E' mais que provavel que nos respondam: sim. Logo, o que se condemna, não é o trato que a mulher dispensa á sua formosura, mas, sim, os meios *artificiaes* que para isso adopta.

A palavra *artificio*, em sua verdadeira accepção, é empregada para designar as obras do engenho humano, que não sejam consequencia immediata de leis naturaes. Por tanto, as roupas que se fabrica, as casas que se constroe, a luz com que nos alumiamos; todas estas maravilhas que o homem creou para satisfazer suas necessidades, poderiam, assim, ser consideradas como outros tantos artificios; no entanto, a ninguém lembrará considerar tal, esta grandiosa obra da civilização, devida ao heroico esforço da humanidade e de que tão justamente nos orgulhamos.

Em resumo: o *artificio* considerado sob este ponto de vista nada tem de censuravel. Porque, então, detestamos o que a mulher emprega para augmentar sua belleza?

Simplemmente, porque neste caso o *artificio* tem a significação pejorativa de *falso*, *doloso*, *hypocrita*.

Censuramos, assim, a falta de sinceridade. Essa falta de sinceridade, é o *falsificar seu pro-*

prio corpo, suas feições, valendo-se de elementos extranhos á sua própria natureza, como a pintura, por exemplo.

— Mas, — dir-nos-ão — não é acaso, a pintura uma das mais altas manifestações da arte?

Como, então, nos poderá causar uma impressão desagradavel, praticada sobre um rosto hu mano

Tentaremos explical-o.

Que impressão nos causaria um pintor que quizesse, por exemplo, accentuar com seus pin- cis o rubro de uma rosa, ou o verdor de uns ra mos?

Pois bem, isto, precisamente, é o que succe- de á mulher que tenta *mystificar* sua belleza: expondo-se a ser mal considerada, e, em vez de augmentar seus dot'es physicos, a destruil-os, pelo contrario.

Por conseguinte, para se alcançar o *maximo* de belleza physica de que cada qual seja susce- ptivel, não ha outro meio sinão o cuidado e conservação da saude, unica fonte de verda- deira formosura. Em summa: para ser boa es- posa e boa mãe é preciso que a mulher desen- volva sua intelligencia, por meio de uma edu- cação apropriada, que lhe sirva tanto a si mes- ma como ao bem geral da familia, base da socie- dade, de que os filhos são as esperanças que des- abrocham.

VALE A PENA TINGIR? ENTÃO TINJA BEM

USANDO



TINTURA AMERICANA DE TODA CONFIANÇA



Unicos agentes para o Brasil: PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

115. Rua da Quitanda — Rio de Janeiro

45. Rua de S. Bento — S. Paulo

Uma secção de grande utilidade : o nosso departamento de compras e remessas

A "Revista Feminina" comunica ás suas leitoras que está á sua disposição uma nova secção, destinada á compra e remessa de qualquer objecto, secção esta confiada á uma habil profissional. Toda a correspondência que se relacione com este departamento deve ser dirigida ao seguinte endereço: "Revista Feminina" — Secção de encomendas — Rua Conselheiro Christópiano, 1 — São Paulo.

Os pedidos de amostras devem vir acompanhados da respectiva importância para a remessa e envio.

Toda a consulta que nos façam a respeito, deve igualmente vir acompanhada do selo para a resposta.

As cartas contendo dinheiro devem vir registradas, com valor declarado.

O extraordinário desenvolvimento desta nossa secção de compras e remessas; as cartas que de todos os pontos do país, nos são endereçadas elogiando e reconhecendo sua importância, verdadeiramente excepcional, são outras tantas provas, de que bem acertadamente andamos instituindo-a, como fizemos, e dotando-a de todos os requisitos necessários a um perfeito funcionamento.

Para conseguir tal fim, não medimos sacrifícios nem despesas. Mas por bem pagas nos damos ante a evidencia de sua utilidade, e o aplauso de nossas queridas leitoras e amigas do interior e dos Estados.

De facto, quantos e quantos inconvenientes podem ser evitados, fazendo as nossas leitoras do interior suas compras, por intermédio do nosso departamento de encomendas!

Todos conhecem as enormes difficuldades com que luta qualquer pessoa que residindo no interior, queira, sem se dar ao incommodo de uma viagem, fazer qualquer aquisição em nossa capital; são prejuizos e massadas de toda ordem:

Atrazos enormes na remessa, objectos inutilizados pelo máu acondicionamento, ou diferentes das amostras, preços augmentados consideravelmente, etc. De forma que muitas e muitas senhoras privam-se ás vezes de um qualquer objecto de grande necessidade, apenas pelo temor destes inconvenientes.

Foi com o intuito de evitar ás nossas leitoras e assinantes todos os prejuizos e difficuldades desta ordem que em boa hora instituímos o nosso departamento de encomendas.

Por intermédio desta secção, incumbimo-nos de toda a qualquer compra nesta capital e de sua respectiva remessa.

Atendemos de resto, todas as pessoas que a nós se dirigirem para este fim, embora não sejam nossas assinantes, contanto que, ao fazerem seu pedido, tomem por um anno a assignatura de nossa revista.

Mas este importantíssimo departamento não se limitará á compra e remessa de simples artigos commerciaes. Por intermédio d'elle incumbimo-nos do despacho de qualquer requerimento, de pedidos de pagamento, de remoção de férias, de avechimento de títulos e sua extracção; de recolhimento de monteiros e caudões de liquidiação; de anollres e sembras e, enfim de tudo mais que se relacione com esta ordem de negocios.

Fazemos notar á todas as pessoas interessadas que não só nos encarregamos da compra e remessa de pequenos objectos, como ainda incumbimo-nos da aquisição e despacho de moveis de qualquer estylo, louças e utensilios de cozinha; objectos artísticos e de decoração, como quadros, bronzes, bibelots, além de enxovas para noivas, etc.

O nosso orgão, sem o auxilio precioso de nossas amigas não seria o grande e extraordinario factor de levantamento moral que é.

Devemos-lhes, portanto, toda a gratidão possivel, e é devido a estas considerações, que dia a dia vamos introduzindo em nossa revista, reformas e melhoramentos que, do ponto de vista redactorial over de immediata utilidade como este da criação do Departamento de Encomendas, que em seu genero é o unico existente em nosso país.

A nossa exposição permanente de trabalhos femininos

UM MAGNIFICO FACTOR DE CULTURA TECHNICA, E DE ECONOMIA DOMESTICA

Todas as senhoras, tem, durante o dia, algumas horas vagas. Ora, para muitas dellas essas horas que o afazeres domesticos lhes deixam livres, representam um problema; o problema do bom emprego do tempo. No entanto, a questão não é tão difficil de resolver como parece. Basta um rapido momento de reflexão para comprehendermos, que, toda a mãe de familia, toda a moça solteira, tem muito em que empregar essas horas de ocio forçado, caso queira dedicar-lhes suas aptidões, executando essas delicadas obras, tão conformes ao espirito de sua feminilidade e ao mesmo tempo tão úteis, como sejam bordados, rendas, labores em seda, roupas brancas para adultos e creanças, etc. Estes trabalhos além de representarem uma optima distracção para o espirito constituem uma fonte de renda que toda a boa dona de casa não deve desdenhar.

Foi pensando nisto, que a nossa inolvidavel fundadora, instituiu esta "Exposição Permanente de Trabalhos Femininos".

Trata-se de um certamen onde as facultades artisticas e a pericia feminina, devem ficar patentemente demonstradas.

Para esta mostra que é diariamente visitada pelas mais distinctas familias da capital recebemos todos aquelles trabalhos caracteristicamente femininos como sejam, bordados brancos ou em cores; rendas finas, diversas; roupas brancas, para adultos e creanças; applicações de filot, labores em seda; peças para uso domesticos; toalhas finas, para mesa ou para outros usos, etc.

Recomendamos, porém, ás nossas amigas, a maxima perfeição no acabamento, como tambem o emprego de material superior. São condições estas imprescindiveis para a facilidade de venda.

Os trabalhos que acima mencionamos são os mais procurados justamente por representarem os typos mais caracteristicos deste genero de labores femininos.

Já o mesmo se não dá com pequeninas toalhas, paninhos, pequenos guardanapos, etc. Innumeras nossas leitoras tem-nos remetido trabalhos para serem expostos e vendidos neste nosso certamen.

Brevemente é nossa intenção abrir um curso de trabalhos, cujas condições daremos préviamente á publicidade.

Si não visamos lucros e vantagens pecuniarias com a venda destes trabalhos, de que deduzimos, apenas, a insignificante porcentagem de 10 por cento, com que suprimos as despesas desta secção, não é menos certo que é nosso desejo proporcionar a todas as expositoras a recompensa material de seus esforços.

A intensificação desta parte de nosso programma, jornalístico, força-nos a gratidão que devemos á todas as nossas amigas e leitoras que tanto se tem esforçado pelo triumpho da "Revista Feminina", quer remetendo-nos trabalhos para serem publicados, quer interessando-se, como o tem feito até aqui, com o angariar de novas assignaturas, com o propagar e diffundir o nosso orgão entre as suas relações de amizade. A victoria de nosso orgão, si por um lado é o fructo da tenacidade e constancia com que temos luctado nestes dez annos de existencia jornalística, por outro não deixa de ser tambem um resultado do esforço colectivo da mulher brasileira. A contribuição de nossas queridas leitoras e amigas para o actual estado de florescimento de nossa revista tem sido verdadeiramente apreciavel sob todos os pontos de vista.

Todos os trabalhos que nos forem enviados para a exposição devem ser remetidos, para a nossa redacção, á rua Conselheiro Christópiano, 1. — São Paulo.

Passar bem

NÃO depende de dinheiro. depende de arte.
Muitas familias gastam muito com a mesa e no entanto passam mal.

Tudo isso porque? Por falta de um bom livro de receitas culinarias, mas de receitas tomadas directamente da bocca das excellentes cosinheiras e doceiras e não inventadas com as ha muitas. Assim que

A MESA E A SOBREMESA

de Dr. **Rosaura Lins**, surgiu como uma obra preciosa, de ha muito reclamada, mas só agora realisada.

As receitas deste livro **não falham**, e todas as donas de casa que o adquiriram são unanimes em afirmar que nunca lidaram com obra **mais perfeita, mais clara e que produzisse melhores resultados.**

Não é livro barato. mas quem quer coisa fina paga bem. O barato sae caro...

PREÇO: CARTONADO — 7\$000; ENCADERNADO — 8\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS E COM OS EDITORES

Monteiro Lobato & Comp.

— RUA VICTORIA, 47 — SÃO PAULO —

O MENU' DE MEU MARIDO

ESPINAFRES COSIDOS — Escolhe-se os espinafres aproveitando-se somente as folhas; lava-se em varias aguas para tirar completamente a terra e deita-se a escorrer. Depois de bem escorridos põe-se numa panella com agua a ferver e deixa-se cosinhar por espaço de uns dez minutos, tirando-se no fim desse tempo, escorrendo-os, mergulhando-os em agua fria e comprimindo-os bem para que fiquem secos. Em seguida bate-se os espinafres com um facão, sobre uma taboa, reduzindo-os a uma massa fina, deita-se essa massa em uma cassarola com uma colher de manteiga e quando esta estiver derretida polvilha-se os espinafres com uma colher de farinha de trigo, mexendo-se para que esta não encaroçe; junta-se então tres colheres de caldo ou leite, sal, pimenta e deixa-se um pouco para que a farinha não fique crúa. Serve-se com ovos cozidos em rodellas. Pode-se tambem servir com ovos estralados.

BEEFS ABAFADOS — Corta-se uns dez beefs de coelhão molle (não é necessario o filet) esfrega-se um pouco de sal em cada um e deixa-se num prato. Corta-se uma cebola grande e rodas finas, descasca-se batatas e cenouras. Deita-se numa cassarola um pouco de gordura derretida e arruma-se, fóra do togo, da seguinte maneira: uma camada de beefs, uma de rodas de cebollas crúas, uma de tomate ou massa, uma de batatas em rodas grossas, uma de cenouras e azeitonas e assim até acabarem todos os ingredientes.

Vai ao fogo muito fraco tampando-se muito bem a cassarola. É necessario de vez em quando sacudir a cassarola para que os beefs não peguem no fundo.

SOPA DE ALHO POIRREAUX E BATATAS — Corta-se bem firmino o branco de seis alhos poirreaux. Esquentá-se numa cassarola duas colheres de manteiga e nella deitam-se os alhos; quando estiverem corados, acrescenta-se-lhes litro e meio de agua com sal e em seguida, oito batatas que se esmigalha quando cozida. Corta-se fatias de pão bem finas, e põe-se na panella uns dez minutos antes de servir.

PESCADA NA GRELLA — Escama-se uma pescada, limpa-se, tendo o cuidado de tirar bem o sangue que fica junto a espinha e salga-se. Bate-se duas gemmas juntamente com uma colher de manteiga derretida e unta-se o peixe com esta massa, envolvendo-o em seguida em farinha de pão torrado, humedecendo-o novamente com manteiga derretida e cobrindo-o com outra camada de farinha de pão. Assim preparada, assa-se na grella. Serve-se com molho picante.

FILETS DE PESCADINHA — Limpa-se umas pescadinhas, corta-se-lhes as barbatanas e os dois filets a todo comprimento e rente a espinha; tira-se as espinhas que ficam rente á barriga e apara-se os lados. Faz-se o molho com um pouco de sal, pimenta, limão, um pouco de agua e um fio de azeite e deixa-se o filet neste molho durante uma hora afim de tomar bem o gosto. Enxuga-se depois num panno, passa-se em farinha de rosca, depois em ovos e por ultimo na farinha de rosca e frega-se. Pode-se servir com um molho picante.

SOPA DE FEIJÃO — Depois do caldo da carne estar prompto e temperado toma-se duas conchas de feijão já cozido esmigalha-se bem e passa-se na peneira juntando-se um pouco de caldo. Deixa-se ferver em fogo lento. Pode-se servir com fatias de pão torrado.

FRANGO A' BURGUESA — Depois de limpo o frango, corta-se pelas juntas. Corta-se tambem umas seis a oito cenouras em rodas e duas cebollas. Põe-se tudo em uma cassarola com um pouco de manteiga fresca, deixa-se corar os legumes e junta-se-lhe os pedaços de frango e mexe-se com uma colher de pão durante cinco minutos deitando-se aces poucos uma colher de farinha de trigo. Alguns minutos depois junta-se-lhe bastantes tomates cortados aos quaes deve ser retirada a pelle e meio litro de caldo de carne. Deixa-se ferver durante vinte minutos com a cassarola tampada. Quando estiver cozido deita-se-lhe uma colher de salsa picada. Arruma-se o frango num prato com as cenouras á volta e deita-se o molho por cima.

PERNA DE VEADO — Depois do veado esfolado, lardeia-se algumas tiras de toucinho e deixa-se dois dias de vinha d'alho ou marinada, que se prepara da seguinte maneira: tres garrafas de vinho tinto, meia garrafa de vinagre, meia garrafa de agua, sal, pimenta, salsa, louro, um dente de alho soccado, cebollas, estragão, cenouras cortadas e tres colheres de azeite. Vira-se diversas vezes. Ao fim de dois dias, tira-se da vinha d'alho e põe-se no espeto ou no forno para assar e vai-se regando de vez em quando, com a marinada. Serve-se com molho picante.

SOBREMESA

DOCE DE PECEGO — Escolhe-se pecegos que estiverem principiando a amadurecer. Depois de descascados deita-se os pecegos em um tacho com bastante agua, levando-se ao fogo forte para dar-lhes a fervura, tendo o cuidado que não fiquem muito cozidos; depois são postos em agua fria onde ficam até o dia seguinte, mudando-se porém essa agua duas vezes. No dia seguinte escorre-se os pecegos em uma peneira de taquara, levando-os depois ao fogo em um tacho com caldo sufficiente, para que não fiquem completamente cobertos, deixando-os ferver lentamente durante uma hora tirando-se depois o tacho do fogo e ficando os pecegos, até o dia seguinte nessa calda. No outro dia, volta ao fogo o doce, deixando-se ferver até os pecegos ficarem bem passados pela calda. Deve-se ter o cuidado de que a calda não fique grossa, antes que a fruta fique bem passada.

DOCE DE ABOBORA — Depois da abobora descascada, pesa-se para um kilo de abobora um kilo de assucar. Corta-se depois, a abobora em pedaços pequenos e deita-se num tacho, só com uma chicara de agua, porque a abobora deita muita agua assim que começa a ferver; leva-se então ao fogo deixando-a ficar bem cozida. Depois de cozida passa-se por uma peneira, junta-se o assucar, baunilha e volta ao fogo mexendo-se para que não pegue no tacho, quando começar a apparecer o fundo deste, o doce está prompto.

Paginas de esthetica feminina

SEGREDOS DA BELLEZA

A belleza da bocca, mais que de outra qualquer parte, depende da mulher. O nariz, por exemplo, tem que acceital-o pouco mais ou menos como Deus lh'o deu. O pensamento e a emoção porém, são os unicos esculptores da bocca. e estes não obedecem a outra vontade a não ser a da propria pessoa, considerando que as circumstancias não interveem em nossa obra, sendo nós, pelo contrario, que fazemos as circumstancias.

Corroborando esta theoria, filha do estudo e da reflexão, vemos as palavras do grande Emerson o famoso escriptor e philosopho norte-americano, que estabeleceu: "de todos os orgãos dos sentidos é a bocca o que admite a maior belleza ou a maior deformidade". De facto, sendo os labios um nucleo de nervos, rodeados de innumerables musculos, seus contornos mudam a cada pensamento, sendo elles, de nossas feições, as mais susceptiveis de acção e os mais certos indicios dos sentimentos.

Que a expressão dos labios seja determinada pelos musculos que por sua natureza mais frequentemente entram em acção prova-o sua propria ductilidade e confirma-o a experiencia e a observação.

Poderiamos afirmar, em um sentido geral, que os labios finos e rigidos são o producto de um constante combate, com difficuldades de toda a sorte, na mulher que se impacienta e molesta por tudo, o que revela uma accentuada debilidade de caracter pois as mulheres bastante energicas não se agitam por pequenas contrariedades sabendo perfeitamente quanto isso lhes é prejudicial.



ESMALTE GABY

O REI DOS ESMALTES — PARA UNHAS —

Producto indispensavel em
todo o fino toucador

CASA TANGO
GERMANO SCLUETZ

R. Santa Ephigenia n. 119
Tel. Cidade 6296 — S. PAULO

É de muita importancia conservar presente que a bocca está sempre em perfeita e intima sympathia com os pensamentos que trazemos no cerebro e os sentimentos que albergamos no coração. Que a maior arte do elemento feminino não toma em consideração ou mesmo ignora estas verdades, provam-no não só as contracções, fugazes, porém frequentes, dos musculos faciaes como ainda as caretas, gestos, etc., que surprehendemos a cada instante no rosto de nossas interlocutoras, revelando uma curiosa mescla de indocilidade, de semi-formados impulsos e de indefinidos pensamentos. Isto pôde ser perfeitamente analisado si adoptarmos o methodo de estudar os caracteres imitando a expressão.

Entre as fibras nervosas que podemos chamar "governadoras das feições" ha sempre uma especie de conflicto.

Não nos devemos limitar a crer que unicamente os actos deixam vestigios em nosso semblante, antes devemos pensar que o sentimento

AFECÇÕES CUTANEAS



O unguento de Doan, e maravilhosamente para curar as enfermidades cutaneas, tais como Eczema, Sarna, Dartros, escamas da pelle, hemorroides assim como qualquer outra affecção da natureza.

A irritação ou inflammação que causam estas enfermidades, alliviam-se logo, mediante o uso deste magnifico unguento. É um antiseptico excellent: pôde applicar-se sem temor; não secca nem se desprende com facilidade. Tem curado raticionalmente casos de eczemas, depois de muitos annos de contrahida. Como artigo de troca, é de inestimavel valor, pelo que muitas familias usam-se para o tratamento, de erupções nas creanças mais pequenas e para feridas, espinhas, etc.

Si o senhor soffre de qualquer destas enfermidades, dirija-se immediatamente a uma pharmacia e adquira uma caixa do Unguento de Doan. Todo viajante, proprietario de predios, agricultores, etc., devem ter-o na sua casa, pois é um artigo que se necessita em todo o momento.

A' venda em todas as pharmacias. Solicite nosso folheto sobre as enfermidades da pelle, que nós lhos enviaremos absolutamente gratis.

FOSTER-MCLELLAN Co.
CAIXA POSTAL 1162
RIO DE JANEIRO

e ainda os impulsos de contrariedade deixam traços inconfundíveis. Deve-se contar, porém, com o exercício da vontade, essa senhora das nossas emoções, pelo "controle" que exerce sobre o pensamento. Há uma intuitiva associação entre os músculos que dominam as expressões e os centros nervosos da idéa e do sentimento, de forma que só estando de prevenção podemos garantir a nossa personalidade contra essas trações dos sentidos.

O rosto fino é geralmente patrimonio de pessoas excessivamente nervosas. As pessoas energicas, de caracter forte, que são obrigadas a exercer uma autoridade suprema exprimem esta mais pelos olhos que pelo rosto. Esse dominio, essa confiança, são o producto da força de vontade. Cultivando a faculdade de uma critica serena, pela observação de certos trejeitos e caretas pelas quaes muitas vezes umas feições regulares dão-nos pessima impressão, podemos estudar os meios mais praticos e simples para conseguir "illuminar" um rosto de belleza mediocre.

O torcer a bocca é um defeito dos mais communs; algumas vezes é o gesto depreciativo dos labios; outras, é a contracção da bocca, affectando o gesto de quem quer assobiar; outras vezes, ainda, é o movimento dos maxilares que deformam todo um lado do rosto. Mover a lingua e

collocal-a em posição anti-natural enfeia bastante, dando ao rosto mais bello uma expressão idiota.

* * *

A influencia destes feios habitos, é, inevitavelmente, um cinzelador de traços profundos que está de accordo com a expressão: mais ainda, não ha momento na vida em que esses submissos e silenciosos agentes que são os musculos não estejam trabalhando para a belleza ou para a deformação das feições, tendo como modelo constante o que cada pessoa tem diante dos olhos da alma. Devido a este phenomeno, é que as estatuas da arte grega e outras obras do genero, perfeitas, trazem impressas sua benefica influencia nas linhas do rosto.

Desta constante influencia dos nervos resulta um desenvolvimento dos musculos faciaes em bom ou prejudicial sentido.

Emfim, para terminar: não pôde haver uma bella bocca sem uma expressão de franqueza ou de amabilidade.

Quando exista uma positiva deformação da bocca, dos labios ou de uma parte importante do rosto é conveniente recorrer á cirurgia, pois, em muitos casos, uma ligeira operação consegue corrigir o defeito ou pelo menos attenuar-o bastante.

A BELLEZA PELO RADIO



"Adivinha-se a idade do homem e da mulher observando-se-lhes o rosto e os cabellos".

Esta afirmação não procede mais em nossos dias.

A vida moderna, toda nervosa e excitada, atribulada e cheia de contratemplos, o ar saturado das impurezas provenientes dos automoveis e do trafego intenso das grandes cidades são em sua mór parte responsaveis pelo apparecimento precoce, e sempre mal vindo, das primeiras rugas, do embranquecimento e da queda dos cabellos, emfim dos signaes de velhice.

PELO TRATAMENTO MODERNO, POR MEIO
DE PREPARADOS RADIO-ACTIVOS,

preconizados e empregados pelos mais eminentes especialistas desaparecem, como por encanto, esses vestigios, adquirindo-se novamente o tão almejado aspecto juvenil, cheio de saude e de graça.

EXPERIMENTE V. EX. E VERA' O EFFEITO DOS NOSSOS

PREPARADOS RADIO - ACTIVOS

CASA RADIOR

SÃO PAULO

Praça da Republica N.º 1

MYSTERIO

Por EDVARD CARMILO

Olhos de sonhadora, maguados, a rezar uma oração. Olhos tristes cheios da supplica de uma préce, olhos de quem vive olhando o céo, o longinquo, o além...

Encontrei-os, assim, num volteio imprevisito da jornada da vida. Quando? Já não sei... Foi uma surpresa, uma maravilha, um mysterio.

Como quem acompanha uma véla no mar, longe, no horizonte nevoado; como quem não quer perder de vista uma aza, pequenina e célere, no azul distante, olhava-me essa mulher singular e encantadora, que ainda vive no romance deste sonho triste.

O que me impressionou desde logo, enchendo-me a alma de segredos e de ancias, não foi o seu lindo cabello loiro, não foram o seu busto perfeito e energico, os seus hombros alvos como lirios em manhã de neblina, os seus labios vermelhos como morangos sazoados, mas os seus olhos, só os seus olhos pensativos.

Nunca senti, na minha vida, tão profundamente, a expressão da saudade, como nos seus olhos cansados de chorar, crizões de um rosario de lagrimas, onde cada conta era um aljofre de tristeza, um borbulho de dor.

Que sofrimento acerbo os teria deixado assim, indelevelmente amargurados? E todas as coisas suavemente tristes se esboçavam no meu pensamento, pensando nessas duas pupillas, santelmos de um passado a scintillar ainda, na orphandade de carinhos perdidos.

E como os olhos reflectem a alma, parecia-me adivinhar, naquelle coração, toda a tristeza revelada. Ficava a pensar, enternecido, fantasiando sombras, creando lutos; e via a chamma amorceda de cirios agonisantes, um tumulto com rosas murchas e com uma cruz branca,

em cujos braços supplices duas andorinhas, no silencio da tarde, viessem ouvir o soluço de um sino; e via braços abandonados, jardins fanados pelo inverno; barcos boiando, á tóa, sem vélas e sem remos; cynses adormecidos na tranquillidade das aguas paradas; e ouvia o pranto do mar e o lamento dos sinos, ao pôr do sol. Pensava em todas as coisas tristes e suaves, olhando os seus olhos.

E esses olhos estavam apaixonados por mim. A piedade commoveu-me. Amei-os, também.

Encheu-me a existencia, preocupou-me em todos os meus instantes, essa mulher encantadora e melancolica. Oh! a magia, a belleza das mulheres tristes! Jamais lhe vi nos labios as duas azas de um sorriso travesso.

Falava-lhe, dizia-lhe ternuras, tecia-lhe madrigaes, beijava-lhe as mãos, cobria-a de um delirio entontecedor de beijos e de abraços. Não gostava de ouvir-me a voz. Queria-me em silencio e então punha-se a

fitar-me, com os olhos parados, húmidos, como si estivesse de joelhos, diante de um altar, em extase.

Tratava-me com um carinho juvenil, com um calor de plumas, muito meiga, muito doce, como si eu fosse o arminho, o vime, a subtileza. Acompanhava todos os meus movimentos, todos os gestos, sentindo-me nas menores emoções, nos mais leves estrebecimentos, perscutando, adivinhando-me. Passava as mãos pelas minhas faces com uma delicadeza vaporosa; analysava, linha a linha, o meu rosto, acariciava os meus cabellos, beijava-me os olhos, — e pedia que lhe sorrisse!

Qualquer coisa, por certo, eu lhe recordava. Qualquer lembrança, talvez, despertasse na sua alma, ao fitar-me, ao estar ao meu lado, que jámais quiz abandonar.

Trazia-me flores, despentalava flores sobre mim. Certa noite, acordei sob a aza ethera de um perfume. Ella despertara, e accendendo, em segredo, a lampada, derramava flores sobre o leito; e porque eu adormecera com as mãos postas sobre o peito, entre as mãos tinha um punhado de violetas.

E eu amava tresloucadamente essa mulher extranha, adoravelmente extranha, exquesita. Amava-a, talvez, por essa nevoa de mysterio que a envolvia, que me attrahia, que me fascinava. Sim, por esse mysterio, por esse segredo, tanto que sempre contive a minha irresistivel vontade, o indomavel desejo de lhe perguntar a causa de sua tristeza e a origem de seu amor por mim.

Um dia, surprehendi-a, revolvendo um relicario de ouro. Ao ver-me, toda estremeceu sobresaltada, num fremito de susto alvorçado. E não teve uma palavra, não disse uma desculpa.

Instigou-me, mais funda, a duvida. Que guardaria alli? Um amuleto magico, uma joia cara, um symbolo sagrado? Quem sabe si os fragmentos de seu passado, as petalas murchas de uma recordação?

Fiquei velando. Todas as suas attitudes, então eu estudava, com requintes de observação, com extremos de minucias. Fingia-me distraihido, indifferente.

Outra vez, muito disfarçado, como um covarde, pisando brando, na sombra, encontrei-a novamente, diante do escriptorio insondavel.

Antes da profanação das minhas mãos e dos meus olhos, quiz vê-la, attento, nos seus gestos, nas suas perturbações. Religiosa, extatica, como ante uma apparição, tirou um retarto, apertou-o ao seio, levou-o aos labios, olhou-o demoradamente, commovidamente, adorando-o!

De quem seria aquelle retrato? Um fremito de revolta, um frenesi de raiva agitou todo o meu sér.



Toda a minha alma vibrou de odio. Certo era elle o ardor de uma paixão mais sincera, a loucura, a vertigem dos seus desmaios, o sacrilegio do seu peccado, o dono do seu primeiro olhar, o conquistador feliz do primeiro beijo, o destructor do abraço mais forte! Quem seria esse homem? Deu-lhe todas as fórmulas a minha imaginação tresloucada. A alma dessa mulher bem amada não era pura, por certo. Alli estava a prova, naquella cartão adorado. Outros madrigaes já o seu sonho havia tecido. Outros ardores já havia inflamado a sua carne, o calor de outros beijos já haviam aquecido os seus seios!

Era elle, de certo, o trahidor. E ella o recordava, fazia revivel-o, de momento a momento, sem esquecer-o. Eram por elle as suas lagrimas!

Approximei-me, vingativo; tomei-lhe as mãos impiedosas, colericamente, impetuosamente, como um bruto. Maltratei-a, algozmente. Disse-lhe palavras rudes, envenenadas, incendiadas de odio columniar, avultando o seu desprezo, o seu esquecimento e o meu ciúme!

Apertando-me as mãos, abraçando-me, como quem se agarra á propria existencia, beijando-me num sacrificio de amorosa, abriu o relicario e mostrou-me: era um retrato de criança. E o mais singular, o mais extranho é que, em toda a minha vida, eu nunca tinha visto uma creatura tão parecida commigo!

Só então liquei sabendo o mysterio de sua tristeza, o segredo de seu amor. — diante do retrato de seu filhinho morto!

(Do livro inedito "Fim de primavera").

CONTOS CURTOS

O sonho de Pepin

Por E. C. REQUENA

— Conta, mamãe, conta — disse Pepin, puchando pela saia de sua mãe.

— Ouve então: — ia o nosso homem pela estrada do moinho Branco, com seu velho burrico. De vez em quando agitava a varinha de condão que lhe dera a pastora, e ao chegar ao moinho deu com ella tres pancadas no cano da fonte que começou a jorrar... muita e boa prata de lei! O nosso homem encheu os alforjes, e os bolsos da sua velha jaqueta, que com o peso estiveram a ponto de se rasgar.

— E comprou muitos briquedos?

— Minutos... e tambem muitas coisas lindas para os filhos. A' mulher presenteou com um bello vestido, todo bordado a fio de ouro; e com um rico collar de perolas, a Izabelinha... E, assim, essa honrada gente que fôra pobre como nós, chegou a ter palacios e muitos jardins...

— E, o noivo de Izabelinha, que a tinha deixado, ficou zangado?...

— Succedeu o que sempre succede: quando souberam de suas riquezas, os que os tinham despresado por pobres, foram immediatamente visital-os e levar-lhes presentes... O noivo tambem, como os outros... E, aqui acabou o conto.

— E não deram nada á pastora?

— Nunca mais a puderam encontrar, porque estava muito longe... nos céos: a pastorinha era a Virgem.

* * *

Os paes de Pepin eram tão pobres que moravam numa choupana, no campo, e dormiam no chão, sobre um enxergão de palha. Mas viviam, em meio á natureza, resignados á sua humildade, porque eram sadios e fortes, e de poucos desejos.

Ao cahir da tarde, quando o pae de Pepin vol-

tava de seu rude trabalho, já encontrava na chõca o fogo acceso com a lenha que Pepin apanhara no pinheiral. Noite de lua era aquella em que a mãe contava ao menino a historia da pastora bemfazeja, noite em que a paisagem toda se illuminava de um branco fulgor ou se escondia na sombra de uma nuvem errando na altura...

Nessa noite Pepin teve um sonho. Que sonho mais lindo teve o menino pobre, aquella noite!

Todos os caminhos estavam cheios de prata e resplandeciam como rios socegados á luz dos astros... O menino apanhou alguma, correu a uma tenda e comprou pão, figos, doces, com que encheria os bolsos, e encheria de ventura seus paes... Mas qual não foi sua tristeza ao vêr que o tendeiro recusava receber a prata, como pagamento, e exigia, em seu lugar, a terra, a simples terra que ficara occulta debaixo da prata maravilhosa!

Pepin, acabrunhado, sentou-se á beira de um caminho e poz-se a chorar, dizendo:

— Meu Deus quando eramos pobres, com casa de terra, valia mais a prata; hoje que somos ricos, com casa de prata, vale mais a terra!...

Pepin, no dia seguinte despertou muito triste, e tristemente contou o sonho a sua mãe.

Passaram-se muitos e longos annos. Pepin ficou homem e a vida correspondeu aquelle seu sonho deste modo:

Si queres que a prata valha, adquira-a com teu trabalho, no seio da terra; não trates de descobri-la á superficie... revolve a terra e com ella ganha o teu pão.

E Pepin trabalhou bastante. Não trabalhou apenas com os braços, trabalhou ainda com a intelligencia e com o coração. E de todos esses trabalhos de Pepin, resultou a varinha de condão, que tanto ambicionara naquella remota noite de sua infancia: a felicidade.

EPICURO

Epicuro nasceu em Athenas, 342 ou 341 anos antes de Christo. Pouco depois de seu nascimento seus paes se estabeleceram como colonos na ilha de Samos. Sendo o pedaço de terra de que dispunha insufficiente para a manutenção da familia, o pae abriu uma escola, ao passo que a mãe do futuro philosopho, ia de casa em casa fazer sacrificios e receber formulas de purificação chamando a protecção dos deuses sobre sua clientela. Contam que o pequeno Epicuro acompanhava-a, ajudando-a nestas praticas religiosas. Desde a idade de quatorze annos começou Epicuro a philosophar. Uma passagem de Hesiodo onde o poeta declara que, "no principio era o "cáhos" chamou a attenção do jovem Epicuro para a importancia do acaso. Pedio, a respeito, informações a seu mestre. Este não ponde dal-as e isso constituiu o ponto de partida de suas meditações.

Primeiro foi mestre escola, em Mitilene, passando depois á Asia Menor, sobre o Helesponto. As obras de Democrito, que leu, vieram arraigal-o mais a suas opiniões. Quasi ao fim do século IV estabeleceu-se definitivamente em Athenas, onde viveu retirado, ensinando sua doutrina, até a época de sua morte que deu-se em 270.

Talvez não tenha havido homem de combate que haja levantado em torno a seu nome tantas discussões apaixonadas como este modesto pensador. Mais feliz ou mais habil que Anaxágoras e que Socrates não foi desterrado como o primeiro nem condemnado á morte como o segundo. Segundo mormurações de alguns estoicos que se acham consignadas na vida do philosopho escripta por Diogenes de Laertes, foi Epicuro um plagiario, um libertino e um adulator dos poderosos.

Ao passo que despertava estes odios entre seus adversarios, seus amigos e discipulos veneravam-no como um sabio; podese affirmar,

sem exaggeração, que estes ultimos consideravam-no como a um deus. Lucrecio, não faz mais que exprimir o sentimento geral dos discipulos e amigos do philosopho quando exclama:

— "Esse foi um deus, sim, um deus, creador dessa regra de vida que hoje chamamos Sabedoria e que, em virtude de seus preceitos conseguiu arrancar o genero humano de um mundo de trevas para collocal-o em um abrigo tão tranquillo, sob uma luz tão pura!"

Epicuro teve innumerados discipulos; Diogenes diz que "escassamente podiam contel-se as cidades". Esses discipulos transmittiram-se junto ás doutrinas, o culto da memoria do mestre durante mais de 700 annos depois de Christo.

Mas, foi Epicuro, como accusaram-no, um plagiario? Certamente que de Democrito tomou sua physica; mas as outras tres partes de sua philosophia pertencem-lhe, seu modo de escrever parece justificar a pretensão que teve de ter-se educado a si mesmo.

Teria sido um dissipado e um libertino o homem que dizia:

— Sou mais feliz que meu amigo Metrodoro; para viver basta-me bem meio obulo, ao passo que elle precisa de um obulo inteiro. Bebia só agua, e comia pão escuro; é verdade que certa vez, escrevendo a um amigo, dizia:

— Manda-me um pouco de queijo para que eu possa, si tiver vontade, dar-me o luxo de um banquete.

Teria sido um adulator dos poderosos um homem que, vivendo afastado do mundo, em companhia de alguns poucos amigos, nunca quiz acceptar um cargo publico? A vida rustica aprazia-lhe por sua simplicidade. Em Athenas foi um dos primeiros que possuio um jardim, de muros a dentro. Só sahio d'elle, duas ou tres vezes em toda a vida.

Quem quiser adquirir livros a pequenas prestações mensaes, recebendo-os a deanteadamente deve archer o "coupon" anexo e remettel-o a



MONTEIRO LOBATO & CIA.
Rua Victoria n. 47 — Caixa, 2-B — S. PAULO

(Precisamos de agentes para este negocio).

Nome

Endereço

E. S. P.

Em que consiste a felicidade?



Eis aqui uma pergunta difficil de responder. Desde que o mundo é mundo, o homem vem procurando, através de uma lucta constante e renhida, encontrar a solução, — ou pelo menos uma apparencia de solução, satisfactoria, — a este grande, para não dizer unico, problema humano.

No entanto, si bem considerarmos, nada mais inconsistente e fugaz que essa chimera.

Porque, a verdade é que a respeito da felicidade, como a respeito de centenas de outras coisas, as opiniões divergem e contrariam-se.

Para uns, ser feliz consiste na posse das riquezas; para outros, no prestigio do mando; para outros, ainda, no resplendor da gloria e na apothose da fama. No entanto, uma vez satisfeita a ambição, attingido o renome, conquistada a opulencia, o homeni, consigo mesmo, nas horas de sinceridade introspectiva, confessa amargamente que... ainda não é feliz!

No entanto, si a felicidade absoluta não existe, pelo razoavel motivo de que toda a felicidade, como diz o poeta, "está sempre onde a vemos e nunca onde a tocamos" ha venturas, que não podemos negar, como a paz do espirito, a tranquillidade da consciencia, a saude, etc.

Quanto á saude, por exemplo, ninguém em boa fé poderá negar que entre as venturas terrenas é ella a ventura, por excellencia. Mesmo porque toda e qualquer condição humana é nada e desaparece sem a condição fundamental da saude. Ora, para a obtenção da saude e sua conservação existem numerosos e varios methodos, uns racionais e uteis do ponto de vista da sciencia, outros exagerados e de resultados nulos.

Um dos bons processos é o fortalecermos a natureza, fornecendo-lhe elementos de defesa e proporcionando-lhe meios seguros de reacção.

A tonificação do organismo é uma das medidas mais indicadas e que melhores resultados tem dado na pratica.

Mas surge, aqui, a questão da escolha.

Ha, no mercado tantos preparados! O reclamo é tão grande e feito por tão multiplas formas, que a difficuldade de escolher um optimo e excellento tonico cresce de ponto. No entanto, existe um tonico, que por suas propriedades medicinaes e valores reconstituintes, pelo prestigio que gosa seu inventor, o pharmaceutico sr, Francisco Giffoni, uma das glorias da sua classe no Brasil; pela sua admiravel composição onde entram os phosphatos biologicos, etc., deve ser adoptado por todas as pessoas, que soffram de anemia, de neurasthenia, de fraqueza geral, assim como pelos convalescentes, parturientes, arthriticos, etc. Este maravilhoso e sem rival tonico é o afamado VINHO BIOGENICO, o maior e mais seguro factor da saude e portanto da Felicidade.

A VINGANÇA DO MORTO

CONTO

Macambuzio, scismarento, o olhar perdido no vago, esse vago escuro onde bailavam scenas já esfumadas pelo tempo, o cabôclo, chapéu batido na testa, camisa grossa em frangalhos, recostava-se indolente num velho tronco erguido na estrada erma, onde as immensas frondes que a ladeavam era como sentinellas immoveis, batidas pelo luar fulgente que dava toques magicos á herva rasteira.

Apenas o pio dorido de alguma ave nocturna quebrava, de quando em vez, a monotonia suave e magestosa daquella solidão profunda.

Pela imaginação do solitário viandante toda uma serie de quadros passados, palpitanes e nunca esquecidos, surgia, cheia de horror...

Cousas que a morte apagara, mas que viviam em seu espirito no grande desconso da Dôr, do arrependimento, vieram penosamente amargural-o, n'uma recordação pungente...

No silencio, um môcho soltou um pio estridente e a lua pallida e languida occultou-se na sombra de uma nuvem densa. O cabôclo sentiu um arrepio...

Endireitando o corpo, mergulhou o olhar por entre a escuridão. Quiz retroceder e, tremulo, hesitante, quedou no meio da estrada serpenteante...

Quantos annos já, não passara por ali! Conhecia, sem duvida, bem, o caminho, mas lembrou-se tambem que, logo adiante na primeira encruzilhada, deveria encontrar uma cruz tósca, fincada á beira da estrada, como testemunha e prova dessas frequentes e horriveis scenas, tantas vezes mysteriosas, dos sertões brasileiros!...

O luar surgia de novo, claro e doce, a derramar-se prodigo, como prata fulgurante...

O caminhante apurou o corpo... Nunca tivera medo em sua vida. Por que, então, retroceder? Num arranco brusco deu um passo. A coragem voltara, e, pesadamente, poz-se a caminhar, pensativo e amargurado...

Como uma visão infernal e arrebatadora revia em espirito a trefega e perigosa cabôcla que lhe roubara um dia o coração e a alma, levando-o ao crime — moça e bella, tentadora e volúvel, mas irresistivel na graça brejeira de uns olhos negros e fascinantes, no encanto de sua adolescencia fresca e agreste.

O seu amor rude e sincero, egoista e humilde, para com aquella creatura, accordou-lhe lembranças angustiosas.

ENXOVAL ELEGANTE

M.^{ME} ELZA — H. VALLIM & C.

Especialidade em: Enxovoes para noiva, collegias e recém-nascidos. — Vestidos e roupas brancas finas para senhoras e crianças. — Finas guarnições para — cama e mesa. — Bordados a mão e a machina —

ARTIGOS FINISSIMOS E PREÇOS RAZOAVEIS
VISITEM NOSSA CASA PARA VERIFICAREM
NOSSOS ARTIGOS E PREÇOS

— Aceitam-se quaisquer encomendas —

A casa preferida pela elite paulistana
R. Libero Badaró, 93 e 95 — Tel. Central, 3620
SAO PAULO

(N. B.) — As encomendas do interior podem ser feitas directamente á casa, ou por intermédio da "Secção de Compras e Remessas" da "Revista Feminina".

Fôra feliz, comtudo, entrevendo a paz doce do lar honesto, preso aos carinhos suaves da companheira apaixonada, até que um dia o "outro" surgira...

Vigoroso e bello, cheio de garbo num samba e turuna no violão, a cantar endeixas amorosissimas em requebros molles, conquistou sem custo o amor da bella sertaneja...

Lembrou-se então do seu ciume feroz, doentio e vingativo, as noites agitadas de demente, á espreita do rival, atraz de um tóco...

As esperas infructíferas, raivosas, definhavam-n'o, na ancia na vingança insatisfeita...

Afinal, um dia, pelo cair da noite, avistou o rival que seguia sosinho em direcção do arraial,

UTEROGENOL

E' MARAVILHOSO

NAS MOLESTIAS DE SENHORAS!

LICENÇA SAUDE PUBLICA N.º 990 DE 11-8-1919

e celere, galgando montes, a encurtar caminho, foi esperal-o numa encruzilhada.

Pela estrada batida de mar, elle vinha chibante, despreoccupado, com certeza ansioso por vêr a nanorada, certo do seu affecto e de suas caricias.

Ao avistar, só e sem defeza, o roubador de sua unica felicidade, tivera comtudo um assomo nobre de piedade. Sentira impetos de saltar na estrada gritando-lhe que se puzesse em guarda, para uma lucha leal, de morte...

Mas, num relance comparou a gigantesca corpulencia do adversario com a sua fragilidade doentia, mais minguada ainda pelas torturas moraes: sentiu-se vencido de antemão, morto, eraquanto a amada ficaria no mundo.

Acovardou-se e, cheio de rancor, louco de ciu-me, alçou a carabina e quando o outro passava a poucos passos desfechou-lhe certo tiro.

Sem um gemido, o misero rolou examine, braços em cruz...

Fôra esse o seu crime!... Errante, andara depois por esse mundo de Deus, apavorado com a prisão, até que voltara attrahido pelo antigo amor, obsedado pela paixão escravizante e a saudade que o torturava noite e dia.

Depois de tantos annos a scena atroz, com o unico testemunho do ceu, trouxera-lha um calafrio de terror, em meio daquelle silencio lagubre.

De novo parou a prescrutar o caminho, mas como uma visão fatídica, na sua frente alçon-se uma cruz, adornada com um galho de flôres secas. Fora ali que tombara a sua victima e ali mesmo fôra sepultada! O cabôelo arregalou os olhos no horror da tetrica apparição. Seus joelhos dobraram-se e tremulo, automaticamente, descobriu-se ante o repouso derradeiro do rival.

Por ali ficou longo tempo, immovel, sentindo-se pregado ao solo, impotente para dar um passo...

Moveu apenas os olhos, parados no transe do pavor, e dirigiu-os lentamente em torno da cruz fatal! Foi tão só, então, que divisou junto della, outra pequenina, coberta de flôres requesidas...

A curiosidade soffrega e incontida fel-o abaxar-se, collando quasi o rosto no pau tosco que suas mãos afflictas despojaram das flôres murchas...

Teve um instante de duvida, de esperança, mas logo um grito rouco escapou-lhe do peito! A cruz que se erguia junto daquelle onde repousava o assassinado continha apenas um nome — Martha — e uma data que era a do dia seguinte ao crime.

Ella tambem morrera, pois! Fugira á vida por não poder esquecer o "outro", o odiado rival...

Agora, reconstituia a scena tragica que sempre ignorara, e todos os pormenores dansavam-lhe ante os olhos, numa evidencia tetrica...

Via a linda sertaneja louca de dôr, abraçada ao cadaver, logo após a descoberta do crime... Via-a chorar, amaldiçoal-o, e depois num gesto derradeiro libertar-se da vida para unir-se ao amado!...

Sonho ou visão, pareceu-lhe distinguir no lugar da cruz arrancada o vulto soberbo do "outro", a desafial-o, a amaldiçoal-o, por vir turbar o seu ultimo somno, e, movido por uma força sobrenatural, poz-se a correr desabaladamente pela estrada afôra, sem rumo, ás cegas, numa fuga fantastica de perseguido...

* *

No dia seguinte alguns viandantes encontraram pouco adiante o seu corpo esphacelado, junto a um despenhadeiro de onde rolára, na sua carreira inconsciente de allucinado, e hoje, como um desconhecido, repousa junto de suas victimas, por uma ironia do acaso e ignorancia dos que o sepultaram, sem o reconhecer...

ISABELLE B. MARTIN DE MELLO
(Arlly d'Aron)
Muriahé, 3—11—923.

"TRANQUILLIDADE"

COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES E MARITIMOS

Fundada em 1909

Deposito de Garantia no Gov. Federal 400:000\$000

DIRECTORIA:

Director-Presidente, Belmiro Ribeiro de Moraes e Silva — Director-Thesoureiro, Flavio Silveira — Director-Gerente, Ernesto T. de Carvalho Filho.

SE'DE EM S. PAULO

Telephone Central 1898 — Caixa Postal, 699

Endereço telegraphico "Tranquillo"

RUA JOSE' BONIFACIO, N. 11-A - (sob.)

Rapidas liquidações de sinistros

GRANDE SORTIMENTO DE RENDAS

de linho, filet, crivo, seda, guipure, filó, imitações de linho, imitações de filet, valenciennes, etc. etc.

UNICA NO GENERO

72 - RUA DA LIBERDADE - 72

S. PAULO





PRESENTES

DE

NATAL!



**Importamos interessantes novidades
especialmente para este fim de anno!**

MAPPIN STORES

Um artistico volume que não deve faltar na estante
de uma senhora de bom gosto

Rica e artisticamente encadernado, este volume da "Revista Feminina", onde se contem todos os numeros do nosso orgão, publicados durante um anno, não deve, absolutamente, faltar na estante de todas as pessoas de fino gosto, de todas as donas de casa, de todos amadores do livro.

A leitora encontrará nelle, toda a materia por nós publicada durante um anno. Temos, assim, todas as modas, os figurinos, os modelos que durante esse lapso de tempo o espirito creador dos grandes costureiros, lançou; ali está, illustrada por bellos e nitidos clichés, toda a grande collecção dos nossos contos, maravilhosos de estudo e de forma, pois são devidos á penna dos melhores cultores desse tão difficil quo interessante genero. E o que diremos de trabalhos femininos, como bordados, rendas, roupas brancas, etc.?

Neste rico volume tem a dona de casa uma fonte inexaurível de ensinamentos, de conselhos, de receitas, de modelos, de que poderá lançar mão para todas as necessidades de seu lar.

Receitas de cosinha; preparação de menús variados; lições praticas e demonstrativas sobre o arranjo de sua casa, sobre a disposição e ornamentação dos aposentos; verdadeiras preleções sobre a confecção de trabalhos femininos, acompanhadas por centenas de clichés reproduzindo as mais variadas especies de rendas, de bordados, de tecidos, de toalhas, de guardanapos, de tudo emfim que interessa uma verdadeira e boa dona de casa.

A senhora elegante, encontrará neste volume os figurinos e os modelos que, como já dissemos no principio, fizeram successo nos grandes centros de elegancia do mun-

do; a mãe, conselhos praticos e illustrados sobre a educação, a hygiene e o bem estar de seus filhos; a esposa, todos os elementos necessarios para a perfeita organização de um lar moderno, confortavel e attraente, optimas receitas sobre questões de mesa e de indumentaria; a moça, ensinamentos experimentados sobre toda a especie de trabalhos e misteres proprios de seu sexo e idade, como sejam labores em seda; bordados em branco e a cores, rendas diversas, trabalhos sobre lacca, pyrogramia, estanho repoussé, etc.

Rica e luxuosamente encadernado, tanto se presta este nosso volume, a figurar numa estante de bom gosto, como pôde constituir um bellissimo e raro presente.

Temos á venda, em nossa redacção e podemos remetter immediatamente pelo correio, ás pessoas que nos pedirem, os volumes correspondentes aos annos de 1920, 1921 e 1922.

O volume, ricamente encadernado e em grande formato custa apenas 25\$000, o que quer dizer que, pela relativa insignificancia dessa quantia, toda a pessoa pôde ter em casa uma util e magnifica obra, digna de figurar numa bibliotheca ou de servir para um presente de anniversario, etc.

Os pedidos devem ser dirigidos á nossa redacção, — Rua Conselheiro Chrispiniano, n. 1, S. Paulo — sobrado — acompanhados da respectiva importancia em carta registrada, com valor declarado, vale postal ou cheque.

Immediatamente ao recebimento da ordem faremos a remessa do volume, (ou volumes), perfeitamente acondicionado, de forma a chegar intacto ao seu destino.

CASA GRUMBACH

----- **JOIAS** -----

A MAIS ANTIGA DE S. PAULO -- Fundada em 1879

Relogios AUREA e ROSKOFF PATENT

JOIAS - BRILHANTES - PEROLAS - PEDRAS PRECIOSAS.

PRATARIA - METAES - BRONZES

ATACADO E A VAREJO

ARON IRMÃOS & CIA.

46 — RUA 15 DE NOVEMBRO — 46

Caixa postal 69

S. PAULO

Tel. Central 1738

CREIA!



A necessidade de obedecer a essa voz mysteriosa que grita dentro de nós: Creia! é a mais forte mola que impelle o homem. Desde o artista que trabalha o marmore, até o lavrador que cultiva o solo, cada qual deseja crear alguma coisa, dar vida a alguma coisa, tirar alguma coisa do nada; e a esse esforço colectivo deve-se a belleza, o conforto, a civilização.

Mas, no meio da luta, assaltamos um insidioso inimigo que destroe todas as energias: — a dor physica.

Por felicidade a sciencia moderna que “creia” sem cessar para o bem da humanidade, encontrou o remedio por excellencia: a CAFIASPIRINA.

Cedem á sua rapida acção as dores de cabeça, garganta e ouvido, as nevralgias, os resfriados, etc.

E, além disso, o unico analgesico que offerece a enorme vantagem de libertar o organismo do abatimento resultante das dores muito fortes, dos excessos de trabalho intellectual e do abuzo de bebidas alcoolicas. Os medicos preferem hoje a CAFIASPIRINA não sómente pela sua extrema efficacia como pelo facto de não affectar o coração.

Vende-se em tubos de 20 comprimidos e em Enveloppes de uma dose, um e outros identificados pela Cruz Bayer.

C 52 Bz. Size I



BIBLIOTHECA DA REVISTA FEMININA

Em toda a estante de uma senhora culta e de bom gosto, nunca deve faltar certas obras instructivas, moraes e de alto valor artistico, como são as que temos á venda em nossa redacção e que abaixo enumeramos.

Todas ellas, sem excepção, podem ser lidas por senhoras e moças, pois o criterio com que foram escolhidas obedece á mais rigida moral, á mais escrupulosa e racional selecção.

ESCRAVA OU RAINHA, lindo romance publicado nas paginas desta revista e que alcançou um exito verdadeiramente extraordinario. Livro edificante pela sua alta concepção moral, reúne a esta qualidade um sensacional enredo que prende o interesse do leitor do principio ao fim.

Um grosso volume nitidamente impresso, 4\$000.

A DOR DE AMAR. Um dos mais empolgantes romances da vida contemporanea. É uma narrativa de amor, cheia de episodios commovedores. Profundo estudo psychologico, sente-se através de suas paginas impressionantes, a intensa sensibilidade das almas a que o destino aquinhoa com a "dor de amar".

Preço do volume, 4\$000.

COLLECÇÕES ENCADERNADAS DA "REVISTA FEMININA" referente aos annos de 1918, 1920 e 1921.

As pessoas que não colleccionaram os numeros da nossa revista referentes aos annos acima, e aquellas que tenham interesse em conhece-los devem adquirir estas magnificas collecções que formam grossos e bellos volumes encadernados em percaline em varias cores e com dizes e letras douradas. Todas estas lindas e utilissimas collecções representam um bello e delicado presente de anniversario, além de ser completos e esplendidos repositórios de tudo o que interessa não só a uma boa dona de casa, como toda a senhora de fino gosto e esmerada cultura.

Preço, 2\$8000 cada collecção.

NOVA SEIVA. O melhor livro de contos para creanças, escritos em linguagem simples e fluente, de absoluta moralidade e altamente interessantes, são estes contos de NOVA SEIVA a expressão do que melhor temos no genero. Edição luxuosa, propria para premios escolares e para presentes, 6\$000.

A ESPOSA DO SOL, romance de Gastão Leroux, traduzido pela nossa distincta patricia Nicola Sampaio. Graças ao seu primoroso estylo e enredo interessantissimo, este bello romance vem alcançando um ruidozoso successo.

A traducção, rigorosamente estylizada é simplesmente impecavel, pondo em evidencia os meritos da nossa intelligente patricia.

Preço, incluindo o registro do correio, 6\$000.

FLORES DE SOMBRA, bellissima comedia em tres actos, de Claudio de Souza, o festejado comediographo nacional. É uma das modernas peças de nosso theatro, que maior successo alcançou.

Um lindo volume, nitidamente impresso em papel glacé com bellas illustrações e capa em trichromia, 3\$500.

EU ARRANJO TUDO, outra esplendida comedia de Claudio de Souza, um dos maiores successos do theatro brasileiro, no genero brilhante.

Um bello volume, impresso em optimo papel, 3\$500.

AVENTURAS DE UMA ABELHA, livro magnifico de Waldemar Bourel, que alcançou na Allemanha cerca de 400 edições. Obra de grande valor moral e altamente instructiva. Um volume luxuosamente encadernado, 4\$000.

A FILHA DO DIRECTOR DO CIRCO. Um dos mais interessantes romances da grande escriptora alle-

mã, baroneza Ferdinand von Brackel. A sua leitura empolga de principio ao fim. Traducção portugueza primorosa. Um grosso volume de cerca de 800 paginas, nitidamente impresso, proprio para presentes, 7\$000.

O LAR, magnifico romance de Paulo Keller, autor dos mais conhecidos e estimados na Allemanha. A traducção portugueza de Justino Mendes é perfeita.

Um volume luxuosamente encadernado, pelo correio, incluindo o registro, 4\$000.

O TERROR DO REI, admiravel romance da baroneza Von Krau (Anna). É uma das mais empolgantes obras no genero. A acção de intensa dramaticidade passa-se na época de Herodes, o terrivel e sanguinario tetrarcha da Gallicia. Perfeitamente moral, pôde ser lido por qualquer senhora. Um elegante volume, ricamente encadernado, pelo correio, registrado, 6\$000.

A CASA ASSOMBRADA, magnifico trabalho do notavel jesuita P. Francisco Finn S. J. que tem alcançado o mais ruidoso successo, graças a clareza de seu estylo e ao impressionante de seus episodios.

Um lindo e rico volume, pelo correio, com registro, 6\$000.

JOSEPHINA, lindo romance de Franz von Seebur. São bels paginas, de mais escrupulosa moral, suggestiva e profundamente pensadas. Uma perfeita traducção portugueza põe em evidencia os meritos desta obra conhecida em nossa literatura sob o titulo de o "Lyrio do Valle".

Um artistico volume, luxuosamente encadernado, incluindo o registro, 6\$500.

NE-MESIS. Esplendido romance de L. Haidin. Neste romance o autor nos apresenta os deslumbramentos de Monte Carlo, o famoso casino que tantos crimes e desastros tem causado, ao lado de um pequeno caso de amor muito bem estudado.

Preço, pelo correio, 6\$000.

GUERRA! Romance de Frei Pedro Sinziz, ode o autor ao lado de episodios commovedores, observado com justeza, traça com segurança numerosas scenas desse grande drama que foi a guerra européa.

Um esplendido volume, ricamente encadernado, 7\$000; em brochura, 5\$500.

O FILHO DE AGAR, romance de Paulo Keller, o fecundo escriptor que tão bem conhece a psychologia infantil e a vida das classes menos protegidas da fortuna.

Um bello e elegante volume encadernado, 4\$000; brochura, 3\$000.

JOANNA EYRE, maravilhosa obra devida á pena brilhante de Charlotte Brontë, (Currel Bell). A illustre escriptora ingleza baseou esta sua magnifica obra em principios instructivos e domesticos.

Um volume rico e luxuosamente encadernado, com mais de 600 paginas, 7\$000; brochura, 6\$000.

QUARTO LIVRO DE LEITURA, obra didactica de grande merecimento, adaptada em numerosos estabelecimentos de ensino. É um livro que se recomenda a todos os professores, pela clareza de sua exposição e perfeito methodo evolutivo das materias.

Um volume encadernado, 3\$500.

UM RAMALHETE A' VIRGEM, livro de versos do padre Alberto Sabino de Cruz, publicado por occasião do centenário da nossa Independencia.

É uma magnifica collecção de poesias que evidencia os altos meritos do autor.

Um volume de quasi 200 paginas, nitidamente impresso em optimo papel, 6\$000.

ECONOMIA DOMESTICA

Os esforços dedicados pela sciencia moderna ao aperfeiçoamento da alimentação, baseiam-se em investigações iniciadas ha 80 annos atraz, quando pouca attenção se prestava ainda a este importante problema. Nessa época era opinião generalizada a de que os alimentos não constituem base mechanica do organismo humano: suppunha-se que uma mysteriosa "força vital" animava o corpo e movia os musculos; que a natureza subministrava a todo recém-nascido a energia sufficiente para toda a vida, e cada impulso de acção tomava sua necessaria força dessa reserva original; isto é, que toda a creatura era como uma bateria de acumuladores carregada para toda a vida, ou como um relógio com corda para oitenta annos: faltava á sciencia descobrir quem dava a corda ao relógio e onde estava localisada, em nosso corpo, a mysteriosa célula primordial.

Não se acreditava, então, que o fim da alimentação era manter o corpo na devida temperatura, e houve até quem sustentasse que o calor daquelle era apenas o producto da effervescencia do sangue e dos humores, a causa do desprendimento de uma materia ignea, ou "espirito do sangue" e da fricção deste contra a


parede dos vasos sanguineos, e dos globulos uns contra os outros.

Seja como for, o que é certo é que ha oitenta annos atraz a ninguem occorreu o que hoje constitue a principal função de todos os alimentos solidos que tomamos; isto é, o caracter de combustiveis que elles tem na machina humana.

Desde as primitivas épocas a humanidade sabe que os famintos vão num crescendo de innanição até o phenomeno ultimo da morte. O porque, porém, disto, constituiu sempre uma parte do escuro mysterio da existencia. No entanto, generalizou-se a idéa de que "a maioria das cousas, deixadas a si mesmas vão em decadencia declarada até que morrem ou desaparecem". Isto, obviamente, representa uma verdade em relação ao corpo animal quando delle se aparta a chamma animadora; disto se deduz que essa mesma decadencia está intimamente ligada á vida e que o pão e a carne, por exemplo, tem por unico objectivo a restauração dos gastos dos tecidos.

Vejamos um exemplo pratico para esclarecer esta affirmação:

Si deixarmos um automovel exposto durante muito tempo ás intemperies, é natural que elle



Em todos os tempos a mulher amou as perolas. Ella as amou pela sua distincção, pela suave luminosidade e pelo doce encanto que evoca o mysterioso Oriente. Um collar das nossas

DJEVA

é o mais elegante complemento da toilette feminina.

Estas perolas de que somos unicos depositarios no Brasil, são obtidas scientificamente e são inalteraveis á acção da agua, sabão, alcool e outros acidos.

Seu aspecto e seu peso dão a perfeita illusão das legitimas perolas do Oriente.

Pedimos ás Distinctas Leitoras da **Revista Feminina** a gentileza de visitar-nos ou escrever-nos, pedindo informações.

ARSENIAN IRMÃOS

Joalheria Fina:

S. PAULO

34, Rua Barão Itapetininga, 34
Telephone Cidade, 6940

ao fim se converta em um monte de ferro velho e de couros imprestáveis; nesse estado, carregamol-o de gasolina, na esperança de reparar os damnos. A gasolina, porém, de nada servirá. Ora não era precisamente assim que pensavam os physiologos de ha um seculo, a respeito do automovel vivo que é o nosso organismo.

*
*
*

Do exposto se deduz que toda a boa dona de casa, deve aproveitar os esforços da ciencia moderna neste magno problema da alimentação, partindo do principio de que "não vivemos para comer, mas sim, comemos para viver". Podemos dividir os alimentos em duas grandes especies: os que entram na composição do sangue, e os que entram na composição da carne, sendo que estes ultimos servem ainda para reparar os tecidos que se gastam pelo trabalho que realisam, ao passo que aquelles attendem, apenas, á temperatura do organismo. "Elementos de nutrição e elementos de respiração" foram elles chamados pelo barão von Liebig.

A carne tem sido considerada, em todas as épocas, como um dos alimentos melhores e mais productivos de energias. Houve raças que apenas consumiam carne.

No emtanto existiram outras raças, não me-

nos fortes e activas em cuja alimentação os cereaes e os legumes entravam como elemento basico e primordial.

Temos a este respeito o exemplo eloquente dessas fortes e resistentes legiões romanas, verdadeiras massas de luctadores indomitos, que alimentavam-se exclusivamente de cereaes e flocos; os proprios gladiadores, em meio á opulencia do Imperio, eram chamados *hardarii*, isto é, "comedores de cevada". Os atletas gregos que alcançaram um grau de perfeição physica incomparavel, alimentavam-se, apenas, de cevada, figos e azeite; na India, os homens-correios, que marchavam diariamente setenta ou oitenta kilometros, tinham por unica alimentação o arroz. Os famosos carregadores da Asia Menor, alguns dos quaes chegam a carregar a quarta parte de uma tonelada, aos hombros, só vivem de fructas seccas e pão.

Estes exemplos, naturalmente, não querem dizer que devemos por de parte tudo o que não fór fructas, legumes ou cereaes, na nossa alimentação, mas sim, que em todo o lar domestico, para preencher completamente os seus fins, é necessario que todo menú, não se reduza a este ou aquelle genero de alimentação, obedecendo, pelo contrario, sua preparação, a um criterio de organização variada, e principalmente adequada á especie de trabalho dos membros da familia.



MOVEIS FINOS
DECORAÇÕES
TAPETES

Praça da Republica n. 4
Teleph. Cidade, 6313
S. PAULO

Comprar moveis é uma acção deliçada que
ninguem deve fazer sem primeiro visitar

A "MOBILIA"

4 - Praça da Republica - 4

APPARELHOS E ARTIGOS
PARA PHOTOGRAPHIA

Revelação de chapões e films.
Impressão. Laboratorios para ama-
dores. Consulte nossos preços.

LUTZ, FERRANDO & CIA. L^{TA}
GONÇALVES DIAS 40
RIO DE JANEIRO.



Os grandes problemas da familia

A PUERICULTURA

Para se obter resultados praticos na hygiene infantil, é preciso dividil-a em tres importantes partes: a limpeza, o repouso e o exercicio.

A limpeza não significa, apenas, os banhos diarios, a mudança de roupas etc.; implica, ainda, um tratamento serio da pelle, e a hygiene interna.

Ha, além disto a questão da habitação onde a creança é obrigada a passar a maior parte do tempo durante seu primeiro anno. Si fosse possível organizar para a creança um aposento proprio, só para ella, os beneficios seriam innumerados. Os gastos para a montagem de um aposento nestas condições não são demasiados, e os resultados certo, compensam bem esse pequeno sacrificio que os paes façam por seu pequenino filho.

O ponto mais essencial, em se tratando de uma "nursery" como a chamam os inglezes, é que esta seja bem ventilada, e, sendo possível, localizada na parte da habitação mais banhada pelo sol.

As paredes devem ser pintadas ou empapeladas, ao passo que o soalho é conveniente conservar-o sem tapetes.

Não ha inconveniente em ter cortinas na pequenina alcova sempre que sejam de genero lavavel e nunca de tapeçaria que accumule a poeira e os germens. Caso, em certos mezes do anno seja necessario aquecer o aposento não se deve nunca empregar aquecedores a petroleo ou a gaz, a menos que uma circumstancia excepcional a isso obrigue; em todo caso nunca se deve deixar acceso o aquecedor durante a noite, pois sua chamma consumirá grande parte do oxygenio tão necessario á creança.

Emquanto a creança estiver acordada mantenha-se, nas noites de frio, uma temperatura que varie entre 18 e 20 grãos centigrados. Durante o somno da creança a temperatura não deve ir além de 18 grãos, isto até os dois mezes de idade; passados estes, poderá reduzir-se a temperatura, gradualmente, até 12 grãos.

Para este fim deve-se sempre ter no aposento das creanças um bom thermometro.

A habitação deve ser arejada bem, e varias vezes durante o dia, quaesquer que sejam as condições atmosfericas.

Quando a creança começa a "engatinhar" como se diz vulgarmente, pode-se deixal-a brincar no chão, sempre que não se exponha a uma corrente de ar; si a temperatura o permittir, e tratando-se do ar livre, não é má idéa espalhar no lugar onde a creança brinque um pouco de areia fina e bem secca.

Todos os moveis e objectos do aposento de uma creança, devem ser lavaveis, inclusos os

brinquedos, que poderão ser de madeira, marfim, celuloide, borracha, etc., e nunca recobertos de pelle, lã ou outro qualquer cabedal onde a poeira facilmente se accumule.

A epiderme da creança deve ser mantida num perfeito estado de limpeza, os poros abertos por meio dos banhos diarios a que já nos referimos.

Quando não houver inconveniente, durante o somno da creança é bom manter as janellas abertas. Depois dos dois mezes de idade, a creança poderá dormir uma pequena sesta, ao ar livre, sempre que se tome em consideração a temperatura atmospherica, e em perfeitas condições de segurança.

O estomago e intestino das pequenas creaturas devem merecer especial cuidado. A constipação embaraça o organismo e o envenena. Depois dos dois mezes, pode-se começar a dar á creança um pouco de agua morna, — duas colherinhas de cada vez — ac principio por um "biberon" depois por uma pequena taça. A temperatura da agua pôde ser reduzida gradualmente, até que a creança se habitue a tomal-a fria. Em caso nenhum, porem, deve-se dar ás creanças agua gelada. Toda a agua que se forneça á creança deve ser fervida ou esterilizada e deixada esfriar numa vazilha bem coberta.

E' importantissimo habituar as creanças a beber agua á vontade.

Muitos medicos notaram a especie de aversão que tem pela agua as creancinhas. No emtanto a agua é para elles um importantissimo factor de saúde.

Durante o primeiro mez de idade, a creança só deve ser tirada do berço, para se alimentar, tomar banho e mudar de roupinha; si não dormir é porque qualquer dôr não lh'o permite; neste caso faz-se mister investigar a causa dessa dôr para poder eliminal-a immediatamente.

Na mulher uma cousa - A belleza

E' sabido e nós já o dissemos que Lucia, da comedia franceza, evoluiu no palco pela sua belleza epidermica. Olga Salam, dansarina, da mesma maneira chegou ao auge da Gloria e a popularissima Pola Negri, não só pela sua especial maneira de representar, mas pela sua belleza se tornou o idolo da scena muda.

E assim apreciamos que a todo momento em se falando da mulher resalta logo a imagem de uma Venus em belleza! Sem duvida, é este predicado a arma com que toda mulher desfere o golpe de victoria sobre o homem. Curioso é dizer, e o fazemos a bem das leitoras, que tanto Lucia como Olga e Pola Negri adquiriram a belleza usando o crême de cera purificado da Soc. Frank Lloyd.



HOLMBERG, BECH & Ca. Ltda.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

RUA LIBERO BADARO n.º 169 ---- S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockolm, Hamburg, New York e Londres

PAPEL,

MATERIAES

PARA

CONSTRUCÇÃO,

AÇO,

FERRO

PARA

CONSTRUCÇÃO,

FERRO GUZA

CIMENTO

“BANDEIRA

SUECA”.

A influencia sentimental das mães

A todos os pensadores, a todos os que desejam o melhoramento das raças e o bem da humanidade preocupa um grave problema: a educação da mulher. Desejariam encontrar o systema que melhor se adapte a sua delicadeza physica, sensibilidade innata e desempenho de sua missão na vida.

O estado e a civilização moderna abrem-lhe, hoje em dia, um vastissimo campo onde podem empregar sua intelligencia, sua imaginação viva, sua ardente vontade, porém essas carreiras ou profissões até aqui exercidas pelo homem, profissões que a fascinam e encantam acham-se muitas vezes em aberta contradição com a missão primordial, que a natureza lhes confiou.

Para se evitar esse escolho é necessario tacto, experiencia e bom senso. Requer-se uma subtil penetração pedagogica para saber aproveitar o ardor dessas intelligencias, avidas de sciencia, encaminhando-as por uma estrada propria a seu sexo, e ás faculdades inherentes a elle, não deixando que a ancia de conhecimentos matem-lhes a graça, a ternura e a modestia que são seus mais bellos apagaos.

O homem, enfim, deve ter na mulher uma companheira digna, instruida sem vaidade, consciante de seus deveres, sempre prompta a derramar em volta de si o fructo de seu estudo e cultura.

O mundo progride e a civilização se diffunde rapidamente por toda a parte. E' preciso, portanto, educar a mulher, mas educal-a fazendo-lhe comprehender a grandeza do matrimonio e seus nobilissimos fins, e não inculcando-lhe no animo que esse acto grave da vida representa um negocio que lhe dará posição e nome na sociedade e nada mais.

Bem sabemos que Deus creou o homem e a mulher, para que ambos, completando-se, realizem uma das necessidades da vida: a perpetuação da especie humana. Mas tambem não devemos esquecer que além disso, toda a creatura tem outra missão sobre a terra: a de contribuir para a victoria do bem e da justiça, o que é o mesmo que trabalhar para a felicidade do mundo.

A missão da mulher, além do matrimonio, é grande e nobre como a do homem. Assim, si nem todas estão destinadas á gloria da maternidade, todas podem contribuir para a conservação e melhoramento da especie, já soccorrendo os infelizes, já velando pela infancia desvalida, já enfim, guiando e educando os pequenos seres que lhes são confiados, formando-lhes o caracter e illuminando-lhes o coração.

Porque toda a mulher quando não tem filhos tem irmãos, parentes, etc., a quem pôde prodigalizar os recursos da innata ternura e os cabedaes de conhecimentos adquiridos.

Não porque a mulher seja solteira, é, acaso, menos fecunda sua vida, no exercicio de sua missão terrena, sobretudo si recebeu uma boa e completa educação. E' um erro taxar de planta inutil a solteirona, quando sua vida pôde se. tão util e benefica á sociedade. Não ha nada inutil no mundo, a não ser o mal e a ignorancia.

Para se attingir o melhoramento das gerações futuras, para se obter a felicidade do lar e da familia é preciso transformar ou ampliar o methodo actual da educação feminina.

Um systema hygienico e moderado deve ser adoptado logo aos primeiros annos; á medida que a menina fór crescendo vae-se intensificando esse systema, por meio de exercicios physicos, banhos, e passeios ao ar livre; sua alimentação será sã, abundante e simples. Deste modo chegará a menina á adolescencia, evitando os perigos dessa idade, para se converter em uma joven forte, graciosa e sã.

Quanto á parte intellectual deve-se-lhe ensinar, gradualmente, tanto pratica como theoreticamente o quanto seja necessario para fazer della uma boa esposa e mãe, si casar-se, e si não, para que em todas as phases de sua vida possa supprir á propria subsistencia, sendo sempre util a seus semelhantes e achando no trabalho um motivo bastante para encorajar-lhe a vida.

Seus estudos devem, assim, consistir não apenas em literatura e sciencias abstractas mas ainda, e "principalmente" em conhecimentos praticos como a hygiene, noções necessarias de medicina etc.

E que dizer das noções praticas de economia domestica? Que devem ser ensinadas á menina desde os primeiros annos de idade, para que seu espirito se habitue ás bellezas simples da vida familiar, e tome gosto por tudo o que se relacione com o lar.

Deve conhecer e amar as bellas artes, especialmente a musica, o canto e a pintura. O conhecimento destas artes empresta á mulher distincção, pureza de gosto e elegancia em suas maneiras, amesando e embellesando as horas de intimidade domestica. A musica e a poesia serão sempre uma suavidade e um consolo entre as asperas inevitaveis da vida.

Adoptando este methodo teremos a mulher sã, alegre, instruida, economica, elegante e graciosa; faltanos agora educar seu coração, e isto... é o mais arduo da tarefa.

E' preciso estudar profundamente esses coraçõezinhos juvenis, dirigir seus impulsos generosos, conter sua demasiada sensibilidade para que não degenerem em fraqueza, suavisar sua altivez convertendo-a em suave dignidade; amorosas e cheias de carinho; porem castas e puras. A religião deve ser seu guia, seu consolo e apoio, em todas as crises moraes.



Sua fé deve ser profunda, elevada e sincera, sendo cada acto de sua vida um reflexo della.

Si um dia conseguissemos proporcionar a todas as mulheres uma educação como esta, quanta felicidade e paz reinariam em lares onde hoje, infelizmente, imperam a discórdia e a desunião!

Porque a influencia da mulher na educação do homem é decisiva; o que o filho bebe com o leite materno nunca mais esquece.

A influencia paterna age sobre o cerebro, sobre a razão; ao passo que a materna vác direita aos sentimentos.

Um pae pode fazer de seu filho um homem de talento brilhante, uma mãe pode torná-lo bom, leal e virtuoso.

É verdade que na vida social o talento deslumbra e domina; em troca, para o bem estar dos povos são necessários homens que á propria cultura intellectual alliem um coração nobre, generoso, justiciero e aberto a todas as mais altas aspirações.

A influencia sentimental das mães pode ser comparada a essas sementes tardas em germinar, mas seguras, porque jamais se perdem.

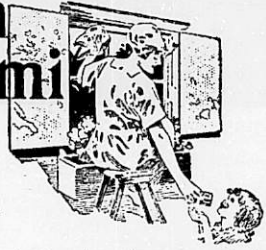
Podem os filhos se extraviar pelas sendas da vida, mas, certamente volverão um dia ao bom caminho; a boa semente germinará ao fim. E a doce voz que o embalou na infancia — embora viva apenas em sua lembrança — será outra vez seu guia e conselheiro.

Eduquemos a mulher; realcemos suas virtudes; desenvolvamos suas maravilhosas qualidades, e obtemos a realização de um grande ideal humano:

A felicidade e o progresso dos povos.

Porque é bem a mulher quem modela e vivifica o coração da humanidade.

Bon Ami



O Bon Ami
torna as
vidraças
Invisíveis!

Quanto mais claro, alegre fica o quarto, depois de se terem limpo as vidraças com BON AMI! Limpa todas as manchas de gordura e embaciamento e deixa entrar o sol a jorros. O Bon Ami é quem na realidade faz todo o trabalho. A única coisa que ha a fazer é estender uma camada tenue de espuma na superficie do vidro, e limpa-a depois de secca. Deixa as vidraças tão claras e transparentes que se tornam invisíveis.

Agentes Geraes para o Brasil:

TELLES, IRMÃO & COMP.



Rua Florencio de
Abreu, 5 - S. Paulo

Rua Visconde de
Inhauma, n. 76 -
: Rio de Janeiro :

ADMIREM

Sortimento sem igual em

**BRILHANTES
E PEROLAS**

NAS VITRINAS DA JOALHERIA
DE CONFIANÇA

Casa Bento Loeb

— RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 —

Preços sem competencia

OS MAIORES IMPORTADORES

DE JOIAS DO BRAZIL

**MOVEIS FINOS — DE TODOS OS
:: ESTYLOS ::**



Antes de organi-
sar seus interio-
res, não deixem
de fazer uma vi-
sita á nossa cas

M. COULICOFF

Avenida São João, 105 — S. Paulo



Loção Dominadora

Approvedo pela Inspectoria da
Hygiene do Serviço Sanitario
de S. Paulo

Usada apenas duas ve-
zes por semana, destróe
rapidamente a caspa, evi-
ta a queda dos cabellos e
lhes restitue a sua cor na-
tural.

Agitem o frasco antes de usar a loção.

P. ALICE

LABORATORIO

56 - Rua da Gloria — S. PAULO

Casa Lemcke

Entrada de altas novidades
em tecidos para verão.

Eponge fantasia. Frisés. Crepons

Setim Chatoyant.

CREPE ROMANIA

Crepon Geisha. Frotés

ZEPHIRE

GORGORAO

GAUFRE'S

A

Dinheiro

5 o/o



S. PAULO
Rua Libero
Badaró, 100-104.

PEÇAM
AMOSTRAS

SANTOS
Rua do
Commercio, n. 13

IMPORTAÇÃO
DIRECTA



PARA O BANHO
PARA AFORMOSEAR A PELLE
Para BANHO das CRIANÇAS
PARA A BARBA

Usem sempre

SABÃO ARISTOLINO

CONTRA

Manchas
Sardas
Espinhas
Rugos daes
Cravos
Vermelhidões
Comichões
Irritações
Frieiras
Feridas

Caspa
Perda do cabelo
Dôres
Ezemas
Darthros
Golpes
Contusões
Queimaduras
Erysipelas
Inflamações

PODEROSAMENTE
ANTI PARASITARIO
Cicatrisante e
ANTI ECZEMATOSO

Pianos Alemães

BLUTHNER
RÖNISCH
SCHIEDMAYER
SEILER
MAX HORN

De diversos modelos e côres
VENDAS A PRESTAÇÕES

CASA A. DI FRANCO

50 — RUA S. BENTO — 50

MUSICA
INSTRUMENTOS
CORDAS
ACCESSORIOS

CABELLOS

Uma descoberta que custou
200:000\$000

A "Loção Brilhante" é o melhor específico para as afecções capilares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém sais nocivos. É uma fórmula científica do grande botânico dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

É recomendada pelos principais Institutos Sanitários do estrangeiro, e analisada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil. Com o uso regular da Loção Brilhante:

1.º — Desapparecem completamente as caspas e as afecções parasitarias.

2.º — Cessa a queda do cabello.

3.º — Os cabellos brancos, descoloridos ou grisalhos voltam á cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4.º — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.

5.º — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.

6.º — Os cabellos ganham vitalidade tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A Loção Brilhante é usada pela alta sociedade de S. Paulo e do Rio.

Preço de um vidro, 75000 — Pelo correio, 88000.

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS, PERFUMARIAS E PHARMACIAS DE 1.ª ORDEM

(D. 1923 de 6.2.1923)

A SCIENCIA DA MATERNIDADE

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: "Isto elle bebeu com o leite" e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saúde, o MENS SANA IN CORPORE SANO; com o leite pode-se tambem beber o rachtismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, pronunciando um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preocupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da criança, lo arcalouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro

MALCOLM TRICALSIC PASTILEES,

nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo.

Um vidro com 100 pastilhas 20\$000

Enviar o pedido e importancia.

Com quantia tão insignificante garante-se a formação perfeita do lindo bebê sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

PEDIDOS A

REVISTA FEMININA

Rua Conselheiro Christpiano, 1 sob. - S. Paulo

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L.

End. Telegr. FILALVES

RUA LIBERO BADARO' 129

S. PAULO

- POESIAS, por Olavo Bilac: nova edição augmentada com os 98 sonetos do Livro "Tarde", 1 vol. de 91 pagas., br. 7\$900, enc. 8\$500
- CANTOS DE LUZ, versos de Luiz Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos de Campos e desenho de Corrêa Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado 20\$000
- HISTORIAS E PAIZAGENS, por Afonso Arinos, 1 vol. br. 4\$900, encadernado 3\$500
- EM PERNAMBUCO, pelo Dr. A. Austregesio, 1 vol. bro. chasteo 4\$900, encadernado 3\$570
- HISTORIAS DO GUEDES, com illustrações de J. Carlos, 1 vol. cart. 3\$000
- PRIMEIRAS SAUDADES, leitura para o curso medio das escolas primarias, por M. Bomfim, 1 vol. cart. 4\$000
- RESERVISTA PRATICO, ensino pratico do exercicio de infantaria, nomenclatura do tiro para os Reservistas, 1 vol. br. 5\$000
- GEOGRAPHIA GERAL, compendio destinado ás Escolas Normaes, Lyceus, Gymnasios, Atheneas, Collegios Militares, Cursos de Adultos e de Preparatorios, por Olavo Freire, 1 vol. de mais de 500 pagas., contendo todas as modificações havidas na Europa e outras partes do mundo 10\$000

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O JUGLANDINO de GIFFONI é um excelente constituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, poderoso tônico depurativo e anti-escrophuloso, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contém em muito maior proporção o iodo vegetalizado intimamente combinado ao tanino da noqueira (*Juglans Regia*) e o Phosphoro Physiologico medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.

É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e ás emulsões; dahi a preferéncia dada ao JUGLANDINO pelos mais distinctos clinicos, que o recitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o VINHO IODOTANNICO GLYGERO-PHOSPHATADO.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e phrarmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral: Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C^{ia} Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

PHOTO-GRAVURA BRASIL

CLICHE'S DE ZINCO E COBRE, AUTOTYPYIA, TRICROMIA E ZINCOGRAPHIA
Especialidade em traços finos — Trabalhos para photo-lithographia.
Executa-se com perfeição e presteza qualquer trabalho concernente a este ramo de arte.

ANGELO LASTRI

Officina e Escritorio: Tel. Cidade 6606
RUA MIGUEL CARLOS N. 11 — S. PAULO

A SENHORA ESTA' DOENTE?

TEM COLICAS UTERINAS?

EM DUAS HORAS LHE ALIVIARA', A

FLUXOSEDATINA

O GRANDE REMEDIO DAS SENHORAS



Emprega-se com vantagem nas colicas uterinas, mesmo de partos, por ser energico calmante, e na insuficiencia menstrual, flores brancas, corrimentos, sendo estas duas ultimas affecções muito communs nas moças anemicas.

E' muito efficaz em qualquer incommodo proprio das senhoras, sendo usada com optimos resultados nos Hospitales e Maternidades.

VENDE-SE EM TODO O BRASIL

"Remington - Portatil"



Já sôbe a centenas de milhares, o numero de pessoas, em todos os ramos de actividade, que adoptaram a

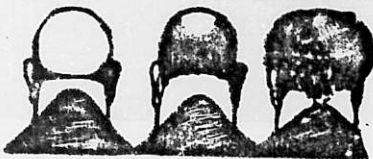
"REMINGTON-
PORTATIL"

O que constitue a melhor prova da sua inciscutivel superioridade sobre as congengeres.

E' a unica que possui o teclado — em todos os seus detalhes igual a o das machinas grandes. Tão compacta que cabe numa caixinha, com apenas 10 centimetros de altura.

Queira pedir o catalogo illustrado com mais informações, á "CASA PRATT" LARGO DA SE' N. 4 — SÃO PAULO —

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette: O PILOGENIO.

Sempre "O PILOGENIO"
"PILOGENIO" SEMPRE

A' VENDA em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias

LYCETOL

GRANULADO

GIFFONI

DISSOLVE E EXPELLE

ACIDO URICO

CONTRA
MATEIAS URICA—COLICAS REPTICAS
CALCULOS BILIARES

GOTURISMO—RHEUMATISMO
♦ GOTA ♦

FRANCISCO GIFFONI & C.
RUA 1.ª DE MARÇO, 27

MUSICAS

Sempre as ultimas novidades dansantes e para orchestra, Methodos e estudos adoptados Conservatorio.

BATACLAN

Album com 10 peças novas de successo para piano 65400 pelo correio.

BENGURIA

de R. Firpo. — 1\$000 registrado.

Acceita-se boa musica nacional (só piano) para
G. VIOTTI & CIA.

Rua São Bento N. 7-A — S. PAULO

A PAULICÉA OFFICINA DE GRAVURA

Castignani & Giannini

Rua dos Gusmões, 82 — Teleph. 5889 Cidade

NESTA OFFICINA EXECUTA-SE COM A MAXIMA PERFEIÇÃO. - CLICHÉS EM PHOTO-GRAVURA E ZINCOGRAPHIA. — ESPECIALIDADE EM SERVIÇOS DE CORES E PHOTO-LITHOGRAPHIA

ACCEITA-SE QUALQUER ENCOMENDA PARA CATALOGOS E OBRAS DE LUXO.



VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para os desovalados, das psorras, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos, arthriticos. Poderoso lenico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhoria da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardíaca.

É o fertilizante preferivel nos convalescenças, nos estados depressivos e commensuras, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepticos, adynamia, cachexia, arterio-scleroses), etc.

Reconstituinte indispensavel ás mulheres, durante a gravidez e após o parto, assim como ás mães de leite. É um poderoso medicamento lymphatico e isotergico.

Receitado abundantemente pelos mais celeberrimos medicos

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Depósito Geral:

PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.

Rua 1.ª de Março, 27 — São Paulo

ARTE - CULINARIA

ADALIUS — 4.^a edição

Já está exposto á venda, na Redacção da "REVISTA FEMININA", Rua Conselheiro Chrispiniano n.º 1 — S. Paulo —, o preciosíssimo livro "Adalius", especialmente confeccionado para uso das donas de casa. A primeira, segunda e terceira edição, que continham poucas paginas, ex-gottaram-se rapidamente, a despeito da sua avultada tiragem. Esta quarta edição compõe-se de mais de cem paginas e está enriquecida notavelmente de receitas e conselhos culinarios.



Livros sobre cozinha não faltam em portu-guez; mas todos elles se resentem de um grave defeito: as suas receitas ou são obscuras ou não são realizaveis, pelas difficuldades que apresenta a sua execução. Além disso, algumas receitas que esses livros apresentam, se não realisaveis, nem sempre obtem exito, porque não foram ex-

Enviae, pois, seu endereço e a quantia de dois mil réis em sellos do correio, á redacção da "REVISTA FEMININA" — Rua Conselheiro Chrispiniano n.º 1 — SÃO PAULO e immediatamente receberéis pelo correio o precioso livro sobre cozinha "Adalius".

perimentadas. Ora, as receitas de "Adalius" são todas experimentadas, e, o que mais é, estão ao alcance de quem quer que queira experimen-tal-as, tal a clareza com que são escriptas.

"Adalius" contem mais de quatrocentas re-ceitas.

O seu texto é constituído das melhores re-ceitas para lunch, cozinha, doces, de conselhos sobre hygiene, sobre o cuidado e ornamentação da mesa de jantar, de tudo, enfim, que pôde in-teressar uma dona de casa. É uma obra de que não deve prescindir nenhuma dona de casa, que o deve ler constantemente, e consultar como o seu livro predilecto.

Não ha dona de casa que se não queixe da difficuldade ou obscuridade com que são com-positos os livros de arte culinaria.

O "Adalius", pelo contrario, não traz nenhu-ma receita que não fosse experimentada e cuja confecção se torne difficil. Todo elle, seja qual fór o assumpto de que trate, é absolutamente aproveitavel e util. O seu texto é claro, simples e comprehensivel.

O seu preço é 2\$000 réis. Esse preço está, como se vê, ao alcance das bolsas mais modes-tas, sendo certo que a "REVISTA FEMININA", que o editou, não auferiu nenhum lucro com a venda. O "Adalius", vendido por esse preço, constitue, antes, um beneficio que faz ás suas leitoras e um meio de propaganda.

Collecção

da

"Revista Feminina"

Já se acha á venda, nesta redacção, pelo preço de 25\$000, a collecção da nossa revista referente ao anno de 1922. É um grosso volume, elegantissimo, encaderna-do em percaline, em diversas cores, e com dizeres dourados no lombo. As familias que, por descuido ou inadvertencia, dei-xaram de assignar a nossa revista, não devem perder a oportunidade de adquirir, encadernada, toda a collecção. É uma obra preciosa, cheia da mais interessante materia e é, ao mesmo tempo, uma obra de luxo que servirá de ornato para uma sala de visitas ou gabinete.

Bibliothecas da Revista Feminina

A BIBLIOTHECA CÔR DE ROSA

JÁ SE ACHA ORGANISADA E Á
VENDA, EM NOSSA REDACÇÃO, A
MARAVILHOSA COLLECÇÃO DE ES-
PLENDIDAS OBRAS DE QUE SE
COMPÕE ESTA BIBLIOTHECA.

Pagamentos parcellados, ás nos-
sas leitoras e assignantes.

Pedidos nesta redacção. — Rua Conse-
lheiro Chrispiniano n. 1 — SÃO PAULO
— Telephone 6659 Cidade.



POMADA
Onken

O SEGREDO DA
CUTIS SUAVÍSSIMA



Approvedo pelo D. N. da Saude Publica sob os n.os 1200, 1201, 1202 e 1203 de 6 de Fevereiro de 1923

